



A história da memória

**Narrativas de vida
de estudantes egressos
do Instituto Federal da Paraíba
Campus Picuí**

NEHUL
Núcleo de Estudos em
Humanidades e Linguagens

A história da memória

Narrativas de vida de estudantes egressos do
Instituto Federal da Paraíba – Campus Picuí

NEHUL

Núcleo de Estudos em
Humanidades e Linguagens


editora**IFPB**

João Pessoa, 2023

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA

REITORA

Mary Roberta Meira Marinho

PRÓ-REITOR DE ENSINO

Neilor Cesar dos Santos

PRÓ-REITORA DE PESQUISA, INOVAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO

Silvana Luciene do Nascimento Cunha Costa

PRÓ-REITOR DE EXTENSÃO E CULTURA

Maria José Batista Bezerra de Melo

PRÓ-REITORA DE ASSUNTOS ESTUDANTIS

Rivania de Sousa Silva

PRÓ-REITOR DE ADMINISTRAÇÃO E FINANÇAS

Jose Albino Nunes

EDITORA IFPB

DIRETOR EXECUTIVO

Ademar Gonçalves da Costa Junior

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Fabrizio Vieira de Oliveira

CAPA

Adino Bandeira

REVISÃO TEXTUAL

Tamires Ramalho de Sousa

EDITORA AFILIADA



Copyright © Núcleo de Estudos em Humanidades e Linguagens - NEHUL. Todos os direitos reservados. Proibida a venda. As informações contidas no livro são de inteira responsabilidade dos seus autores.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

H673 A história da memória: narrativas de vida de estudantes egressos do Instituto Federal da Paraíba – Campus Picuí / Alexandre José Gonçalves Costa et al. (Org.). – Picuí / PB: IFPB, 2023. (História e memória do IFPB; 3)
287 p. : il.
ISBN 978-65-87572-61-1 E-book PDF (3,5MB)
ISBN 978-65-87572-62-8 Impresso (brochura)

1. Vivências discentes
2. Representações sociais
3. Memória discente
4. Narrativas discentes I. Alexandre José Gonçalves Costa II. Título.

CDU: 377

Ficha catalográfica elaborada pelo Departamento de Bibliotecas DBIBLIO/IFPB

CONTATO

Av. João da Mata, 256 - Jaguaribe. CEP: 58015-020, João Pessoa - PB.
Fone: (83) 3612-9722 | E-mail: editora@ifpb.edu.br

Sumário

- p. **7** **Apresentação**
(Alexandre José Gonçalves Costa)
- p. **22** 01
Maria Maysa de Araújo Pereira Macedo
(Edjailson Soares da Silva Laurentino)
- p. **39** 02
Ana Tersia Oliveira da Silva
(Carmem Maia dos Santos)
- p. **59** 03
Antônio de Pádua Caetano de Lima Sobrinho
(Marcelo Silva de Andrade)
- p. **90** 04
Paulo Vitor Souto Dantas
(Leonardo Querino Barboza Freire dos Santos)
- p. **109** 05
Pedro Leandro Dantas Pereira
(Madele Maria Barros de Oliveira Freire)
- p. **121** 06
Joelma Rayane Dantas
(Ana Cláudia Dias de Fontes Faria)
- p. **161** 07
Yasmim Hamanna Gomes Macedo
(Iltton Luiz Fonseca de Oliveira; Liélia Barbosa Oliveira)

- p. **169** 08
Elton Luiz de Araújo Medeiros
(Virna Lúcia Cunha de Farias)
- p. **189** 09
José Ginetom da Silva Araujo
(Cátia Monteiro Barbosa Maciel)
- p. **204** 10
Lidiane M. dos Santos Guimarães Barros
(José Leonilton Dantas)
- p. **221** 11
Marcus Paulo Soares Dantas
(Kamila Mirley Lopes Maciel)
- p. **247** 12
Paulo Sales da Costa Barros
(Hertha Cristina Carneiro Sá)
- p. **263** 13
Maria José de Queiroz
(José Hermano Almeida Pina)
- p. **281** Referências
- p. **282** Equipe do Núcleo de Estudos em Humanidades e Linguagens (NEHUL) – 2020-2021

Dedicat6ria

A todas e a todos que fizeram e fazem do IFPB Campus Picu6 um lugar importante na vida dos que por ele passam.

Apresentação

(Alexandre José Gonçalves Costa)

I

Os depoimentos registrados neste livro são o resultado de um projeto de pesquisa desenvolvido pelo Núcleo de Estudos em Linguagens e Humanidades (NEHUL), do IFPB Campus Picuí, entre maio de 2020 e setembro de 2021, no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – Ensino Médio (PIBIC-EM), do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). O projeto teve como título “A História da Memória – constituição de um acervo de fontes históricas com ex-alunos do Instituto Federal da Paraíba – Campus Picuí, ingressos em 2011” e seu intuito foi o de qualificar a percepção que os ex-alunos do Campus Picuí – dez anos após terem iniciado sua formação acadêmica em nível técnico integrado ao ensino médio ou em nível superior – tinham sobre sua trajetória de vida e de que forma essa trajetória foi impactada a partir da passagem pelo IFPB Campus Picuí. Para isso, a pesquisa buscou elucidar os seguintes pontos: como, a partir de suas origens sociais, as ex-alunas e os ex-alunos do campus percebiam e avaliavam, em 2021, sua

relação com a instituição; como qualificavam a importância da presença de um campus do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba na região do Seridó-Curimataú; como experimentaram a passagem de uma vivência acadêmica em escolas municipais e estaduais de Ensino Fundamental e Médio para uma vivência em uma instituição federal de Ensino Profissional e Tecnológico; por fim, como as suas vivências discentes no IFPB Campus Picuí afetaram e atravessaram suas trajetórias pessoais e profissionais.

A realização da pesquisa implicou o trabalho de coleta e sistematização de um tipo de fonte documental que – dado o fato de a vida humana ser efêmera – corre sempre o risco de seu silenciamento. Quando isso acontece, perde-se a memória. E sem memória não há história, e sem história inexiste identidade. Pensemos no grupo de estudantes que ingressou no campus no ano de 2011, e imaginemos o seu desaparecimento futuro. Se isso acontece, há esfacelamento da memória, e dela só restam vestígios, objetos, imagens, que serão, por meio da escrita, transformados em história. Registros que serão, antes de tudo, restos testemunhais de uma outra época, sinais de pertencimento e reconhecimento de grupo e sinais de mudanças. É sobre essa importância do registro da memória do IFPB Campus Picuí, a partir do resgate do sentimento de pertencimento dos ex-alunos que vivenciaram o início da constituição e estruturação do campus, bem como sobre os impactos que essa instituição trouxe, não só para a vida de cada um e de cada uma, mas, também, para a vida da cidade e da região, que as narrativas presentes neste livro lançam luz.

Trabalhar com o conceito de representações sociais resulta em entender os comportamentos coletivos no espaço e no tempo em que são produzidos. Pensemos, inspirados em Pierre Bourdieu, no contexto sócio-histórico-cultural próprio a toda representação social, contexto que é definido tanto pelo espaço social (“campo”) – no caso, o IFPB Campus Picuí – quanto pela perspectiva sócio-histórico-cultural do indivíduo (“capital cultural”), marcada pelo tempo anterior ao ingresso no IFPB; o tempo vivido no período de formação acadêmica e de pertencimento de grupo, que abarca o processo de socialização, de produção de um saber partilhado e de constituição de uma representação que o grupo constrói de si (de estudantes do IFPB Campus Picuí, ingressos em 2011); e o tempo do depois, do domínio da constituição de uma memória individual, que compartilha com outras elementos culturais de um grupo, um saber partilhado, que constitui uma representação social passada.

Se as representações sociais são, por um lado, sistemas que registram nossa relação com o mundo e com os outros, norteando e instituindo os comportamentos sociais, por outro, interferem na definição das identidades pessoais e de grupo (MOSCOVICI, 2003). A pesquisa realizada traz à tona algumas informações relativas à forma como foram/são construídas as representações de pertencimento dos ex-alunos ao IFPB Campus Picuí, informações essas que apenas a pesquisa qualitativa possibilita alcançar e que são objeto de nosso interesse nesta investigação. Ouvir esses estudantes nos dá acesso a informações que a pesquisa quantitativa, baseada

em dados socioeconômicos, ignora, como, por exemplo, o fato de a criação do *campus ter* alterado significativamente o modo de viver da cidade: dinamizando negócios, impulsionando e valorizando o bairro onde a instituição está instalada, atraindo estudantes de cidades vizinhas da região do Seridó-Curimataú. Além disso, a criação do campus também operou uma transformação na percepção que os próprios habitantes da cidade tinham do seu lugar, bem como abriu perspectivas novas de vida aos que nele ingressaram.

A forma como esses ex-alunos reconstroem, após dez anos, a representação que fazem de si próprios – como estudantes que tiveram em sua formação a influência da passagem pelo Campus Picuí que, para eles, foi “um divisor de águas” – demonstra a permanência da projeção social daquela representação, enquanto uma das identidades com as quais continuam a se vestir em determinadas ocasiões.



As entrevistas foram semiestruturadas, ou seja, as perguntas foram elaboradas de modo a permitir e estimular o entrevistado a dar suas respostas como alguém que conta a história do que viveu – “Fale-nos sobre como foi sua infância, as brincadeiras, a escola, o que gostava de fazer.” Essas perguntas foram formuladas a partir de um roteiro-guia, estruturado em três blocos de assuntos, tendo o acontecimento (estudante do IFPB Campus Picuí) como marco. O primeiro bloco trata

sobre a vida familiar, escolar e de convívio social antes de o estudante matricular-se no IFPB Campus Picuí. O segundo bloco aborda a vivência do entrevistado durante o período em que esteve estudando no IFPB Campus Picuí. E o terceiro bloco pergunta sobre os caminhos profissionais e acadêmicos percorridos até a data da entrevista. Dado o contexto da pandemia de Covid-19, que ocorria naquele momento, as entrevistas foram realizadas através do serviço de comunicação Google Meet, no período de março a abril de 2021, e tiveram duração média de 80 minutos.

Os depoimentos estão registrados sob a forma de vídeos, organizados da seguinte forma: um conjunto de treze vídeos na íntegra, isto é, que não passaram por qualquer edição; um conjunto de treze vídeos editados, contendo exclusivamente as falas dos estudantes entrevistados, tendo sido retiradas as perguntas, comentários e interferências dos entrevistadores e das entrevistadoras; um vídeo com trechos de quatro entrevistas, com mensagens de estudantes egressos de quatro cursos – Técnico Integrado em Edificações, Técnico Integrado em Manutenção e Suporte em Informática, Técnico Subsequente em Mineração e Superior de Tecnologia em Agroecologia –, para ser apresentado aos estudantes ingressantes no ano de 2022 no Campus Picuí; e um vídeo editado com trechos dos treze depoimentos, para ser apresentado à comunidade escolar e para divulgação da pesquisa.

Os depoimentos também estão registrados na forma escrita, do seguinte modo: um conjunto de treze transcrições literais dos áudios dos depoimentos,

sem as perguntas; um conjunto de treze transcrições em que elementos típicos da oralidade, presentes nas transcrições literais, foram eliminados ou reduzidos – interjeições como “né”, repetições, introduções a respostas como, por exemplo, “então” e “assim” – e nas quais foram feitos, além de opções pela norma oficial (como “**ao** IF”, e não “**no** IF”), pequenos ajustes de sentido quando este se mostra na fala, mas se perde quando transcrito, ou esclarecimentos entre colchetes. Houve um extremo cuidado para preservar ao máximo os termos utilizados pelo entrevistado, bem como para manter o ritmo singular da oralidade. Termos correntes na comunidade, como referências a horários – **de** 7h20, e não **às** 7h20 –, foram mantidos. O significado de alguns projetos e associações citadas pelas siglas foram esclarecidos em notas de rodapé. Essas treze transcrições estão presentes neste livro.

Nas edições dos vídeos, como nas transcrições e nas transcrições, nosso intuito foi o de dar publicidade às histórias contadas por pessoas que estudaram em nossa instituição, que construíram, no momento da entrevista, memórias do vivido até aquele momento; memórias vestidas com a identidade de estudante egresso ou de estudante egressa, em meados da década de 2010, do IFPB Campus Picuí. O registro dessas narrativas neste livro faz parte da passagem e da transformação dessas memórias em História.



No documentário “O Fim e o Princípio”, de Eduardo Coutinho, de 2005, encontramos em uma comunidade rural do sertão da Paraíba lugares e representações sedimentadas: a parteira, a benzedeira, o letrado, o cachaceiro. No curta-metragem “Vida Maria”, de Márcio Ramos, de 2006, as mulheres repetem a mesma sina de suas mães. Assim, a filha será sempre o que a mãe foi. Também a filha da filha terá o mesmo destino. São as “Marias” e, com elas, o não direito ao estudo e à possibilidade de mudança de vida. Diferentemente, a passagem pelo IFPB Campus Picuí opera uma transformação ao abrir “um mundo de possibilidades”, como bem relata Joelma Rayane.

Os alunos e alunas entrevistados trazem representações que são confrontadas/ressignificadas na passagem pelo IF – algumas ali são construídas ou abandonadas –; descartam algumas, ressignificam outras, mantêm inalteradas umas poucas, e vida que segue. Esses alunos e alunas vêm de diferentes origens – rural/urbana, filhos e filhas de agricultores, de garçons, de auxiliares de serviços gerais em escolas, de professoras, de caminhoneiros, de comerciantes, de trabalhadoras domésticas, de pedreiros, de funcionárias públicas, de músicos, de marceneiros –; são egressos, em sua maioria, de escolas públicas, com uma marca social que pressiona, muitas vezes, para a “Vida Maria”. Vejamos o que diz o estudante entrevistado Antônio de Pádua:

[...] aquilo foi passando um filme, de muitas vezes ouvir gente dizer: “Você não consegue, não; vai ser garçom como seu pai; não vai conseguir, quem já viu pobre conseguir alguma coisa? Filho de pobre nasceu para trabalhar” e tal, e mesmo assim eu não desisti.

Mas um ponto importante, presente em quase todos os depoimentos¹, é o gosto pelo estudo desde a mais tenra infância, seja pelo incentivo dos pais – “Meus pais sempre me incentivaram a estudar, então, assim, eu sempre fui muito estudiosa, sempre gostei de me dedicar aos estudos” (Ana Tersia) –, seja pelo ambiente da infância – “[...] minha mãe é auxiliar de serviços gerais da escola lá do bairro Monte, a Escola Municipal Cônego Ambrósio Silva, e lá na escola foi onde eu cresci” (Joelma Rayane) –, ou construído como algo inato, fruto de uma curiosidade natural – “Eu era um garoto um pouco tímido, que era bastante curioso, tinha fome de conhecimento” (Marcus Paulo). Apesar de todas essas influências, faz-se ausente, nas narrativas, a referência à influência de uma pessoa letrada na infância desses ex-alunos e ex-alunas – pobres ou de classe média –, seja dos pais, seja de um tio, de uma tia, de um amigo da família etc. Também há ausência de referência à existência de uma biblioteca ou de livros em casa; apenas a programas de televisão. Mas havia a presença do “incentivo” de professores do Ensino Fundamental e do Ensino Médio.

Em alguns depoimentos, o “amar estudar” vincula-se a uma “perspectiva de futuro” individual (Maria

¹ Exceção feita a Paulo Sales, cujo interesse pelos estudos foi despertado na vivência do IFPB Campus Picuí, e a Pedro Leandro, nos dois anos na Escola Agrícola de Jundiá, em Macaíba, RN.

Maysa), ou familiar: “Sempre amei muito estudar e eu acho que o que me motivava era a tentativa de mudar a situação da minha família” (Joelma Rayane). Já a decisão por fazer o exame de seleção para ingresso no IFPB Campus Picuí, seja por influência da família, seja por decisão própria, baseava-se em dois pontos principais: proximidade do campus em relação à casa da família – a maioria não tinha condições financeiras de arcar com estudos em Campina Grande – e, particularmente, o fato de o Instituto trazer no nome o peso de ser uma instituição federal:

[...] com a chegada de uma instituição federal, numa cidade pequena, esse nome pesava [...], esse nome fazia com que nós víssemos a instituição como uma coisa mais séria, que estava mais ligada ao futuro da formação da pessoa. (Paulo Vitor).

Nas falas dos entrevistados, fica evidente que a percepção e o pensamento que os adolescentes tinham acerca do IFPB Campus Picuí, antes de ingressar na instituição, era de uma escola extremamente qualificada, por ser federal, sendo este termo “federal” identificado como uma instituição de Ensino Superior, nos sentidos literal e formal: “[...] quase equivalente ou é equiparável mesmo a um ensino de universidade. Você já sai meio que preparado para a universidade” (Marcus Paulo). O elemento simbólico “federal” apresenta-se como mediador entre a posição social e a visão de “um mundo de possibilidades”, de abertura de “oportunidades”, quase sempre vinculadas ao ingresso na universidade ou ao acesso a um melhor emprego, sendo este um dispositi-

vo fundamental no predispor o estudante a ingressar no IFPB Campus Picuí.

A escolha do curso esteve vinculada, para alguns, à influência de familiares:

O meu irmão, Marcos Sales, conseguiu ingressar no IFPB, no ano de 2009, para fazer exatamente o curso de Mineração. [...] Então, foi através dele que eu vi uma possibilidade de ingressar no IF. (Paulo Sales).

Em outros depoimentos, essa escolha vem atrelada a uma predisposição, desde a infância, a um gosto por determinada prática, que é viabilizada pelo ter acesso a ela, rememorada como predisposição inata:

Sempre tive uma afinidade com a construção civil, porque desde criança já começava a fazer meus esboços de casa, de construções, já percebia que gostava dessa área. (José Ginetom).

Também está presente a escolha por exclusão: como só eram oferecidos dois cursos do Integrado – Manutenção e Suporte em Informática e Edificações –, o desconhecimento do mundo digital levava a escolha para Edificações.

A vivência no IFPB Campus Picuí agregou muito ao montante de saberes e de fazeres dos estudantes entrevistados. Todos ressaltam o “nível de qualificação dos professores”, os equipamentos, a estrutura: “Era uma coisa de outro mundo: várias salas, laboratórios, um instituto gigante, era outra realidade” (Marcus Paulo). Também tiveram importância as Visitas Técnicas, os

Projetos de Pesquisa e de Extensão, que propiciaram um significativo amadurecimento acadêmico.

O IF ensina você a saber como fazer um projeto, a ter consciência do que é ciência, do que é tecnologia, do que são esses conhecimentos incorporados dentro da comunidade acadêmica, dentro da comunidade geral, entre as pessoas. (Elton Luiz).

Assim, com a vivência no Instituto, o “superior” adquire concretude e “supera” o esperado; deixa de ser uma projeção para mais das vivências escolares até então tidas, por apresentar aos estudantes – além da excelência do ensino pela qualificação dos docentes presentes nas salas de aula e espaços alternativos de ensino-aprendizagem, como laboratórios, visitas técnicas – o universo da Extensão e da Pesquisa, por familiarizar o estudante com a apresentação de seminários e a elaboração de projetos, por fazê-lo conviver com um nível de cobrança elevado.

Lado a lado com as habilidades acadêmicas que “a gente chama *hard skills*, que são aquelas que você tem que ralar”, existem as “habilidades interpessoais, comunicação e tudo mais”, as quais a vivência no IF melhorou “bastante [...] em questão de apresentação de seminário, você saber como lidar, como suportar, saber como apresentar, saber dialogar, debates no IF, como gerir conflitos” (Marcus Paulo). No desenvolvimento, para além da formação profissional, técnica, acadêmica, os entrevistados destacam o “desenvolvimento pessoal”, “a formação de cidadãos”:

O IF me deu uma oportunidade de crescimento pessoal, no sentido também de responsabilidades pessoais. A gente acaba desenvolvendo dentro do IF essa necessidade de ter responsabilidades. (José Ginetom).

Relacionado a essa formação ampla, de estudantes a pessoas atuantes e comprometidas, todos e todas destacam o lado humano dos professores, a simplicidade que eles tinham ao tratar os alunos: “Foi isso que me motivou bastante, ver ali pessoas com mestrado, doutorado, tratando os alunos como se fossem seus filhos” (Paulo Sales). Também o despertar ou o acentuar o gosto, o compromisso com o estudo, é enfatizado:

Eu sentia vontade de estudar, para mim não era uma obrigação. Acho que essa motivação eu não tinha tanto quando eu estudava no Ensino Fundamental. Eu acho que isso, realmente, foi um divisor de águas, tanto a motivação quanto a cobrança. (Elton Luiz).

“Um mundo de possibilidades”, “oportunidade”, “divisor de águas”, “mudou a minha vida”. A vivência no IFPB Campus Picuí propiciou às pessoas entrevistadas a possibilidade, a oportunidade e, a algumas, a necessidade de sua própria resignificação, uma nova representação de si próprias.

Tudo foi graças ao IF, ao que foi dito em sala de aula, todas as motivações para não ser só aquele peixinho dentro do aquário, sabe. “Fuja do aquário.” Eu não esqueço palavras assim: “não se limite às paredes do aquário, pule fora, vai para o mar.” [...] Tudo isso que eu vivi foi graças à interiorização do IF. Para a nossa valorização,

das pessoas que não tinham oportunidades, pessoas que não tinham condições financeiras; no meu caso, que tinha parado de estudar há muito tempo, que não tinha perspectiva nos estudos, que vivia só para os filhos. O IF foi o divisor de águas. Hoje, eu não sou mais aquela Maria. Tem a minha essência, o caráter que foi construído. Mas em termos de buscar, ir além dos horizontes, não tem mais parede que me limite a chegar aonde eu quero. (Maria Queiroz).

IV

É patente, em todos os depoimentos, que professores e professoras do IFPB Campus Picuí, através do incentivo, do estímulo, da relação pessoal, da excelência profissional, da infraestrutura de que dispunham, estimularam o compromisso e o gosto de suas alunas e de seus alunos pelo estudo; inculcaram o senso da importância da participação em Projetos de Pesquisa para a inserção delas e deles na comunidade científica, porque a participação em projetos resulta na produção de artigos, em apresentação em eventos acadêmicos; desenvolveram nos alunos o compromisso com a responsabilidade social através dos Projetos de Extensão, que possibilitam a conexão do conhecimento adquirido com as demandas da comunidade da qual fazem parte; trabalharam o saber fazer através de atividades em laboratórios muito bem equipados, de visitas técnicas, de atividades práticas.

No pós-IFPB Campus Picuí e no ingresso em universidades, esses aprendizados são vistos como fatores de adaptabilidade ao ambiente universitário, “mais exigente”, mas “não diferente”. Também os conhecimentos técnicos adquiridos são enfatizados como facilitadores do desempenho acadêmico nos anos iniciais dos cursos superiores, quando afins ao curso técnico estudado no IFPB Campus Picuí. Das treze pessoas entrevistadas, apenas três mudaram de área em relação ao curso técnico ou superior concluído no IFPB Campus Picuí². Nas trajetórias e nas falas fica evidente que o ingresso/vivência no Campus Picuí criou hábitos acadêmicos que reforçaram ou despertaram projetos pessoais no imediato pós-IF, vinculados à continuidade dos estudos: dos cursos técnicos para o ingresso em cursos superiores; do curso superior de tecnologia em Agroecologia para o ingresso em cursos de pós-graduação³.

Mais, esses dados nos informam que a maioria de nossos entrevistados e de nossas entrevistadas – sete dos nove – não procuraram o IFPB Campus Picuí interessados no diploma de técnico que lhes habilitasse a ingressar no mercado de trabalho imediatamente após a conclusão do curso escolhido, mas, sim, buscaram nos cursos técnicos uma capacitação que lhes fosse útil e vantajosa em uma desejada carreira acadêmica superior. Ou seja, buscaram encontrar no IFPB

2 Maria Maysa e Joelma Rayane cursaram Edificações e hoje são advogadas. Elton Luiz cursou Manutenção e Suporte em Informática (MSI) e hoje é médico.

3 Das nove pessoas entrevistadas que fizeram Edificações, MSI e Mineração, todas de Edificações e de MSI (sete) ingressaram na universidade; as duas de Mineração ingressaram no mercado de trabalho, mas têm como meta imediata a continuidade dos estudos. Das quatro pessoas formadas em Agroecologia, todas fizeram Especialização na área e uma delas, o Mestrado.

Campus Picuí um Ensino Médio de qualidade que os favorecesse no Enem e na aquisição de competências e domínio de conhecimentos que lhes habilitasse a obter destaque nas disciplinas dos cursos superiores. Outro ponto apresentado pelos entrevistados e entrevistadas foi que ser egresso de um curso técnico do IFPB despertou a atenção dos professores nos cursos superiores, o que trouxe a abertura de uma gama maior de possibilidades em sua formação acadêmica e, conseqüentemente, melhores perspectivas profissionais.

Não há como duvidar, o IFPB Campus Picuí representou para essas pessoas, de condição social precária ou de classe média baixa, a possibilidade de ascender socialmente:

A palavra-chave é uma oportunidade, uma oportunidade que muitos dos meus amigos e colegas de infância não tiveram, que é ter uma educação de qualidade, gratuita, que me proporcionou ter uma formação técnico-científica. Mas, acima de tudo, uma formação humana e um crescimento como cidadão. Não só um crescimento, na verdade, uma formação de cidadão, muito importante, uma formação cidadã. Eu acho que o IF é hoje a melhor forma que um aluno de escola pública tem de ascender socialmente e alterar seu padrão, no sentido de qualificação profissional e de status dentro da sociedade, no sentido de classe social, digamos assim. A única forma que a gente tem é através da educação. Nenhuma outra forma é melhor e mais aceita para a ascensão social do que a educação. E não tem outra instituição melhor para um aluno de escola pública do que o IF. (Elton Luiz).

01 Maria Maysa de Araújo Pereira Macedo⁴

Curso Técnico em Edificações, 2011-2015



Eu fico muito feliz de estar participando desse projeto. Sempre tenho muito orgulho de falar que sou ex-aluna do IFPB, esse lugar onde eu aprendi, cresci e dei os meus primeiros passos profissionais. Além disso, onde eu me integrava no mundo e me reconhecia. O IFPB foi muito importante nessa fase da minha vida.

Meu nome é Maria Maysa de Araújo Pereira Macedo e eu sou ex-aluna do IFPB Picuí. Antes de iniciar no IFPB, eu estudei durante muitos anos em uma escola particular da cidade de Picuí. Meus pais sempre foram muito rígidos com a minha educação e sempre pegaram muito no meu pé. Queriam que eu estudasse muito. Durante

a minha infância, eu sempre fui muito tranquila com relação aos estudos. Sempre muito preocupada com o que eu queria ser quando eu crescesse. Por essa razão, era muito preocupada, um pouco até demais para uma criança. Eu sempre acreditava que deveria ter uma perspectiva de futuro.

Iniciei minha educação nessa escola particular e um pouquinho depois, na minha pré-adolescência, fui para uma escola pública de Picuí. No estadual, eu só fiquei um ano e, logo em seguida, eu passei para o IFPB. Lembro que foi uma fase bem difícil, pois, na época, as vagas eram limitadas e essas vagas eram bem difíceis, porque passávamos por um processo seletivo. Dessa forma, havia uma certa concorrência. Me reuni com três amigas que eram bem próximas de mim e combinamos de estudar muito para que pudéssemos ser aprovadas nessa prova.

Queríamos estudar no Instituto Federal, era um sonho. Teríamos uma perspectiva de estudo maior, conseqüentemente, oportunidades maiores. Dessa forma, nos reuníamos todas as noites para estudar assuntos como Português, Matemática, Física. Enfim, conseguimos passar as três para o Instituto Federal, e foi quando eu comecei essa minha experiência. Sempre digo que eu consegui aproveitar muito bem todas as fases na minha vida. A infância foi muito importante para mim, porque eu morava sempre com os meus pais e com minha irmã no bairro JK.

Na época, o bairro JK era bem deserto. Atualmente, é um dos maiores bairros aqui da cidade, mas na época que eu morava não era. Parecia um sítio mesmo. Mesmo assim, lembro que tive uma infância muito proveitosa. Subir em pé de árvore, enfim, foi uma infância

em que eu brinquei muito e tive oportunidade de ter contato com alguns bichos. Considero muito bom esse momento junto com os meus avós, nesse bairro onde morava antes. Logo em seguida, viemos morar aqui no centro da cidade. Eu imaginava muito, eu tinha brincadeiras, brincava muito com minha imaginação. Então, juntava com a criançada toda do bairro para brincar de bola, de pique-esconde e muito mais. Eram brincadeiras que são bem difíceis hoje de a gente ver; brincadeiras nas quais as crianças se juntam. Nessa época não havia celular, não havia essa tecnologia que temos hoje. Foi uma infância que aproveitei muito, brinquei muito. Eu gostava muito de brincar, brincadeiras coletivas em que se reuniam muitas crianças e brincava todo mundo junto. Uma infância muito saudável, muito proveitosa e cheia de imaginação.

Sempre gostei muito de ler. Sempre lia gibis da Turma da Mônica, muitas historinhas. Aquelas coleções, que muitas vezes o vendedor passava de casa em casa vendendo para os pais, eu gostava muito. Foi um hobby que nasceu bem na infância. No IDES⁵ aqui de Picuí, estudei durante muito tempo. Inclusive, muitos dos meus amigos ainda são frutos dessa primeira escola. Estudamos sempre muito juntos e temos uma relação muito boa. Sempre gostei de ir para a escola, nunca foi dificuldade para mim, porque havia um círculo de amizade com os meus amigos. Além disso, gostava realmente do ambiente escolar. Foi uma escola que me fez crescer muito, tive grandes amizades que eu tenho até hoje;

professores que marcaram muito a minha história e dos quais eu lembro com muito carinho. Quando os encontro, é aquele afago. Lembro-me dessa escola e de uma outra também. Todos daqui de Picuí praticamente já estudaram em tia Shirley, por quem tenho um carinho muito grande. Sempre estudei com as mesmas pessoas. Em tia Shirley e no IDES.

Quando eu passei para o Instituto Federal, boa parte desses meus amigos também me acompanharam. Dessa forma, quando eu entrei para o Instituto, por exemplo, já estava muito familiarizada, pois grande parte dos meus amigos que estudavam comigo, nessa escola anterior, também foram aprovados; então foi bem bacana!

Há professores que me marcaram e com os quais eu mantenho uma relação de muito respeito. Pessoas que eu admirava muito. Eu entendia que eram pessoas com as quais eu poderia contar e que estavam ali para me dar uma base escolar, me educar. Tenho um carinho muito especial por alguns e vou citar. A minha primeira professora, que eu não posso esquecer, que foi a tia Shirley e por quem tenho um imenso carinho. Inclusive, a filha dela é uma das minhas melhores amigas. Nos conhecemos justamente estudando no prezinho, ela e tia Shirley – não a chamo de Shirley, é tia Shirley. Alguns professores, também do fundamental, que marcaram muito – por exemplo, Fatima Cândido, foi a professora que me alfabetizou. Ela me marcou muito, porque foi através dela que eu aprendi a ler e a escrever. E tantas outras professoras que me marcaram muito. Alguns professores mantenho relação de amizade até hoje. Jailson Lucena é um deles, ele é professor de Português. São

pessoas bem especiais. E perdão aos meus professores que eu não estou lembrando agora, mas que, quando me encontram, têm muito carinho por mim. Têm aquela lembrança, e são lembranças sempre muito boas.

Uma escolha que eu fiz que hoje eu vejo que rendeu frutos e continua rendendo – aonde eu cheguei, aonde estou chegando ainda, conquistando alguns caminhos – foi o fato de sempre gostar da leitura. Lembro-me que as professoras sempre incentivaram. Mas eu sinto hoje e tenho essa percepção de que desde cedo eu gostava muito de ler. Considero a biblioteca um local muito especial para mim. Na biblioteca do IDES, eu pegava muitas historinhas, muitos gibis. Essa paixão pela leitura foi me acompanhando até a adolescência e agora, na vida adulta. Isso me ajudou muito durante o meu curso no IF, como também com minha graduação. Na época que eu entrei, existia antes da minha turma apenas a turma de Informática, no Integrado, e uma turma de Edificações. Quando entramos, éramos a segunda turma de Edificações junto com a segunda turma de Informática.

O IFPB em Picuí foi uma novidade na época. Não conhecíamos muitas pessoas que faziam parte da instituição. Ainda era no prédio provisório e eu lembro que, na época, a professora Verônica Lacerda – se não me engano, era a diretora-geral do Campus Picuí –, juntamente com a diretora de ensino, passaram de sala em sala, na escola que eu estudava. Falavam que havia um curso de Edificações e o de Informática no ensino Integral. Eu nem sabia o que era Edificações; sabia que tinha a ver com a engenharia civil, mas eu não tinha noção com que se trabalhava, como era a grade curricular,

não tinha noção nenhuma. Mas, pelo fato de saber que era uma oportunidade de estudar no Instituto Federal, me animou muito. Fiz a inscrição para fazer a prova. Não pensei duas vezes, foi bem natural. Foi assim que eu soube, pois a diretora, na época, foi nas escolas e informou a abertura das inscrições para um novo processo seletivo para entrar no Instituto. Havia dois cursos do Integrado: Informática e Edificações. Eram cursos que me encheram os olhos. Hoje, eu não exerço a área na qual eu me formei no Instituto, mas, entre Informática e Edificações, acreditava que eu poderia tirar um proveito melhor das matérias da grade curricular de Edificações.

Estava saindo do 9º ano. Saindo dessa fase muito adolescente para o ensino médio. Não sabemos muito bem o que queremos ainda. Ficamos com o coração muito aberto para novas oportunidades. Há uma noção, pelas matérias que gostamos, mas há uma abertura. Fui com uma perspectiva: se gostar do curso e der tudo certo, tudo bem, se não, eu sigo em outra área. Mas eu já fui com essa mente muito aberta, de tentar gostar do curso. Enfim, foi essa minha escolha. Não foi muito pensada, mas havia muita esperança. Havia o sentimento de que muita coisa iria mudar. Quando chegamos nos primeiros dias, fomos muito bem recebidos pelos professores e funcionários do IFPB. Tínhamos essa perspectiva de que íamos para um campus novo, por isso era muito bacana. Um campus cheio de novidades, laboratórios. Fomos para um campus provisório, simples e um pouco limitado para as nossas atividades. Um ano depois fomos para o campus novo. A primeira impressão foi que as coisas iriam mudar a qualquer momento. Nos sentí-

amos muito acolhidos, não apenas eu, todos. Converso com os meus amigos até hoje, tenho grandes amizades do IFPB. Sempre conversamos sobre isso, o quanto era bom, o quanto era novo, o quanto era diferente estudar com pessoas de outras cidades que vieram de toda a região estudar juntos. Pessoas de culturas até um pouco mais diferentes, de experiências diferentes, e, quando a gente se juntou, foi incrível. Essa sensação muito boa superou um pouco mais as minhas expectativas.

A principal mudança foi a rotina, porque era um curso integrado. Não iria assistir apenas aulas de matérias que estudamos no ensino médio, como Português, Matemática; essas matérias convencionais. Haveria matérias extracurriculares, como Mecânica do Solo, Estabilidade, Desenho Arquitetônico, enfim, era tudo muito novo. A minha rotina mudou muito, porque a gente começava a ter uma perspectiva não só de terminar o ensino médio, mas também de terminar, talvez, um curso que você fosse levar para a vida. Mudou muito o modo de pensar. Não estava ali apenas para estudar para o Enem e depois ir para a faculdade. Poderia ter uma profissão por meio daquele curso e sair profissionalizado. O pensamento sobre o futuro, do que ser, do que fazer depois, mudou muito ao longo do curso.

Morando na mesma cidade, em Picuí, ia todos os dias para o campus, tendo uma facilidade maior de me locomover até o IFPB. Eu ia normalmente, como se fosse para a escola normal. Quando eu falo da rotina que mudou, por exemplo, destaco lados positivos que eu sempre exalto bastante, mas também os períodos complicados, como o período de greve, momentos que

foram necessários. A rotina era um pouco mais pesada do que o ensino convencional, mas, de certa forma, recompensante. Enfim, saíria com um bônus extra depois do ensino médio, mas era isso.

A rotina foi um pouco pesada por algumas interrupções que tivemos durante o curso e por ter esse adicional de matérias técnicas. É complicado e vou ser bem sincera: nunca fui muito de exatas, sempre tive muita dificuldade com matérias exatas, durante toda minha jornada escolar. E no curso de Edificações temos muitas matérias como Matemática, Física, Química; matérias mais voltadas para exatas; eu era péssima. Era um esforço que eu tinha que fazer em relação a essas matérias técnicas do curso. Mas, em compensação, havia matérias que eu amava e que me trouxeram um acervo de conhecimento muito grande. Após a saída do IFPB, matérias como Metodologia Científica, em que nós aprendíamos normas da ABNT, ajudaram muito quando eu cheguei à faculdade, por exemplo. Eu já saí do IFPB com minha monografia, uma experiência com trabalho científico. Quando entrei na faculdade, no primeiro período, eu já sabia escrever um artigo, e os meus colegas tiveram essa dificuldade. Tiveram que aprender durante a faculdade. Eu já entrei com essa carga muito importante que o IFPB me deu, de saber apresentar um trabalho, de saber me comportar ao falar com as pessoas sobre determinado assunto. Tudo isso foi fruto do IFPB, porque nós tínhamos que apresentar em Feira de Ciências, trabalhos, congressos; fazer algumas viagens com o IFPB, na época. Foram essas matérias que eu sabia que iam me impulsionar na minha graduação. Eram as

matérias de que eu mais gostava, às quais me dedicava mais. Mas eu confesso que nas de exatas, que eram muitas, eu ralei muito para poder passar.

Na minha turma, havíamos entrado em 40 alunos no 1º ano. Como falei inicialmente, quando eu entrei, eu já tinha alguns amigos, pessoas que já tinham estudado comigo, na escola anterior, que entraram junto comigo, e isso foi uma grande facilidade, porque conhecer pessoas num lugar diferente já é um bônus. Mas quando chegamos e vimos pessoas diferentes, houve aqueles momentos de apresentação, e isso deu um frio na barriga. Sair de uma escola em que eu passei anos estudando e na qual havia um vínculo afetivo muito forte com as pessoas, e me deparar com pessoas tão diferentes, deu um certo medo. Mas foi muito natural. A nossa turma, no geral, era unida. Porém, quando precisava fazer alguma coisa, havia os seus grupinhos, como toda turma tem. O grupo com o qual eu me identificava desde o início ficou muito junto e, inclusive, nós somos amigos até hoje. Eu vou dar esse crédito para a galera. Esse grupo era muito unido e se dava bem. Bem participativo lá no IFPB, sempre estava ali na direção geral, juntos. Enfim, é um grupinho que temos até hoje. O nome no WhatsApp é “Reencontro”, para ver se conseguimos nos reencontrar. Nós conseguimos algumas vezes, sempre damos um jeitinho de nos vermos. Mas eu tive amizades incríveis que eu vou levar para o resto da vida. Amizades que irão fazer dez anos, desde quando entramos no IFPB. Há pessoas que eu vou levar para o resto da vida, com certeza.

No caso das turmas pioneiras, uma de Informática e outra de Edificações, acontecia de os professores

incluí-las para alguns projetos. Sempre tivemos esse vínculo com outras turmas, não muito próximo, mas tínhamos, inclusive amigos que fazíamos com uma turma ou outra, como o pessoal de outras cidades, que vinha nos mesmos ônibus, independente do curso; havia uma inclusão. Um fazia amizade com um, que era amigo de outro e, dessa forma, havia essa comunicação. Os professores, em alguns momentos, juntavam as turmas, porque não havia horário disponível. Esses momentos geraram um certo vínculo com a outra turma, pois estávamos no mesmo nível.

Não lembro exatamente o último dia, a última aula, eu me lembro das últimas aulas. Assim que sentimos aquele clima de despedida muito forte, foi muito emocionante. Porque em outras escolas, em que há alunos saindo e entrando nas turmas, formam-se novos vínculos. No IF, não. Você entra no IFPB com a turma fechada. A única possibilidade de você não ir até o final com aquela turma é você sair. Se você não sai, ninguém entra mais, ninguém entra na turma. Foram vínculos muito fortes durante esses cinco anos, cinco anos e um pouquinho. Com as greves estendeu-se um pouquinho mais. Desculpa, quatro anos e um pouquinho. Mas eu lembro das últimas semanas; havia aquele sentimento de conclusão. Como iria ser? Era uma semana muito feliz, porque era a semana em que iríamos colar grau, ter a nossa formatura, a nossa aula da saudade e a despedida com os professores. Professores que marcaram muito a nossa jornada no IFPB e que se tornaram na verdade amigos. Houve essa melancolia durante um tempo, mas isso também era um motivo de alegria, pois muitos já

estavam sendo aprovados em faculdades, já estavam seguindo uma carreira profissional. Ao mesmo tempo, sentíamos que não iríamos mais viver esses momentos. Era muito feliz, porque estávamos seguindo a nossa vida, nossa jornada.

No curso técnico há duas possibilidades: ou você vai amar o curso e vai ser aquilo que você quer para sua vida ou você vai buscar aperfeiçoar aquilo que você aprendeu durante esses quatro anos; ou você diz: não, eu não me identifiquei, não é exatamente isso que eu quero para a vida, e quero seguir outra jornada. As pessoas falavam: nós temos isso. Ou você quer viver daquele curso ou não quer aquilo, ou se decide e viu que não era para você. Eu sempre tive um apego muito grande às ciências humanas. Sempre gostei de matérias relacionadas a Sociologia, Filosofia, História. Eu sempre lidei muito bem com as relações humanas, e eu gosto disso.

Assim que eu terminei o curso, fiquei muito perdida: “Meu Deus, passei quatro anos no IFPB, será que eu não vou perder mais tempo se eu procurar outra área? Mas não é isso que eu quero.” Fiquei nessa indecisão. Mas como eu acredito muito na providência de Deus, de que tudo acontece no momento certo, decidi que eu iria ficar um ano em casa de forma sabática, estudando para o Enem, para obter uma boa nota. Iria decidir em qual curso eu entraria. Eu sempre tive vontade de fazer o curso de Direito. E logo quando eu concluí o IFPB, em fevereiro de 2015, eu disse: “Não vou me preocupar com o curso agora, vou descansar, estudar muito para o Enem e tentar depois.” Eu havia feito o Enem anterior, então eu me dei bem e passei. Antes de terminar

minha monografia do IFPB, eu passei para o curso que eu queria, que era Direito. O próprio destino me levou aonde eu deveria ir. Logo no início, quando eu estava perto de terminar o curso, já era um questionamento meu: “E aí? Você vai dar continuidade àquilo que você começou ou você vai buscar outros novos caminhos? O que é que você realmente quer?” Isso para uma menina de 17 anos, que na época concluiu o curso e ia fazer 18, era um novo desafio. É uma escolha que você tem que fazer e que gera muito medo. Mas o próprio destino se encaminha, se encaminhou e deu certo, graças a Deus.

No IFPB, nós amadurecemos muito. É necessário tomar decisões, correr atrás de certas coisas se você quiser. Foi um amadurecimento de vida ter que tomar muitas decisões e também porque eu acredito muito que a minha evolução acadêmica, na faculdade, teve uma base do IFPB. São cursos totalmente diferentes, mas me deu uma experiência com projeto, com apresentação, com escrever um artigo, que eu não teria se eu estivesse no ensino médio convencional. Essa preparação foi importante para que eu me sobressaísse, logo no início da minha graduação, de conseguir projetos na faculdade, de escrever artigo, porque eu tinha essa base do IFPB; caso contrário, não conseguiria. Conseguiria, mas com maior dificuldade. Muitos jovens entram na faculdade sem ter experiência alguma – por exemplo, com as normas da ABNT, que são tão importantes. Entrar com esse conhecimento me ajudou muito, foi um fruto do IFPB, com certeza.

Tenho muitas memórias, foram muitos momentos vividos, muitos perrengues junto com minha turma. Mas eu lembro muito dos projetos, das Feiras de Ciên-

cias, sempre eram momentos felizes. Naqueles anos de Feira de Ciências, a turma se organizava, pensava, tinha aquela competitividade saudável para o seu projeto se sobressair. Eu lembro com muito carinho do ateliê que tinha no IFPB, não sei se ainda tem, logo ao lado. Esse ateliê era de Arquitetura. Um professor pedia um projeto e os alunos criavam muita coisa lá; poltronas, tudo feito de material reciclável. Tenho também memórias de perrengues, de como chegar, pegar carona para chegar ao IFPB, não ter dinheiro para o lanche e juntar todo mundo no lanchão e todo mundo comer junto, as viagens que fazíamos.

Eu lembro muito de uma viagem que nós fizemos para Natal, para um aquário. Tivemos a experiência de pegar em alguns bichos. Tudo isso são memórias muito importantes para mim até hoje. Inclusive, no grupo do WhatsApp, esses dias estávamos lembrando de certas situações que passamos juntos. E como é gostoso me reunir hoje com esses meus amigos do IFPB. Contar histórias hilárias, os perrengues que passamos ou situações engraçadas, como ir para a diretoria porque estava brincando de uno, por exemplo. Tem várias memórias bacanas. E sempre quando eu passo em frente ao IFPB – pois tenho o costume de praticar corrida, muito por lá –, toda vez que eu passo, bate o sentimento da saudade, nostalgia muito bacana.

Eu lembro que, na época, já estava concluindo o curso e fizemos um processo seletivo para um estágio na construção de um bloco do IFPB. Acredito que, inclusive, esse bloco já deve estar construído. E, na época, fizemos esse processo seletivo. Eu e mais três amigas passamos.

E lembro o quanto foi difícil. Não é uma memória bacana, porque foi aí que eu entendi que aquele local de trabalho, a situação de trabalho não era para mim. Foi nesse momento que eu identifiquei: não é isso que eu quero para mim. Não é Engenharia nem Edificações. Foi muito importante, porque, na época, eu já estava terminando o estágio, e quando nós concluimos o curso é necessário escrever ou um relatório de estágio ou uma monografia. Para quem é estudante, o relatório de estágio é muito mais tranquilo. No relatório, você vai descrever, e eu não me identificava de forma nenhuma com a construção. Eu estava me decidindo, mas não quis fazer o relatório de estágio. Eu disse: "Vou fazer uma monografia, mas não irei fazer um relatório." E, de última hora, tive que fazer essa monografia. O coordenador, na época, me deu uma bronca: "Você já está terminando o estágio e vai perder tempo." A monografia me deu uma experiência muito bacana, pois logo em seguida eu precisei dessa experiência. Como eu digo sempre, tudo na vida tem um propósito, um motivo. E na época, foi importante eu tomar essa decisão, mesmo que todo mundo estivesse contra mim: "Você não vai escrever o relatório de estágio? Já está terminando? Faltam 15 dias." Eu disse: "Não, eu vou fazer a monografia, e é isso." Essa decisão foi muito importante, e esse estágio me marcou muito.

Eu acredito que eu nem tenha mais nada do meu curso. A camisa, eu fiz doação para pessoas que iam entrar no curso. Eu não tenho mais camisa, não tenho mais medalha, não tenho mais essas coisas. Mas o que eu tenho mesmo são memórias afetivas que eu vou levar para o resto da vida; além disso, algumas fotos desse

período. Eu até havia falado: “Professora, eu vou procurar se tenho alguma memória realmente física, mas eu acredito que não.” É porque é difícil desvincular essa parte do educacional. Mas a experiência mesmo, inclusive, eu ainda continuo tendo, porque eu tenho vínculo com algumas pessoas que ainda trabalham no IFPB.

São pessoas inspiradoras, com histórias de vida incríveis. Vemos o quanto o IFPB mudou a vida dessas pessoas, por serem hoje funcionários. Cito o exemplo de Edjailson, o quanto sua vida mudou, o quanto o IFPB o inspirou no momento em que trabalhava na Coordenação. Atualmente, é professor. Isso é incrível. É muito bacana! É isso que eu levo no coração, são essas histórias, histórias que eu escutei de tantos colegas que estudaram comigo, que através do curso técnico em Edificações mudaram de vida; hoje, trabalham na área. Percebe-se o quanto o IFPB tem essa capacidade de realmente impactar a vida de pessoas, tanto mudar espiritualmente, falando de gerar princípios, como também colocar num patamar ao qual provavelmente se você não fizesse o IFPB, você não chegaria.

Com relação à educação, o impacto são cursos com acessibilidade: curso técnico, como nós temos em Picuí, ou então curso superior, como o de Agroecologia, e até alguns cursos até de Português, de Literatura. Tudo isso vem mudando a vida das pessoas na nossa cidade. Podemos ver isso olhando para Picuí antes do IFPB e Picuí pós-IFPB. Houve uma mudança econômica impactante na nossa cidade. São coisas que mudam muito, não apenas para mim que fiz parte dessa história, mas para tantas outras pessoas que estão vinculadas indire-

tamente ao IFPB. A importância dessa aprendizagem e dessa passagem é a real importância de existirem Institutos em cidades do interior. O quanto isso foi criticado na época que os IFs surgiram – e até hoje é –, e o quanto essas cidades que eram pequenas demais, que não tinham muitas perspectivas, acesso à educação, educação superior, técnica, hoje conseguem ter. Acredito que não tem importância maior do que isso, esse coletivo, esse impacto coletivo que o IF gera.

Assim que eu saí do IFPB, eu entrei no curso superior de Direito, no Centro Universitário de João Pessoa, na Unipê. E assim, foi uma diferença muito grande do IFPB. Quando passamos dessa fase do ensino médio para a graduação, temos uma nova responsabilidade em mãos. Estudar fora, morar fora, me trouxe outras perspectivas. Passei para o curso de Direito, ganhei bolsa 100%. Acredito que a educação que eu tive no IFPB influenciou muito. Por isso, consegui obter uma boa nota no Enem e consegui passar. Cursei durante cinco anos. Fiz estágios incríveis em João Pessoa. Construí muitas amizades, uma vida muito bacana. Atualmente, sou formada. Como faz pouco tempo que eu me formei, e estou nessa fase de pós-pandemia, está todo mundo sem perspectiva. Alguns concursos cancelados, porém, esperando por dias melhores. Que essa pandemia passe, que nós possamos fazer não apenas videoconferências como esta, mas que possamos nos encontrar pessoalmente.

O que mudou justamente foi que o IFPB trouxe para mim essa perspectiva de mudança, de crescimento. Eu concluí há pouco tempo o curso de graduação e pretendo logo mais estar no mestrado, doutorado; essas

são minhas metas. Esperar sair dessa pandemia para as coisas melhorarem, se Deus quiser.

Eu quero muito agradecer por essa oportunidade. Sempre vai ser um prazer enorme falar sobre o IFPB, sem dúvidas. Foi uma fase... eu até falo com os meus amigos que, com certeza, foi uma das fases mais especiais da minha vida, sem dúvidas. Quando eu tive mais experiências, grandes amigos, grandes amizades. Tive experiências com pessoas, com professores incríveis, que vou levar para o resto da minha vida. Eu fico muito orgulhosa, de verdade, de poder falar sobre o IFPB. Queria agradecer à professora Ana Cláudia e ao professor Edjailson. Foi uma entrevista incrível, deliciosa. Não foi difícil falar, foi muito tranquilo.

Aos alunos que estão passando por esse período de pandemia, com aulas remotas, sei o quanto é difícil não ter o contato com os professores, não estar na sala de aula. Isso, muitas das vezes, nos desmotiva, mas também são esses momentos que nos fortalecem. Se não fossem as dificuldades que eu passei, há alguns anos, com as greves ou com as minhas dificuldades de chegar ao IFPB, ou com as dificuldades com as matérias com as quais eu não me identificava, hoje eu não seria a pessoa que eu sou. Essas dificuldades me fortaleceram. O recado que eu deixo para os alunos que estão passando por essa situação é que tenham força; que Deus possa revigorar vocês, abençoar, abrir a mente, e tudo vai dar certo. Se Deus quiser, estaremos juntos, vacinados. E é isso. Quero agradecer, foi ótimo, eu amei.

02 Ana Tersia Oliveira da Silva⁶

Curso Técnico em Edificações, 2011-2015



Meu nome é Ana Tersia, e meus pais, José Gilvan e Maria do Socorro. Um é daqui de Picuí e outro da cidade vizinha, de Baraúnas, ou seja, duas cidades pequenas. E quando eles casaram, eles foram para o interior de São Paulo, para Franca, eu nasci lá. Então, eu fui nascer um pouquinho longe daqui. E quando eu tinha mais ou menos uns 5 anos de idade, nós retornamos para a Paraíba e desde então minha vida é aqui, minha vida se resume na Paraíba.

Quando a gente veio de volta, foi para morar em Baraúnas. Eu gostava muito de brincar de areia. Em São Paulo, praticamente não tem. Tanto que quando eu cheguei aqui, pequena, a primeira coisa que eu fiz foi botar meu pé no chão,

pegar a areia e jogar para cima. Era uma vida de muita brincadeira, realmente. Eu tinha meus amigos, todos vizinhos, tinha muita liberdade. Naquela época, também, e até por ser cidade muito pequena, não tinha violência como tem hoje em dia. Ficava andando de bicicleta, cada um tinha sua bicicleta e todo mundo feliz; tinha brincadeira de boneca, que toda menina tem que montar a casinha de boneca. Assim, foi uma infância muito boa, muito boa.

Fui filha única até os 11 anos de idade. Passei um bom tempo sem ter uma irmã, só com amigos que pudessem compartilhar momentos comigo. Foi interessante porque, quando minha irmã nasceu, eu que ajudei a criá-la, tanto que quando ela era muito pequenininha, às vezes, ela perguntava para mim se podia ou não fazer tal coisa, porque era sempre eu presente ali, sempre, sempre. Tanto que hoje ela já está com 15 anos, vai fazer 16 agora; até hoje ela diz: “Ah, você é minha segunda mãe.”

E assim, de escola, voltando um pouco para a parte educacional, meus pais sempre me incentivaram a estudar. Eu sempre fui muito estudiosa, sempre gostei de me dedicar aos estudos. Passei uma parte do meu ensino fundamental estudando em Baraúnas; depois, quando nós nos mudamos para Picuí, comecei a estudar aqui. Depois de um tempo, retornamos para Baraúnas, mas, mesmo assim, eu continuei estudando aqui em Picuí. Estudei no Professor Lordão, de onde eu gostava muito também, e saí de lá para ir para o IF.

Os meus amigos, de fora da escola, porque a gente não era da mesma faixa etária, ou era um ano mais velho ou era um ano mais novo. Então, na escola, a gente

não estudava junto. Dos meus amiguinhos de frente de casa – naquela época, eram quatro, eu e mais três, eram dois meninos e duas meninas –, hoje em dia, dos três, eu tenho contato com dois. Então, assim, amizade desde os 5, 6 anos até hoje.

No fundamental I, teve um professor, Uziel, que até hoje eu lembro bastante dele. No Lordão, em específico, tinha vários professores que eu gostava muito; Robson é um deles, Rafaela, Ângela, se não me falha a memória. João Paulo também foi um ótimo professor. Tem alguns professores que eu guardo no coração. Robson eu creio que é um dos que mais... assim, pelo fato de ele incentivar muito os alunos. Pelo Lordão ser uma escola estadual – naquela época não era esse regime de ensino que tem hoje em dia, que é o dia todo, tem outros cursos e outras coisas. Ele era um dos poucos professores que realmente incentivavam projetos de pesquisas... não eram bem projetos de pesquisas, mas é como se fossem projetos de pesquisas. Inclusive, nessa época, a gente fez trabalho de ver ossos pré-históricos, que, por aqui na região, hora e outra aparece um, ou tem um. Então, assim, esse incentivar dele, de buscar sempre, de puxar mais pelo aluno, realmente, faz com que você lembre mais fortemente.

Outra história curiosa: quando eu passei para o IF, eu era tão apegada ao Lordão, tão apegada, que eu estudava de manhã no IF e de tarde no Lordão. Mas não durou nem um ano, porque quando eu fui vendo, o IF foi criando um lugar especial no meu coração, aí eu: “Não, agora eu vou me dedicar só ao IF. Gostei muito, mas vou ter que partir do Lordão.”

Assim que foi divulgado que o IF ia ser implantado aqui em Picuí, já despertou uma curiosidade minha e de outros colegas meus que estudavam comigo. Eu fiz o primeiro processo seletivo e não passei. Porque, assim, eu não me dediquei a estudar. No início eu meio que me interessei e depois perdi o interesse. Foi uma coisa bem tipo, ah, realmente não quis aproveitar aquela oportunidade naquele momento. Já teve momento de dizer isso. Mas, hoje em dia, eu agradeço porque Deus sabe o momento certo. Se eu tivesse entrado no 1º ano, talvez não tivesse feito os amigos que eu fiz. Enfim, muita coisa mudou na minha vida. Então, realmente, foi uma decisão assertiva naquele momento; na época, eu estava no 9º ano lá no Lordão.

Quando foi no ano seguinte, eu já não queria mais ir para o IF. “Não, eu não vou pro IF, não... Vou ficar aqui no Lordão, porque aqui é bom demais.” E justamente como a gente estava com questões de projetos lá, de fazer visitas em locais de pinturas rupestres... “Aqui eu estou adorando, vou continuar aqui.” Saía aviso na rádio e tudo, de que estava havendo processo seletivo do IF, e eu fiquei calada. Aí minha mãe escutou no rádio. Eu: “Não, mãe, já passou o prazo.” E realmente tinha passado, só que eles tinham prorrogado o prazo. Minha mãe disse: “Aninha, você vai sair aqui de casa, vai lá na *lan house*” – que nessa época não tinha facilidade de computador, essas coisas –, “você vai lá na *lan house*, e você só vai voltar para casa depois que você fizer sua inscrição no IF.” Foi bem assim, foi bem: ou você vai ou você vai.

Tudo bem. Fui, meio assim, não sabia nem o que danado era Edificações. Na hora, o rapaz disse: “Olha,

tem dois cursos: tem Edificações e tem Informática, você quer qual?" Eu digo: "O que danado é Edificações?" Ele: "Edificações, eu sei... vamos pesquisar aqui, eu sei que é um negócio que mexe com construção." "E Informática?" "Mexe com computador." Eu: "Acho que esse outro é mais legal." Aí ele me inscreveu em Edificações. Minha mãe me botava para estudar toda tarde, para eu passar, porque tinha que passar para o IF, não sei o quê. Eu: "Tá certo, vou estudar." Dessa vez, eu estudei realmente e fiz a prova tranquila. Tipo: eu vou fazer, mas seja o que Deus quiser. Fiz, passei. O resultado saiu – isso eu lembro –, o resultado saiu em um domingo, deve ter sido à tarde, não sei ao certo, sei que foi em um domingo, e um amigo meu que tinha estudado comigo também, na infância, passou; ele é de Baraúnas, e minha avó mora vizinho a ele. Ele: "Ah, eu passei e Aninha também passou." Minha avó liga para o meu pai, o meu pai já liga para a minha mãe, para me dizer que eu tinha passado. Porque eu não tinha nem visto o resultado. Como eu não estava realmente querendo ir, para mim tanto fazia eu passar ou não. Eu sei que foi esse furdunço. "Não, porque você vai estudar no IF... porque você vai estudar no IF." Como eu tinha muito apego ao Lordão, eu disse: "Eu não quero sair do Lordão, eu quero continuar no Lordão." Enfim, eu fui. Como uma filha "obediente", eu disse: "Tá, eu vou." E assim foi minha chegada ao IF.

E quando eu entrei no IF, eu vi realmente esse novo. No início, eu não achei tão difícil; confesso que foi algo mais tranquilo. Só que eu comecei a sentir que eu não estava dando o meu melhor. E como eu, desde a minha vida inteira, principalmente no ramo acadêmico,

sempre fui muito estudiosa – minhas notas eram sempre 8, 9 e 10; era difícil, acho que quase nem tinha nota 7, por exemplo –, então, eu já comecei a ver: “Não, pera aí, eu aqui, se eu ficar dividida assim... lá tem mais futuro pra mim, digamos, do que aqui.” Foi quando realmente eu comecei a pensar: “Não, eu realmente vou optar por sair do Lordão e vou ficar só no IF.”

Era um mundo novo. Assim, era um mundo novo, mas um mundo muito igual, de certa forma. Porque quando eu entrei, a gente ainda não estava no instituto que é hoje. A gente estudava no prédio cedido pela prefeitura, que não podia ver uma nuvem no céu que já começava a molhar dentro da escola. Tinha vez que a gente tinha aula de tarde, era mandado para casa, porque já estava se preparando para chover e sabia-se que, se começasse a chover, molhava tudo. Foi bem assim, mundo novo, mas, nesse sentido, características antigas. Escola municipal e estadual normalmente tem desses aperreios de molhar, uma goteira aqui, uma goteira ali, essas coisas.

Mas logo próximo do final do ano, eu acho, a gente se mudou para a nova sede. Ainda estava em muita parte em construção, mas o mínimo a gente conseguia ter, que eram as aulas, tudo mais. Ali a gente ficava com o rosto assim... muito: “que escola é essa!?” Era muito mágico ir para lá, porque realmente a estrutura é uma estrutura muito boa, principalmente para uma cidade tão pequena como é Picuí. Coisa que normalmente você imaginaria, o quê?, uma estrutura de universidade. E você está tendo a oportunidade ainda no ensino médio, por exemplo. Tanto que, até hoje, eu não me arrependo

de ter voltado o 1º ano. Porque, como eu não passei no 9º ano, fiz o 1º ano no IF quando eu estava no 2º ano no Lordão; foi quando eu realmente fui para o IF.

Tudo mudou na minha vida. É... essa questão do estudo, eu sempre gostei; como eu já citei, eu sempre gostei de estudar. Mas, por exemplo, quando eu estudava no Lordão, às vezes, eu parava e pensava, tipo: o que é que eu iria fazer de faculdade, de universidade. E eu sempre, normalmente, era direcionada para a área da saúde, por exemplo, ou algo afim. Eu sempre dizia, ou às vezes eu dizia que eu queria fazer Psicologia. Hoje em dia eu faço Arquitetura..., então...

Eu moro em João Pessoa. Hoje em dia eu tenho emprego que dificilmente... se eu tivesse, por exemplo, estudado no Lordão – se eu tivesse entrado na universidade, beleza, mas se eu não tivesse entrado na universidade, só tivesse feito o Lordão –, provavelmente eu não teria a oportunidade que eu tive. Porque se eu trabalho hoje em dia, se eu consegui o emprego, o que eu tenho hoje, é graças ao IF.

Hoje em dia, eu sou supervisora de projeto de subestação elétrica. Eu fui indicada por um ex-professor, Márcio Dantas. Eles estavam precisando de um desenhista que soubesse de CAD, que soubesse SketchUp, fazer 3D e tudo. Ele tinha indicado o meu namorado, que se formou comigo também; só que, como ele estava trabalhando no IF, na época, não pôde. E eu já estava em João Pessoa, então, para mim caiu como uma luva. Não estou mais na mesma empresa, mas continuo ainda na área.

Eu gostava de tudo, tudo me encantava no IF, com exceção de uns detalhezinhos, questões de, por

exemplo: teve um ano que a gente quase não teve aula de Física; são casos à parte, por ser um campus do interior, por problemas logísticos, mas não por conta do IF em si, da instituição. No início não era tão puxado, tanto que, como eu falei, consegui conciliar duas escolas. Mas, à medida que foi entrando, e que eu também fui me abrindo mais, foi ficando mais puxado. A gente tinha aula o dia todo só em alguns dias, mas era um prazer tão grande ficar no IF que teve um tempo que eu ia às 7 horas da manhã e só chegava em casa às 9 horas da noite. Porque de manhã era aula, de tarde era aula, e de noite eu fazia cursinho de inglês com Sibéria.

Então, assim, à medida que eu fui passando o tempo no IF, eu fui me apaixonando. Para mim é até difícil dizer algo que eu não gostava. Eu, ai meu Deus! É... é que foi tão massa! A familiaridade que você cria com os professores, não é só um vínculo de aluno e professor, coisa que normalmente você vê na universidade. É coisa realmente de o aluno ter essa amizade, tipo ir para o Cantinho Oriental com os professores; a gente morria de fazer isso. De professor se dedicar... É uma coisa que Camila gosta muito, se doar muito, quando tem campeonato, quando tem Feira de Ciências, ela realmente veste a camisa, está ali do lado do aluno. Isso é algo muito, muito novo, muito encantador.

As disciplinas... pronto, eu entrei sem nem saber o que danado era Edificações. Mas fui aprendendo durante o curso e realmente fui me apaixonando, por tudo, principalmente pela área técnica. Acho que é o que mais encantava, porque é a área técnica. É a área que você pensa: "Eita, eu posso trabalhar com isso, eu posso fazer

isso.” Principalmente essa área de tecnologia da construção, eu gostava bastante. A parte de desenho, adorava a aula de desenho, tanto em prancheta como no CAD, como em tudo. Toda essa parte de desenho eu gostava. Só não gostava muito de desenhar à mão, porque eu não sou muito boa, não. Mas a parte de desenho, eu adorei.

As disciplinas convencionais, de ensino médio, você encontra professores que... meu Deus! Macedo! Acho que Macedo, se você entrevistar todo mundo da sala da gente, acredito que Macedo vai ser citado, porque um professor de História como Macedo é... meu Deus! E assim, eu poderia citar, se não todos – porque minha memória, perdoe-me –, mas acho que todos os professores, até hoje, é algo assim... Agora não, porque não está tendo aula por causa do coronavírus. Mas antes, quando eu podia estar aqui em dia de aula, eu ia no IF só para rever os professores. Às vezes, eu estou lá no Carrefour, lá dos Bancários⁷, eu encontro com Suelânio. Já encontrei com Suelânio no BeMais⁸, e a gente ficou uns 15 a 20 minutos só conversando, só perguntando um da vida do outro. Então, assim, é para a vida. Por isso que é difícil eu dizer algo que eu não gostava. Porque até as noites, de 4 horas da manhã, a gente aqui na garagem de casa, fazendo maquete para entregar no outro dia, e era a gente tudo rindo, tudo feliz. Acabado? Acabado. É inexplicável! Realmente, é um vínculo que é para a vida.

Nossa turma era uma turma que tinha muito estudioso. Tinha aqueles mais do fundão, mas que, mesmo assim, conseguiam se sobressair nas atividades, conse-

7 Bairro de João Pessoa, PB.

8 Rede de supermercados de João Pessoa, PB.

guiam inovar, enfim, se dedicavam. Tinha os grupinhos, tanto que, do meu grupo, eu era a única menina, só tinha eu de menina e o resto era tudo menino. Mas nunca teve a diferença, sempre foi muito igual. E assim, esse era o meu grupo, inclusive Ginetom era do meu grupo; Maysa tinha o grupo dela; Priscila tinha o grupo dela. Normalmente eram os grupos de trabalho, mas, por exemplo, se o professor passasse uma atividade e dissesse: “Ah, só são cinco participantes”, e tivesse seis no grupo, não tinha muita questão de migrar para outro grupo, para poder fazer. Nós éramos “rivais”, mas unidos entre nós. Tanto que, até hoje em dia, pessoas que às vezes você não tinha tanta proximidade, quando encontra, é uma festa. Normalmente os professores elogiavam bastante a gente, diziam que a gente realmente se doava. Muitos participaram de projetos de pesquisas, de Proex, Pibic, Feira de Ciências. Em tudo, a maioria das vezes, a gente estava engajado, muito engajado mesmo.

E com relação às outras salas, com os outros cursos, normalmente rola a rivalidadezinha, principalmente quando tem Feira de Ciências, que tem aqueles grupos que fazem gincana, essas coisas, aí é que rola rivalidade mesmo. Mas, como a gente normalmente era muito ocupado, com muita coisa, eu acredito que não sobrava muito tempo para ficar andando de sala em sala. Pode ser que tenha um ou outro que fosse bem próximo de outras salas, mas eu particularmente não tanto.

A gente pegou, se não me falha a memória, duas greves. Esse período foi horrível, horrível. Porque você vinha em um ritmo, empolgada, aí vem greve, para. Já quebra ali o ritmo. Depois vem outra greve. Então, foi

um pouco estressante o final do curso, porque a gente deveria ter terminado no final de 2014 e, por conta da greve, a gente foi terminar no início de 2015. E meio que as coisas ficaram um pouco atropeladas. A gente não teve – sei lá, eram três meses de aula –, a gente não teve os três meses. A gente teve menos para condensar para poder concluir, porque não podia mais, pelo calendário. Além de não poder, a gente também, como aluno, não podia continuar, porque muitos já tinham feito o Enem e já tinham passado para outros cursos. E aí, como é que ficava? A gente ia perder um ano da vida da gente, por causa da greve? Então, foi um pouco estressante, durante esse tempo, mas, por conta disso, das circunstâncias que aconteceram, acabou gerando um certo transtorno para a gente como aluno, mas nada que abalasse o amor, o carinho, pelo menos assim eu sentia. Mas foi bem crítica essa parte; na época eram quatro anos de curso.

Quando comecei a fazer meu TCC, eu falei com Carol para ser minha orientadora, no final do 3º ano. Eu disse: “Carol, eu já tenho mais ou menos o tema, já sei mais ou menos o que eu quero fazer, e você aceita ser minha orientadora?” Ela: “Vamo simhora, Aninha!” E assim foi. Eu ainda consegui ser a primeira pessoa a apresentar o TCC, mas, pelo cronograma inicial, eu deveria ter apresentado em novembro, eu já poderia estar com tudo pronto. Mas aconteceram perdas na minha família, coisas assim complicadas, e não consegui me dedicar ao TCC como deveria, mas, mesmo assim, eu consegui concluir.

O sentimento de sair do IF era horrível, porque você já tinha criado um vínculo, um amor, um afeto tão

grande por todo mundo, e ainda vinha aquela responsabilidade: “Eita! Estou terminando o IF, e agora? Será que eu consigo passar pro curso que eu quero?” Porque eu queria Arquitetura. Arquitetura, principalmente se for na Federal, a nota é altíssima. No último ano do IF, eu estava estudando de domingo a domingo, porque era aula de segunda a sexta no IF, sábado e domingo era cursinho. Isso acabou mexendo com o psicológico, porque você ficava muito naquela: “Eu tenho que passar, eu tenho que passar, eu tenho que passar.” Porque queira ou não queira, principalmente na época, emprego aqui era muito difícil na área, praticamente não tinha. Você ficava muito naquela: “E agora? Eu tenho que passar, ir para a universidade.” Já tinha o curso técnico, mas, naquele momento, não lhe dava tanta segurança de um futuro, de emprego, de sair e ter um emprego. Mais por conta regional, da região, e da crise. Enfim, muita coisa aconteceu na época. Era muito sentimento de insegurança e de não querer sair. Porque lá você tinha amigos, você tinha colegas, você estava em casa; saía do IF, vinha para casa, a casa dos pais, comidinha feita, enfim, tudo. E sem contar os projetos, o que incentiva muito. Os professores diziam: “Ah! vocês vão sentir falta quando forem para a universidade.” E é a pura realidade. A pura realidade, porque até mesmo os projetos que a gente faz no IF, o professor é muito ali do seu lado. Puxa na orelha? Puxa na orelha, mas é muito ali, muito presente, muito companheiro. E na universidade, não é que não tenha, mas não é tanto.

Participei de Pibic, de Proex. Pibic com Raphael; era de filosofia política, que é uma coisa bem assim, eu

adorava. Raphael, meu coração. Na Feira de Ciências a gente apresentou o nosso projeto. Conseguimos ficar em primeiro lugar em uma das categorias. Fiquei muito feliz, porque você pensa: filosofia? O povo quer lá saber de filosofia? O povo quer saber de robozinho se mexendo, dessas coisinhas assim, né? Mas não, a gente conseguiu, porque realmente era um assunto muito bom: filosofia política. Também tinha projeto com Carlinhos, de Matemática, que inclusive é daqui de Picuí. Nesse projeto a gente dava aula no Lordão. Ali foi um momento em que eu voltei para o Lordão. Não era dar aula, mas era passar exercícios de Matemática voltados para a Olimpíada Brasileira de Matemática. Toda semana a gente ia lá; tinha uma galera lá de estudos que gostava do Lordão, e a gente ia para lá.

Eu tenho vários amigos que também saíram do IF; não do IF daqui de Picuí, mas de João Pessoa. Quando em João Pessoa, eu os encontro e a gente começa a falar do IF, a conversa vai longe. E eu sempre digo: eu não me arrependo, porque o que eu pude aproveitar do IF, eu aproveitei. Realmente, eu me dediquei, de tipo assim, de quase minha mãe mandar minha cama lá pro IF para eu dormir lá, porque...

Diploma, eu tanto tenho minha farda – eu acho que tenho ainda a farda –, a básica lá do IF, como tenho a que a gente fez no 4º ano. Inclusive, sempre quando eu faço uma faxina no meu guarda-roupa, eu digo: “Não, mainha, essa daqui eu nem dou, nem toco fogo, não faço nada. Essa daqui é minha memória do IF. Essa aqui eu não faço nada.” Tenho uma maquete que a gente fez com Carol. Pegar um sabão, cortar todinho e depois

montar bem abstratamente, assim bem abstrato, para depois fazer uma casa, a partir dessa forma maluca. Fica na estante aqui de casa. Uma cadeirinha foi Carol que me deu de presente. Eu não vou lembrar ao certo, eu tenho a impressão de que foi do meu TCC, mas eu não sei, e também é guardada em cima da estante. Um dia desse, no final do ano passado, eu mandei para ela, eu disse: “Carol, olha, eu ainda tenho.”

Teve dois seminários, um foi com Tuca e outro foi com Francinaldo. O Tuca fez um seminário, que era de Biologia. A sala foi dividida em dois grupos: um era para fazer a célula animal, e o outro era para fazer a célula vegetal. Um era para fazer uma pizza, que nessa pizza cada elemento fosse comestível e que representasse a célula; e na animal, da mesma forma, só que sendo um bolo. Era um bolo em um e uma pizza no outro. Esse seminário foi muito bacana, pela metodologia, a gente teve que ir um para a casa do outro para cozinhar, pensar em qual comida, qual elemento podia se parecer com tal coisa. Foi muito bacana esse seminário, muito bacana mesmo!

E teve outro seminário, também de Biologia, que foi com Francinaldo. O meu grupo ficou com répteis e anfíbios. E na hora Francinaldo sorteou apenas uma pessoa do grupo para apresentar o trabalho, só era uma pessoa para apresentar. Do nosso grupo foi Thales. Thales começou a apresentação do seminário logo assim: “Esses maravilhosos animais...”, sapo, cobra... “esses maravilhosos animais...” Assim, foi uma apresentação muito divertida, logo ele que é muito engraçado. E Francinaldo depois: “Olhe, o trabalho de vocês ficou

muito bom; foi o primeiro aluno que eu vi apresentando com tanta empolgação um trabalho.” Sempre, sempre, quando a gente se encontra, a gente relembra esse seminário, porque ficou na história, na história, foi muito bom, muito bom mesmo. As viagens também, as viagens para Natal, que foi também Francinaldo quem levou a gente. Por exemplo: no meu caso, eu nunca tinha ido ao cinema, a primeira vez que fui ao cinema foi nessa viagem. A gente fez as atividades curriculares que tinha e depois a gente foi ao shopping, e de lá, Francinaldo levou a gente ao cinema.

Eu acho que a gente aprende no IF a amadurecer, a ver a realidade, não só tipo, ah, Picuí, que infelizmente – graças a Deus, está mudando –, mas, infelizmente, muitas das vezes a realidade de Picuí é o quê? Ah, estuda até o ensino médio, depois se casa, tem filho..., arruma um emprego, quando arruma. E assim, o IF abre a sua mente de que não é só isso: você pode, você deve ir além. Também lhe prepara para a universidade. Eu sei que, na universidade, o ritmo é completamente diferente, é mais puxado, mas é uma boa preparação. Tanto que eu sempre comento: se a gente já passa o que passa na universidade, imagina quem não teve essa preparação de IF! Imagina quem nunca teve que virar uma noite estudando, para fazer uma prova...! Porque, Camila... Misericórdia! As provas de Camila!? Não é Camila, são as provas de Camila. Pelo amor de Deus!

É muito disso, é muito de abrir sua mente para um mundo novo, para um mundo de possibilidades, um mundo de..., principalmente, um mundo de sustentabilidade, que é uma tecla muito grande que a gente bate

no IF. Tanto que grande parte de certos pensamentos que eu tenho hoje em dia em relação ao meio ambiente, digamos, eu devo ao IF, não necessariamente em alguma disciplina, mas no dia a dia mesmo; a preocupação de, no corredor, ter os tambores de lixo divididos. Tipo, pequenas coisas que fazem com que você vá mudando seu pensamento. Às vezes, você tem um pensamento fechado, talvez por não conhecer outras coisas, então abre. E dar mais responsabilidade, dar mais maturidade para muitas coisas. Até porque a gente precisa organizar uma formatura, então, meu Deus! É uma dor de cabeça, que até hoje dói a minha. Mas, brincadeiras à parte, é muito preparar você. Você entra um moleque e sai, na maioria das vezes, sai uma pessoa muito mais madura.

Crescimento, amadurecimento, oportunidade, acho que é isso. Crescimento, você cresce muito, você amadurece muito; tira mais o medo da gente de sair fora de casa; não que eu tivesse, mas por outras pessoas que talvez você imaginasse: "Ah! Talvez essa pessoa seja difícil entrar numa universidade." E você vê que buscou, foi atrás. Mas, da minha parte, para mim mesma, é mudança de vida, porque traz crescimento, amadurecimento, e eu acho que é isso, se resume muito nisso. Crescimento, amadurecimento.

Quando a gente estava próximo de concluir... como eu participei da comissão de formatura, por isso que eu digo que até hoje minha cabeça dói, porque realmente é uma dor de cabeça muito grande; mas, falando da festa em si, graças a Deus, deu tudo certo, foi linda, maravilhosa. Quanto aos pensamentos de futuro, era muito difícil, porque, por exemplo, eu fiz o Enem e

minha nota tinha sido boa, mas não boa o suficiente para passar para Arquitetura na Federal. Eu não podia lembrar disso que eu começava a chorar, porque eu sou muito chorona; não sei como eu ainda não chorei aqui, graças a Deus. Eu chorava muito. Eu dizia: “Meu Deus, eu vou sair do IF e, agora que eu não consegui passar para Arquitetura, vou ficar de cara para cima aqui em casa...” Mas, depois, eu me inscrevi no ProUni e consegui bolsa cem por cento!

E foi assim, muito repentino. Porque uma hora, foi literalmente assim, uma hora eu estava chorando, porque eu estava saindo do IF e não tinha conseguido passar no curso, e na outra, literalmente na outra, eu tive que me mudar para João Pessoa, porque eu passei para Arquitetura, em João Pessoa, na Unipê. Como foi ProUni, foi na segunda chamada que eu passei, então, o tempo de matrícula, de tudo, é curtíssimo, e as aulas já tinham começado. Então, eu já peguei o barco andando. Foi bem assim: sair do IF... estou naquele momento de luto, de choro, e de uma hora para outra minha vida muda de cabeça para baixo. Mudar para uma cidade grande, uma universidade nova, uma faculdade enorme – a Unipê é muito grande –, era outro mundo, completamente outro mundo, outra coisa. Foi um tanto difícil, no início, não por ter saído de casa, mas porque fui para a casa da minha tia; você já não se sente confortável por estar na casa de um parente, porque sempre fica naquela coisinha: “Ah, será que estou dando trabalho?” Eu nunca tinha andado de coletivo, eu tive que andar de coletivo; então, assim, foi bem aventura.

O início do curso de Arquitetura foi tranquilo, porque eu tinha a base do IF e Arquitetura no início é muito desenho, muita norma técnica de desenho mesmo, é principalmente voltada para desenho, e era tudo coisa que eu já sabia. Então, para mim, o primeiro período foi muito bom, assim, muito facinho, mas só por causa do IF. E eu agradeço muito, porque eu já estava naquela coisa de mudança radical; se o curso para mim, de início, já tivesse sido muito pesado, eu acho que eu não teria conseguido. Graças a Deus, eu tinha a base do IF. Então, eu consegui me sobressair bem. Até porque a casa da minha tia é um pouco longe da Unipê, e mais para pegar ônibus. Então, eu passava muito tempo dentro do ônibus; chegava em casa, na casa da minha tia, morta. Essa parte foi bem difícil, nesses quesitos.

No caso, eu terminei o curso de Edificações no começo de 2015, não lembro o mês, mas foi no começo. Em março, se não me falha a memória, eu fui para João Pessoa. Assim, foi um curtíssimo período, curtíssimo período mesmo, e quando foi em novembro do mesmo ano, ou seja, em novembro de 2015, eu comecei a trabalhar, já por causa da indicação de Márcio. De lá para cá, é só trabalho, trabalho e estudo, trabalho e estudo. Pelo tempo, eu já deveria ter concluído Arquitetura. Só que trabalhar, estudar, morar só... porque, justamente depois que eu comecei a trabalhar, eu me mudei. Hoje em dia, eu moro no meu apartamento. Melhor coisa! Eu ter minha independência. Olhe, morar só... tem os seus pontos bons e tem os seus pontos ruins; eu, particularmente, acho melhor, eu acho que tem mais pontos positivos do que negativos. Então, assim, eu me mudei, fui

morar só, e trabalhando e estudando. Tive de mudar o turno do meu curso porque eu estava estudando à tarde, e tive que passar para a noite. E fiquei nisso: trabalho o dia todo, de noite vou para a universidade; chego em casa às 10 horas da noite; às vezes, viro a noite estudando; e no outro dia estar de manhã para trabalhar; e assim vai, e assim vai. Como eu falei, já era para eu ter concluído, mas por causa dessa rotina muito forte, eu não consegui. Teve um período que eu não consegui continuar em Arquitetura, aí eu tranquei. Fiquei só trabalhando, retornei, depois tranquei, retornei. Agora, eu voltei; agora, eu estou terminando, em nome de Jesus!

O meu trabalho – até já tinha comentado lá no iníciozinho –, ele é com projeto de subestação elétrica. É projeto, não importa o tamanho, não importa a complexidade, é projeto. Na universidade, como é Arquitetura, é projeto. E projeto é diferente de uma leitura que, se você ler rápido, rapidinho, você termina. Projeto, não. Projeto tem o tempo do computador. Muitas vezes o computador trava, não deixa você terminar de jeito nenhum; às vezes, dá um bug, desliga tudo, você perde uma parte que você estava fazendo. Meu Deus! Assim, é uma vida um pouco estressante, mas é gratificante, porque eu faço o que eu gosto. Quando eu comecei a trabalhar, eu só sabia o que era um poste, porque Edificações não é a área. Porque subestação elétrica é uma parte de Engenharia, Engenharia Elétrica pura. Eu fui me dedicando, fui aprendendo o que eram os equipamentos, ou como era que se comportavam e tudo mais. E hoje em dia, eu supervisiono. É algo que quando você se dedica..., justamente como eu me dediquei muito no IF, realmente fiz o meu melhor – me

dediquei tanto, tanto, que acho que é por isso que sinto falta, até hoje... com certeza, o professor não iria indicar qualquer um para um emprego sério, porque não é brincadeira. E graças a Deus, eu consegui pegar o ritmo. Também era algo novo para mim, ter um emprego realmente, carteira assinada; uma menina que veio do interior... realmente é sem explicação, é inexplicável.

Talvez eu monte algum escritório, alguma coisa assim do tipo, mas não necessariamente voltada para projeto em si, talvez outro ramo da Arquitetura. É interessante, porque tudo que eu conquistei até hoje, pessoalmente também, mas materialmente falando, quando eu paro para pensar... realmente, aquela decisão que eu tomei lá atrás valeu a pena! Às vezes, eu até me emociono, não vou chorar, mas às vezes eu até me emociono. Porque, realmente, eu olho assim: "Uma menina véia que não tem nem tamanho, e graças a Deus, aos poucos, está conquistando as coisas." Realmente, é muito gratificante.

Até hoje eu estou aí trabalhando, graças a Deus! Desde que comecei, não parei. Já viajei muito, muito assim: já fui para São Paulo, já fui para Campinas, já fui para o Espírito Santo, Rondônia, tudo graças ao meu trabalho, que teve o início lá no IF. Eu acho que, se eu realmente for seguir na área da Arquitetura, tenho quase certeza de que eu vou tentar ser professora do IF. O meu coração é do IF.

03 Antônio de Pádua Caetano de Lima Sobrinho⁹

Curso Técnico em Mineração, 2009-2012



Sou natural da cidade de Picuí. Sou filho de um garçom e de uma dona de casa. O meu pai é garçom, e desde os 17 anos ele trabalha em restaurante; minha mãe é dona de casa. Tenho três irmãos, são quatro filhos na minha casa. Meu pai nunca pôde estudar, até porque ele começou a trabalhar muito cedo, aos 17 anos. E sempre aquela coisa de cidade do interior: meu pai trabalhava e minha mãe cuidava dos filhos; foi bem isso a minha vida, meu pai garçom e minha mãe dona de casa, e também ele nunca pôde pagar uma escola particular para a gente.

No entanto, eu sempre gostei de estudar, sempre estudei em escola pública. Terminei meu

ensino médio na Escola Professor Lordão, em Picuí. Estudei toda minha trajetória no Lordão e sempre sonhei em estudar e ter um diploma, seja em nível técnico ou superior. Com a chegada do IFPB, eu vi a oportunidade; naquele momento o campus sendo instalado em Picuí, eu tendo a oportunidade de fazer o curso, mesmo que curso técnico, mas era na minha cidade. Na verdade, eu não tinha condições, meus pais não teriam condições de pagar para que eu pudesse estudar em Campina, que era a única universidade próxima que tinha. Lógico que tinha toda a questão de transporte e era uma universidade pública; mas, se eu conseguisse ingressar, eu não teria condições de me manter na universidade.

O IFPB, sem dúvida, foi uma grande oportunidade. Então, eu entrei no curso técnico em Mineração, no IFPB Campus Picuí, e sempre fui dedicado a essa área de pesquisa, de extensão. Só que quando eu ingressei no IFPB, o que me orgulha muito, pouco se tinha de informação sobre a atividade mineral do município. Então, até mesmo quando a gente ia fazer um trabalho, quando a gente ia fazer uma pesquisa, a gente não encontrava nenhum subsídio relacionado à atividade mineral. Através de professores que nos incentivaram muito – e eu destaco aqui o professor Francisco Souza, que é geólogo; hoje ele leciona no IFPB em Campina Grande, mas ele sempre nos motivou a pesquisar. Então, quando entrei no IFPB, a gente começou a realizar visitas a garimpos, visitas a minas, e, como fruto dessas visitas, a gente começou a publicar artigos científicos e foi aí que foi abrindo a nossa mente, vendo a importância da implantação daquele poço, porque a gente começou a

entender todo aquele arranjo produtivo local que era relacionado à atividade mineral.

Passei a conhecer mais sobre atividade mineral e decidi criar um blog, chamado Setor Mineral em Foco. Sempre que eu realizava uma visita a uma mina, a um garimpo, eu ia lá e publicava um pequeno resumo do que foi aquela minha visita. Daí, as universidades passaram a me convidar para proferir palestras, para proferir oficinas. É tanto que teve uma época que eu, técnico em Mineração do IFPB Campus Picuí, estava ministrando palestras e participando de mesa redonda na Universidade Federal de Campina Grande, para estudantes e professores do curso de Engenharia de Minas. Isso foi abrindo portas; as universidades, instituições, começaram a me convidar para palestras, oficinas e minicursos. Também comecei a publicar artigos em eventos, tanto que a gente teve muitos trabalhos aprovados em eventos nacionais e internacionais. A gente teve um trabalho apresentado em Goiânia. De maior relevância foi um projeto apresentado em Cancún, no México. Então, imaginem, um aluno de um curso técnico, do interior da Paraíba, apresentando trabalho em Cancún, no México. Infelizmente não pude ir, mas o professor Francisco Souza apresentou esse trabalho, fruto das nossas pesquisas.

Hoje, o que me orgulha muito é que, às vezes, eu estou aqui na internet pesquisando algum trabalho e vejo lá que muitos estudantes, que talvez nem conheçam a cidade de Picuí, citam o nosso trabalho como referência. Hoje, também, muitas universidades entram em contato perguntando sobre a atividade mineradora, ou seja, a gente se tornou referência na atividade mineral. Então, de

2009, quando ingressei no curso de Mineração, se a gente for pegar de 2009 para cá, se entrar na internet, você vai ver muitas pesquisas que fomos nós que fizemos.

Pois bem, eu estava no blog sempre divulgando, atualizando, e consegui também um estágio, através dessas pesquisas. Eu estava em um evento na Universidade Federal de Campina Grande e estava lá o diretor da Companhia de Desenvolvimento dos Recursos Minerais do Estado da Paraíba, a CDRM, hoje Diretoria de Recursos Hidrogeológicos do Estado¹⁰. Ele estava lá assistindo a minha palestra e falou: “Olha, estamos precisando de alguém com seu perfil; o governo do estado vai expandir algumas cooperativas de mineradores, inclusive na sua região, Picuí, Nova Palmeira, Pedra Lavrada, ou seja, na região do Curimataú e Seridó, e você tem o perfil, e vejo que você tem um pouco de conhecimento.” Pois bem, eu estagiei na Companhia de Desenvolvimento de Recursos Minerais do Estado, onde eu fiz todo o levantamento das áreas que poderiam ser mineradas na região; trabalhei também na elaboração de projetos para o fortalecimento da atividade mineral, na região do Seridó. Então, passei a trabalhar para o governo do estado fazendo relatório técnico, apresentando o potencial que nós tínhamos.

Certa vez, eu estava em casa, o telefone toca. Era a diretora de uma escola técnica do estado da Paraíba – o estado expande também a educação profissional hoje. Ela liga:

- Olha, eu estou falando com o Antônio de Pádua?
- Sim, é ele mesmo.

– Eu estou com o blog do senhor aqui aberto e estamos precisando de um professor; a escola foi contemplada com o curso técnico em Mineração, e eu, pesquisando na internet aqui, vi o seu blog; você tem o perfil. Queria saber se você queria ter essa oportunidade de vir aqui conversar com a gente, quem sabe dar aula na escola técnica, aqui em Santa Luzia.

Eu fui para a entrevista e a princípio falei para ela que estava estagiando e não podia aceitar agora, porque estava na minha fase de estágio. Ela disse que quando eu apresentasse meu trabalho de conclusão de curso, a vaga era minha. Apresentei o meu trabalho de conclusão de curso e fui lecionar em Santa Luzia, lá no sertão do estado, onde lecionei por cinco anos. Lá eu comecei a fazer aquilo que o IFPB tinha me ensinado, que era trabalhar com pesquisa, com extensão; e comecei a fazer isso com os estudantes, a realizar visitas, publicar trabalhos em eventos e congressos. Lá, eu equipei dois laboratórios: um Laboratório de Geologia e um Laboratório de Confecção de Maquete; ou seja, toda aquela experiência técnica profissional que eu tinha adquirido no IF repliquei na escola estadual, e lá eu conquistei vários prêmios. Fui contemplado cinco vezes, em cinco anos que estive na escola, com o prêmio Mestre da Educação. O Mestre da Educação é um programa criado pelo governo do estado que contempla professores de toda a Rede Estadual; eles fazem uma seleção daqueles projetos desenvolvidos nas escolas estaduais que apresentaram ações exitosas, projetos que melhoraram o rendimento dos estudantes. Fui contemplado cinco vezes com esse prêmio do governo como Mestre da Educação.

Também dei aula no Senai, por muito tempo. Dei aula dois anos no Senai, no curso técnico em Mineração.

Tive a oportunidade, lá na escola, de ser o único da Paraíba, da Rede Estadual da Paraíba, a participar do 1º Fórum Mundial de Educação Profissional, que aconteceu em Recife. A gente tinha mais de 150 instituições, universidades, instituições renomadas. Estava lá representando não só a minha escola, a Escola Estadual Padre Jerônimo Lauwen, mas também toda a Rede Estadual da Paraíba. E nesse evento do Fórum Mundial de Educação Profissional, o Secretário de Estado na época, o professor Aléssio Trindade, me conheceu e falou: “Estou vendo aqui o seu projeto e tenho acompanhado o seu trabalho lá na escola, o estado hoje vai trabalhar com expansão de educação profissional na Rede e eu queria saber se você tinha interesse de nos ajudar nesse projeto.”

Ou seja, eu saí do IF, fui lecionar em uma escola técnica e fui convidado para expandir a educação profissional na Rede Estadual da Paraíba. Então, ele me deixou à frente; na época, nós tínhamos 7 escolas, quando eu fiquei à frente; então, de 7 escolas, a gente foi para 70, e hoje a gente tem 100 escolas técnicas na Rede Estadual. Qual minha função nesse projeto do governo do estado da Paraíba de expandir a educação profissional? Eu fiquei responsável por fazer o estudo do arranjo produtivo local, ou seja, estudar todo o arranjo produtivo de todo o estado e saber qual curso seria o ideal para ser implantado naquela região. Então, eu fiz todo esse levantamento, rodei todo o estado da Paraíba, fazendo audiência pública e fazendo aquilo que a gente muitas vezes necessita no curso técnico, que era fazer a ponte

entre a escola e o setor produtivo. Eu ia lá na empresa e fazia a ponte entre a escola estadual que estava com o curso técnico e as empresas, conseguindo estágio para alunos, realizando parcerias. E foi aí que eu também tive a oportunidade e o privilégio de ser coordenador e um dos que criou todo o formato, que idealizou o programa estadual Primeira Chance, que é um programa também do governo do estado.

Ou seja, foi tudo muito rápido; às vezes eu nem acredito como esse crescimento profissional foi acontecendo de forma gradativa ao longo dos anos e eu fui lá me empolgando, pesquisando e fui tendo essa ascensão muito rápida. Coordenei um programa em todo o estado da Paraíba, o programa estadual Primeira Chance, que visa justamente oferecer estágio para os alunos na carreira, ou seja, eu já estava à frente de toda a educação profissional da Rede Estadual da Paraíba, então eu fui coordenador desse programa.

Hoje, eu também estou participando de vários projetos, inclusive um projeto da Fundação Getúlio Vargas. A convite da equipe, eu estou trabalhando com expansão da educação profissional nos estados do Rio Grande do Norte e do Piauí. Ou seja, hoje eu estou compartilhando toda essa minha experiência acadêmica – desde lá do IF, passagem como professor na Escola Estadual Padre Jerônimo, até toda essa experiência na Rede Estadual da Paraíba –, compartilhando com os estados do Rio Grande do Norte e Piauí. Recentemente, inclusive, eu ministrei duas oficinas para equipes de professores e de gestão, tanto do Piauí como do Rio Grande do Norte.

Então é isso, vi minha vida mudar, como costumo dizer, com a implementação do IFPB Campus Picuí. Hoje, até alguns momentos, algumas passagens, quando você pergunta sobre a minha vida, se teve um momento muito importante, foi quando eu vi que realmente você ter educação profissional é importante. Na época, meu pai era o único que trabalhava na minha casa; ele passou por problema de saúde e não podia trabalhar. Naquele período, eu já estava dando aula, já estava participando de projetos e eu consegui manter a casa naquele período. Para mim, foi muito gratificante, até emociona algumas vezes, porque eu vi a importância de você ser o único da família que tem um diploma, apesar de técnico, mas um diploma, e naquele momento, poder ajudar minha família, porque imagine se eu não tivesse feito essa formação, não tivesse tido um trabalho, eu não teria condições de naquele momento poder ajudar a minha família.

Então, hoje eu trabalho na Secretaria de Estado da Educação. Atualmente estou aqui na 4ª Gerência Regional de Educação trabalhando como assessor técnico pedagógico, ou seja, trabalho aqui na parte pedagógica, auxiliando a equipe de professores no desenvolvimento de novas metodologias e inovações tecnológicas, e outras atividades que eu também realizo. Eu costumo dizer que o IFPB prepara a gente não só para a educação profissional, mas também para a vida. Hoje, eu tenho outras atividades também dentro da minha área. Às vezes, eu realizo trabalhos relacionados à atividade mineralógica; às vezes aparecem alguns trabalhos técnicos que eu acabo realizando.

Esse é um pouco do resumo dessa minha trajetória que foi, como eu digo, a ascensão foi muito rápida. Às vezes, eu paro para pensar, penso como tudo aconteceu rápido, nem tinha concluído o curso ainda, mas já estava estagiando, já recebi uma proposta de trabalho, já era referência em educação profissional, pois instituições, universidades estavam me ligando e convidando para percorrer não só o estado da Paraíba, mas também os estados vizinhos, para falar de educação profissional e de mineração. E hoje, como eu disse, se a gente botar no Google “mineração em Picuí” vai ter lá nossas referências.

Meu pai sempre dizia: “Eu comecei a trabalhar com 17 anos, e trabalho até hoje como garçom, e não é uma vida fácil. Eu espero que vocês estudem.” Eles sempre nos incentivaram a estudar. Meus irmãos seguiram outros caminhos, por opção deles, mas ele sempre focava a educação. É tanto que, eu lembro muito bem na época, outra passagem da minha vida, porque é o seguinte: meu pai fez um acordo, trabalhava há mais de 30 anos na empresa, e na época eu morava muito distante do IFPB; na época o IF já estava no bairro Cenecista em Picuí; eu não tinha como ir muitas vezes, era distante de onde eu morava. E um momento importante foi quando meu pai chegou para o dono da empresa e fez um acordo, ou seja, perdeu algum direito, abriu mão de algumas coisas, mas ele fez acordo com a empresa para comprar uma moto para que eu pudesse me deslocar de casa até o IFPB. Assim, vocês veem como ele apoiava; ele chegou e falou: tinha que ir para estudar.

Eu sempre trabalhava também, não tinha condições muito elevadas. Inclusive, eu tenho até hoje esse

computador, não negocio esse computador por nada. Porque na época, quando eu comecei a estudar, eu não tinha computador; na época quem tinha computador, há dez anos, as coisas eram caras, não tinha esse acesso que a gente tem hoje ao celular, a um tablet. Então, há dez anos, o computador – não falo nem em notebook, quem tinha notebook naquela época era considerado o bam-bam-bam. Eu trabalhava no supermercado durante o dia; o meu curso de Mineração era à noite. Com o trabalho no supermercado pude comprar o meu primeiro computador. Para mim também foi muito importante, porque meu pai não podia me dar o computador. Eu fui trabalhar no supermercado, comprei um computador a prazo, pagando as prestações. Eu tenho até hoje e não vendo por nada, tem um valor simbólico para mim. Foi o meu primeiro computador, era com ele que eu fazia os meus trabalhos.

Durante o dia, eu trabalhava no supermercado, de entregador de feiras, trabalhava deixando o gás de cozinha. Sempre trabalhei para também investir nos estudos, na compra de uma apostila, muitas vezes ir a uma visita, ter o dinheiro do lanche, até a própria gasolina para eu conseguir me deslocar até o IF. Então, assim... é uma passagem que me faz ver que é importante, quando você quer, você consegue driblar os desafios. Eu acho que muitas vezes na vida a gente tem oportunidades; eu acho que tudo na vida é oportunidade. Eu tive a oportunidade de estudar, não foi fácil, muitas vezes pensei em desistir, não tinha condições de comprar uma apostila, muitas vezes não tinha o dinheiro da gasolina, muitas vezes não tinha como me manter ali, mas sem-

pre achei uma saída. Trabalhava no supermercado até 18h ou 17h30, tomava banho. Na época, a aula começava de 18h40, para no outro dia estar de 7h no mercadinho de novo. Era mais ou menos isso, mas meus pais sempre me incentivaram.

Sempre gostei de estudar, é tanto que, na época, os meus amigos brincavam comigo – naquela época não tinha *bullying*, essas coisas –, eu preferia fazer a prova teórica de educação física. Quem não queria fazer a prática fazia a prova teórica. Eu sempre gostei de estudar e meu sonho era fazer Direito, na época. É tanto que tem uma amiga minha que é advogada; eu estava lá no ensino médio, mas ela me dava livro de Direito, revista, matérias sobre Direito, e eu sempre ficava lendo.

Na escola, eu não era o melhor da turma, mas sempre era o mais dedicado, sempre estava ali estudando, sempre me dedicando. Sempre fui um protagonista, sempre gostei de participar de projetos, sempre estava ali perto dos professores tirando dúvida, sempre fui bem proativo e relacionado à educação. Sempre fui focado. Eu costumo dizer que eu tinha um projeto de vida, é tanto que todos da minha família diziam: esse menino, quando ele crescer – no interior eles usam essa linguagem –, ele vai ser alguém, porque ele só pensa em estudar. Muitas vezes, quando meus colegas estavam ali jogando futebol na porta de casa ou estavam brincando de alguma coisa, eu estava lendo um jornal, lendo uma revista; sempre estudando, sempre lendo. Sempre gostei de estudar.

Hoje, as pessoas dizem: “Eu não sei, você é 220 direto”, porque eu não paro. Trabalho com Mineração;

nas horas vagas criei um programa de rádio, sou radialista nas horas vagas; trabalho com reportagem, edição de vídeos, dou assessoria técnica numa cidade vizinha, dou assessoria técnica na parte de elaboração de projetos. Eu sempre fui protagonista nessa área de estudo, sempre gostei de estudar, uso sempre uma frase: só a educação transforma. A gente é de Picuí, da terra de Felipe Tiago Gomes, o Comendador da Educação, o homem que foi responsável pela criação de muitas escolas. A gente vê a educação como o caminho.

Hoje, eu passo isso para minhas filhas – eu sou pai também. Sempre incentivo. Minha filha tem 4 anos e a outra tem 3 anos. Eu não sei se é genético isso, mas são muito parecidas comigo; elas gostam de estar ali desenhando, pintando, são muito curiosas. Eu sou muito curioso também, sempre gosto de estar perguntando, questionando, e vejo que elas também vão trilhar os caminhos que eu trilhei, e eu acredito que a educação é importante. Às vezes, eu vejo muitas pessoas reclamarem: “Ah, por que eu não tenho condições de estudar?” Às vezes: “Ah, eu não tenho interesse.” Principalmente nesse período que a gente está vivendo, de pandemia, mas a gente se reinventa. Eu acho que é nos momentos de crise que a gente se reinventa. Como eu mencionei anteriormente, muitas vezes eu pensei em desistir, muitas vezes eu chegava ao supermercado cansado. Não é fácil você trabalhar o dia inteiro e estar disposto para à noite ir estudar.

Todos os professores do Instituto sabem disso, que eu sempre fui aquele protagonista, sempre estava ali perto. É tanto que eu fiz o curso de Agroecologia,

também na época, aí no Instituto; não cheguei a concluir porque comecei a trabalhar em Santa Luzia e tive que morar lá, e não deu para fazer o curso de Agroecologia. Gosto tanto de estudar que fiz o Enem e ainda pretendo entrar na universidade para fazer um curso de nível superior também, e seguir a carreira, fazer um mestrado, doutorado. Meu sonho ainda é, apesar de ter 30 anos, ser um professor e voltar para o IFPB como professor. Já voltei para o IFPB como professor de uma escola estadual, mas eu quero voltar ao IFPB como servidor público dessa instituição.

Alguns professores marcaram minha trajetória acadêmica. A professora Virgens, ela é de Picuí e eu lembro que, na época, eu era muito interessado, sempre me sentava na frente e ela sempre me incentivou. No ensino médio, eu tive como professor, que hoje é meu colega de trabalho aqui na Secretaria de Educação da Paraíba, o professor Robson Rubenilson, que, no ensino médio, sempre nos motivou, me incentivou; no fundamental, eu lembro da professora Virgens, lembro também da professora Anita, da professora Avani, lá da primeira, dos anos iniciais. Nos anos iniciais, a professora Anita e a professora Avani, que até hoje ao me verem ficam felizes, porque elas me incentivavam muito; nos anos finais do ensino fundamental, a professora Virgens; no ensino médio, o professor Robson.

No IFPB, tive professores como o professor Francisco de Assis Souza e o saudoso Bruno Fernandes, que também me ajudou muito. Lembro-me que, quando fui convidado para dar aula em Santa Luzia, eu não queria aceitar, eu não me sentia preparado – por ter um curso

técnico, na época – para compartilhar um pouco dessa experiência. Eu lembro que o professor Bruno Fernandes, junto com o professor Francisco de Souza, eles me incentivaram muito: “Pádua, vai lá, você consegue, a gente lhe ajuda.” Lembro-me que, muitas vezes, o professor Bruno me deu aula pronta, ele me ensinou como preparar uma aula. Infelizmente, ele faleceu. Hoje, eu tenho até um livro. Bruno, na véspera de falecer, esteve na minha casa e deixou um livro comigo, sobre tratamento de minérios: “Pádua, tá aqui, comprei esse livro recentemente.” Sempre me incentivava: “Oh, estou com um livro novo e tem umas metodologias interessantes.” Teve também o professor Fred, que me incentivou muito. Então, tive aqueles professores que sempre me incentivaram, muitos professores. Um advogado, bem próximo da minha família, me dizia: “Você consegue. Eu sou filho de agricultor e consegui entrar numa universidade, e hoje eu sou advogado.” De certa forma, aquilo me inspirava a não desistir.

Uma equipe passou nas escolas estaduais divulgando que nós iríamos ter um Instituto Federal na cidade. Eles foram à Escola Professor Lordão e pediram para que cada sala, cada turma – do 1º ano, 2º, 3º – indicasse um membro para representar a escola na discussão da implementação dos cursos, e eu fui representando a minha turma. Teve uma audiência pública na Câmara Municipal de Picuí, eu lembro como se fosse hoje; lá foram dadas as opções de cursos. E como a nossa região é muito rica em minérios, é uma região muito forte nesse setor de mineração – não só Picuí, mas também Nova Palmeira, Pedra Lavrada, Frei Martinho, ao nosso entor-

no – e tem toda uma história da mineração, então Mineração foi o primeiro curso. Tinha Mineração, Informática e Agroecologia, que era o único curso superior. Agroecologia, pela questão da agricultura, por ter uma fazenda-escola no município de Picuí. A gente participou da discussão. Então, eu já passei como um protagonista da implantação do curso.

No início, muitas pessoas não acreditavam na implantação do campus, que na época que eu iniciei era no bairro JK, em um prédio cedido pela prefeitura. Então, não tinha muita estrutura naquela época, mas nada disso fez a gente desistir. Quando eu vejo as pessoas falarem da estrutura, dos equipamentos, eu sou da época do IF que a gente não tinha nem um teodolito para fazer uma aula prática de topografia. Tanto que, quando eu falo de teodolito, eu lembro agora de um projeto que a gente fez, que era a confecção de um teodolito para a professora Talita. Inclusive, foi um dos primeiros projetos do IFPB apresentados em Fortaleza; a gente não tinha um teodolito e a gente confeccionou o equipamento. Então ela deu a ideia de fazer um protótipo de um teodolito e a gente fez, entendeu todos aqueles procedimentos.

Eu trabalhava o dia inteiro no supermercado e ia estudar à noite. Então, eu cursava o curso técnico em Mineração à noite. A minha turma era aquela de pessoas mais maduras; eram pessoas que trabalhavam durante o dia e que estavam ali para fazer esse curso profissional à noite. No IFPB, eu comecei a trabalhar pesquisa e extensão. É tanto que, quando eu fui lecionar, e hoje eu digo isso sempre quando eu dou alguma palestra ou minicur-

so, da importância da pesquisa e da extensão. Pesquisa e extensão é que fazem com que a gente descubra as nossas habilidades e competências. Quando os professores começaram a desenvolver essas pesquisas – foi quando o IF foi recebendo transporte, foram chegando novos professores, e começou a fazer essas visitas –, então despertou muito. Tanto é que, como eu mencionei, eu comecei a fazer pequenos textos dessas visitas e criei logo o blog.

Então, como era o meu dia a dia? Muitas vezes, eu lembro, eu cheguei a ir ao garimpo de madrugada, porque eu tinha que estar no supermercado de 7 horas. Geralmente, na região, os garimpeiros começam a trabalhar cedo, então comecei a dizer: “Olhe, quem é garimpeiro em Picuí?” Aí fui pegando: sr. João, sr. Antônio. “Oh, senhor Antônio, o senhor vai pro garimpo a que horas amanhã?” “Vou de 5 horas da manhã.” Então, 5 horas da manhã eu estava numa mina. Então, me aproximei muito de pessoas que trabalhavam com atividade mineral. Eles me deram um suporte muito grande. Sou muito grato a todos os garimpeiros e mineradores do município. Alguns já faleceram, outros estão vivos, mas eu, sempre que posso, no final de semana, faço uma visita, ou quando os vejo na rua, eu cumprimento, porque, na época, eles diziam: “Pode passar aqui em casa que você vai comigo”; eu me deslocava de 5 horas da manhã, no escuro, para eles me ensinarem, me explicarem. Quando eles me ensinavam alguma coisa, eu ficava no supermercado ansioso para a noite chegar para compartilhar com os colegas. Eu sempre fui muito de grupo, sempre fui muito de compartilhar, de trabalhar em equipe. “Olha, hoje eu fui lá no garimpo.” Tirava uma

foto, fazia um vídeo, e até mesmo professores que não conheciam a região diziam: “Olhe, eu quero ir lá também, achei interessante.”

Esse projeto, que foi apresentado no México, foi um trabalho sobre um processo milenar que é realizado na região, muito antigo, que é de vira-caixa; fui de 5 horas da manhã ver como é que eles beneficiavam o minério manualmente. E fiz um vídeo, tirei algumas fotos e quando eu cheguei à sala, que mostrei para o professor: “Não, vamos marcar, vamos levar a turma lá.” Então, eu também passei a levar essas informações para a sala de aula, o que acabou motivando outros colegas também, que muitas vezes estavam desmotivados, mas diziam: “Olhe, meu pai trabalhou.” Aí já entendiam o conhecimento de mina, e esse compartilhamento ajudava na aula também.

Muitas vezes, até o pessoal da minha família brincava comigo: “Menino, você só anda juntando pedra.” E quando eu ia num garimpo, me davam uma rocha de minério, eu já levava para o IF; tanto que ajudei na montagem do Laboratório de Mineralogia que nós temos. Mas sempre o que você me achasse no bolso podia não ter nenhum centavo, mas uma pedra tinha, que era o minério que eu ia juntando.

O professor Francisco de Assis Souza foi minha referência, tanto é que nós somos amigos hoje. Quando eu fui pai pela primeira vez, o convidei para ser padrinho da minha filha; então, nós hoje somos compadres; sempre mantemos contato e temos um vínculo de amizade muito forte. O professor Francisco de Assis Souza foi um daqueles que marcou muito, foi um daqueles que me incentivaram, e muitas vezes contribuiu

até financeiramente para uma visita técnica, pagar um almoço, ajudar no combustível.

Quando fui apresentar o meu trabalho de conclusão de curso, e naquele momento era um dia de evento na cidade, o prefeito era engenheiro de minas e a gente o convidou para participar da minha banca de TCC. Minha família estava presente, e foi um momento importante para mim, porque quando a gente termina o curso, todo mundo que termina o curso já pensa onde vai trabalhar, e quando eu terminei de apresentar o trabalho de conclusão de curso, eu já estava com emprego garantido. Quando eu saí do IFPB, eu já tinha o meu trabalho garantido e é nesse trabalho que eu estou até hoje. Estou trabalhando no governo do estado há nove anos, desde que eu concluí o curso, naquela época. Tenho um colega, o Paulo Sales, que inclusive está no meu lugar dando aula lá em Santa Luzia, muitas vezes, ele me disse: “Muitas vezes a sua história, vendo você ali participando de evento, vendo que você conseguiu, eu vi que eu também conseguia.” E a gente tem um vínculo de amizade muito forte; quando fui me desligar da escola para assumir uma função melhor na Secretaria de Estado, sair de professor para trabalhar na parte de educação profissional, ele é quem me substitui até hoje, e me substitui muito bem. Inclusive, muitas coisas que eu fazia é o que ele faz hoje, e ele mesmo me diz, hoje, que eu fui inspiração para ele, naquele momento – ele entrou uma turma depois.

Nessa minha trajetória, também, um momento que marcou foi ano passado, antes da pandemia, quando eu passei uma semana em São Paulo, discutin-

do com todos os estados, muita gente ali com mestrado, doutorado. Inclusive, um momento que me marca bastante, porque o professor Fernando Haddad estava lá na banca de um trabalho que a gente apresentou. Ou seja, o estado selecionou quatro profissionais da Rede para representar a Paraíba nesse evento; então, cada estado tinha quatro representantes, e, no final, a gente elaborava um projeto. E, no final, quando eu olhei na minha banca, ali, Fernando Haddad – um professor que a gente tem como referência nacional –, na minha banca, escutando a minha apresentação; aquilo foi passando um filme, de muitas vezes ouvir gente dizer: “Você não consegue, não; vai ser garçom como seu pai; não vai conseguir, quem já viu pobre conseguir alguma coisa? Filho de pobre nasceu para trabalhar” e tal. E mesmo assim, eu não desisti. Então, foi um filme passando na minha mente: lembrei das visitas aos garimpos de madrugada, das entregas de feiras, dos trabalhos, do primeiro computador, da primeira moto que meu pai teve que comprar... foi passando um filme. E hoje, não. Hoje eu tenho meu carro, tenho os meus transportes, eu tenho minha independência financeira; o que para mim é muito importante.

Eu acho que tudo aconteceu muito rápido. É tanto que, às vezes, quando eu começo a contar um pouco da história, eu digo que desde o dia que eu coloquei o pé no IFPB, eu não parei mais. É algo que eu posso te dizer sem sombra de dúvidas: desde que eu entrei, em 2009, no IFPB, nunca me faltou oportunidade. Estou até hoje no mercado de trabalho, modéstia à parte, como referência de educação profissional. Em todos os eventos de

Mineração que tem no estado, sou convidado para dar uma palestra, para dar uma oficina e compartilhar essa experiência e trajetória de vida profissional.

Um momento marcante foi quando eu recebi um convite da Universidade Federal de Campina Grande para proferir uma palestra. Meu sonho sempre foi fazer Engenharia de Minas; não fiz porque na época não tinha condições financeiras para fazer Engenharia, porque era diurno, até hoje é, e não teria condição. Então, quando o coordenador do curso de Engenharia de Minas me ligou e disse: “Olhe, eu estou falando com Antônio de Pádua? A gente vai realizar aqui o primeiro workshop de Engenharia de Minas, e queria lhe convidar para dar uma palestra sobre a mineração na região do Curimataú-Seridó paraibano.” Então, me marcou muito. Por quê? Porque o meu sonho era estar ali como estudante de Engenharia. Sempre sonhei em fazer o curso de Engenharia. Mas quando eu entrei ali, naquele auditório da UFCG, eu vi aqueles estudantes de Engenharia, aqueles professores – muitos mestres e doutores –, e eu dei a minha palestra; e aquelas pessoas começaram a me perguntar, e eu respondendo ali. Em seguida, após a minha palestra, participar de uma mesa redonda com pesquisadores da USP e com representantes do governo do estado. Aquilo ali marcou muito, porque eu queria ser engenheiro de minas, eu queria estar ali estudando; olhei e pensei: eu poderia estar ali na plateia como estudante de Engenharia de Minas; mas, ao mesmo tempo, eu olhei e disse: mas eu estou aqui como técnico do IFPB, e contribuindo para eles, para a formação deles. E muitos engenheiros, hoje, me ligam; criei ali um vínculo de amizade também. E te-

nho esse sonho, quem sabe, de fazer Engenharia de Minas. Mas foi um momento assim do IF que me marcou muito e realmente foi quando eu vi que tudo aquilo que eu estava fazendo, que para muitos era só para aparecer, “quer ser demais”, alguém estava vendo em algum lugar.

O IF, eu acho que representou uma mudança de vida. Imagine só se não tivesse o IFPB, onde estaria o Pádua hoje? Não sei. Condições financeiras, na época, eu não tinha. Não tinha como ingressar na universidade, como talvez muitos colegas que, hoje, têm uma formação no IFPB. Então, eu posso dizer que o IFPB foi aquela luz no fim do túnel, porque não tinha universidade próxima. Na região, só tinha Campina Grande, que era a mais próxima. Eu precisava trabalhar também; meu pai não tinha condições de me dar tudo que eu queria. O ônibus saía às 3 horas da tarde para Campina Grande. Então, eu tinha duas opções, ou estudar ou trabalhar. E o IFPB foi importante não só para mim, como também para muitos picuienses, que eu conheço hoje, que também são casos de sucesso, e sem o IFPB, talvez, muitos jovens de Picuí não estivessem como estão hoje.

Talvez, muitos jovens como eu, Paulo Sales e outros e outros que hoje têm a sua independência financeira, onde estariam esses jovens se não fosse o IFPB? Essa é a pergunta que fica. Porque todos temos histórias parecidas. Não é que optou pelo IF porque não tinha condições de ir para Campina Grande. Não, nada disso. Talvez o IF, ele próximo ali, não só para o município de Picuí, como também para a região, ele foi uma luz no fim do túnel. Não é que tirou o sonho daquele jovem de ir até Campina, mas abriu portas, fez com que, para aque-

le momento, fosse importante. Tanto que muitos jovens que fazem o curso técnico ingressam no curso superior. Mas, para mim, foi uma luz no fim do túnel. Eu acho que, se não fosse o IFPB, talvez hoje eu estivesse sendo garçom, como meu pai é. Ou a vida inteira trabalhando no supermercado, ou trabalhando de forma anônima. O IFPB foi marcante para mim, porque, na época, foi aquela luz no fim do túnel que me ajudou a estar onde eu estou. Eu devo muito ao IFPB; devo muito aos professores que eu mencionei nessa entrevista e a todos aqueles que contribuíram de forma direta ou indireta. Mas o IFPB para mim é tudo. Sem o IFPB, eu não saberia lhe responder onde é que eu estaria hoje.

As participações em projetos, eventos, foram muito marcantes. E uma que talvez marque foi quando teve uma Feira de Ciências no IF. Eu já era aluno egresso. Submeti alguns trabalhos da escola onde eu lecionava, e eu voltei para o IFPB, e estava ali com meus alunos, como orientador, apresentando alguns trabalhos. Para mim, foi muito importante, porque eu pude, ali, mostrar para meus ex-professores, até para a comunidade picuiense. Quando encostou aquele ônibus de Santa Luzia e todo mundo olhava, perguntavam: “Esses alunos são de onde, vieram com quem?” “Vieram com o Sobrinho, com o Pádua. Então, veja aí, ele saiu daqui e hoje volta como professor.” E dentro do IFPB mesmo, eu acho que o momento que me marcou foram essas questões de projetos. Eu ver que a gente poderia fazer com tão pouco, naquela época a gente fazer projetos e essas coisas. E o momento mais marcante foi a minha volta, que foi a primeira vez que eu pisei no IFPB não mais como

estudante, mas como professor da Rede Estadual; estando ali apresentando projetos, não mais como estudante, mas como orientador.

Eu apresentei o meu trabalho de conclusão de curso numa sexta-feira, no IFPB. Na segunda-feira, já estava pegando o certificado para apresentar no [governo do] estado para ser contratado. Então, como mencionei, quando terminei a apresentação do TCC, na sexta, na segunda já estava trabalhando, já estava lecionando, já estava trabalhando com pesquisa, com extensão. Lá, onde eu trabalhei, conquistei vários prêmios, e de lá para cá, eu não parei. De lá para cá, eu acho que eu não tenho lembrança de ter parado; sempre estou fazendo alguns trabalhos, sempre colocando em prática o conhecimento adquirido no IFPB. Recentemente, eu assumi uma função de articulador e elaborador de projetos de um município vizinho, justamente por essa experiência que eu tive. Então, minha vida mudou muito. Depois que eu saí do IFPB, não consegui parar, porque na sexta eu apresentei o TCC e na segunda já estava dando aula. Aí fui pegando o ritmo. Quando pensei que estava na escola, eu já estava na Secretaria de Estado, assumindo funções importantes na Secretaria; já estava sendo referência na educação profissional.

Lembro-me de quando eu fui, juntamente com o governador, para o lançamento do programa Primeira Chance. Passa um filme, porque, muitas vezes, é tanto pensamento negativo que chega até você para você desistir. E quando você olha para trás, olha o caminho que você percorreu, olha para o retrovisor e você está ali sentado ao lado do governador do estado, lançando um

programa de educação profissional. E quando você imagina e olha para um lado, para o outro, só doutor, mestre, e você ali, técnico do Instituto Federal, do interior da Paraíba, isso é motivo de muito orgulho.

Eu acho que marcou muito quando eu assumi o programa estadual Primeira Chance, que é um programa que contempla todos os alunos que fazem curso técnico na Rede Estadual. Porque eu estava ali à frente de um programa que, assim como na minha época, foi a importância de estagiar, fazer visita técnica. E eu digo uma coisa para vocês: quando eu ia nessas cidades... rodei todo o estado da Paraíba. A gente tem 100 escolas técnicas em todo o estado; quando eu entrei, a gente tinha 7. Hoje, a gente tem 100 escolas. Eu participei da construção dessas escolas, e até essa minha trajetória de vida, para os alunos, para os pais, servia de motivação. Isso motivava muito, porque eu dizia: "Olha, eu sou técnico, eu venho lá do interior, lá de Picuí. Eu fiz curso técnico e, através desse curso técnico, foi-se abrindo um leque de oportunidades." E muitos pais também viam ali, em mim, a esperança de aquele filho que estava entrando no curso técnico da Rede Estadual ser ou chegar aonde eu cheguei.

Teve até, após uma audiência pública – eu sempre realizava audiências públicas nesses municípios –, uma mãe que disse: "Olha, depois da sua fala, minha filha vai fazer esse curso técnico, porque, realmente, olha aí aonde você chegou com o curso técnico, as oportunidades que você teve." Porque muita gente ainda tem em mente que só o ensino superior é o caminho. Ele é um caminho, mas não o único. E o ensino técnico, hoje,

é muito importante, porque você ganha maturidade acadêmica e profissional, e também por ser mais fácil se inserir no mercado de trabalho.

Então, foi um momento marcante quando eu estava lá com o governador, lançando esse programa. Você imagina, o governador dar responsabilidade, por meio da Secretaria de Estado, para um técnico em Mineração, formado pelo Instituto Federal de Picuí, para coordenar um programa em todo o estado da Paraíba. Para mim, foi muito importante, ali no lançamento, quando eu me vi ali, ao lado do governador e tendo essa missão de disseminar o ensino profissional no estado. E, sem dúvidas, levando na bagagem toda essa experiência e olhar no olho de cada estudante, muitas vezes de periferia, e dizer: “Olhe, meu pai é garçom, como seu pai é; minha mãe é dona de casa, como sua mãe também é.” “Pádua, mas eu trabalho!” “Mas eu também trabalhava, muitas vezes nas visitas técnicas eu ia de madrugada, 5, 6 horas, porque de 7 horas eu tinha que estar no supermercado para arrumar mercadoria, entregar uma feira, e não me envergonho das minhas origens.” E, sem dúvida, minha história se confunde com a de muitos jovens, que talvez, lendo essa entrevista, digam: “Olhe, mas se o Pádua conseguiu, por que eu não consigo?” “Ah, mas minha mãe é dona de casa, meu pai é pedreiro, não vou lá fazer um curso técnico, não tenho condições.” Não que as profissões deles não tenham nenhum valor. Claro que têm, pois todo trabalho é digno. Mas ver que a educação transforma, e que você pode chegar um dia a uma Secretaria de Estado da Educação e ter todo esse reconhecimento...

Sobre a evasão na minha turma, primeiro ponto: a maioria que estudava comigo, muitas vezes, era um pai de família que estava ali para fazer aquele curso à noite e, na época, eu era solteiro, era mais jovem, então podia ter todo esse dinamismo. E muitos ali, por serem casados ou muitas vezes por estarem ali apenas para fazer aquele curso, eles se evadiam diante de alguma dificuldade. E como também eu sou da turma pioneira, um dos fatores de evasão daquela época era a questão de equipamentos, a questão de visitas técnicas. Então, existem *n* fatores que fizeram com que houvesse a evasão.

Em relação à evasão não só naquela época, mas também nos dias atuais, eu acho que é a questão da metodologia muitas vezes utilizada. Quando a gente se aproxima da nossa realidade, as coisas ganham sentido. Quando um professor, alguém, chega lá e diz: “Olhe, primeiro eu preciso saber por que é que eu estou fazendo Mineração. Por que é que eu estou fazendo Informática.” Eu acho que esse diálogo com o terceiro setor¹¹ é extremamente importante e faz com que a gente não se desmotive. O que eu aprendi em toda essa minha trajetória é que livros são importantes, apostilas são importantes, mas a gente precisa dialogar, precisa fazer com que aquelas palavrinhas que estão lá no livro ganhem vida. Eu acho que o motivo [da evasão], não só no IFPB, mas em qualquer instituição de ensino, é essa falta de aproximação com o mundo do trabalho. Isso faz com que realmente você se desmotive. Porque imagine você fazendo curso técnico, você passar um ano e meio só na

teoria. Você não tem uma prática; a escola tem que ser além dos muros. Então, se eu faço um curso de Mineração, mas eu convido Pádua, que já concluiu o curso, para ter um momento com os estudantes, é motivante. Se eu chamo um garimpeiro para dar uma palestra, é motivante. Eu chamo um agricultor para dar uma palestra, é motivante. Eu acho que esse diálogo dá vida àquilo que você está fazendo, eu acho que faria com que não houvesse muita evasão.

Na minha visão, tanto acadêmica como profissional, eu acho que essa distância do terceiro setor faz com que ocorra a evasão, seja no curso que for. Por exemplo, no curso de Letras: se eu não tenho articulação com alguém, com um escritor, com alguém que está escrevendo alguma coisa, eu vou fazer com que ocorra essa evasão. É que a gente só dá sentido às coisas quando a gente conhece. Então, eu acho que atribuo isso a minha experiência de vida. Porque quando, por exemplo, eu fui dar aula, a diretora olhou para mim e disse: "Você é muito jovem, parece um menino, os alunos não vão te respeitar, não." Mas eu fui mostrando para eles, com pesquisas, com trabalhos, levando-os nas empresas, mostrando tudo.

Então, na época, eu acho que foi isso, a gente não tinha estrutura porque era a turma pioneira, mas eu acho que a evasão, hoje, eu atribuo, em qualquer curso, à falta de diálogo com a área de segmento. Não sou dono da razão, etc. e tal, mas eu acho que seja isso, porque eu via meus alunos motivados quando iam a uma visita, quando eu levava um palestrante, quando eu colocava algo do tipo. Eu acho que é tudo que eu mencionei. A

pandemia, a gente vê as aulas remotas, mas, às vezes, a gente vê professor dando aula no [Google] Meet como se fosse aula presencial. A gente não vê uma inovação, a gente não vê um vídeo, não vê provocar o aluno a pesquisar, interrogação. Então, eu acho que isso faz com que ocorra a evasão. Eu acho que está precisando de as pessoas se reinventarem, de novas ações, inovações e, principalmente, dialogar com a comunidade, com o terceiro setor; isso faz com que a universidade mostre a importância social que ela tem em qualquer região.

A mensagem que deixo aos estudantes do IF é que aproveitem essa oportunidade que eles estão tendo; que busquem estudar, se dediquem ao curso que estão fazendo. E, se está fazendo um curso de Edificações, converse com um pedreiro, com alguém que trabalha com construção civil; pesquise sobre edificações. Se está fazendo Mineração, converse com o garimpeiro. Se está fazendo Agroecologia, converse com o agricultor. Busque aproximar o seu conhecimento, que você vai ter a partir da sua entrada no IFPB, do terceiro setor. Eu deixo uma mensagem, inclusive, para quem vai entrar e para quem vai sair. Um senhorzinho que está lá quebrando a pedra; é mais fácil ele se adequar à nossa linguagem ou a gente à linguagem dele? Então, é muito importante que vocês busquem entender a linguagem.

E outro ponto importante: nunca chegue numa visita técnica e diga “eu sou técnico”, “eu sou engenheiro”, “eu sou professor”, porque você trava a pessoa que está lá na ponta. Nunca cheguei a uma mina para dizer “eu sou técnico em Mineração”; eu digo: “Eu sou estudante de Mineração.” Sócrates dizia: “Eu só sei que nada

sei.” Porque, a partir do momento que eu digo que sou estudante, o garimpeiro que não tem a escolaridade que nós temos se abre e tem o maior orgulho de ensinar. Mas, a partir do momento que eu digo que eu já tenho a profissão, ele fica com medo, muitas vezes até de falar, porque pensa: “Ele já sabe tudo, já conhece a profissão.” Então, eu deixaria essa mensagem. E para os professores também: dialoguem com o terceiro setor, dialoguem com a comunidade. Façam com que o conhecimento saia dos muros da instituição. É muito importante que a gente dialogue com o terceiro setor e com a comunidade, que dê vida ao ensino que está sendo dado pela instituição. E duas palavras-chave: Pesquisa e Extensão. Isso muda a vida de qualquer estudante, porque ele vai se encaixando naquele meio, e muitos projetos de vida saem a partir desses projetos, do diálogo com a comunidade. Eu acho que é isso.

Muitas vezes você vai pensar em desistir, mas se você tiver fé, foco, determinação e acreditar, fizer com que aquele seu conhecimento ganhe vida... porque eu não sou inteligente, eu sou dedicado. Às vezes, não adianta você abrir o caderno ou a apostila no IF. Você tem que abrir em casa; pegar, entender e interrogar e, no outro dia, levar isso para a sala de aula. Minha rotina era essa. Quando eu chegava ao IF, já era para perguntar. É isso que eu sempre fiz e faço. Tanto que, hoje, quem me conhece sabe que adoro trabalhar com planilha, com dados, com gráficos, que eu questiono muito, que eu sou da pesquisa.

Recentemente, com a pandemia, eu trabalhava em João Pessoa, na Secretaria de Estado, e agora estou

trabalhando em Cuité, na 4ª Gerência, e meu projeto de vida, se Deus quiser, a partir de amanhã, é fazer a inscrição no SiSU, pois eu fiz o Enem. Quero entrar aqui no curso de Química, em Cuité, onde trabalho durante o dia e, à noite, no noturno, fazer um curso de Química, terminar a graduação em Química, fazer um mestrado. Muita gente pergunta: “Por que Química?” Como eu faço Mineração, eu estudo Química, Física de Solo e Mineralogia. A Química vai apenas complementar o curso técnico que eu já tenho. Então, é terminar minha graduação e fazer o mestrado, doutorado e, se Deus quiser, voltar ao IFPB como professor dessa instituição. O meu projeto de vida, se Deus quiser, a partir de amanhã, é me inscrever no SiSU, esperar o resultado, iniciar as aulas e, talvez, daqui a seis anos, a gente tenha esse mesmo diálogo e eu já esteja pelo menos mestre.

Falar do IFPB, para mim, é falar de uma trajetória de vida e profissional. Já tive a oportunidade também de contar essa história ao reitor Nicácio. Estive na aula inaugural do IFPB Pedras de Fogo, quando eu pude contar um pouquinho da minha trajetória ao reitor. Inclusive, ele se surpreendeu com toda essa trajetória, tendo em vista as dificuldades que a gente passou. Como eu costumo sempre brincar, até falava em São Paulo: “Oh, eu sou lá de Picuí, do interior da Paraíba, de um institutinho pequenininho, no interior lá da Paraíba, mas que faz a diferença.” Aonde eu chego, defendo o Instituto [Federal] da Paraíba; defendo essa bandeira da pesquisa e da extensão.

Para mim é motivo de orgulho, principalmente por estar tendo esse momento com vocês e poder

compartilhar toda essa trajetória. Como eu disse, vocês me fizeram essa pergunta e foi a única que eu não soube responder. Onde estaria Pádua se não fosse o IFPB Campus Picuí? Quero agradecer a vocês e dizer que estou sempre disponível. Sempre que vocês procurarem, eu estarei disponível para compartilhar com vocês um pouco dessa trajetória, e que sirva de inspiração para muitos que vão ler depois essa entrevista.

04 Paulo Vitor Souto Dantas¹²

Curso Técnico em Manutenção e Suporte em Informática, 2011-2015



A minha infância foi em Picuí e eu nasci lá. Meus pais são de lá. Eu estudei em uma escola privada. Basicamente, foi uma infância comum; eu só jogava bola e estudava. Pagava minhas disciplinas no ensino fundamental, mas eu nunca tive interesse nessa área específica que eu cursei, que é essa área de informática. Então, o que eu tenho para falar da minha infância é que foi, basicamente, uma infância comum, que eu acho que todas as crianças e pré-adolescentes da região de Picuí costumam ter. Uma infância jogando bola e brincando e estudando no ensino fundamental. Nessa fase, o que mais me marcou foram as amizades e todas as brincadeiras que a gente fazia entre amigos. Por exemplo, eu co-

mecei já muito interessado, muito ligado a essa área de informática; eu comecei a jogar – jogos on-line, jogos de videogame –, então eu jogava RPG e alguns jogos que envolviam interação. Então, basicamente minha infância foi marcada por isso, por jogos e ir para a casa de amigos e jogar, mas nada muito fora do normal. É até mais difícil falar da infância porque faz mais tempo, então, a gente sempre lembra de amizade e do que você fazia na escola.

Quando eu era mais novo, queria ser veterinário, porque criança, você sabe, tem contato com animais, e a maioria das crianças gosta muito de animais. A gente tinha uma disciplina, na escola onde cursei o ensino fundamental, que era informática. Eu gostava e tal, gostava de mexer no computador, mas era uma coisa bem básica. Então, eu nunca me interessei muito a fundo. Eu fiz a prova para ir para o IF – não sei se hoje em dia ainda é uma prova, mas na minha época era uma prova – justamente por incentivo de amigos. Na época, o IF não estava na sede atual; era uma sede provisória que era lá no JK, bairro de Picuí, e tinha somente dois cursos: Edificações e Manutenção e Suporte em Informática (MSI), que é o precursor do curso de Informática. Eu nunca me interessei por Edificações, então, eu e mais cinco amigos decidimos fazer a prova para o IF para cursar MSI, e eu passei e fiquei encantado.

Quando eu entrei no IF, por ser um ambiente técnico, por eu já ter contato com algumas matérias da área, fiquei encantado, porque é totalmente diferente do ensino fundamental, em que a gente estava acostumado a cursar só aquelas cadeiras: Ciências, Biologia,

Matemática. Também as amizades que eu construí lá dentro foram muito importantes para mim. Só que realmente o IF é um diferencial, porque você vai entrar em contato com uma gama de assuntos novos e muito interessantes. Então, até a entrada no IF, foi um ensino fundamental comum, digamos assim.

Eu acho que não teve nenhum professor, nessa época do fundamental, que tenha me marcado muito, porque, antes dos 14 anos, eu tirava notas boas na escola, e todos os professores eram excelentes e eu não tenho um que se destacou tanto assim. Eu tive apenas um professor de Informática, mas foi um período bem curto e não deu tempo de me aprofundar em nada, e os demais professores eram muito bons e muito parecidos. Não teve nenhum que eu tenha tido uma relação mais intensa, que tenha conhecido melhor, que tenha me incentivado mais.

Sobre a chegada do IF à cidade de Picuí, antes do IF, nós só tínhamos escolas privadas ou escolas estaduais no município. E aí, um ponto que pesa muito, eu acho, na escolha dos pais e também da criança é o nome "instituto federal", porque, com a chegada de uma instituição federal... quando a gente estava no ensino fundamental, eu não tinha muito contato com informação de, por exemplo, qual universidade eu queria cursar, para onde eu queria seguir, qual rumo eu queria ter. Eu só queria ser veterinário, quando eu era mais novo.

Mas, com a chegada do IFPB, a gente passou a ter contato, numa cidade pequena, com uma instituição federal. Então, os pais sabiam que esse nome pesava, e com certeza os professores que estavam ali dentro eram

bem melhores. Eu não diria bem melhores, mas tinha um processo seletivo muito mais rigoroso para entrar e, então, conseqüentemente, esse nome fazia com que nós víssemos a instituição como uma coisa mais séria, que estava mais ligada ao futuro da formação da pessoa. E também, só o fato de precisar fazer uma prova para entrar mostrava ser uma coisa mais séria; você teria que realmente passar. Então, todos nós que fizemos, eu e meus amigos, mesmo com 14 anos – éramos adolescentes e não tínhamos muita noção do que iríamos seguir – percebíamos o peso do nome dessa instituição; a gente percebia que era uma coisa mais séria e que, com certeza, entrar ali seria muito bom para o nosso futuro; a gente iria conhecer muito mais pessoas, entrar em contato com novos conteúdos e realmente ser uma coisa para a nossa formação.

Falando sobre entrar na instituição, eu e meus amigos, nós fizemos a prova justamente visando isso que eu falei anteriormente, a questão de ser uma instituição mais séria e que a gente ia ter contato com assuntos que formam o profissional. Por exemplo, naquela época, a gente sabia que ia entrar em contato com outras disciplinas muito mais importantes para a nossa formação. Mas hoje, eu vejo que aquele pensamento realmente condiz com a realidade, porque quando você entra no IF, no primeiro período, no 1º ano, você já tem contato com cadeiras ou com disciplinas que servem para sua formação. Por exemplo, quando você fica mais velho, você vai perceber que aquilo que você viu no IF, antes, você vai usar na área profissional que você vai seguir.

A escolha do curso foi muito mais pelo contato que eu já tive no ensino fundamental com computadores, com informática, e também porque a gente possuía dois cursos, que eram Edificações e MSI, e eu nunca tive muito interesse em Edificações. Então, MSI foi a escolha mais lógica, foi o que eu mais gostaria de fazer, mas eu tive amigos que foram para Edificações e hoje em dia são engenheiros civis ou estão perto de se formar.

Eu já sabia que, quando entrasse, eu ia me deparar com as cadeiras, com essas disciplinas, esses assuntos novos nos quais eu estava interessado. Mas, realmente, quando você entra no IF é uma realidade totalmente diferente, porque você sai desse conceito de ensino fundamental que estuda só as disciplinas básicas – na minha época do ensino fundamental, eu não estava muito interessado, porque não via utilidade, no futuro, em estudar Matemática ou Biologia, esse tipo de coisa. E quando você entra no IF, você mantém essas disciplinas que você vê no ensino médio, mas também vê coisas que vão servir para o seu futuro – por exemplo, algumas cadeiras técnicas. Isso é muito interessante, porque os assuntos se tornam mais palpáveis. Você começa a perceber o porquê de os estudar. É um choque de realidade, porque você começa a se interessar por uma coisa específica, então, você sabe que aquilo que você gosta, que você está fazendo, se torna muito interessante e, também, não deixa de estudar as cadeiras do ensino médio, que são também importantes para um jovem, para um adolescente. Mas, realmente, esse choque de realidade – começar a ver alguns assuntos bem técnicos – é muito interessante para um jovem, porque ele vai começar

a ter contato com outra dimensão do ensino, com uma coisa que vai levar para seu lado profissional.

Eu acho que as aulas começavam às 7 [horas], se eu não me engano, e iam até as 12 [horas], eu acho, meio-dia; ou às 8 [horas]. Mas eu acho que começava às sete, era a parte da manhã, e eu me lembro que nós tínhamos algumas aulas também na parte da tarde. Eu acho, pelo que me lembro, que eram mais aulas no laboratório, ou alguma coisa assim, de cadeiras mais técnicas; mas, se eu não me engano, as disciplinas do ensino médio sempre se mantinham na parte da manhã.

O contato com amigos, o contato com colegas, as visitas técnicas, também são muito interessantes. Quando eu estava no ensino fundamental, eu não tinha muitos amigos; assim... eu tinha aqueles amigos, mas geralmente um adolescente ou uma criança tem alguns amigos específicos com os quais brinca à tarde e tem suas brincadeiras, sua rotina de criança. Mas quando eu entrei no ensino médio, eu ganhei amigos que eu levo até hoje na minha vida. Hoje, estou perto de terminar a universidade, e, até por causa da pandemia, a gente não se encontra mais. Mas até antes da pandemia, a gente se encontrava muito e são realmente irmãos que eu ganhei ali dentro, porque a gente conviveu durante quatro anos, a gente conviveu muito tempo juntos e fazíamos muitas coisas juntos. Por exemplo, quando tinha aula à tarde – a gente tinha as cadeiras básicas de manhã, algumas aulas de laboratório eram à tarde –, os alunos que eram de, por exemplo, Carnaúba dos Dantas, Barra de Santa Rosa, Frei Martinho, dos municípios vizinhos de Picuí, eles vinham para Picuí e passavam a parte da

tarde. Muitos dos meus amigos de Carnaúba, de Barra, de Pedra Lavrada, eles almoçavam lá na minha casa com minha família, e meus pais sempre zelavam muito por esses meus amigos, e eles são como meus irmãos. E, além disso, de almoçar um na casa do outro, a gente também fazia uma espécie de racha com comida na parte do almoço; a gente comprava, por exemplo, bolo, pão, muçarela, refrigerante, essas coisas, e comíamos todos juntos ali na cantina do IF. Os ônibus para os alunos que vinham de fora só saíam no final da tarde. Eles precisavam ficar esse período da tarde todo no IF para assistir às aulas de laboratório. Então, nesse quesito, foi muito interessante esse tipo de amizade que eu construí. E muitos desses meus amigos, depois do IF, foram para a universidade, e eu ainda continuei estudando com eles na universidade, pagando algumas disciplinas, algumas cadeiras junto com eles.

As visitas técnicas também eram muito interessantes, porque, para minha área de informática, a gente visitava alguns pontos que nem na universidade eu tive essa oportunidade de visitar. Por exemplo, nós visitamos a Barreira do Inferno, em Natal, alguma coisa técnica para o lançamento de foguetes. Eu me lembro, faz muito tempo, mas eu me lembro que nós fomos visitar isso e também alguns cantos da área de Biologia. Por exemplo, nós visitamos um centro de criação de serpentes – eu acho –, um zoológico da região de Campina Grande. Essas viagens são muito interessantes para aguçar e para instigar o estudante. Você vê toda essa área técnica e também profissionais que trabalham em certas áreas do conhecimento, e você se sente muito inspirado a fa-

zer a mesma coisa. Isso que é muito interessante nessas viagens do IF e na convivência.

E, além disso, tem professores que marcam nossas vidas. Por exemplo, eu falei a você que, no início – no ensino fundamental e numa escola normal, que não tem esse âmbito técnico –, eu não tive a oportunidade de aprofundar relações ou de gostar de algum professor específico, tanto porque, às vezes, eles dão aula, não sei, em muitos lugares, ou a criança não tem esse incentivo de conversar mais com professor. Mas, no IF, foi totalmente diferente. Eu me lembro que tinha um professor, inclusive da área de... acho que era de Cabeamento Estruturado – que era uma cadeira bem técnica –, que a gente dava, por exemplo, todo final da aula, a gente dava a bênção a ele. Uma relação bem interessante, e a bênção era basicamente fazer um pequeno questionário. Ele perguntava algumas coisas e nós respondíamos, e ele dava uma nota. “Foi muito bem”, aí pedia a bênção. Ou seja, era uma brincadeira entre professor e alunos e isso é muito interessante. É outra relação. Eu tive várias relações com professores, assim, muito interessantes, e uma delas, inclusive, foi com meu orientador do TCC, que é Artur, professor Artur – graças a ele eu me interessei por essa área de programação. A gente vai falar mais um pouco sobre o rumo que eu tomei, mas foi graças a um professor que eu me interessei por essa área, que eu comecei a gostar realmente da área de informática.

Tinha contato, por exemplo, com Edificações, principalmente porque, como eu disse, eu fui da segunda turma de MSI do IF; e tinha também a segunda turma de Edificações, e o pessoal de Edificações; como ali

na região todo mundo se conhecia, eu conhecia muitas pessoas que faziam o curso. E aí eu tive contato também com essa área, além de Informática. Por exemplo, se eu não quisesse ter seguido a área de Informática, eu poderia muito bem ter seguido a área de Edificações, ou outra coisa, porque eu tive contato. Inclusive, os alunos de Edificações andavam com uma espécie de estojo para guardar os projetos – os alunos de Edificações já começam a fazer alguns projetos – e eu sempre tive contato com isso, achava muito interessante, mas nunca quis me aprofundar. O meu lance mesmo foi Informática, eu segui até hoje nisso.

Uma das partes mais interessantes da minha vivência no IF foi justamente o último ano. Você passa quatro anos, mas você leva um tempo para se adaptar ao conteúdo. Você começa a ver algumas cadeiras técnicas e você já começa a tomar gosto pela coisa. Mas o último ano foi quando realmente decidi: “Eu quero realmente seguir isso para minha vida.” Uma coisa muito interessante que eu fiz foi participar do programa de estágio do IF. Eu passei três anos cursando normal e aí, quando chegou o último ano, eu fiz o projeto de estágio e fui aprovado. Passei para o estágio e passei a estagiar no IF na área de Informática, na parte da tarde. Na parte da manhã, eu tinha as aulas, e na parte da tarde, eu estagiava. E era muito interessante, porque você começa a lidar com os problemas que uma empresa realmente tem. Por exemplo, cuidar da parte de cabeamento, da parte de software dos computadores, e esse acho que foi o ano mais interessante. E, além disso, na parte de estágio, eu também participava das feiras de ciência da

instituição. Inclusive o meu TCC – na verdade, a minha defesa não foi um TCC, na época, foi um relatório de estágio, que eu não sei se hoje em dia também serve como monografia, mas foi um relatório de estágio. E nesse relatório de estágio, além de descrever as atividades que eu realizava no estágio, que eram muito interessantes porque eu aprendi muita coisa, eu também utilizei um projeto que eu fiz para a Feira de Ciências, que foi um programa de computador para fazer o registro de veículos que entravam no estacionamento da instituição. Então, foi bem legal que isso também serviu para o meu TCC – a gente fala TCC, mas eu posso falar isso, porque eu estou escrevendo o meu da universidade agora; o do IF é um TCC mais simples porque, levando em consideração que você está saindo do ensino médio, o TCC não é uma coisa muito difícil. Realmente, você vai ter que fazer um trabalho, um trabalho escrevendo alguma coisa que você fez, mas nada muito elaborado.

O que mais me marcou no IFPB foi esse encontro com uma instituição muito mais séria, na qual os professores se dedicam muito, se dedicam bem às cadeiras e tentam se aproximar e passar o conteúdo da melhor forma possível para os alunos. Não que em outra instituição isso não ocorra, mas eu encontrei uma realidade muito mais diversificada no IFPB, muito mais séria. Diversificada porque você entra em contato com muito mais pessoas, porque a instituição é muito maior do que uma escola estadual da região. Entra em contato com uma instituição que é muito maior do que qualquer outra escola que eu já tenha participado na região, e também é muito mais séria, porque você percebe que todos

os programas que tem dentro da instituição são muito mais diversificados do que em qualquer outra. Por exemplo, o programa para você fazer visitas técnicas, o programa de estágio – um aluno de ensino médio nunca vai ter um contato com um estágio assim como eu tive na instituição, no IFPB, sem falar da parte técnica, mas já falando. Essa imersão que o aluno tem nessa área de estudo mais técnica o faz abrir os olhos para o futuro, ele tem muito mais interesse no que vai fazer. E, basicamente, para resumir, a diversidade que a instituição proporciona para um aluno é muito interessante: a diversidade de conteúdo, a diversidade de relacionamentos com amigos. É isso, basicamente, é a amizade; você vai conhecer muito mais pessoas e [vai ter] conhecimento em outros âmbitos do ensino.

Um fato engraçado, e sempre vou envolver meus amigos em um fato engraçado e marcante sobre minha estadia no IF. Uma das coisas interessantes que a gente fazia como amizade era a questão que eu falei anteriormente de comprar comida e se reunir todo mundo para comer ali, numa interação social bem interessante com os amigos – realmente, esses amigos eu levo até hoje. Isso de você ter contato com mais pessoas e construir relações com outras pessoas torna a estadia no IFPB muito melhor. Você consegue construir laços que vão durar para sempre.

Bem, eu falei que o IFPB foi um marco decisivo no que eu ia fazer do meu futuro. Eu queria cursar Veterinária simplesmente porque eu era uma criança e não tinha contato com nenhuma outra área. Eu tive um pouco de contato com a informática quando eu cursava

o ensino fundamental, antes do ensino médio; mas foi justamente quando eu entrei no IF que percebi que eu queria fazer isso. Com esse contato que eu tive com as áreas, com as disciplinas de áreas mais técnicas, eu me vi dentro desse universo muito interessante. Um universo sensacional! E a escolha que fiz para minha profissão, para o curso que eu iria fazer na universidade, foi devido ao IF e, principalmente, devido ao último ano do IF, que teve o programa de estágio e os projetos que eu fiz para a Feira de Ciências. Quando você começa a fazer esse tipo de projeto e a participar desse tipo de programa, você toma mais gosto pela coisa. Foi quando eu me interessei por essa área; e hoje eu estou fazendo o curso de Computação e só não terminei ainda por causa da pandemia. Mas já estou escrevendo meu TCC e vou terminar nesse período agora.

Tudo, qualquer símbolo que eu poderia guardar do IF, eu guardei. Eu, atualmente, estou em Campina Grande; estou morando em Campina Grande, mas está tudo na casa dos meus pais, em Picuí. Camisa de Feira de Ciências, eu acho que tenho umas três, blusas de jogos interescolares; dos jogos de futebol, eu tenho as camisas, medalhas; tenho diploma, tenho os certificados de Feira de Ciências, que eu guardo com muito carinho, porque, realmente, depois de muito tempo do IF, você gosta de olhar aquilo para recordar os bons momentos: a Feira de Ciências, os projetos de que participou com amigos, os jogos... é isso. E, além de outras coisas, além do estágio, também tem um Programa de Monitoria que, por exemplo, se você quiser seguir a área de ensino,

ou ser um professor, você já tem um primeiro contato com isso, o que é muito interessante também.

Como eu falei, foi no último ano que fiz o estágio e participei da monitoria e me interessei; e também você começa a fazer o projeto de seu TCC; então, você começa a se apaixonar mais pela área. Mas o que eu senti naquele momento, no final do ano, foi um sentimento de realização. Você fica muito realizado com aquilo que você conquistou no IFPB. Todas as provas em que você passou, todas as amizades que você construiu, tudo o que você aprendeu e, além de tudo, a maturidade que você ganhou, porque você está cursando algumas cadeiras técnicas, e você começa a pensar: “Realmente, eu quero isso para o meu futuro.” E não é todo mundo que se encontra nessa situação. Por exemplo, eu conheço muitos amigos que não cursaram o IF, que fizeram o ensino médio convencional, em uma escola não técnica, que, quando chegou a hora de prestar um vestibular, fazer o Enem, não sabiam nem o que queriam fazer. Não tinham nenhum interesse por uma universidade, por um curso específico. No IF, como eu falei anteriormente, além de entrar em contato com a área que você escolheu, você também tem contato com outras áreas que são os outros cursos que o IF disponibiliza, seja por palestras, seja por convívio com amigos que fazem esse curso.

Então, o sentimento é de realização, principalmente quando você termina o seu TCC e defende... faz uma pequena defesa ali; é um sentimento de realização, porque, além de passar no ensino médio, você tem agora um diploma de curso técnico que você já pode usar na área profissional. E, além dessa realização, você tam-

bém tem um sentimento de: “Eu quero me engajar nisso aqui para cursar uma universidade e seguir em frente nessa área, porque é minha paixão, é o que eu quero fazer aqui.” Então, isso é realmente muito interessante.

Posso dizer que os que saíram, os que desistiram do curso, não foi por razão do IFPB em específico, foi por razões pessoais. Por exemplo: teve que se mudar e não transferiu, ou, sei lá, alguma razão pessoal específica. Então, a questão da evasão na minha turma foi por motivos pessoais ou, de repente, algum aluno que não se deu bem no ensino médio convencional, não na cadeira técnica – por incrível que pareça, não foi em cadeiras técnicas, foi sempre em cadeiras, em disciplinas do ensino médio convencional, que repetiram e tiveram que ficar retidos na série; foi esse tipo de evasão que aconteceu.

Mas, no meu caso, eu nunca pensei em desistir. Inclusive, quando eu entrei, meus pais falaram que se eu tirasse nota baixa iam me tirar; eu chorei. Eu disse: “Não vou nunca tirar nota baixa, não; pode deixar que eu vou tirar nota alta.” E eu nunca pensei em desistir, porque é o que eu falei. Eu costumo falar para a minha namorada que quando eu tiver meus filhos, eu vou incentivá-los a cursar alguma coisa no IF; tanto porque é um período muito... é muito importante, e foi muito importante para a minha vida, porque eu entrei em contato com pessoas pelas quais eu tenho um extremo carinho, até hoje, e também eu tomei um rumo... eu percebi o que eu queria realmente fazer da minha vida. Pelo que até hoje sou apaixonado.

Inicialmente, começando pela definição do meu curso, eu, como eu falei, no último ano do IF, realmente

decidi que queria seguir a área de Informática – eu sei que no IF, agora, o curso é Informática. Na minha época era Manutenção e Suporte. Eu gostaria que na minha época fosse um curso de Informática, porque a minha área é mais a área de programação, e eu sei que no curso de Informática os alunos têm contato com esse tipo de conteúdo. Na minha época, o curso MSI era muito mais voltado para a manutenção física dos computadores, do hardware do computador, e eu tomei gosto pela programação, por causa do projeto que eu fiz para a Feira de Ciências do IF. Aquele ano foi decisivo para mim, porque eu decidi seguir a área de Informática, e só bastava escolher o curso. Há vários cursos da área de TI disponíveis na academia, mas o que eu escolhi foi Ciência da Computação, especificamente, aqui na UFCG, tanto pelo nome do curso, porque é um curso que tem cinco estrelas – se não me engano, na avaliação do MEC –, e todo mundo fala bem do curso. Além disso, é um curso muito amplo, porque engloba toda essa área que eu vi de MSI, toda a área de programação e ainda um pouco mais.

E entrando mais um pouco em como o aluno vindo do IF, quando entra na universidade, como é que ele vai se situar... Eu tinha amigos que diziam que quando um cara era muito bom numa disciplina, só podia ter vindo do IF, porque, realmente, os alunos que entram no primeiro período de um curso de TI – especificamente, eu posso falar de Ciência da Computação – que vêm do IF já vêm com uma carga técnica dessa área. Então, quando você começa o curso, muita coisa você já tem uma noção, e no curso isso é muito importante, porque você vai ter mais facilidade de cursar certas disciplinas,

e isso não vai pesar tanto para você, e você, consequentemente, vai se dar melhor nessas cadeiras do que um aluno que nunca teve contato com essa área. E também, uma coisa interessante, para projetos dentro da universidade: quando eu cursei o IF, os projetos que tinha eram estágio, monitoria, programas de extensão; digamos assim, era estágio, monitoria e projetos que você fazia com o professor para a Feira de Ciências, essas coisas. Na universidade, você vai entrar em contato com alguns projetos nos quais você vai desenvolver alguma coisa, seja para uma empresa específica ou para a própria universidade. Você entra em projetos de extensão... e eu me lembro que, no primeiro projeto que eu entrei, grande parte da "culpa" de eu conseguir entrar foi por causa dos projetos que eu fiz no IF. Eles pediram para enviar o currículo e eu coloquei lá todos os projetos que eu fiz no estágio e os projetos que eu fiz para a Feira de Ciências. Fiz uma pequena prova, eles me entrevistaram, e eu consegui entrar no meu primeiro projeto de extensão na universidade. Ou seja, um passo a mais para minha vida profissional, para o meu currículo, graças a essa carga que eu trouxe do IF.

Uma coisa muito interessante que você ganha no IF, além da carga técnica, é também a habilidade de manter relações com pessoas. Isso também foi muito importante para mim. No terceiro período da universidade, eu comecei a fazer projetos, participar de projetos de extensão mais técnicos, e isso começou a agregar mais para o meu currículo. O primeiro projeto que eu consegui foi um projeto em parceria com a ASUS, foi graças a uma carga que eu trouxe do IF. Para o projeto

seguinte, eu acumulei conhecimentos desses projetos e assim por diante.

Até quase o final do ano passado, eu vinha participando de projetos de extensão e projetos de pesquisa na universidade. E, recentemente, alguns amigos me indicaram para participar da entrevista de seleção para trabalhar em uma *startup* canadense – uma coisa que eu recomendo muito também para quem está fazendo IF é praticar inglês, porque eu tive aulas de inglês que também me ajudaram no IF; mas, realmente, quando eu cheguei à universidade, eu vi o peso que isso tem. Fiz essa entrevista e consegui passar para trabalhar nessa *startup* e, a partir do ano passado, eu comecei realmente a trabalhar no mercado. E aí você vê... que interessante, porque tudo o que você vem construindo, a partir do IFPB... eu tinha apenas 14 anos quando entrei, e não sabia o quão importante aquilo seria para mim atualmente.

Então, todos os projetos dos quais eu vim participando, todo conhecimento que eu vim obtendo desde o IFPB, tudo foi sendo agregado e eu fui conquistando para entrar... por exemplo, nem saí da universidade ainda, e já estou no mercado de trabalho. Então, isso é realmente muito, muito interessante. Eu sou muito grato pela minha formação, a formação que eu tive tanto no IFPB como na UFCG, por ter me dado esse conjunto de conhecimentos. Acabou que esse emprego do qual eu participava durou um ano, durante o ano passado. Acabou que, durante esse trabalho, eu recebi outra proposta de emprego. Agora, numa empresa dos Estados Unidos; e eu estou, atualmente, trabalhando nela. Eu passei

a trabalhar para essa empresa e vou concluir meu TCC e a universidade esse ano.

Para quem está ainda no ensino fundamental ou está chegando ao IF nesse momento, eu deixaria uma mensagem de esperança: pode ter certeza de que isso vai ser muito importante para seu futuro, tanto como pessoa quanto como profissional, porque você vai entrar em contato com novos conteúdos, pelos quais você, muito possivelmente, vai se interessar. E também para o seu lado pessoal, porque a educação é uma porta que leva você para um futuro de muito mais esperança. Então, a educação que você vai receber no IFPB vai ser muito importante para o seu futuro. E que você se mantenha firme; se você tem certeza, se você quer isso, se você quer entrar em contato com muitas pessoas novas e muito mais conteúdo, você pode ter certeza de que você vai encontrar isso dentro do IFPB, tanto pelas disciplinas que você vai cursar quanto pelos programas que tem lá dentro: de estágio, monitoria, visitas técnicas, e tudo isso é muito interessante para você ter... você ter isso como pessoa, para sua vida profissional e para sua vida pessoal também.

Eu acho que o IF é muito importante porque, como eu falei anteriormente, muitas vezes um jovem, quando sai do ensino médio, não tem ideia do que quer fazer para o futuro. Ele, muitas vezes, está perdendo uma experiência que ele poderia ter se tivesse entrado no IF. Então, quando entrei no IF, eu era muito novo, tinha 14 anos, eu não tinha ideia – eu disse que eu queria fazer Veterinária, mas era só uma ideia inicial de criança –, mas eu não tinha ideia do que eu era, do que eu era

apaixonado de verdade; e o mais importante do IF, eu acho, é isso: é dar essa visão para o jovem; é fazer com que ele perceba que tem muita coisa para ser estudada no mundo. Tem muitas áreas interessantes que você pode seguir para sua vida.

05 Pedro Leandro Dantas Pereira¹³

Curso Superior de Tecnologia em
Agroecologia, 2011-2015



Vou relatar um pouco aqui da minha experiência. Eu nasci na cidade de Parelhas, no Rio Grande do Norte. Mas eu sou de Carnaúba dos Dantas – a gente só faz, no caso, nascer em outra cidade, mas eu sou carnaubense. Meus pais são agricultores e também trabalham com o comércio lá em Carnaúba dos Dantas. Passei minha infância, basicamente, vivendo num bairro chamado Dom José Adelino Dantas, conhecido pelo Monte do Galo.

Eu lembro do período que a gente ia para a escola de bicicleta. Como eu disse, eu morava no Monte do Galo; dali para a cidade dava um quilômetro e meio, mais ou menos; todo dia era para a gente ir de bicicleta, numa corrida, na verdade. Nossos pais iam deixando

as bicicletas e era tipo uma disputa entre mim e meus amigos. E era na ida e na volta. Sempre tinha essa resenha. Isso foi muito marcante para mim.

No fundamental, eu me lembro mais da disciplina de esporte, Educação Física. Eu até pensei, posteriormente, em fazer vestibular para Educação Física. Foi uma disciplina que eu gostei. A gente tinha aulas teóricas e aulas práticas. Mas só que eu não dei andamento. Ficou mais no sonho, não cheguei a fazer um vestibular. Tive uma professora de História, que inclusive hoje a gente é muito amigo devido ao filho dela ser meu compadre. Eu gostava muito de História, no sentido de entender como as coisas funcionavam antes; eu gostei muito. Até hoje, eu tenho amizade com a professora. Ela sempre pergunta como a gente está. Vou sempre na casa dela, quando vou em Carnaúba dos Dantas, e sempre é bom o diálogo.

Na minha 1ª série, eu perdi por indisciplina devido aos meus pais trabalharem; a escola não tinha um certo controle, e acabei perdendo o 1º ano. Isso com 7 anos. Fui fazer novamente o 1º ano, já na cidade, com 8 anos. E aí fui concluindo disciplinas cada ano e, quando foi 2005 para 2006, eu concluí o ensino médio.

Quando fui terminar o ensino médio, eu não tinha nenhuma profissão definida. Assim, eu tinha alguns amigos que vinham de escola agrícola e sempre falavam que os estudos eram muito bons na escola agrícola, que a gente aprendia muito. Meus pais, devido a serem agricultores, receberam um convite do sindicato para eu me inscrever. Fiz a inscrição, fui fazer o curso – como dizem, às vezes, caí de paraquedas –, isso falando do curso téc-

nico. Fui estudar na Escola Agrícola de Jundiá, em Macaíba, no Rio Grande do Norte; isso em 2008. Passei dois anos da minha vida lá. Concluí o Curso Técnico Agrícola, no final de 2010. Cheguei lá no curso e fui aprendendo as coisas, naturalmente. Mas antes, eu não sabia nem plantar um pé de feijão, a verdade é essa.

Em 2010, eu consegui alguns empregos, após me formar. Trabalhei no biodiesel, que era um projeto da Petrobras, e também trabalhei num programa de jovens, no sentido de conhecimentos em informática, pela Emater do Rio Grande do Norte. Aí surgiu o SiSU. No segundo semestre de 2010, eu tinha um amigo, em Carnaúba, e ele falou que fazia esse curso de Agroecologia. Eu tinha tentado fazer Agronomia ou Veterinária e fiquei nessa dúvida. Eu já vinha de um curso técnico e era isso que eu queria para mim. Ou seja, eu já fui fazer a graduação com aquele espírito de cursar com vontade, diferente de quando eu fui para o curso técnico. Devido a essa minha vivência no curso técnico, eu fui por amor à profissão. E aí, o meu amigo, lá em Carnaúba dos Dantas, Luís Carlos, me incentivou. Fiz o Enem, e através do SiSU fui contemplado para o IFPB Campus Picuí, em 2011.

Na época, a gente até começou no antigo prédio, mas só cursei um semestre, praticamente. No meio do ano, eu tive um problema de saúde e tive que trancar o curso; em algumas disciplinas, eu ainda obtive êxito, mas a maioria eu tive que trancar. Passei o segundo semestre de 2011 com o curso trancado e só voltei em 2012, quando o médico disse que eu poderia voltar, e eu voltei e fui até o final, graças a Deus.

Minha impressão foi a melhor possível. A gente pegou logo uma disciplina básica, disciplina de Base Científica em Agroecologia, que era com o professor Wilson, aí motivou bastante. Eu já tinha uma vivência para a questão dos orgânicos. Fazer Agroecologia somou para mim; também, continuar na área e aprofundar meu conhecimento de Agroecologia.

Na fase de graduação em Picuí, a gente teve várias dificuldades, no início. Em 2011, ainda não existia aquela pista, a pista que a gente vê hoje, que é em asfalto e antes era carroçável, praticamente. E a gente sentia uma dificuldade, nesse sentido, porque chegava todo desgastado. Mas o curso era bom, valia a pena a gente enfrentar isso para cursar. Pelo menos para mim, valia.

Quando eu comecei a estudar, eu trabalhava; eu trabalhava pela manhã e, à tarde, a gente ia para Picuí. Como eu falei anteriormente, eu estava no projeto de biodiesel, pela Petrobras. Trabalhava pela manhã, chegava quase na hora do almoço e, de 12h15, a gente pegava o carro para ir para Picuí. Chegava a Picuí mais ou menos 1h15, 1h10, nessa faixa de 1h [da tarde] mesmo. Aí, nós passávamos a tarde toda no IF e, às vezes, a gente tinha aula prática, tanto no campus, como tinha também algumas aulas marcadas em propriedades circunvizinhas, na verdade, porque as visitas mais longas eram realizadas em finais de semana. Mas as aulas práticas de visita técnica a gente fazia só – vamos supor – em um dia. Chegava lá de 1h da tarde; 1h15, nós pegávamos o transporte e íamos para o destino. Mas isso era no dia que algum professor negociava as aulas para ficar a tar-

de toda, porque se fossem, vamos supor, três aulas de um professor, não dava para ir e voltar.

Foi muito importante a minha primeira turma. Até hoje, eu tenho contato com alguns. Sempre encontro – de vez em quando, porque agora eu moro longe da região –, mas sempre a gente se fala, com alguns. Teve muita gente que desistiu do curso, mas eu continuei junto com outras pessoas de Carnaúba. Graças a Deus, tem muita gente que é de Carnaúba, formada em Agroecologia, e alguns estão trabalhando, outros não estão; e a vida é assim. Alguns desistiram porque, às vezes, colocaram Agroecologia como a segunda opção. E, às vezes, tinha alguns, uns colegas que eu ouvia falar que tinham conseguido outro curso. Aí se identificavam mais com o outro curso e iam fazer.

Eu até tive alguns colegas que, às vezes, pediam nossa opinião. Eu dizia: “Você tem que fazer o que você gosta, não adianta você ficar aqui tomando o lugar de alguém que quer, porque sempre tem alguém que quer.” Eu dizia sempre: “Faça o que você gosta, porque você não vai se arrepender lá na frente.” E eu acho que também a questão do transporte – tinha vários colegas meus [que eram] de fora –, questão de moradia, também isso pesa. A gente que era de Carnaúba, a gente só tinha o gasto do transporte; mas eu vi muito colega que tinha que morar em Picuí, tinha a alimentação e assim por diante. Isso dificulta bastante, creio eu.

Quando eu comecei tinha BCA, que era Base Científica em Agroecologia, que foi com professor Wilson. Só que, na época, eu adoeci e ele me reprovou. Quando eu voltei, já era outro professor, que era o Lucia-

no Pacelli – inclusive ele é de Carnaúba dos Dantas, vim saber no decorrer do curso. Eu não tinha nenhuma amizade com ele, e, na disciplina dele, ele é muito bom em termos de didática. Foi muito receptivo quando eu falei que era técnico agrícola e tinha algumas propostas para trabalho de conclusão de curso, porque minha visão já era para concluir o curso. Ele fez um trabalho que era de diagnósticos do uso de agrotóxicos, eu gostei bastante. E aí eu passei, do primeiro até o sexto período, a gente fazendo trabalho nesse sentido. O professor com o qual eu mais me identifiquei foi ele, no caso; tinha também a disciplina de Entomologia, que ele também dava, e foi muito importante porque a gente, juntamente com outro professor, de Fruticultura, Lucínio, a gente escreveu alguns artigos e submeteu a alguns congressos. Foi muito bom nesse sentido.

A minha memória dos professores que mais me motivaram são Luciano, Lucínio e Jandeilson, que é de Solos. Esses três, para mim, foram os que mais me motivaram a continuar no curso, porque, em 2012, como eu disse, eu voltei, e voltei com uma certa dificuldade: não podia estar subindo ao primeiro andar, e sempre eu tinha essa questão; e eu fiquei circulando em várias turmas, fazia disciplina numa turma e noutra; fiquei com algumas disciplinas faltando pré-requisito.

O contato que a gente tinha com o pessoal do ensino médio era mais quando a gente vinha pela manhã. A gente tinha o contato com os alunos, mas era mais de falar mesmo, não era mais ligado ao estudo, não. Eu cheguei no final do curso só para fazer o TCC. Eu já estava com o TCC quase completo. Como eu disse, eu co-

mecei praticamente a partir do segundo período, já fazendo umas pesquisas. O professor deu os caminhos, eu fui começar a fazer algumas revisões. E aí fui analisando quantos agricultores ia focar; e aí, a gente fez as visitas de forma aleatória. Quando chegou a fase do TCC, era mais a parte de escrever e ficar debatendo com o orientador. Ele até ficava, porque eu sou de perguntar muito, sabe; aí o professor, às vezes, ficava: "Mas rapaz, você liga para mim toda hora!" Eu dizia: "É, não posso perguntar a outro, né?" Mas foi bom demais! Um tema que eu gostei bastante. Era o que eu queria e o professor também gosta desse tema. Aí juntou tudo e deu certo.

Antes de conhecer a Agroecologia, eu era uma pessoa que... assim, eu gosto muito de ajudar. Só que antes, às vezes, tinha a dificuldade financeira; às vezes, não dá para a gente ajudar 100%. Mas eu sempre tive essa... porque quando a gente sai do curso – no meu caso, o curso técnico –, a gente sai muito empolgado. E como eu estagiei na Emater, lá em Carnaúba, eu tive uma vivência muito grande. Eu sabia qual era a dificuldade dos agricultores; sabia a dificuldade do meu dia a dia, e alguns aspectos na cidade.

Para mim, o que mudou para mim mesmo, quando eu fui fazer Agroecologia, foi a questão do conhecimento crítico, porque existiam muitos problemas que a gente, naquela região – como eu posso dizer? –, não enxergava; por exemplo, a economia lá da minha cidade é basicamente cerâmica, e isso, no decorrer do curso, a gente foi vendo que já era uma atividade insustentável, nos dias da época, e, com o tempo, isso vai se mostrando cada vez mais atual.

O curso também me ajudou na questão do compartilhamento de ideias – infelizmente, tem muita gente que não quer compartilhar conhecimento. O curso mostrou para a gente esse conhecimento crítico de vários assuntos e a questão de a gente compartilhar informação; às vezes, o pessoal da sua família não tem conhecimento de determinado assunto e a gente tem. No meu caso específico, com os agricultores que eu atendia, eu aliei o conhecimento que eu fui adquirindo na graduação e sempre procurava repassar aos agricultores da minha cidade.

Eu acredito também que outra mudança que teve foi a questão de concursos públicos. Porque quando eu estava fazendo o curso técnico, eu não fiz nenhum concurso na área agrícola, e eu fiquei pensando: “Eu vou fazer esse curso, mas não tem concurso.” Por exemplo, não peguei nenhum concurso de Emater da vida. E aí, eu continuei no curso e caminhei para esse lado de concurso público. E devido a eu ter permanecido no curso, não perdi o conhecimento técnico que eu tinha, ou seja, eu me aprofundi mais ainda quando eu fui fazer a graduação em Agroecologia. E hoje, eu sou servidor público. Eu só fazia concurso para a área agrícola, sabe, fazia concurso para técnico agrícola. Sempre estava estudando e me submetendo aos concursos. Todo concurso que aparecia, a gente estava dentro. Na época, tinha até aquele número do cadastro único, a gente tinha essa vantagem, de ter o conhecimento e pedir isenções. E sempre a gente arriscou. Fiz concurso para a Rural de Pernambuco, para a UFRN, para a UFPB. Aí, em 2014, foi o ano dos concursos. Foi quando eu fiz acho que uns cinco concursos. Fiz

concurso do IBGE – do IBGE não, da CONAB –, da prefeitura de Nova Floresta, da Universidade Federal de Sergipe e de outras prefeituras que abriram. Eu cheguei a passar em dois. Eu trabalhei na Paraíba e, na época, eu ainda era estudante em Picuí. Os colegas não eram muito de concurso, não. No caso, quem me incentivou foi minha esposa, porque ela também é formada na área agrícola e a gente sempre ia fazer juntos. Basicamente, foi minha esposa que continuou incentivando para a gente sempre estar concorrendo nos concursos públicos. E alguns professores também, sempre diziam para fazer.

Devido a ter... assim, foi muita luta como estudante. Como servidor público, eu procuro ajudar muitos alunos na questão de pesquisa e informações, porque o aluno, quando chega à universidade, ao Instituto, ele tem muita falta de informação, informações simples. E eu costumo dizer que a gente tem que ajudar os outros sem pedir nada em troca, porque o aluno está ali, você já viu, você já passou por aquilo e aquilo ali, no futuro, ele vai dizer: “Rapaz, aquele rapaz me ajudou.” Mas não precisa me dar nada em troca; só o conhecimento que adquiriu, se ele transmitir para alguém, para mim eu já estou... para mim, é como se fosse um obrigado. Eu penso assim.

A prática conta muito. Muito conhecimento que eu passo para os alunos é na prática. Mas também a gente mostra a questão teórica, explicando o porquê de aquilo estar acontecendo. Eu sei que os professores sempre explicam, mas, às vezes, os alunos têm – como eu posso dizer? –, têm medo de perguntar ao professor. Eu procuro muito demonstrar na prática. Por exemplo, tem coisas que só dá para você entender se você pegar, que é o caso

de solos. Uma prática que a gente sempre faz é colocar o solo na mão e ficar fazendo assim, fechando a mão, sentindo a textura do solo; se é arenoso, se é argiloso, você já tem várias respostas para o aluno, seja para uma questão até de irrigação, de adubação; se cai uma chuva, você já vai saber o que é que aquela terra ali vai sofrer, o impacto. Esse é só um exemplo. Eu gosto muito dessa prática, porque, na escola agrícola, a gente vivia, a gente fazia nossas hortas, e assim por diante. Apesar de que, no IFPB, eu trabalhei pouco na questão prática. Porque vinha a questão limitante devido ao problema de saúde. Aí, eu não pegava muito em peso, não, na época.

Quanto a objetos que guardo do IF, são fotos de algumas visitas que a gente foi. O mais marcante são as fotos. A gente começa a olhar e vê o que a gente passou. O último fato que eu me lembro, assim que... não é nem um fato relevante, mas é algo que eu acho que todo mundo se lembra, era a questão de não poder entrar de bermuda no IF. Está entendendo? Foi um fato que para mim nunca pensei que aconteceria. Levei meus pais e tive que deixá-los lá, esperando. Não é um fato relevante, mas é um negócio que eu me lembro. Fui levar meus pais novamente só na formatura e na defesa do TCC.

O destaque que eu trago é a questão de os professores serem muito capacitados. Porque isso é muito importante, sabe? A valorização técnica deles é muito relevante para um estudante. Ver professores dedicados, que sempre estão ali publicando trabalhos, é motivante para o aluno. E, para mim, o destaque do IFPB foi esse: os professores muito capacitados. A maioria sempre ajudava a gente e, para mim, isso foi o mais importante.

Falando um pouco do curso técnico, não me vejo sem indicar para uma pessoa, porque quem faz o curso técnico vai ter uma vivência, quando ele for para a graduação. Sobre o IF, para mim, eu só tenho a agradecer a Deus, porque abriu muitas portas para mim... na época, 2015, fui chamado no concurso, trabalhei oito meses na prefeitura de Nova Floresta, aí na Paraíba mesmo. E, depois de oito meses, eu fui chamado na universidade. Eu estou até hoje, fiz algumas redistribuições, já trabalhei no Ceará, no IFCE. Voltei novamente, agora, para o Sergipe, porque a minha esposa também foi chamada aqui no concurso. Eu ficava nessa, buscando redistribuições.

E hoje, eu só tenho a agradecer mesmo, porque, graças a Deus, a gente vive muito bem, financeiramente e profissionalmente; a gente é feliz. Em 2011, eu tinha até um benefício social, ou seja, já era mais um motivo para eu ter desistido, mas eu disse: "Não vou desistir, não." Na época, aconteceu de a minha esposa ser chamada em um concurso, aí o povo dizia: "Rapaz, fique com o benefício." Eu digo: "Não, quero não." Acabei deixando o benefício de lado e voltei a estudar.

Não que a gente não esteja satisfeito, mas, por exemplo, na época da graduação, eu deixei muito de lado a questão de fazer pós-graduação: mestrado e doutorado. Hoje, eu penso no mestrado; até cheguei a passar em um, na época, em 2018, lá em Areia: Ciência do Solo. Mas, infelizmente, devido à questão de lonjura, não foi possível, porque eu trabalhava lá no Ceará. Eu ficava todo final de semana vindo de Limoeiro do Norte para Areia; aí, não deu para fazer as disciplinas, e eu acabei desistindo. Com o tempo, eu fui redistribuído para o

Sergipe e, assim, a gente está tranquilo, hoje. Mas a gente sempre pensa em voltar – no caso, se aparecer uma possibilidade – mais para a Paraíba, porque é onde fica mais próximo tanto dos meus pais como dos da minha esposa. A gente está na luta; nada é impossível, não.

O recado que deixo é que, se tiver uma oportunidade, não deixe passar, não, porque, às vezes, a gente deixa de pegar uma oportunidade querendo escolher muito e acaba dando errado, lá na frente. Se tiver oportunidade, pegue logo a primeira que aparecer, porque, se lá no futuro aparecer outra, você repensa. Mas eu gosto muito assim: se tiver oportunidade, sendo viável, e não tendo outra opção, eu vou na primeira que tem. Sendo bom para mim, sendo bom para minha família, eu não penso duas vezes, não. Incentivar quem pode estudar e quem tiver oportunidade, eu sempre estou incentivando. Eu só tenho a falar isso mesmo.

06 Joelma Rayane Dantas¹⁴

Curso Técnico em Edificações, 2011-2015



Inicialmente, eu gostaria de agradecer a todos vocês por esse convite. Sinto-me muito honrada em participar desse processo, da construção da história dos ex-alunos que passaram pelo IF, principalmente no campus de Picuí. Sinto-me honrada em ser convidada para participar desse momento tão especial, ainda mais especial porque hoje, dia 9 de março, nós comemoramos 117 anos da emancipação política da cidade de Picuí. Apesar de não ser cidadã do município nem natural de lá, eu tenho uma recordação muito boa a respeito da cidade. Foi onde eu construí minha trajetória.

Eu me chamo Joelma Rayane Dantas, sou advogada recém-formada. Sou pós-graduanda em

Direito Público. Sou residente no Tribunal de Justiça do Estado do Rio Grande do Norte e sou colunista da *Advocacia Potiguar Júnior*, que é uma revista aqui do estado do Rio Grande do Norte. Sobre minha vida, em especial minha infância, eu tive uma infância no interior do estado do Rio Grande do Norte. Nasci em Jardim do Seridó, mas só nasci, praticamente. Cresci na cidade de Carnaúba dos Dantas, na fronteira entre o Rio Grande do Norte e a Paraíba. Eu vim de uma família muito humilde, extremamente humilde. Na minha casa, eu fui a primeira pessoa a concluir ensino médio e, apesar de parecer uma conquista pequena, para o meu contexto, para a minha família, foi uma conquista enorme. Foi como surgiu o primeiro reflexo da educação.

Eu cresci no sítio Xique-Xique, na cidade de Carnaúba dos Dantas, com minha família materna e minha família paterna, uma família extremamente humilde. Meu pai é agricultor e pedreiro; está um pouco afastado das obras e está focando mais a agricultura. Minha mãe é ASG – auxiliar de serviços gerais – da escola do bairro Monte [do Galo], que é a Escola Municipal Cônego Ambrósio Silva, que foi onde eu cresci e estudei até o 6º ano. Depois eu fui para o Instituto Municipal João Cândido Filho, na cidade de Carnaúba dos Dantas, e de lá eu só saí para ir para o IF.

Eu estudei em escolas públicas a minha vida inteira. Acabei indo para uma universidade particular para cursar a graduação, mas como bolsista integral do ProUni. Minha família nunca teve condições suficientes para arcar com os meus estudos, e eu cresci nesse âmbito familiar de muito aperto financeiro. Houve um período

do de muito sufoco, meu irmão desenvolveu um tumor no braço, e minha mãe teve de se locomover até Recife para tratar. Foi um transtorno. Vendemos tudo o que tínhamos, animais, porque quem vive na agricultura trabalha muito com animais, com terra, então tivemos que vender tudo. E para minha mãe, a única fonte de renda fixa era o salário mínimo como ASG, e salário mínimo é baixo; imagina, cerca de 2 mil [reais], era ainda mais baixo. A gente se desdobrava com o salário mísero; viver de agricultura não é fácil, porque a gente depende de chuva.

Então, a minha infância foi bem sofrida no âmbito econômico, mas, por outro lado, foi muito alegre, muito feliz. Vivi momentos incríveis com meus irmãos. Venho de uma família enorme, cheia de primos, sobrinhos, netos, incontáveis. Vivi momentos incríveis no sítio, com meus pais e com meus irmãos. Tenho dois irmãos e eu sou a caçula da minha casa; tem uma mais velha e o do meio, e nossa família é composta por cinco pessoas. E foi assim a construção da nossa vida, com bastante sufoco econômico, mas com muita alegria transbordando, por outro lado. Havia o ônus e o bônus. Por ser uma família batalhadora, a gente acaba se apegando muito aos laços emocionais, já que não havia laços econômicos, laços financeiros. Então, a gente tinha um ao outro. Uma família incrível. Minha infância foi perfeita. Apesar do sufoco, não chegamos a passar fome nem nada nesse sentido, mas era apertado, muito apertado. Quem tem uma família parecida entende o que estou falando, de como é viver com um salário mínimo para sustentar uma família com cinco membros.

Essa foi a minha infância, com o pé no chão, o pé na areia, brincando com as árvores. A gente esperava chover para, no outro dia de manhã, chacoalhar os galhos para a chuva cair no rosto. Então, minha infância foi assim, muito pé no chão, brincando na areia, me sujando e estudando muito. Sempre gostei muito de estudar. Quando eu aprontava (segundo minha mãe, eu não aprontava muito), o castigo era não ir para a escola. Esse era o castigo. Se perguntar a minha mãe, ela confirma de olho fechado, porque eu amava estudar. Sempre fui conhecida por ser dedicada aos estudos, sempre amei muito estudar. Acho que o que me motivava era a tentativa de mudar a situação da minha família. Isso é uma realidade muito comum entre todos os brasileiros. Você vem de uma família humilde, então, se você tem a oportunidade de alcançar os estudos, você busca aquilo como uma força motriz, a motivação suprema. Então, sempre tive esse desejo de estudar e, apesar de ter sido uma infância, uma adolescência bem complicada nesse aspecto, sempre procurei algum meio possível de mudar a realidade da minha família. Essa foi a minha infância; apesar de tudo, uma infância muito feliz, extremamente alegre, com muito amor, muita paz; nada que pudesse ferir os nossos laços familiares. Isso resume a minha infância.

O ensino infantil foi na Escola Municipal Cônego Ambrósio Silva, que fica no bairro Monte do Galo. Eu vivi lá a minha vida acadêmica e fiz até o 6º ano nessa escola, porque era onde a minha mãe trabalhava – e trabalha até os dias atuais – como ASG. Ela que me levava para a escola; quando terminava o expediente, por coincidên-

cia, ela voltava para casa e me levava também; assim como foi com meus irmãos. Eu me lembro de muitos detalhes que vivi lá na infância, muitos momentos especiais. Eu acho que a gente nunca esquece, principalmente quando a gente gosta de estar na escola.

Tive professoras marcantes, e uma delas em especial. O nome dela é Desterro. Ela é bem conhecida na minha cidade, Carnaúba dos Dantas, porque é atuante na área acadêmica. Ela é professora e hoje ela tem um título a mais, ela é minha sogra. Eu acabei casando com o filho dela. Ela foi minha professora no ensino infantil, na escola do Monte. Foi muito marcante porque era ela que trazia a literatura para a sala de aula e, nos anos iniciais, com 6, 5 anos, eu já gostava muito de ver a vida acadêmica por esse lado, apesar de saber pouca coisa. Muitas conquistas me fizeram muito feliz. Eu fui escolhida para ser a oradora da turma na formaturinha, nos anos iniciais; sempre gostava de ler, decorava os textos. Todas as minhas fotos, no momento da formatura, eram segurando o texto que eu lia no juramento, e ela do meu lado. Tive outros professores que marcaram muito minha infância, mas ela em si foi a mais especial, por vários aspectos e até mesmo por ser minha sogra.

Ao chegar ao 6º ano, não tinha escolha, não podia continuar lá. Eu amava muito aquela escola, era a escola que minha mãe trabalhava. Tive que ir para a cidade – a gente divide a cidade de Carnaúba dos Dantas entre Monte e Rua. Então eu saí do Monte e fui para a Rua, que era na verdade o centro da cidade. Fui para o Instituto Municipal João Cândido Filho e lá iniciei a partir do 7º ano. Confesso que foi um ano muito difícil

para mim. Como eu vivi a minha vida lá naquela escolinha pequena, lá do Monte, mais próxima ao sítio onde eu morava, havia muito preconceito. Então, eu fui muito chacoteada por morar no sítio. Algumas meninas ficavam me xingando, puxavam meu cabelo, porque eu era nova naquela escola. Quem viveu a infância no sítio sabe que a gente saía para estudar e depois voltava para casa. Pelo menos comigo e com os meus irmãos foi assim. Então, eu fui para lá com muito medo. Tinha mais pessoas, pessoas que moravam no centro da cidade – no “centro da cidade”, uma cidade de 7 mil habitantes, mas para a minha realidade era algo diferente e assustador. Por isso, foi difícil para me encaixar ali e entender o meu lugar. Mas eu sempre fui aquela aluna que sentava na cadeira da frente e buscava sempre focar o professor e o que ele tinha para transmitir.

Nessa escola, vários professores me marcaram muito. Entre eles, uma professora de Artes, Joseley – a gente a chama carinhosamente de Jó. Ela foi muito especial na minha vida. Até hoje eu passo e a vejo. E diversos outros professores. É difícil citar um por um, mas entre tantos, ela foi muito importante para mim – o exemplo da vida dela, as coisas pelas quais ela passou para chegar aonde ela chegou, até se tornar professora. Nessa escola foi onde eu tive meu primeiro contato com os estudos de uma forma mais viva. No 7º ano, a gente começa a ver novos assuntos. No 8º ano – foi quando eu conheci Arthur, que hoje é meu esposo –, fui líder de turma. Isso significa que eu sempre estava buscando me aperfeiçoar. Quando cheguei ao 9º ano, as coisas ficaram mais sérias para mim. Apesar de eu gostar muito de

estudar, eu sofria aquela limitação de escola municipal de bairro. Não em relação aos professores, mas os recursos eram muito escassos, especialmente na questão da infraestrutura. Com isso, o ensino, de certa forma, não atendia às necessidades dos alunos. Também foi um período difícil, porque teve início o ingresso das drogas e da criminalidade no município, e isso refletia nas escolas. A gente vê que hoje reflete, mas naquela época acontecia ainda mais porque era algo novo. Esse período foi quando eu fui mais desafiada a fazer escolhas que simplesmente mudariam meu futuro.

Eu posso resumir essa fase da minha vida assim: um período muito bom, em que eu estudei na escola do Monte, onde minha mãe trabalhava, e um período desafiador, quando eu tive que ir para uma escola maior, com pessoas novas, com as quais eu não tinha contato e, de certa forma, eu era excluída. Lembro de uma vez que eu cheguei à escola e fui me sentar. Quando olhei para a cadeira, ela estava cheia de cola. Uma menina que implicava comigo tinha colocado cola na cadeira, mas eu percebi a cola e não cheguei a sentar. Eu era muito esparta e muito atenta a tudo. E, por essas razões, foi um pouco desafiador ir para um lugar novo com pessoas novas, mas foi também um momento de encontro com as possibilidades da vida de estudante de fato. As coisas começaram a ficar mais sérias para mim e eu precisei fazer grandes escolhas.

Não havia nenhum tipo de pressão, até porque minha família nem sabia o que era ensino superior. Ninguém ainda tinha chegado ao ensino médio, imagina ao superior. Naquela época, o ensino superior era seletivo,

era para poucas pessoas. As pessoas tinham acesso a melhores escolas pela renda, pela condição econômica. Como eu precisava ir para o ensino médio, então, novamente, eu precisei fazer escolhas. Na minha cidade, Carnaúba dos Dantas, a gente só tinha uma opção de ensino médio, que era uma escola estadual. Se a minha primeira escolha de ir para a Rua foi uma escolha difícil, imagina no âmbito do ensino médio. Então, para mim, ir para a escola estadual era uma coisa que eu evitava ao máximo, porque se nessa outra escola, onde eu estudei do 7º ao 9º ano, já era difícil, imagina lá, que era onde havia um maior número de pessoas, adolescentes cheios de hormônios. As pessoas eram mais duras com o pessoal que vinha da zona rural.

Esse é um sentimento que hoje eu acredito que não existe mais. Mas, na minha época, eu tenho amigos que sofreram a mesma situação que eu sofri. No IF, eu já não senti mais isso, no IF já era algo mais democrático. Mas eu evitava pensar em ir para essa escola justamente por esse medo. Eu tinha medo das pessoas, era basicamente isso, eu tinha medo do enfrentamento. E o IF veio como uma opção, digamos, uma válvula [de escape]. Era uma forma de eu não ir para lá, para essa escola estadual, e ter uma opção que continuava pública, mas onde eu não teria que enfrentar o que eu enfrentaria lá na escola estadual, porque seria uma outra cidade, com pessoas novas. Isso era comum, pessoas de outras cidades também irem para o IF, então essa foi uma escolha minha. Na verdade, todas as escolhas da minha vida acadêmica e profissional eu sempre tomei muito sozinha. Pela falta de conhecimento dos meus pais, eles não

podiam opinar ou aconselhar: “Minha filha, estude para você ir para esse lugar.” O que minha mãe podia fazer era dizer: “Estude!” Mas ela não podia me aconselhar a tomar um determinado rumo, porque ela desconhecia as possibilidades desse rumo.

E aí eu soube que o IF tinha acabado de ser implantado no município de Picuí. Em 2011 foi a segunda turma; a minha turma foi a segunda turma do IF. Inclusive nós pegamos ainda o IF no colégio provisório, em outro bairro. Era uma infraestrutura um pouco ruim, porque era algo provisório. E a escolha de ir para lá foi justamente por isso, porque os meus colegas do 9º ano tinham a possibilidade de se deslocarem do município para irem para escola particular em outros municípios, como Parelhas e como a própria cidade de Picuí – tinha escolas particulares lá, de ensino privado. Mas essa não era uma realidade que me cabia, ou era isso ou era aquilo. E a única forma de ir para o IF foi estudando. Graças a Deus, a escola onde eu fiz o 9º ano, que eu chamo de Escola da Rua, oferecia um cursinho gratuito para os alunos que quisessem fazer a seleção. E eu fiz esse cursinho junto com outros colegas, e foi a partir daí que nós decidimos tentar ingressar no Instituto Federal, em um ensino público e de extrema qualidade.

Na época, eu ainda não tinha noção de quão diferente era essa qualidade, em comparação ao ensino público estadual lá da minha cidade e até mesmo ao ensino privado a que a gente podia ter acesso ali. Foi um pouco difícil, confesso; como era em outra cidade, eu tinha que me deslocar. Para muitos alunos isso é comum; é comum o IF receber alunos de diversas regiões.

Na minha turma, eu estudei com pessoas de Baraúna, um colega de Sossego – até hoje nós somos amigos –, pessoas de Nova Floresta, Nova Palmeira, pessoas ali de Frei Martinho. Na seleção que eu fiz, várias pessoas de Carnaúba passaram. As pessoas buscavam melhoria e o IF era uma oportunidade.

Para nós de Carnaúba era especialmente difícil, porque, além do ônus de se deslocar todos os dias de uma cidade para a outra, a estrada oferecia uma condição extremamente precária. Não era completamente barro, mas quando terminava a estrada do Rio Grande do Norte e entrava no estado da Paraíba, eu diria que 95% era barro. Havia um breve resquício de asfalto, mas muito pouco. Então, a gente enfrentava estrada de barro todos os dias. O ônibus não era gratuito; apesar de a prefeitura conceder um auxílio na época, a gente precisava desembolsar de alguma forma recursos financeiros para bancar o transporte. Eu diria que era um valor considerável, porque precisava arcar, além do transporte e da gasolina, com a péssima qualidade da estrada. Então, nós enfrentamos greve de caminhoneiros; ficamos retidos na estrada em vários dias; o ônibus quebrou várias vezes, por causa dos buracos que havia nas estradas. Isso acabou refletindo no custo da passagem.

Esse custo, esses gastos com meu transporte, foi uma preocupação, sim, mas uma preocupação mascarada por parte da minha família, especialmente da minha mãe, que foi a responsável por arcar com essas despesas. Ela nunca falava nada, nunca externou qualquer possibilidade de medo – se iria dar certo, porque tirar um valor e comprometer o orçamento, que era

pouco, para pagar exclusivamente a passagem do ônibus era preocupante. Mas ela não deixava, em nenhum momento, transparecer. Eu sei que havia medo ali, de faltar no final do mês, mas ela não deixava transparecer. E havia um lado positivo também: é que eu fui contemplada com bolsa de transporte no IF. Havia essa possibilidade de você optar por uma bolsa de transporte ou por auxílio-alimentação. Para mim, era mais [vantagem] o transporte, porque realmente eu precisava ter mais dispêndio financeiro para isso. De certa forma, foi uma preocupação, mas foi mais leve, no sentido de haver um certo auxílio da prefeitura e um auxílio ainda melhor do IF. Essa força de vontade da minha mãe, pela mudança, me deu uma concretude na realização dos meus sonhos.

Naquela época, só havia duas opções de curso: Informática ou Edificações. Escolhi Edificações, não pelas possibilidades acadêmicas ou por almejar uma carreira como técnica em Edificações; foi porque meu pai era pedreiro. Como eu disse, ele era agricultor e pedreiro. E em relação às escolhas, Informática ou Edificações? Informática era algo muito distante para mim, porque eu nunca tive acesso, na minha infância, na minha adolescência, à informática. Além de ser um recurso um pouco mais difícil na época, devido às condições financeiras e à própria localização onde a gente morava, a zona rural. E eu não tinha acesso a computador, só depois do IF que fui ter. Antes, eu não tinha acesso, e eu até tinha medo de Informática. Então, não era uma possibilidade, nem de longe, fazer Informática. E foi por isso que fiz Edificações. Em um dado momento, eu cheguei a procurar na internet e em algum lugar informações a

respeito. O que é Edificações? Para mim, era algo novo. E aí eu percebi traços relacionados à Arquitetura e à Engenharia Civil. E aí eu pensei: meu pai! Eu vou poder ver aquilo na prática, em casa, no trabalho dele: tijolo a tijolo, planejamento arquitetônico, construção de casas, edifícios. E a motivação para fazer Edificações, além [do fato] de que eu não optaria jamais por Informática, foi esse laço afetivo com meu pai. Por ele ser pedreiro, eu optei pelo curso técnico em Edificações.

Sem dúvida foi um impacto enorme, sem precedentes. Quando a gente faz uma análise comparativa sobre a minha vida, nesse aspecto, ainda na minha cidade, a gente percebe que eu era uma pessoa extremamente acuada. Até hoje, eu me considero uma pessoa muito tímida, apesar de muitas vezes não transparecer. Este, por exemplo, é um momento em que eu estou totalmente à vontade, conversando com vocês sobre um assunto que me interessa muito. Mas, na época, eu tinha uma dificuldade muito grande de me relacionar com outras pessoas. Quando eu cheguei ao IF, fui desafiada nesse sentido, de quebrar esse medo e de conviver com a maior diversidade possível. O IF, como eu falei, trazia pessoas de diversos outros municípios. Imagina pessoas de culturas diferentes? Eu vivi ali com pessoas que estudaram a vida toda em escola privada e que tiveram uma condição econômica bem melhor que a minha, em termos financeiros. Por outro lado, havia pessoas que tinham uma situação parecida com a minha, e, em alguns casos, ainda pior, que viveram momentos muito mais sofridos em questão econômica do que eu, honestamente falando.

Então, foi uma mudança drástica em relação à rotina, especialmente porque o IF exige muito. Eu dividia a minha vida entre os estudos e a igreja. Era uma fase em que eu era muito dedicada à igreja, na minha cidade. Eu me dedicava muito, extremamente, antes do IF e durante o IF também. E eu me via com dificuldade para saber controlar o tempo e a rotina, para não abandonar a igreja e muito menos os estudos. Porque a gente sabe que o IF requer muita atenção do aluno. Então, se você quer fazer um curso de uma forma fiel, sem burlar as regras, você precisa estudar. E o IF era ensino integral basicamente todos os dias. Então, para mim, essa mudança de rotina foi bem significativa.

Quando eu cheguei lá, eu tive contato com várias outras pessoas. Teve o lado bom: havia alguns alunos da minha cidade e a gente tinha uma conversa mais facilitada. Aprendi com professores de nível altíssimo, mestres, doutores. Tive um acesso à educação em uma escala que impactou muito a minha vida. Estudei minha vida toda em escola pública e, chegando ao IF – uma escola pública, mas federal –, o ensino era sem dúvida bem superior.

No início, eu juro que fiquei com medo, até pela questão da viagem, era cansativo demais. O prédio em que a gente estudava, no início do IF, era um colégio provisório e a infraestrutura não era boa. Eu me lembro que, em algum momento, nós tivemos aula com a professora Talita. A gente tendo aula de Desenho Técnico e começou a chover (choveu bastante em Picuí em 2011), e a gente precisou se deslocar com os projetos para outra sala. Então, a gente enfrentou grandes dificuldades naquele prédio provisório. Mas, por outro lado, fomos

para o prédio novo, que é o prédio atual. No novo prédio, foi bem melhor. Ali, transpareceu tudo que o IF tinha para nos oferecer em termos de ensino, de qualidade acadêmica, de professores extremamente qualificados e, além de tudo, infraestrutura. A gente tinha biblioteca, uma coisa que a gente não tinha no outro prédio.

Então, foi impactante essa mudança de rotina, porque, às vezes, a gente precisava ficar o dia inteiro, e a gente tinha transporte para ir, mas não tinha para voltar no fim do dia. Então, a gente almoçava no IF. Às vezes, nos abrigávamos na casa de alguma colega, mas nem sempre elas podiam nos receber. Então, a gente se virava no IF; pedíamos quentinha e dividíamos ali nas escadas. E eu lembro que a questão financeira pesava nesses momentos, porque tínhamos de custear a alimentação também. Houve um momento em que a gente não tinha condições de ficar à tarde e, então, um professor pagou o nosso almoço. O nome dele era Márcio – não sei se ele ainda faz parte da instituição –, ele era professor de Filosofia. Eu e uma amiga dividimos com ele que a gente não podia ficar à tarde e que a gente dividia uma quentinha de dez reais para três pessoas. E aí ele se ofereceu e pagou o almoço para a gente. Então, era difícil, nesse sentido. A rotina era pesada e o nível de estudo, altíssimo. Era desafiador, principalmente nos dias que a gente precisava ficar o dia todo.

Às vezes, a gente precisava pegar carona. Então, além da estrada, da locomoção, tudo isso, a gente precisava ir para o trevo para esperar carona, eu e minhas amigas da minha cidade, Carnaúba dos Dantas. Muitas vezes, a gente pegou carona com caminhoneiros, o que

não é aconselhável, mas na época era a opção que tinha. Havia o transporte privado, mas, se não tínhamos condições de bancar o almoço, imagina o transporte; era caro, na época. Muitas vezes, a gente ficou esperando carona por horas, naquele trevo, para voltar para casa. E nos submetíamos a situações horríveis, como vir em cima de caminhão de lenha. A gente voltava para casa assim, de noite, com pessoas que a gente não conhecia, até mesmo caminhoneiros de outros estados. Mas eu e minhas amigas íamos, e era uma forma de voltar para casa. Subíamos no caminhão; com quem parasse a gente ia. Graças a Deus, nunca aconteceu nada, mas a gente sofria esse risco para ter acesso a uma condição de estudo melhor. Fora que a gente vinha em cima do caminhão sobre a estrada de barro; imagina nossa condição, nosso estado físico e emocional quando chegava em casa. Vi minha mãe chorando por diversas vezes, porque sabia que eu precisava disso e não tinha um carro para me buscar, e minhas amigas, na escola. Era aquilo ou nada. Então, era difícil, especialmente por isso, pelo transporte, pela rotina, especialmente nos dias que a gente precisava ficar o dia inteiro. Barro no rosto. Certa vez, a gente pegou carona com um caminhão de galinha e era aquele cheiro insuportável, mas aquilo ali para a gente era irrelevante. Hoje, eu olho e imagino que minhas amigas olhem também e pensem no grau de dificuldade que a gente enfrentou, mas, na época, eu confesso que não era sofrido.

Hoje, olhando, eu digo: era sofrido. Mas, na época, não era, porque era prazeroso aquilo para a gente. Acordar de quatro e pouco da manhã, esperar o ônibus

chegar de cinco e pouquinho, para chegar ao IF, passar por aquilo tudo. Às vezes, a janela do ônibus quebrava, o vento na cara, areia na cara. Chegar ao IF e não ter condições de bancar o almoço, mas ficar, de todo modo, e voltar para casa dependendo de carona; chegar em casa, às vezes, 9 horas da noite, só comer e dormir. Quando tinha trabalho, ficava acordada até de madrugada – nunca deixei de lado meus compromissos com o IF – e, no outro dia, repetir a mesma rotina. Era cansativo, era sofrido.

Você pode me perguntar: por que você se submetia a isso tudo? Além de não ser algo sofrido para nós, na época, apesar de parecer clichê, era um esforço que valia a pena. Valia muito a pena porque, como eu disse, era aquilo ou nada. Para nós, chegar no outro dia ao IF e ter acesso àquelas aulas, aos professores com uma qualidade de ensino incrível e uma dinâmica muito boa, ao que eles tinham a oferecer de carga profissional, aos instrumentos que o IF oferecia – como salas de aula confortáveis, a infraestrutura que o IF tinha a oferecer –, para nós, era um esforço que valia a pena. Cheguei a dormir nas aulas da professora Adriana, de Literatura e Português, por algumas vezes, mas esse era o ônus que a gente pagava pelo bônus de ter aquela qualidade de ensino. Em termos de rotina, dificuldade de locomoção, eu acredito que isso resume bastante.

Para mim, falar dos professores do IF é uma tremenda responsabilidade, porque eu acho que não há palavras que transmitam a qualidade de ensino que a gente tinha lá. Alguns deles fizeram grandes mudanças, tiveram uma grande importância na nossa vida – em particular, na minha vida. Entre eles, a professora Her-

tha, por exemplo. Foi o meu primeiro contato com o livro, a literatura. Ela me apresentou livros. Hoje, eu imagino que, se ela ouvisse essas palavras, não lembraria da minha feição, da minha aparência física nem dessas situações. Mas houve momentos em que ela chegou a me emprestar um livro. Pedi para ela e ela me emprestou. Levei para casa; eu li o livro de 300 páginas em um dia, porque fiquei extasiada com aquilo. Eu tenho uma afeição enorme, indescritível pela leitura e aquele foi meu primeiro contato vivo com a leitura, com a literatura, especialmente com a literatura brasileira, que o IF tanto ressaltou. Então, sem dúvida, a professora Hertha [foi a que mais me marcou], por tudo, pela influência acadêmica; eu sempre via nela um exemplo de mulher. Eu olhava para ela e me inspirava demais.

Outros professores, como Macedo, que era professor de História e era, sem dúvida, um professor inigualável. Quando eu percebia, no quadro de horário, que teria aula de Macedo no dia seguinte, eu ia dormir até mais cedo para não correr o risco de perder o ônibus. Ele era incrível, o Macedo. As aulas dele eram um mergulho na história brasileira e de outros países também. Inclusive, ele tinha uma característica especial que era a palavra "repare". Ele falava muito essa palavra. Ele foi, sem dúvida, um professor muito importante para minha vida. Especial! Aquele professor que você senta, presta atenção e só sai de lá quando acaba, porque de fato você não consegue nem piscar; ele era incrível.

E outros professores, como o Geraldo, que era professor de Física; uma característica era que ele ilustrava bastante no quadro. Ele gostava bastante de de-

senhar, e tornava a Física – que é uma matéria aparentemente assustadora – extremamente interessante, pelas ilustrações dele, pelo jeito dele. Um homem de nível acadêmico altíssimo; um professor inteligentíssimo. E diversos outros, como Márcia, que era professora de Geografia. Ela chegou a sair durante o período em que eu estava no IF, mas ela era extraordinária, superextravagante, engraçada. Adriana, professora de Português. Márcio, professor de Filosofia. Deixe-me ver quem mais... Nossa, sem dúvida, Ana Aline. Ana Aline era professora de Desenho Técnico e eu me identificava muito com Desenho Técnico. Acredito que ela ainda faz parte do quadro de funcionários da instituição. Na época, de forma figurativa, é claro, mas ela basicamente pegava a mão do aluno e desenhava junto com ele aqueles traços perfeitos, na disciplina de Desenho Técnico; e chegar à prancheta e vislumbrar aquele papel enorme, e olhar para a frente, e ver a professora explicando as características de um traço. Eu lembro que, uma certa vez, eu fiz um traço – ela ensinava a não fazer o traço, pausar e continuar, porque ficava a marcação do lápis –, e ela percebeu que eu estava nervosa pela presença dela ali; continuei fazendo o traço, parei e continuei novamente, e ficou parecendo o traço de um batimento cardíaco. Ela foi lá com toda a paciência do mundo e me explicou, me acalmou, me tranquilizou. Sem dúvidas, ela foi fundamental para o meu crescimento no IF. Extremamente cirúrgica, técnica, um nível muito elevado, uma forma de lidar com os alunos muito especial. Eu acredito que todos compartilham desse mesmo sentimento em relação a ela.

E, entre outros, também Camila Famá, professora de diversas disciplinas – entre elas, Engenharia de Materiais. Ela era ótima, também. Lembro-me das aulas dela, de Tubulação, e, apesar de eu não ter seguido na área, eu me lembro exatamente de tudo que aprendi no IF, nesse contexto. Outros professores, como Veruska, que foi professora de Estabilidade. Era uma matéria difícil, mas que, na verdade, se tornava prática pela forma como ela transmitia o conteúdo. Vocês podem perceber que eu me lembro da maioria dos nomes dos professores, porque me marcaram; se não marcassem, a gente não lembrava. Entre outros, Tuca, que foi professor de Biologia, ainda no IF antigo. Inclusive, ele é daqui de Natal. Mas ele saiu do IF durante o período em que eu estive lá. Naldo, também de Biologia. Era uma disciplina da qual eu gostava muito, além de História e de Desenho Técnico.

Eu não lembro agora se foi Naldo ou se foi Tuca, mas eu me lembro de um trabalho que era bastante interessante. Eu não sei se repetiu nas próximas turmas, mas era um trabalho para criar uma célula e a célula deveria ser criada utilizando alimentos. Então, a gente ia construir aquela célula na forma de bolo ou de pizza, e aquilo foi muito desafiador. Eu fiz um grupo com minhas amigas da minha cidade. A gente fez essa célula em forma de bolo. Incrível; a gente separou pelos organismos celulares: então tinha a mitocôndria, tinha os ribossomos, os lisossomos – olhe, eu lembro de tudo, viu –, o citoesqueleto, as organelas, tudo lá na célula, bonitinho. E, além de tudo, a gente tinha de apresentar o trabalho em forma teatral. Eu era o citoesqueleto, tinha uma amiga que era o retículo endoplasmático granuloso, ti-

nha o liso também. A gente apresentou esse trabalho em forma de teatro e, no final de tudo, acabou de forma boa, porque a gente comeu a célula, e foi incrível.

Diversos outros professores marcaram muito a nossa vida no IF, sem dúvidas; o professor Tiago também, que deu aula de Topografia, era excelente. Diversos outros. Adriana, eu acho que eu já falei. Mas professores incríveis que marcaram muito, não só por trazerem o conteúdo, mas por passarem lições de vida muito importantes. Eu lembro que, em alguns momentos, nós choramos com professores, em algumas despedidas, e choramos com outros, em momentos de desabafo; nós ouvíamos desabafos de alguns professores, por situações pessoais, e a gente ali se emocionava. Uma professora que tinha um lado bem emotivo era Adriana, professora de Português.

Também havia um contato muito próximo com Madele, que era pedagoga. Não sei se ela ainda continua na instituição, mas Madele também era excelente para nós. Se for para ficar, ficaria a noite toda discutindo as qualidades dos professores e a particularidade de cada um, pelo menos daqueles que mais marcaram minha vida acadêmica. De certa forma, cada um teve uma importância essencial, tanto no âmbito acadêmico-profissional como no âmbito pessoal; também o crescimento humano, questões psicológicas, emocionais. E, nesse sentido, a importância de cada um deles é indiscutível.

Eram pessoas com culturas diferentes e, como em qualquer ambiente, a gente acaba fazendo grupos. E, de forma lógica, era mais racional para nós, da cidade de Carnaúba – salvo engano, eram seis pessoas, seis me-

ninas –, fazer um grupo entre nós, porque havia necessidade de muitos trabalhos, apresentação de trabalhos; então, para nós, fazia mais sentido nos reunirmos ali, porque tinha uma facilidade: éramos da mesma cidade, não precisávamos nos locomover tanto nem dormir em outra cidade – no caso, Picuí – para fazer trabalho. Então, acabamos fazendo esse grupo comigo e algumas amigas da minha cidade, de Carnaúba dos Dantas.

Mas, ao longo da passagem pelo IF, a gente acabou formando laços com as outras pessoas. Eu fiz amizades incríveis: Melissa, que é de Picuí e hoje mora em Campina Grande, estuda outro contexto, não seguiu na área. Melissa era de Picuí e formamos laços incríveis. Ana Beatriz, Bia, hoje tem um filhinho, Lupi. E Melissa também tem um filhinho, Theo. Fomos grandes amigas ali no IF. Thales, também de Picuí; Ginetom, que foi entrevistado também. Nós éramos muito amigos ali. Então, era um grupo que a gente formou, principalmente com o pessoal de Carnaúba. Mas, ao longo dos anos, foi inviável continuar só aquele grupo fechado; então, começamos a criar laços com pessoas de outros municípios também.

O IF é isso, diversidade e democracia. E assim a gente foi construindo nossas relações. Eu fiz amizade com um menino de Sossego, Jaílson. Hoje a gente mantém contato; mantenho contato com alguns; com outros não, porque no IF a gente não tinha muita proximidade, e é inevitável, cada um segue uma vida acadêmica diferente e, pelo próprio deslocamento de município, é difícil a gente manter de forma vívida a relação, mas fiz amizades fortes que hoje permanecem.

Mantenho contato com Carla, que foi a principal razão para eu permanecer ali no IF, todos os dias. Era minha amiga para tudo lá. Fiz amizade com ela no IF, apesar de sermos da mesma cidade e termos estudado antes o 8º e o 9º ano juntas. Mas fizemos amizade verdadeira no IF. Fiz uma grande amizade com ela, que continuou ao longo dos anos. A gente acabou se distanciando pela escolha acadêmica e pela distância – eu vim para Natal, ela continuou em Carnaúba –, mas continuamos nos falando normalmente; então, uma amizade que se perpetuou. Entre outras, Melissa, também, com quem a comunicação é virtual, mas sou muito amiga dela; gosto muito, criei uma relação muito boa; inclusive dormi na casa dela várias vezes. Estive lá naquela Copa do Mundo de 2014, a gente estava prestes a se formar, e sofri na casa dela, com a mãe dela, com a gatinha dela, com a irmã dela. Dormia muito em Picuí, na casa de amigas. Bia, sem dúvidas. Entre outros, Thales – inclusive, recentemente, me encontrei com ele. Ele chegou a ir lá no interior e, às vezes, falo com ele virtualmente também. Mas, especialmente, Jaílson. Jaílson era um menino incrível e tem uma história de vida impactante para todo mundo; na época do IF, inclusive, saiu em algum jornal a história de vida de Jaílson. Ele era de Baraúna e tinha uma condição econômica difícil, que eu acredito que era ainda pior que a minha. Ele precisou morar em Picuí porque era mais barato do que se deslocar. Foi uma amizade construída ali, ao longo do [tempo no] IF, e continuou. Somos muito amigos hoje; recebo ele na minha casa; ele já veio me visitar diversas vezes. Depois que ele saiu do IF, foi estudar em Recife. Um menino ex-

tremamente inteligente. Eu lembro de um dia que ele deu aula junto com o professor de Física, Geraldo, o que era algo inimaginável, mas ele tinha uma inteligência ao nível da NASA, eu costumo dizer. É um menino extremamente humano, gentil; é muito especial para mim, Jaílson; e ele é amigo meu e do meu esposo também. Recebemos ele na minha casa, jogamos xadrez. Ele vem aqui, diversas vezes já veio nos visitar. Depois, ele viajou para Porto Alegre devido à vida acadêmica, profissional. Na última vez que nós nos falamos, ele estava morando em São Paulo. Eu imagino que o IF abriu portas para ele, inimagináveis; que achávamos inatingíveis, mas que foi possível, graças ao IF. Então, sem dúvidas, fiz amizades que perpetuaram, que marcaram muito a minha vida ali no IF, tanto com pessoas da minha própria cidade como com pessoas de outras cidades, especialmente Picuí.

Havia uma certa separação entre as turmas, porque eram cursos diferentes, áreas diferentes, mas era porta com porta, coladas. Então, havia contato e não havia rixa, nada do tipo, até porque a gente dividia basicamente os mesmos professores das matérias básicas: Português, Geografia, Biologia..., a diferença era nas matérias técnicas. Por um lado, engenheiros, arquitetos; por outro lado, técnicos, pessoas formadas em Ciência da Computação, engenheiros mecânicos, Engenharia Elétrica. Havia uma certa separação nesse sentido. Eu, particularmente, não cheguei a fazer amizade viva com ninguém de lá [da área de informática], porque era restrito mais à minha turma, pela convivência mesmo. Mas eu também fiz amigos naquela turma de Informática, inclusive alguns eram da minha cidade.

Não sei se hoje ainda é assim, mas na época era interessante, porque a maioria das mulheres optava por Edificações, e a turma de Informática era majoritariamente formada por homens. Mas havia mulheres lá também, e de certa forma essas mulheres que estavam no curso de Informática eram verdadeiros crânios, pessoas extremamente inteligentes, que decidiam mergulhar ali. E, graças a Deus, ao longo do tempo, isso virou algo mais flexível. As mulheres começaram a ingressar mais nessa parte da tecnologia, da Informática, mas na época havia uma separação pelo curso, pela rotina de cada curso.

Mas havia troca também, muita conversa; fiz amizade com algumas pessoas, mas não muito viva como na minha turma. Houve momentos em que a gente precisou juntar as turmas, porque o professor não poderia dar a aula dividida – por exemplo, na terça para Informática e na quarta para Edificações –, porque ele precisou viajar para defender o doutorado ou alguma coisa do tipo; então, precisamos juntar as turmas em alguns momentos, principalmente nas aulas de Física, com o professor Geraldo, aquela mente brilhante. Em outros momentos, houve viagens.

Um lado positivo do IF também, pelo menos para nós naquela época, era essa possibilidade de não ficarmos restritos àquela localidade. Então, nós viajavamos; apesar de ser para perto, para essa região – íamos para Natal, para Recife, João Pessoa –, tínhamos contatos com outros institutos federais e, por vezes, até universidades federais. E, no decorrer dessas viagens, a turma se unia com a turma de Informática. Em algumas, a gente ia no

mesmo ônibus, ou até separado, mas havia esse contato, essa proximidade nas viagens. E foram situações, como eventos científicos, em que as turmas se reuniam para elaborar algum trabalho, uma apresentação, e a gente acabava tendo uma proximidade maior. Mas não havia rixa, nada nesse sentido. Havia, sim, uma certa separação pela feição de cada um, pelo curso, mas também, por outro lado, havia um diálogo entre as turmas.

O IF, ali em Picuí, era algo novo, naquela região do Seridó. Então, para muitas pessoas era uma coisa impactante. Imagina, um ensino federal ali, médio e técnico ao mesmo tempo, com essa qualidade que eu já tanto ressaltai. Então, com certeza, tinha um impacto muito grande na vida da população em geral, mas positivo, é claro. Quando a gente estava no prédio provisório, a gente era conhecido no mercadinho ali no bairro. A farda era um emblema da turma. A gente saía com a farda com o símbolo do IF, e o pessoal já reconhecia. Parecia até que o mercadinho fechava para atender só os alunos do IF, porque era uma quantidade muito grande, uma demanda muito grande, e a identificação através da farda. Especialmente na minha cidade, dizer que era aluno do IF era motivo de orgulho enorme, pelo menos para mim. Eu tinha orgulho de dizer que estudava lá, e acredito que meus colegas também.

Até para conseguir estágio. Já no final do curso, a gente precisou fazer o TCC, fazer estágio e, sem dúvida, havia uma facilidade muito maior para a empresa que atuava na construção civil na minha cidade receber os alunos do IF. Você chegava com o currículo e dizia que era aluno do IF e precisava de um estágio. Podia passar

pela fase da entrevista porque você já estava automaticamente admitido, porque já se presumia que havia uma condição profissional para lidar com aquelas situações. Então, confiavam trabalhos a nós, alunos do IF. Inclusive, na época que eu fui estagiária, ainda no IF – estagiária no meu município, no âmbito da construção civil, em algumas casas do programa Minha Casa Minha Vida –, a minha supervisora de estágio era uma ex-aluna de Edificações do IF, que também estagiou lá e depois foi admitida como empregada da empresa. Então, exatamente por isso, havia um reflexo e um impacto muito grande do fato de você ser aluno do IF, do Campus Picuí do Instituto Federal. A gente passava com a farda e percebia que as pessoas nos olhavam com orgulho, sem contar a família da gente, os familiares. Então, havia uma grande diferença em você dizer que era aluno do IF. Eu acredito que hoje ainda tenha, sim, mas na minha época ainda mais porque era algo muito novo; ninguém conhecia o IF de fato. Então, dizer que era aluno do IF traduzia um nível de educação maior. Não generalizando, mas, de certa forma, o nível de compromisso acadêmico era bem maior, e o impacto era maior, conseqüentemente. E o reconhecimento por isso também, até porque não ficava só no papel nem no emblema da farda, mas ficava nas práticas. Era algo que era refletido nas relações, tanto pela questão de experiências profissionais que a gente aprendia, com a maior responsabilidade possível que os professores passavam para a gente no IF, como também pelos resultados da prática. Eu, por exemplo, uso o exemplo do meu estágio, porque foi o que vivi de prática em relação ao curso. Nunca houve nenhum pro-

blema. A gente chegava e monitorava a ação dos serventes de pedreiro, dos pedreiros, e era com muito respeito, e eles nos viam com muito respeito por isso, por sermos alunos do IF ali, e era recíproco porque a gente aprendia muito com eles também, aprendia na prática o que a gente via na teoria. Então, havia um impacto significativo do fato de ser estudante do IF, especialmente na minha turma e, particularmente, para mim; e eu digo isso com toda a certeza, com toda a convicção.

Eleger um único momento é muito difícil porque quatro anos é muito tempo. Cheguei ao IF extremamente imatura, uma criança basicamente, e saí com uma formação acadêmica incrível e com um conhecimento de mundo muito maior. Algo que eu não teria se não tivesse ingressado no IF. Então, houve momentos muito bons ali, mas eu vou escolher falar de um momento engraçado, cômico até, e que sem dúvida marcou muito. Não foi um momento ruim assim, mas foi engraçado. Foi triste, mas foi engraçado. Como eu disse, a época mais difícil eram os dias que a gente precisava passar o dia inteiro no IF, mas a gente fazia com todo amor do mundo. Quando o IF ainda estava no campus antigo, na escola provisória, a gente sofreu um pouco mais, porque a locomoção era mais distante. Eu não lembro agora o bairro em que ficava o IF, mas para a gente que vinha de Carnaúba, o campus novo ficava no início de Picuí, e o campus velho ficava no final de Picuí. Então, era mais difícil. Nesse período que a gente ficava à tarde, a gente almoçava na casa de uma amiga, e essa amiga – pense como se estivesse vindo de Carnaúba – morava no início de Picuí, e o IF era na saída de Picuí. A gente saía da aula,

na parte da manhã, ia para a casa dela almoçar, e voltava para o IF. Então, a gente caminhava a cidade inteira a pé. Não havia ônibus – e eu acredito que ainda não tenha, por ser uma cidade pequena, de 19 mil habitantes – e era a pé mesmo; mototáxi era mais difícil pela condição financeira da gente, de alunos do IF. Num momento em que ali, em 2011, chovia muito – era um momento bom para a chuva –, a gente foi para a casa dessa amiga, eu e minha colega Carla, almoçar e depois voltar ao IF. A gente almoçou e saiu de lá para voltar para o IF – acho que era 1 hora [da tarde], por aí. Na volta, no caminho, choveu muito, muito. Na linguagem do nordestino, regional, um toró; abriram as comportas do céu e choveu muito. Eu lembro assim: a chuva veio do nada a ponto de formar um rio. Eu me lembro que tinha uma padaria e do outro lado tinha um colégio – uma escola municipal, eu acho –, e na parte do centro de Picuí formou um rio de tanto que choveu – a questão hidráulica era ruim naquela região. Formou um rio, e eu e minha amiga, a gente ficou ilhada ali, precisando ir para o IF, para a aula da parte da tarde, e não podia, porque a gente estava sem guarda-chuva, com a farda do IF bonitinha, cheirosinha, mas não podia passar para o outro lado da rua por causa desse rio. E era um rio de fato, e assim: lama, esgoto; era marrom a água. A gente ficou ali, desesperadas, porque a gente precisava ir para o IF e não sabia o que fazer. O tênis já estava molhado, a farda, um pouco molhada; a gente se abrigou embaixo de uma parada.

Parou um mototaxista, se compadeceu da nossa situação e se ofereceu para atravessar a gente na moto pelo rio. Imagina Moisés atravessando o mar Vermelho.

Quando a gente estava se aproximando da moto para atravessar o rio, passou um caminhão-baú em velocidade enorme e o cara, de propósito – até olhou pela janela –, acelerou e passou perto da gente. Deu um banho que a gente ficou encharcada. O coitado do mototaxista, que estava fazendo uma boa ação, acabou se prejudicando. Naquele momento, ele ficou atônito, e eu e minha amiga ficamos completamente encharcadas. Eu só via aquela onda; eu sou baixinha e minha amiga, alta. Eu fiquei na frente dela e, por ser baixinha e ela alta, ela sofreu, mas eu sofri muito mais, porque eu servi de escudo para ela. A onda passou – a onda de lama em câmera lenta – por mim, e o cara do caminhão rindo da gente. Foi um momento marcante. O mototaxista ainda esperou a gente, atravessou a gente no rio. A gente ficou sem reação, não sabia se ria ou se chorava; só ficamos atônitas, e continuamos caminhando até o IF. Naquele momento, veio um carro e parou. Quando a gente olhou, era uma colega da gente, uma colega que estudava com a gente, era a Melissa. A mesma que eu falei que hoje é minha amiga. Foi ali que a nossa amizade se iniciou; essa história que eu contei foi quando eu estava no 1º ano do IF, em 2011, nos primeiros meses. Ninguém nos reconheceu, porque a farda do IF, branca, bonitinha, estava marrom. E ela nos chamou para entrar no carro, e eu e minha amiga morrendo de vergonha porque estávamos molhadas, cheias de barro, a mochila encharcada. A gente chegou ao IF molhadas e envergonhadas. A gente foi falar com Madele, porque não podia ficar sem farda. A gente pediu para trocar de roupa – como a gente ficava o dia inteiro, a gente levava outra roupa na mochila. Ela teve misericórdia

da nossa situação e a gente trocou de roupa e continuamos na aula, mesmo molhadas, com calça jeans molhada. Esse foi um momento que, até hoje, quando me encontro com essa minha amiga do IF, a gente recorda desse momento inusitado, cômico e engraçado. Houve outros momentos importantes que a gente passou no IF, mas, quando alguém me pede para eleger um momento interessante que me marcou, é inevitável pensar nesse dia, porque, de fato, marcou muito a minha vida e a da minha amiga. Eu poderia falar de momentos profissionais, acadêmicos, histórias incríveis e motivadoras, mas esse foi um momento de frustração, mas que hoje a gente olha para o lado engraçado da situação.

Eu gostava da área [de Edificações], gostava porque meu pai era pedreiro. Eu tinha contato e tive uma experiência, sem dúvida, positiva com o estágio. Professores incríveis também: Camila; Analine, no Desenho Técnico, me identificava muito. Mas uma das influências foi justamente a professora Hertha, que me trouxe os livros. Eu amava desenhar, gostava muito, mas depois eu tive contato com os livros e comecei a ler com maior frequência, a literatura brasileira e muitas outras coisas, a respeito até mesmo da legislação, do Direito – muita gente resume o Direito à lei e, de certa forma, eu tive contato com várias legislações, normas da ABNT, NBR, ali no IF.

Então, ali eu comecei a ler. Enquanto muitos alunos liam um dado artigo para fazer um trabalho, até o trabalho de conclusão, o TCC, ou algum trabalho específico de Metodologia, eu lia com afinco, eu lia com interesse, por eu gostar de leitura; alguns trabalhos também

necessitavam de uma dedicação maior na parte escrita. Eu comecei a gostar muito da escrita, da leitura, e via que, seguindo na área, iria gostar. Eu cheguei até a fazer vestibular para Arquitetura e outro para Engenharia. No de Arquitetura eu não passei, mas no de Engenharia eu passei, aqui no Rio Grande do Norte, mas não fui, porque eu não me sentia, assim, ainda, sabe... eu gostava muito de ler, de escrever, e não me via a longo prazo... a um curto prazo sim, mas a longo prazo não me via seguindo na área. Por outro lado, meu esposo, por exemplo, foi para Arquitetura. Desde cedo, ele gostou disso e o IF só ressaltou esse desejo dele.

Para mim, sem dúvida, o IF ressaltou o desejo, não de seguir na área profissional e optar por Engenharia ou Arquitetura, mas, sim, de procurar algo que havia me instigado, que foi a leitura, através dessa professora Hertha, em especial, e de outros professores, de Filosofia: o próprio Márcio, e outro professor – agora não me recordo o nome, mas ele também dava aula de Filosofia. Eram disciplinas de que alguns alunos não gostavam muito, já eu gostava bastante. Ali, eu tive contato com o mito da caverna de Platão, que é um clássico, por exemplo, e que tem uma certa ligação com Direito. E era algo que ficava de forma superficial nos alunos, mas que, para mim, despertava o desejo de uma possibilidade a mais. Foi ali que começaram a surgir as primeiras intenções, mas o que me incentivou mesmo foi fora do IF.

Meu cunhado, esposo da minha irmã, ingressou no Direito, começou a fazer o curso de Direito, em Patos, e começou a me falar. Nessas conversas com ele, eu ainda no IF, comecei a me interessar mais e isso acabou me

incentivando à leitura, instigando essa parte de leitura, e aí eu percebi que, realmente, eu ia optar, ia tentar ir para a área do Direito. Decidi tentar algo assim, bem teórico nesse aspecto, tentar algo que não fosse nem Arquitetura nem Engenharia. Então, eu fiz o Enem, me dediquei muito no período do Enem. No IF, nem precisava de cursinho; eu cheguei a fazer, mas não precisava, porque o IF preparava de uma forma espetacular. Fiz o Enem e fiquei com uma nota muito boa na redação, quase nota máxima, e, por coincidência, o tema era sobre o direito das mulheres. Parece que tudo se encaixou. As conversas com meu cunhado, o incentivo à leitura por essa professora e algumas outras coisas me encaminharam, assim, de forma gradativa e natural, a fazer Direito.

Então, tentei a bolsa integral no ProUni e consegui para uma universidade aqui do Rio Grande do Norte. Iniciei o curso ainda pensando se tinha feito a escolha errada. Olhava para os meus trabalhos de Arquitetura e pensava. Mas não, hoje eu vejo – depois de concluir o curso –, eu vejo que eu fiz a escolha certa. Mas nada anula o que eu aprendi no IF. Eu digo que, se não fosse o IF, eu não teria optado pelo Direito, porque o Direito só faz, só cursa o Direito de forma eficaz quem gosta de ler, quem gosta de escrever, e, se não fosse o IF, eu não gostaria tanto de ler, porque foi uma professora do IF que me apresentou à leitura. Tudo se encaixa; apesar de parecer imaginado, tudo se encaixa nesse sentido. Eu percebi que era minha área mesmo, e não me arrependo de forma alguma e isso só faz a gente perceber que o IF traz uma gama de possibilidades. Eu já cheguei a ouvir algumas pessoas dizendo: “Eu não incentivo meu filho a

ir para o IF, porque não é uma área que ele gosta. Ele não gosta de Geologia, de Edificações, nem de Informática.” Mas essa é uma visão totalmente limitada da realidade, porque o IF oferece o ensino médio e o técnico; é um *plus* para você ter a possibilidade de se aperfeiçoar ali, de ter o ensino médio extremamente qualificado em nível de universidade. Muitos professores da minha época dividiam a atenção entre o Instituto Federal, pós-doutorado e até aula em universidade federal. Então isso não limita as coisas, pelo contrário, isso possibilita um leque muito maior de opções, e o IF foi incrível nesse sentido. Na turma de Informática, que entrou em 2011, no mesmo ano que eu, por exemplo, saiu um aluno que fez Medicina. Elton, o nome dele. Um aluno extremamente inteligente, que se identificava com a Medicina, e fez Medicina. E, sem dúvida, o IF para ele foi fundamental também. Na minha turma também: por exemplo, médica veterinária, que é o caso de Melissa; arquiteta, que é o caso de Ana Tersia; engenheiro civil, que é o caso de Ginetom; advogada, que é o meu caso. Maísa também foi para a área do Direito. Neto também, que é um amigo que eu tenho contato hoje, que inclusive é mestrando em Direito pela UFPB. Então, tem várias possibilidades. Jaílson foi para a área da Ciência da Computação. Paloma foi para Nutrição, aqui em Natal. Saíram arquitetos e engenheiros, mas também saíram médicos, da sala de Informática. Da minha, médico veterinário, que é o caso de Melissa, fisioterapeuta, nutricionista, advogados e, no futuro, quem sabe, juízes, promotores de justiça e diversas outras profissões; professores – se eu não me engano, saiu algum aluno que se licenciou, foi para a área acadêmica.

Assim, o IF, de forma alguma, limita. A gente pode pensar no que levou a optar por isso: seria mais óbvio seguir na área, mas, quando você vê na prática, as relações entre aluno e professor são extremamente impac-tantes para definir o seu futuro. Uma conversa com um professor de Filosofia faz você optar pela matéria ou por Direito. Uma conversa com o professor de Biologia faz você optar pela Biologia; inclusive, uma das alunas tinha iniciado o curso de Biologia, não sei se ela continuou. Alguns foram para Educação Física, também. Paloma, de Frei Martinho, tenho quase certeza que foi para Enfer-magem. Era uma turma muito diversificada, que não se limitava aos padrões. Então eu acredito que o IF é uma opção incrivelmente relevante e que não limita a seguir aquela carreira técnica. Hoje eu sou técnica em Edifica-ções e sou advogada. Existem técnicos que são médicos, enfermeiras. Então, não limita.

Eu posso trazer para o lado pessoal também, falar um pouco da minha sobrinha. Eu tenho uma so-brinha de 10 anos, e minha irmã via o meu interesse e a mudança na minha vida através do IF. E a gente, des-de cedo, incentivou a minha sobrinha a querer buscar a vida no âmbito estudantil. Ela chegou a me acompa-nhar no IF, várias vezes. Ela teve contato com meus co-legas do IF, com minha amiga do IF, com outro amigo do IF; ela acompanhava as reuniões – acho que ela estava com 5, 6 anos. Aos 8 anos, quando minha irmã veio para morar em Natal, abriu uma seleção no IFRN, aqui no Campus Natal Central, para selecionar crianças para o coral infantil, e a gente não contou duas vezes, a coloca-mos na seleção, porque ela sempre gostou de cantar. Ela

passou, e ia para o IF, minha sobrinha de 8 anos, com a farda do IF. Ela entrava no ônibus com a farda e se sentia “a aluna do Instituto Federal”. Passava na frente dos alunos maiores do IF, com aquela carinha linda, e um orgulho enorme no nosso coração em ver isso. Ela fez parte do coral e eles foram convidados a eventos em comunidade carente de Natal; no próprio IF, em eventos científicos; na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em eventos natalinos. E desse coral infantil, faziam parte professores do IF, não só de música, mas também de outras disciplinas que incentivavam: coordenadores do IF e alunos bolsistas faziam parte da turma do coral infantil, do qual ela usava a fardinha com o maior orgulho. Houve uma pausa por causa da pandemia, mas todo final de ano, no Natal, ela estava ali se apresentando. Fez várias vezes em homenagens natalinas. E isso feito pela minha sobrinha, que está prestes a fazer 11 anos, e isso só a título de informação, para ver como o IF foi importante. O fato de eu ter ido para o Direito não anula a história do IF na minha vida, e o exemplo disso é minha sobrinha. Inclusive, recentemente, eu e minha irmã estávamos conversando exatamente sobre isso. Sobre o desejo dela de ir pro IF, porque ela me via indo e voltando com a farda. Hoje, ela é extremamente estudiosa. Eu olho para ela e vejo meu exemplo ali, porque ela gosta muito de estudar.

Hoje de manhã, ela disse: “Tia, eu fiz duas provas, de Inglês e de Ciências.” Eu perguntei se foi difícil, e ela disse que foi muito fácil. E é um nível alto, a escola em que ela estuda, também. Ela tem esse interesse, desde 11 anos de idade, de ir para o IF. Na verdade, para o IFRN,

devido à região. Aqui, em Natal, tem muitas opções de escolas privadas boas para cursar o ensino médio e, mesmo assim, o IF tem uma relevância.

Eu acho que nunca vai ser descartada essa relevância, porque é nítido que [o IFPB] já formou alguns profissionais que são exemplos de pessoas educadas, de pessoas que, ao mesmo tempo, são humildes e são batalhadoras; trajetórias diversificadas de pessoas de baixa e alta [renda], sem fazer distinção de classe social e entre homem e mulher. O IF é essa mistura, é esse rol de possibilidades e de incentivo para a vida científica. Assim foi comigo. Essa foi a razão da minha escolha, e assim tem sido, e o motivo para incentivar a minha sobrinha, e espero que assim continue.

Eu sempre gostei muito de guardar meus trabalhos acadêmicos do IF, minhas provas. Até hoje, guardo do meu curso de Direito. Mas, em razão da mudança de Caruaúba, algumas coisas acabaram se perdendo, muita coisa; e já são seis anos depois da minha conclusão, e acaba que as coisas vão sumindo, por causa do tempo. Eu ainda tenho o Certificado de Conclusão aqui – inclusive preciso buscar um documento no IF. Tenho vários outros documentos, várias fotos. Hoje, eu imprimir, porque eu queria mostrar. Essa aqui, por exemplo, foi da aula da saudade – não sei se dá para ver direito. É uma parte da minha turma, na aula da saudade. Vários outros colegas que fizeram parte da minha turma e que têm uma importância na minha vida. Professor Tiago, aqui também, que era o professor de Topografia. Essa aqui, por exemplo, foi nos primeiros anos no IF. Essa do centro, de camisa cor vinho, é a professora Adriana, de Português. Não

me lembro se era um momento de aniversário dela ou uma despedida, não me lembro muito bem. Aqui sou eu e umas amigas do interior de Carnaúba dos Dantas, e a maioria, pessoas de Picuí e de outras cidades.

A turma era muito unida. Apesar de haver os grupos, a gente se unia para fazer comemorações. Essa aqui, por exemplo, foi uma viagem que a gente fez. Eu não sei se vocês estão vendo bem, mas foi uma viagem muito especial que eu fiz junto com algumas amigas. Não me lembro bem se foi na Paraíba. Essa é a Melissa, de quem tanto falo. Carla, de Carnaúba dos Dantas, Cidinha, Joyce, Nivailma. Essa é Paloma, uma das gêmeas de Carnaúba dos Dantas, também, e é a que fez Nutrição e mora aqui em Natal; e essa é Drísia. Eu não me lembro do curso que Drísia fez, não sei se foi Arquitetura ou Engenharia, mas ela é de Baraúnas, se eu não me engano. E aqui é a foto da missa, já no final do curso; então, tinha pessoas com a mente mais formada e um número reduzido. Eu confesso que não estava a turma toda, mas tinha bastante gente e o pessoal estava reunido para a missa. Foi muito especial esse dia, bem no finalzinho do IF, e a saudade batendo forte, porque a gente sabia que era final de um ciclo e início de outro para todos nós. Eu tenho diversas outras fotos. Essas eu imprimi em papel só para facilitar para vocês.

Tenho muitas recordações do IF que marcaram muito a minha vida, e o IF teve um peso extremamente significativo. Minha vida é dividida em antes e depois do IF. Eu indico para muitas pessoas; uma prima minha, acredito que ainda estuda no IF. Um primo meu se formou em Geologia e, inclusive, essa semana, ele me falou

que ingressou no curso de Direito e pediu alguns conselhos. É um primo meu que se formou em Geologia, no Campus Picuí, para vocês verem a diversidade de pessoas. O IF é isso, diversidade, formação, conhecimento, e é mudança de vida, metanoia, mudança de mente também. Essa foi minha escolha pelo curso de Direito, mas pautada também em momentos importantes ali no IF. E essas pequenas recordações ilustram um pouco a minha trajetória lá, que foi extremamente significativa.

Era para a gente se formar em 2014, mas acabou se estendendo até o início de 2015. Eu acabei digamos que perdendo o ano de 2015. Foi o ano de escolha do curso no qual eu iria ingressar. Em 2016, eu iniciei Direito, no Rio Grande do Norte, em Natal. Eu casei recentemente, ano passado, com Arthur. Nós noivamos, já depois do IF. No IF, a gente só namorou, mas a gente casou ano passado.

No contexto da minha vida profissional, e saindo um pouco da vida pessoal, eu terminei agora o curso de Direito. Estou fazendo pós-graduação em Direito Público, que é uma área com a qual eu me identifico muito. Fiz a OAB em Direito Administrativo, por me identificar muito com Direito Público e saber que a gente precisa de profissionais nessa área para auxiliar nas questões econômicas, políticas. E agora eu sou residente no Tribunal de Justiça do Rio Grande do Norte. Estou fazendo residência lá, em uma das áreas cíveis. E o que eu almejo para o futuro é... eu gosto da área acadêmica, e o que eu desejo, nesse momento, é fazer mestrado. Estou fazendo algumas seleções de mestrado, e tenho esse desejo ainda, no futuro, de ser professora. Eu acredito que é algo

precursor, envolve muito as outras relações. Na verdade, é a fonte formadora de todas as outras profissões e eu tenho esse desejo, mas não posso dizer que é a minha profissão-fim. Mas tenho esse desejo. E preciso, para isso, fazer mestrado, e por isso tenho feito algumas seleções. Passei em algumas fases e espero resultado de outras.

Claro que a Magistratura, ser juíza, é um sonho muito grande, mas é algo que requer certo prazo. Só é possível depois de três anos de prática jurídica, e eu me formei agora. Então, precisaria de três anos para eu poder tentar, assim como na área do Ministério Público, da Promotoria. Então, me traz esse desejo, especialmente no âmbito cível, que eu gosto. Fujo muito do Direito Penal; não gosto dessa parte criminal. Mas eu penso tanto na possibilidade de exercer a profissão como professora e formar outros profissionais como também, a longo prazo, depois desses três anos de prática, em fazer concurso público e adquirir uma certa estabilidade. Todo mundo sonha com isso. Não descarto a possibilidade. Não digo que é meu foco principal agora, até porque acredito que temos que seguir certas etapas. Mas, é claro, a Magistratura eu não descarto. O Ministério Público também não. Tenho um desejo em especial pela Defensoria Pública.

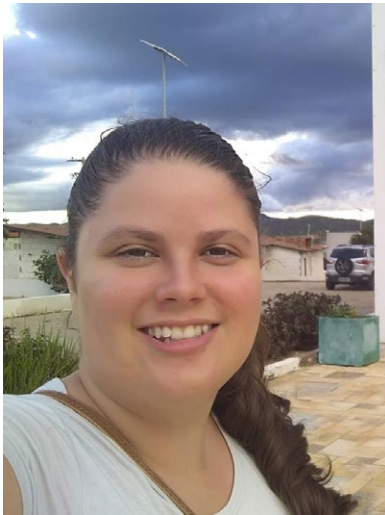
Se você me perguntar assim: o que você quer? Eu quero estudar, quero continuar estudando, não quero parar e me estagnar na graduação, não. Eu quero fazer mestrado, se possível esse ano, se tudo correr bem; se não, quero fazer em algum momento. Depois, doutorado, e depois, pós-doutorado. E é isso que eu aconselho a todas as pessoas: a não se acomodarem, estudarem, procurarem conhecimento, porque a vida é isso. Nós es-

tamos em constante atualização, em especial no âmbito do Direito, por causa das atualizações legislativas. A gente precisa acompanhar esse ritmo. E para não ficarmos para trás, precisamos estudar mais; ninguém sabe de tudo. Na verdade, sabemos muito pouco ainda. E é isso que eu quero e que eu almejo. Estudar muito, continuar estudando muito e incentivar as pessoas a buscarem os seus sonhos; e isso só será alcançado através do estudo incessante. Então, é esse o meu objetivo: é continuar estudando. A profissão, os estudos, justamente meus estudos, vão destinar o meu futuro daqui para a frente.

Mais uma vez, muito obrigada e parabéns por esse trabalho. Eu agradeço e respeito essa iniciativa de fazer essa construção da memória do IF, porque acaba que a gente vai esquecendo o quão importante foi na vida dos alunos antigos, lá de trás. É importante construir essas recordações para que os alunos atuais e os futuros alunos se inspirem e percebam que é possível. O IF não é só uma sala de aula, não é só um campus. É um mundo de possibilidades. É um rol enorme, exemplificativo e não taxativo de maneiras que você pode usar a seu favor na vida profissional e na mudança de vida, como tem sido na minha. Mais uma vez, muito obrigada por essa oportunidade e parabéns por esse projeto. Sinto-me muito feliz em participar dessa forma, trazendo minha vida como exemplo. Muito obrigada!

07 Yasmim Hamanna Gomes Macedo¹⁵

Curso Superior de Tecnologia em
Agroecologia, 2011-2016



Eu nasci em Picuí e minha infância foi normal, na medida do possível. Eu sempre fui uma pessoa bastante tímida, então, quando eu era criança, sempre sofri *bullying* por conta disso; as pessoas ficavam: “Ah, ela ficou vermelha...” Isso foi um fator que me marcou muito, foi essa timidez, e como meus amigos reagem a isso.

Estudei da alfabetização até terminar o ensino médio no IDES. Na escola, eu não era muito de falar com os meus colegas; sempre me sentava lá atrás, na sala de aula, e ficava isolada dos outros. Tinha poucos amigos. Todos os meus professores me marcaram muito; eu tenho lembranças deles em todas as minhas fases do colégio. Eu acho que eles foram de suma

importância para o meu aprendizado; pessoas extremamente capacitadas. Eu posso destacar Robson Rubenilson, que foi meu professor de História, Gerlando, que foi meu professor de Geografia; tanto eles como os demais me marcaram muito, durante minha trajetória escolar.

Eu terminei o ensino médio em 2010. Uma das coisas de que sempre gostei foi de meio ambiente e da área de animais, e pensei: eu poderia fazer Biologia, já que tem esse curso na cidade vizinha, em Cuité. Então, basicamente, foi no 2º ano do ensino médio que eu, de fato, abracei essa ideia de fazer o curso de Biologia. Na época, 2009, eu prestei o PSS (Processo Seletivo Seriado) para o bacharelado em Biologia, na UFPB de Areia, e me inscrevi no Enem, para Biologia na UFCG de Cuité.

Eu acabei passando nos dois, só que optei por ficar em Cuité, por ser mais perto da minha cidade, Picuí, embora eu não me identificasse com a área de licenciatura. Mas, mesmo assim, comecei a fazer, e esse foi um dos motivos que me levaram a desistir do curso cedo. Terminei o primeiro período e, mesmo não gostando de algumas partes do curso de Biologia, decidi continuar cursando. Só que, nessa mesma época, eu passei para Agroecologia, aqui no IFPB. Como sempre gostei de ecologia e meio ambiente, eu vi nesse curso a oportunidade de ficar em minha cidade e continuar na área em que eu estava.

Um belo dia, eu estava em casa e o telefone tocou: era uma colega minha que tinha estudado comigo no ensino médio; ela tinha passado para Agroecologia e tinha visto o meu nome na lista de selecionados. Aí ela ligou e disse: “Yasmim, você passou no curso de Agroecologia”.

cologia. E aí, você vai cursar?” Eu fiquei indecisa na hora; fiquei pensativa, e ela me deu a maior força e disse: “Ah, eu passei também, vamos cursar.”

Eu me lembro que, nesse dia, a pessoa que me deu mais força para cursar Agroecologia foi o meu pai. Ele disse: “Faça esse curso, ele é novo e é aqui na nossa cidade.” Ele me deu o maior apoio para eu fazer Agroecologia. Minha mãe ficou receosa, já que eu teria que desistir do outro curso. Foi uma decisão muito difícil, porque eu já iria para o segundo período de Biologia. Acabei optando por fazer Agroecologia e ficar em Picuí, porque era a cidade onde eu morava; estudar aqui era bem mais fácil para mim. No momento em que me decidi, já fui para Cuité para fechar o curso de Biologia de vez, já que não podia ter dois cursos superiores em aberto.

O sentimento que eu tive foi de felicidade. Coincidiu de eu entrar no IF na mesma época em que ele tinha se mudado para o bairro Cenecista. Então, era um campus totalmente novo. Foi muito gratificante para mim, quando entrei. Uma estrutura enorme, eu realmente me identifiquei; e até os meus colegas tinham mais a ver comigo, tinham a mesma idade que eu. No IF, eu me vi em um ambiente de acordo com o que sentia naquele momento. Então, a primeira impressão que eu tive foi muito positiva.

Minha rotina mudou. Estudei a vida inteira na parte da manhã; o curso de Agroecologia era à tarde. Começava de uma e ia até cinco e meia; eu tinha a manhã e a noite para estudar e fazer as atividades.

Infelizmente, no comecinho do curso houve uma greve dos professores em todos os campi, incluindo o de

Picuí; e isso desestimulou parte da minha turma, que acabou desistindo. Depois de um ou dois meses, as aulas voltaram, mas com o restante bastante desmotivado, já que tinha aulas para repor até aos sábados. Esse foi o momento mais difícil de todo o curso. Como o campus é longe do bairro onde moro, eu dependia de carona dos outros para chegar até lá. Mas, no começo do ano de 2013, minha mãe comprou uma moto e me presenteou; isso facilitou bastante a locomoção. Uma coisa que me atrapalhou muito também foi a questão da timidez, principalmente quando eu ia apresentar seminários. Eu sempre preferia fazer uma prova a apresentar um seminário.

Sou uma pessoa de poucos amigos, mas fiz algumas amizades que duram até hoje. Eles me ajudaram bastante no decorrer do curso, me incentivaram a não desistir. Como reprovei em algumas disciplinas, passei por quatro turmas diferentes. Também demorei um pouco para terminar o curso, já que algumas dessas disciplinas eram pré-requisitos. Então, passei cinco anos no curso de Agroecologia e isso me fez conhecer muitas pessoas.

As aulas de campo eram de suma importância. A gente foi para muitas dessas aulas; fomos inúmeras vezes a Campina Grande, visitamos o INSA. A gente tinha aulas em sítios, aqui vizinhos; aprendemos muito com as aulas de campo. Realmente, sem elas, seria bem mais difícil; mas Agroecologia é isso, é campo, é vivência. Eu me lembro muito das visitas técnicas que nós fizemos. Uma das mais marcantes foi quando a gente foi a Nova Floresta visitar um plantio de abóboras gigantes, cujas sementes vieram dos Estados Unidos. A gente nunca tinha visto uma abóbora daquele tamanho, e isso me marcou

muito. Lá também visitamos um plantio de maracujá. A gente polinizou manualmente as flores de maracujá. Foram várias viagens que fizemos e que me marcaram.

As disciplinas com as quais mais me identifiquei foram Biomas da Caatinga, Agrometeorologia, Turismo e Meio Ambiente. Como eu estava fazendo um curso que foca o meio ambiente, eu passei a ver as coisas com outros olhos. A vivência que eu tinha nas aulas de campo, com os agricultores, me levou a escutar mais a demanda deles. Um exemplo disso foi o meu avô, que comentou que não entendia por que a palma dele estava morrendo. Daí expliquei que era a cochonilha que estava atacando; dei até umas dicas para ele. Então, foi um impacto bastante positivo que teve na minha vida, fazer o curso de Agroecologia.

Eu já tinha acabado todas as disciplinas, só faltava o TCC e eu não tinha ideia do que fazer. Fui ao IF na esperança de encontrar algum professor que pudesse me ajudar. Foi quando eu vi o professor Fred passando e perguntei se ele poderia me orientar. Ele perguntou se eu tinha algum tema específico, eu disse: “Eu sempre gostei da parte de ecologia.” Ele sugeriu um tema: “Que tal fazer um TCC sobre as ações da Trilhas na Caatinga de Picuí16?” Eu disse: “Pode ser.” Quando comecei a pesquisar e escrever sobre o tema do meu TCC, eu estava em êxtase, já que todas as coisas que a Trilhas na Caatinga fazia, eu gostava. Eles trabalhavam com soltura de animais, trilhas ecológicas, eventos sobre o meio ambiente, sítios arqueológicos. Todos esses eram temas de que eu

gostava. Então me veio um sentimento de gratidão e de que eu estava terminando o curso com chave de ouro, fazendo o meu TCC sobre um tema com o qual eu realmente me identificava.

Apresentei o TCC em setembro e coleei grau em outubro. Não deixei de frequentar o IF, porque eu tinha acabado de começar um curso de extensão em Inglês Básico. No começo de 2017, surgiu a oportunidade de me inscrever na especialização em Gestão dos Recursos Ambientais do Semiárido. Então, eu disse: já que eu não estou empregada em nada, poderia me inscrever nessa especialização, já que é aqui em Picuí, um dia por semana, e eu não vou gastar com nada. Então, eu vi nessa a oportunidade de continuar, já que a especialização também era na área ambiental. Eu criei expectativas de fazer essa especialização, me inscrevi, graças a Deus passei, e terminei. Eu a cursei entre os anos de 2017 e 2019. Então, eu tive pouco tempo entre o término de Agroecologia, que foi em setembro/outubro de 2016, e a especialização, que começou em abril de 2017.

Nessa mesma época, me inscrevi e passei para o curso técnico subsequente em Manutenção e Suporte em Informática, que era outro tema com o qual eu me identificava. As pessoas sempre me incentivavam a fazer algum curso na área de Informática, e quando eu terminei Agroecologia, continuei no IFPB de Picuí fazendo esses dois cursos, simultaneamente.

Os dois TCCs, tanto o da especialização como o do técnico, foram na área de lixo eletrônico: os males causados por ele ao meio ambiente; e como as pessoas de Picuí viam isso, se o descartavam corretamente ou

não. Então, quando eu terminei Agroecologia, foi uma porta de entrada para esses outros dois cursos que eu fiz – e a partir dos quais eu acabei criando um vínculo ainda maior com o IFPB Campus Picuí. Depois que saí do IFPB, decidi focar o emprego. Mas daí veio 2020 e a pandemia. Tudo mudou, inclusive a escassez de concursos e empregos. Estou na espera.

A relação que eu tenho com o IF de Picuí é de nostalgia. Eu sinto bastante saudade do campus, das pessoas, dos funcionários e até dos animais que lá viviam. Eu passei oito anos da minha vida estudando no IFPB, entre os cursos de Agroecologia, Gestão dos Recursos Ambientais do Semiárido, Manutenção e Suporte em Informática e o curso de extensão em Inglês Básico.

Eu tenho muitas recordações, tenho pastas guardadas no meu computador com as fotos das aulas, das viagens, dos laboratórios. Todas bem guardadas. Também tenho, até hoje, a farda, cadernos, provas, todos guardados em uma caixa. Sou uma pessoa bastante nostálgica, gosto de guardar tudo. Eu mantenho contato com os colegas com os quais fiz amizade durante a época em que estudava. Vez por outra a gente se reúne. Apesar de eu ser uma pessoa bastante difícil de me relacionar com outras, consegui fazer amizades duradouras no IF. E isso foi um dos pontos positivos de estudar lá, foi minha evolução como pessoa.

Eu entrei uma pessoa e saí outra completamente diferente. Porque eu era uma pessoa bastante tímida, e quando saí já havia evoluído socialmente, bastante. Eu conheço várias outras pessoas, cujas vidas o IFPB também mudou. Minha irmã estudou o ensino médio lá, fez

o integrado em Manutenção e Suporte em Informática, e tenho certeza de que o IF também mudou a vida dela. Sempre quando tenho oportunidade, dou força para as pessoas que se identificam com alguma área que tem no IF; ajudo-as a se inscreverem, incentivo bastante. A minha prima disse que quer ser arquiteta. Eu disse: por que você não faz Edificações no IFPB? Então, eu dou essa força quando eu vejo que as pessoas se identificam com um determinado curso. Eu incentivo, porque é um instituto de qualidade que nós temos aqui.

Eu acho que o IFPB é um lugar de oportunidades para qualquer pessoa. Antes Picuí não tinha um Instituto Federal; depois, passou a ter, com vastas opções e diversos cursos. A Agroecologia pode dar oportunidade para pessoas da zona rural cursarem e ajudarem os seus parentes. Realmente, Picuí só teve a ganhar, já que antes as pessoas tinham que sair para outras cidades para fazer algum curso, como eu mesma fiz no começo. E depois, quando vi que tinha um curso na área que eu queria, aqui na minha cidade, não pensei duas vezes e optei por estudar aqui, por ser mais viável. É um grande privilégio a gente ter o IFPB na nossa cidade. Foi uma grande vitória para Picuí e sou muito grata por ter feito parte dele.

Desde já eu agradeço a vocês pelo convite.
Muito obrigada!

08 Elton Luiz de Araújo Medeiros¹⁷

Curso Técnico em Manutenção e Suporte em Informática, 2011-2015



É um prazer enorme estar aqui contribuindo nesse projeto. Eu sempre tive uma grande vontade de contribuir na história do IF, pois o IF contribuiu na minha história. Então, é um prazer imenso estar aqui para falar sobre algo que foi um ponto decisivo na minha trajetória.

Eu nasci em Nova Palmeira, na Paraíba. Minha mãe é professora de ensino básico, mas nem sempre ensinou nele, pois ela acabou terminando a formação em Pedagogia, quando eu já estava no IF. Meu pai é marceneiro e filho de agricultores; minha mãe também é filha de agricultores, nascida na zona rural. Meu pai tem o ensino fundamental completo; ele parou de estudar muito cedo, porque no sítio não havia muitas oportuni-

des; ele foi muito cedo trabalhar em São Paulo. Minha mãe completou o ensino médio, começou a trabalhar na prefeitura local e, mais tarde, quando eu e meu irmão estávamos mais velhos e estudando, próximos a entrar na faculdade, ela começou a fazer Pedagogia e concluiu pela UEPB. Meu pai sempre trabalhou muito no pesado mesmo, na marcenaria. Minha mãe sempre teve seu salário de professora na prefeitura e, em muitos momentos, ela acabou não tendo salário por atraso de pagamento, mas isso não foi tão significativo a ponto de a gente ter dificuldades financeiras.

Foi uma infância relativamente pobre, como qualquer outra criança de cidade pequena do interior, mas com muita atividade fora de casa e muitas brincadeiras. O pessoal de cidade do interior sempre se reúne muito para conversar, para brincar, e a gente acaba tendo uma coletividade muito importante. Durante toda a minha infância, o que eu mais gostava de fazer era brincar com meus amigos, de uma brincadeira que nós chamávamos de “bila” – em cada local do país se chama de um termo diferente, alguns chamam de bola de gude, outros de vários nomes. Sempre gostei muito de jogar videogame, só que era uma das coisas que sempre me atrapalhava nos estudos. Minha mãe puxava muito minha orelha, porque, às vezes, eu não queria ir para a escola, queria ficar jogando ou então queria ficar assistindo desenho que passava na TV Globinho, na época, na Globo. Sempre fui uma criança que gostava muito de brincar e interagir com as pessoas, ter muitos amigos. Era também uma criança sempre muito curiosa, muito

perguntadora, questionadora. Sempre estava querendo aprender as coisas, sempre muita curiosidade.

Minha infância foi basicamente um mix de duas coisas: de brincar e de, o máximo possível, estudar. Digo isso porque, no interior, a gente acaba não tendo um estímulo forte, nem dos próprios amigos, que muitas vezes não vão por esse caminho; nem mesmo de colegas próximos e de familiares, que também, muitas vezes, não veem isso como um papel tão importante na vida de uma criança. Mas a minha curiosidade sempre foi muito forte e, desde o início, eu sempre entrei em projetos de leitura, de literatura infantil. Já com 12 ou 11 anos – um monte de gente considera pré-adolescente, mas eu ainda considero uma criança –, entrei no programa de literatura da ONG de Nova Palmeira, que é uma ONG que trabalha com educação popular, e, a partir disso, comecei a escrever, a ler bastantes livros; a gente participava da criação de projetos literários. Ou seja, era uma infância baseada em vários fatores: brincadeiras, diversão, videogame, futebol, livros e estudos. Acredito que fui uma criança que aprendeu a viver, digamos assim, muitos aspectos da vida.

Eu acho que uma das coisas que mais me marcaram foi o fato de eu ter amigos muito próximos. Teve uma vez que eu e meus amigos próximos fizemos uma casa na árvore, quando eu tinha 8 ou 9 anos. Com esses mesmos amigos a gente construía gibis, desenhava, escrevia histórias, isso quando eu tinha 9 ou 10 anos e, hoje, um desses amigos que eu tive durante a infância acabou se envolvendo com drogas, tem problemas mentais e acabou não evoluindo na vida. Eu gosto mui-

to dessas marcas, dessas lembranças muito marcantes que eu tenho de alguns amigos. Hoje, eu vejo retrospectivamente e acho muito curioso – e triste, na verdade.

Outra coisa muito marcante foram minhas idas ao sítio. Eu sempre gostei da minha família, dos meus avós, de criar campo de futebol, no sítio, para jogar bola; essas brincadeiras mais arquitetônicas, digamos assim, criar campo de vaquejada, várias brincadeiras únicas.

Desde o início, eu lembro que minha mãe, quando eu tinha uns 5 anos, não lembro muito bem, mas minha mãe tentou me colocar na creche. Eu nunca quis, era muito impulsivo, muito hiperativo, e acabei não conseguindo ficar. Depois, ela me colocou numa escolinha de formação; na escolinha, eram duas meninas, aqui na cidade, que acabavam meio que cuidando das crianças, ensinando brincadeiras e coisas como se fosse de creche. E, a partir disso, comecei a fazer as amizades, justamente nessa escolinha, que acabou evoluindo e passando para escola de ensino de alfabetização, de ensino primário e, também, foi a mesma escola onde eu fiz o ensino fundamental.

Nessa escola, a minha experiência de crescimento educacional não foi tão grande, porque era uma escola de pouca estrutura física e de [poucos] profissionais; era um professor, que muitas vezes cuidava de turmas com muitas crianças; e muitas crianças, às vezes com muita hiperatividade. Às vezes, crianças – digamos assim – mais impulsivas, crianças mais complicadas, e isso atrapalhava até a condução do professor.

Mas eu sempre fui uma criança muito curiosa, a ponto de brincar, de bagunçar também; mas também

queria aprender, mas nunca pensando no futuro, e sim na curiosidade imediata que sempre tive de tudo. De todas as coisas pequenas que a professora falava, eu queria saber mais, queria ir mais a fundo. Então, desde o início, eu me distanciei muito de alguns colegas meus que não tinham essa mesma curiosidade. A minha escola fundamental foi aqui também em Nova Palmeira, que é uma cidade pequena, de 5 mil habitantes. Então, em 2005 ou 2006, mais ou menos essa época, também fui um aluno um pouco bagunceiro, a ponto de ir para a diretoria, inclusive, mas nunca deixei de ter essa curiosidade, de querer aprender sempre mais.

Na verdade, minha formação, minha escolarização, foi marcada por várias professoras. No ensino básico¹⁸, eu tive a professora Rubinéia e ela me ensinou durante uns quatro anos; foi ela que me ensinou a escrever e ler. Já no ensino fundamental, teve a professora Sônia, que também me marcou bastante; e eram professoras que acabavam acompanhando a gente por alguns anos; eram professoras que acabavam tendo várias tarefas e ensinavam diversos tipos de matérias; Eliete também. Acho que essas três professoras que eu tive no ensino fundamental, essas três, marcaram bastante pela dedicação. A gente via que eram pessoas que se dedicavam muito à escola, mesmo com toda dificuldade. A gente percebia, mesmo criança, as dificuldades de você ter que lidar com uma sala com 40 crianças – às vezes mais –, já que criança é muito ruim de se lidar, criança é bagunceira, criança fala muito, grita, quer brincar a todo

momento. E eu lembro com clareza das dificuldades que elas tinham, às vezes, de conduzir, quando reunia muito menino bagunceiro, para conseguirem lidar com toda aquela situação. E são pessoas que a todo momento quiseram que a gente crescesse cada vez mais e, até hoje, eu converso com elas; e, até hoje, elas me falam que sempre me viam como um aluno muito bom, que queria aprender, que queria crescer, já quando criança. Naquela época, obviamente, acredito que eu não pensava muito em crescimento pessoal; era uma curiosidade intrínseca mesmo.

Elas me ajudaram demais, me ensinaram tudo – o aprendizado de qualquer criança é praticamente o alicerce de tudo. Hoje eu sei, depois que eu fiz o curso de Medicina, que a formação intelectual de um ser humano parte da infância. Cuidando bem das crianças, estamos cuidando bem dos adultos, tornando-os saudáveis, tanto fisicamente quanto desenvolvidos no aspecto cognitivo. Hoje, eu agradeço demais a elas e falo isso abertamente; falei diversas vezes para elas o quanto eu agradeço. Não só a elas, mas a todos os professores que foram meus mestres.

Durante o ensino fundamental, eu dizia para os meus pais que queria ser cientista, mas porque eu assistia muito TV Futura e via aqueles canais, acabava me inspirando; assistia muito desenho também. Eu via na imagem do cientista um cara muito curioso, que sempre queria aprender. Depois do fundamental II, eu comecei a ter amigas que foram muito importantes para mim. Eu já tinha antes – na verdade, eu sempre tive –, mas comecei a ter mais frequência, mais convívio com

eles, que eram pessoas que já estavam na faculdade, já estavam encerrando o ensino médio e já tinham uma cabeça mais evoluída, mais voltada para estudar com frequência. Isso acabou me incentivando muito a fazer faculdade, já desde cedo, desde o fundamental II. Acredito que essa imagem começou a partir do 7º ano ou 6º ano, mais ou menos nessa época.

Inicialmente, eu queria Engenharia; sempre gostei muito de Matemática e era mais ou menos essa ideia que eu sempre tive, e acabou perdurando por muitos anos a minha vontade de fazer Engenharia. Eu sempre gostei muito de computador. Acho que um dos divisores de águas na minha vida foi minha mãe ter comprado um computador para mim e para o meu irmão muito cedo. Ela comprou quando eu tinha 5 anos, mais ou menos, e isso acabou me incorporando no mundo da tecnologia muito cedo e acabou me estimulando a vontade de estudar na área de Tecnologia, de Engenharia e Computação.

Quando eu estava no 9º ano, veio uma caravana na minha escola; era na época que o IF estava se estruturando em Picuí, e não lembro agora quem eram as pessoas que foram na escola estadual. Naquele momento, eu estava cursando o ensino fundamental e eles apresentaram o projeto do IF na minha turma, que tinha uns 40 alunos. Na mesma hora da apresentação, já me bateu a vontade de fazer. Não conhecia, eu sinceramente não sabia nem o que era CEFET, não sabia nem o que era o antigo CEFET, que era a Escola Técnica. Na mesma hora, eu fiquei muito empolgado em fazer, porque eu via naquilo uma oportunidade de fazer algo que sempre quis, um ensino mais qualificado e dentro de uma área técni-

ca, que era o que eu queria, uma área mais técnico-tecnológica. Não pensei duas vezes; até estimulei colegas meus a fazer, mas ninguém quis. Na época, só fui eu que fiz a prova; na época era seleção e, graças a Deus, passei.

Quando eu cheguei ao IF – lembro da primeira vez –, a nossa apresentação foi na antiga estrutura [no bairro JK]. Estava chovendo no dia, se não me engano. A antiga estrutura era bem provisória; então, em termos de estrutura, o IF não me impressionou muito à primeira vista, me impressionou depois. Mas o que me impressionou foi o corpo de profissionais; para ser sincero, eu não imaginava ter pessoas tão qualificadas: doutores, mestres, muitos professores qualificados; eu não imaginava que fosse daquela forma.

Eu fui me impressionando cada vez mais, principalmente depois que a gente partiu para uma estrutura que, inicialmente, eu ficava comparando com as escolas norte-americanas, onde você tem uma estrutura mais novinha, salas com ar-condicionado, com bancadas, com cadeiras e mesas confortáveis. E aquilo, para uma criança, para um adolescente de uma cidade pequena, de escolas praticamente precárias, aquilo foi um divisor de águas muito importante. Era praticamente algo que eu só via na televisão ou em filmes. E a cada dia que eu vou no IF, hoje, eu vejo que melhorou; me impressiona cada vez mais. Mas, à primeira vista, foi um baque realmente muito gritante, principalmente pelo grau de qualificação dos profissionais, que é muito grande.

Na escola em que eu estudava – não desmerecendo nenhum professor, porque todos foram muito importantes para mim –, a maior parte dos professores

não tinha nem formação específica na área em que dava aula. A maioria era de professores substitutos ou provisórios, que davam aula por ter conhecimento na área, ou professores formados em Pedagogia que davam aula de todas as disciplinas, no caso do fundamental I.

O nível de qualificação dos professores do IF foi muito impactante, digamos assim. A primeira coisa que impactou foi o nível de cobrança bem mais alto do que eu tinha na escola pública estadual e municipal e, além disso, eu acho que a formação técnica me deu mais interesse em estudar, porque eu via naquilo algo palpável, algo que eu iria praticar, algo que eu iria aproveitar na minha vida, mesmo não necessariamente atuando naquela área, embora quisesse, no momento inicial, seguir para um curso superior relacionado ao ensino técnico que eu fazia. Mas a praticidade do estudo; a gente ir para os laboratórios, ver as coisas, nas disciplinas de Biologia; a gente ter aulas relacionadas à prática, além do próprio nível de qualificação dos professores para abordar temas de maneira mais aprofundada, me fez ter uma disposição; e como eu sempre fui uma pessoa muito curiosa, eu sentia vontade de estudar cada vez mais. Eu sentia vontade de estudar. Para mim, não era uma obrigação. Acho que essa motivação eu não tinha tanto quando eu estudava no ensino fundamental. Eu acho que isso, realmente, foi um divisor de águas, tanto a motivação quanto a cobrança.

Em relação ao transporte, minha mãe foi quem pagou o transporte particular. Em alguns outros momentos, a prefeitura dava o transporte público, mas nunca tive dificuldade no transporte. Houve momentos

curiosos, porque, às vezes, faltava transporte: o ônibus quebrava, o carro quebrava, ou o carro ia sair muito tarde – o ônibus –, porque tinha que esperar todos os alunos de todos os turnos. E, para eu não sair no final da tarde – quando não tinha aula de tarde –, às vezes, eu pegava carona e sempre descia a pé lá do IF até a saída de Picuí para Nova Palmeira para pegar carona. Para mim, isso não era uma grande dificuldade; eu sempre achava isso mais como um ganha-tempo de chegar em casa mais cedo, às vezes, para estudar ou para fazer alguma outra coisa.

E eu sempre gostava muito de ler. Então, sempre no transporte eu acabava lendo. Tenho até histórias curiosas de pegar muita carona com caminhão de lenha, com ambulância, com carro de polícia; todo tipo de carro eu pegava carona e eu sempre gostava de ler no carro, mesmo que fossem aqueles carros-pipa. Naquela época, tinha muito por causa da seca – ainda tem, né? Carro-pipa lotado de água, um barulho danado para conseguir subir naquela estrada de Picuí para Nova Palmeira, que é muito íngreme, e a “zoada” grande, e eu ia lendo, porque eu gostava muito. Mas, assim, dificuldade financeira em nenhum momento eu tive, ainda bem.

A gente chegava e ia para a sala de aula. Nos momentos em que faltava alguma aula, por algum motivo de professor doente ou quando, às vezes, na própria agenda de aulas não tinha uma aula reservada para aquele horário, a gente ficava, muitas vezes, só conversando mesmo. Criei muita amizade no IF, muita, mesmo, que levo até hoje. E depois, a gente ia lanchar; na estrutura anterior, na primeira estrutura [no bairro JK], tinha

Leno, que a gente lanchava com Leno, que acabou seguindo para a estrutura nova também. Na hora do almoço, a gente ficava em qualquer lugar, porque não tinha refeitório na época, estavam construindo ainda. Então, a gente ficava deitado no corredor conversando, comendo quentinha lá de Picuí. E, à tarde, era a maior dificuldade, porque a gente ia para a aula, depois do almoço, morrendo de sono. Mas com a força de vontade, às vezes, conseguia assistir aula; às vezes, dava aquele cochilo. O professor achava ruim, reclamava. Às vezes, a gente não tinha nem culpa. No final da tarde, a gente esperava o ônibus e eu voltava para casa; às vezes, voltava de carona, descia a pé para pegar carona. Quando chegava em casa, ia para a academia, estudava, essas coisas.

Eu gostava de estudar no IF. Primeiro – acho que o mais importante –, porque tinha professores muito capacitados e isso facilita muito o aprendizado, a ponto de a gente se estimular a estudar. Segundo, a estrutura muito boa. Você dificilmente vai ver um aluno que não tem condição – como minha família não tinha – em uma estrutura onde você tem salas de aula confortáveis, cadeiras confortáveis, ar-condicionado, salas espaçosas, lousa digital, laboratório de alta qualificação... enfim, a estrutura também estimulou bastante. Além disso, o IF também proporcionava muito incentivo na parte de projeto, de feira de ciências. Eu adorava a Feira de Ciências, achava muito motivante a gente fazer os projetos, embora um colega meu sempre ganhasse, que era Erik – o bicho era extremamente inteligente e criativo.

Professora Hertha marcou muito na parte de Literatura e Português, professor Suelânio marcou de-

mais, também, professor Macedo. Porque foram professores que começaram e terminaram basicamente os quatro anos com a gente. Teve vários, vários, mesmo, acho que raramente um não contribuiu tanto assim; todos foram importantíssimos na nossa formação. Professora Adriana, também, excepcional. São vários, é difícil dizer uma pessoa só.

Eu sempre fui uma pessoa muito comunicativa e acabei nunca tendo dificuldade de me entrosar e interagir com minha turma. A gente conseguiu fazer uma amizade muito, muito boa; nos quatro anos, a gente nunca teve problema nenhum. E foi uma turma que acabou se fragmentando, saiu muita gente no decorrer dos anos e ficou um bloco de pessoas muito unidas, tanto que a gente conseguiu fazer nossa formatura de maneira praticamente solidária, acabando em projetos, em rifas etc. A gente fazia festas entre a gente, bebia, fazia churrasco. Então, assim, foi uma turma que eu combinei muito, muito bem. Amigos para a vida toda.

Muitos abandonaram [o curso], talvez pela própria cobrança do Instituto. O IF tem um nível de cobrança maior do que outras escolas e nem todos os alunos se adaptaram; alguns não gostavam de estudar, não tinham certa dedicação, começaram a reprovar em algumas disciplinas e acabaram desistindo; alguns que tinham a idade mais avançada acabaram saindo por fatores como trabalho, formação de família e gravidez precoce, por exemplo. Houve outros fatores também, mas acredito que o principal é o primeiro.

O último ano foi um ano meio apressado, na verdade, porque tinha tido uma greve durante o nosso perí-

odo e acabou que, quando a gente entrou na faculdade, a gente teve poucas semanas para conseguir apresentar o TCC – quero dizer, pessoas como eu, que acabaram deixando para a última hora – e também para aglutinar toda a documentação para poder apresentar na faculdade. Mas eu lembro que, antes da nossa formatura, da festa, a gente acabou dando uma andada no campus para revisitar os momentos que a gente passou lá, durante quatro anos. Conversar também, bater um papo, falar com os amigos, falar com os técnicos, falar com os vigias, com o pessoal da Coordenação Acadêmica, com todo mundo, pois a gente criou uma amizade muito grande com todo mundo, com todos os profissionais.

Minha saída do IF foi um pouco conturbada e inesperada, na verdade, porque eu passei minha vida toda querendo fazer Engenharia Elétrica. Desde que eu entrei no IF, meus professores também – eu não falei, a professora Georgina foi uma grande incentivadora também; o professor Antônio, demais também, outro que marcou absurdamente – me estimulavam muito a fazer Engenharia. E era uma coisa que eu queria realmente e eu acabei passando, quando estava no 3º ano, em Engenharia Elétrica. Mas acabei não indo, porque ainda não tinha diploma do ensino médio e deixei para fazer, no 4º ano, a prova do Enem novamente para ir para Engenharia, que era algo que eu queria. Acabou – eu acredito que muito por conta da tranquilidade com que eu fiz a prova, não tive nenhuma pressão familiar de ter que passar necessariamente na prova – que fui muito bem na prova, tive uma nota muito boa. Aí, realmente, minha família começou a pressionar – não pressionar, incentivar a

fazer Medicina. Falavam: “É um curso muito bom, com sua nota poucas pessoas passam, sua nota dá para passar.” Inicialmente, fui muito resistente a essa ideia, tanto que no SiSU tinha cinco dias para decidir o que a gente queria, e até o último dia eu deixei Engenharia. Conversei muito com a minha mãe – era uma coisa que ela queria muito, ia ser muito gratificante para ela, e eu fiz um acordo com ela; disse: “Oh, mãe, eu vou colocar Medicina na UFPB, eu vou ser chamado” – eu já estava dentro da lista – “mas, se eu não gostar no primeiro semestre, eu coloquei como segunda opção Engenharia na UFCG”.

Basicamente, o meu planejamento de vida foi completamente mudado em torno de uma semana, e quando eu saí do IF, já foi com data marcada para fazer a matrícula, pois foi uma coisa muito em cima. Ou seja, eu não tinha muito planejamento de nada, nem conhecia João Pessoa a ponto de morar, de conhecer as coisas lá. Fui fazer a matrícula com o professor Suelânio, porque talvez fosse ter problema com a geração da matrícula, já que o IF estava distribuindo declaração de conclusão, porque a gente não tinha o diploma, e ele teve que negociar com o pessoal da universidade, do departamento jurídico, e foi uma coisa bem às pressas. Até hoje, quando eu o vejo por João Pessoa, ou por Picuí – vi poucas vezes em Picuí, depois desse evento –, agradeço demais a ele, que foi extremamente importante nessa condução de objetivos. Foi uma coisa muito do nada, mas depois eu fui revendo meus objetivos, passo a passo, depois que acabei tomando essa decisão. Logo no primeiro semestre, acabei ficando apaixonado pelo curso e desisti de fazer Engenharia, que era algo que meu irmão já fazia.

De fato, tenho inúmeras influências e inúmeras palavras para descrever o que foi o IF para mim. Como uma criança do interior, uma criança relativamente pobre, a minha família nunca teve condições de bancar uma escola particular; ter o IF na minha formação acadêmica foi decisivo para que eu pudesse ter uma melhor formação. Talvez eu não tivesse essa oportunidade se tivesse continuado na minha cidade. E fui uma pessoa de sorte por ter essa oportunidade no momento certo, na hora certa. O IF é uma escola que não só ensina você a ser um aluno mais capacitado, tanto no mundo do trabalho quanto na formação acadêmica. Ele é uma escola que ensina você a ser um cidadão melhor, a ponto de você interagir melhor com as pessoas. Ensina você a saber como fazer um projeto, a ter consciência do que é ciência, do que é tecnologia, do que são esses conhecimentos incorporados dentro da comunidade acadêmica, dentro da comunidade geral, entre as pessoas. Quando entrei na faculdade, isso foi muito importante para minha formação, porque eu consegui, além do conhecimento técnico-científico, lidar com situações que muitos colegas que tinham feito as melhores escolas particulares de João Pessoa e de Campina Grande não sabiam, que era como lidar dentro de uma universidade federal, porque eu já tinha esse conhecimento prévio do IF, tanto pela formação excepcional que meus professores tinham e conseguiam nos passar quanto pela própria experiência pessoal e profissional de estar inserido dentro de uma escola que forma profissionais. [O IFPB] não forma só alunos, não forma só vestibulandos ou pessoas para concluir o ensino médio; é uma formação muito

mais ampla do que a de qualquer outra escola, numa estrutura excepcional, de primeiro mundo, que deveria ser ampliada e difundida Brasil afora. Assim, faltam palavras para descrever o que foi o IF para mim. Eu volto à palavra anterior: foi um divisor de águas, com toda certeza.

Acho que o período mais marcante foi um projeto de Literatura da professora Adriana. Ela pediu para a gente fazer uma peça teatral e foi muito engraçado, porque a gente precisava fazer os ensaios e ninguém tinha experiência com nada do teatro. Foi uma coisa muito esquisita. A gente ficava de tarde em Picuí para tentar ensaiar essa peça; era uma peça de um autor brasileiro que descreveu um indígena, mas esqueci o nome. Foi muito engraçado porque todas as cenas foram excepcionalmente engraçadas, não teve nenhuma que não foi engraçada, e a gente acabou ficando mais amigos depois disso, porque toda hora a gente relembrava. Esse foi um dos momentos mais marcantes do IF.

Eu ainda tenho duas camisas da época da Feira de Ciências, de que eu sempre participava; gostava muito. Acho que esses são os objetos mais marcantes que eu tenho do IF. Eu tenho as camisas também, os fardamentos, só não sei onde elas estão porque acabei deixando guardadas dentro do guarda-roupa. Mas é uma coisa que eu tenho interesse de guardar para lembrar. Além disso, tem as cartinhas também, que a gente está para abrir esse ano, da professora Adriana, que nós escrevemos em 2011 e era para a gente abrir dez anos depois, que era a gente marcando quais eram nossos objetivos futuros e como a gente se via dez anos depois – dez anos depois lá de 2011.

O que eu mais aprendi foi a parte de comunicação; acho que isso foi muito importante. Porque o IF tira várias crianças e pré-adolescentes de cidades completamente diferentes para interagirem com outras crianças e pré-adolescentes de 14 anos, mais ou menos, de outras cidades. E isso estimula muito a formação de novas amizades. Além do que, você conhece novos professores, novos profissionais da área, técnicos, pessoas que trabalham no Instituto; e isso favorece muito a nossa percepção de comunicação. E, além disso, acho que o principal é a questão de aprender a fazer sem cobrança, digamos assim; “Ah, eu quero fazer um projeto para melhorar meu currículo” e tal; essas oportunidades que a gente não teria em outros locais: projetos de extensão, projetos de pesquisa. Acho que poder fazer isso foi uma das coisas mais interessantes do IF.

A palavra-chave é oportunidade, uma oportunidade que muitos dos meus amigos e colegas de infância não tiveram, que é ter uma educação de qualidade, gratuita, que me proporcionou ter uma formação técnico-científica, mas, acima de tudo, uma formação humana e um crescimento como cidadão. Não só um crescimento, na verdade uma formação de cidadão, muito importante; uma formação cidadã. Eu acho que o IF é hoje a melhor forma que um aluno de escola pública tem de ascender socialmente e alterar seu padrão, no sentido de qualificação profissional e de status dentro da sociedade, no sentido de classe social, digamos assim. A única forma que a gente tem é através da educação. Nenhuma outra forma é melhor e mais aceita para a ascensão social do

que a educação. E não tem outra instituição melhor para um aluno de escola pública do que o IF.

Eu fui fazer faculdade em uma cidade maior, em João Pessoa. Eu não conhecia nada e acho que uma das coisas que foi bastante importante para mim, que facilitou a minha adaptação, foi que a faculdade tem um regime de cobrança muito parecido com o do IF. São professores de alta qualificação que acabam exigindo o que nos foi passado. O que você estudou, você quer que seus alunos acabem aprendendo da mesma maneira. Mas foi bastante difícil, inicialmente. No primeiro ano, eu sofri bastante porque não tinha o hábito tão acentuado que a faculdade exige de estudo – embora eu acredite que já tinha uma rotina de estudos importante no IF. Mas eu acho que foi muito mais fácil para mim do que para outros, que não vieram de escola federal ou de uma escola particular de bom nível de qualificação. O primeiro ano foi bem sofrido; depois a gente se acostuma e passa o resto dos seis anos, e vai se acostumando aos poucos na faculdade.

Logo no primeiro ano, em 2015 – o ano que eu saí do IF –, eu passei por uma situação muito complicada, porque eu era muito jovem, 17 anos, quando entrei na faculdade. Uma faculdade de alta cobrança, como é a de Medicina, e logo no início a gente pegou professores muito complicados, muito carrascos. Um professor, que era neurocirurgião, que odiava dar aula e cobrava coisas absurdas e pressionava muito a gente: que médico tinha de ser excepcional, tinha de estudar muito, porque não podia errar, etc., etc. Somados a esses fatores, uma cidade nova onde eu não conhecia ninguém; ter que me virar e fazer tudo, morando sozinho; acabei desenvolvendo

transtorno de ansiedade. Tive acompanhamento com psicólogo, com psiquiatra, e isso me ajudou bastante na minha formação. Mas eu acho, inclusive, que até nisso o IF foi importante para melhorar minha resiliência. Depois de um tempo, depois de seis meses, eu acabei me adaptando muito rápido, rapidamente melhorei desse quadro, enquanto outros colegas meus, por esse tipo de cobrança, acabaram ficando muito mal e passaram o curso todo tendo problemas psiquiátricos – transtorno de ansiedade, depressão etc. –, acredito que muitos relacionados a esse tipo de cobrança, que é algo de praxe no curso de Medicina. As estatísticas médicas acabam sendo bastante elevadas em transtornos mentais, mas eu acho que até nisso, hoje, vendo retrospectivamente, vejo que a minha formação no IF teve uma contribuição nessa minha resiliência.

Hoje, eu sou médico; atuo nos municípios de Carnaúba dos Dantas, de Parelhas, de Equador e de Santa Cruz, no estado do Rio Grande do Norte. Hoje, eu trabalho na Saúde da Família e dou alguns plantões de urgência e emergência. A princípio, o meu planejamento é cuidar da minha mãe pelos próximos dois anos; ela está passando por um problema de saúde grave, teve câncer cerebral. E, depois, eu pretendo fazer residência; ainda não decidi qual, mas, a princípio, em alguma área em que eu possa cuidar da maneira mais próxima possível do paciente, em uma área médica que tenha assistência clínica mais próxima, mais pele a pele, que eu gosto muito de conversa, gosto muito de tocar no paciente, gosto muito de experimentar sentimentos e situações que a medicina muitas vezes proporciona e que em nem

todas as áreas dela são, digamos assim, explícitas. Mas eu não gosto de planejar minha vida a tão longo prazo, de tantos anos, porque eu passei minha vida toda planejando fazer uma área e hoje estou em outra completamente oposta. Então, prefiro esperar e escolher as coisas com mais calma.

Perseverança eu acho que é a palavra-chave de todo aluno. Saber que as dificuldades são intrínsecas ao fato de estar estudando, estar querendo melhorar de vida; sempre vai ter uma barreira a mais para ultrapassar. Mas saibam que vocês estão no melhor local possível para crescerem na vida, basta vocês quererem e se aproximarem de pessoas que querem lhes ajudar, que não são poucas. Tem vários professores que vão querer, cada vez mais, que vocês, alunos, cresçam na vida e que estudem para se tornar futuros mestres e superar os antigos mestres.

Eu acho que educação é isso, sempre melhorar, sempre adquirir mais conhecimento, e conhecimento é libertador, acaba libertando você de amarras – muitas vezes, a desigualdade social, neste país cada vez mais complicado, te prende a ponto de você não conseguir ascender na vida. Então, estude, estude, perseverança sempre, saber que as batalhas só aumentam e o interesse por ultrapassá-las, enfrentá-las e superá-las é o que move a nossa vida.

09 José Ginetom da Silva Araujo¹⁹

Curso Técnico em Edificações, 2011-2015



Eu sou natural de Cuité, Paraíba, cidade vizinha a Picuí. Fui criado lá até meus 2 anos de idade, quando vim morar em Picuí. Então, de lembrança mesmo de minha primeira cidade, apenas Picuí. Fiz o pré em uma escola municipal e também em uma escola filantrópica que era conhecida como Educandário Evangélico Pastor Alicio Bezerra. Lá fiz também minha alfabetização e iniciei o meu ensino fundamental. Na verdade, meu ensino fundamental iniciei já em uma escola estadual, aqui na cidade de Picuí, a Felipe Tiago Gomes. Depois fui fazer a minha 2ª série, de novo, no Educandário; depois, na 3ª série, voltei para a Escola Felipe Tiago Gomes, onde fiz também

a 4ª série, e na 5ª série voltei para o Educandário Evangélico, onde fiz até a minha 7ª série. A 8ª série – na época não era dividida em anos, era dividida em séries – fiz na Escola Estadual Professor Lordão. Assim, fiz meu ensino fundamental em três escolas.

Conheci o IF pelos meus amigos. Eles me passaram informações sobre o que era o IF, as impressões que eles tinham do IF e sobre como o IF era uma instituição de credibilidade. E, fazendo o IF, eu teria a oportunidade de sair do ensino médio já com o curso técnico. O ano em que fiz a 8ª série foi justamente o primeiro ano que teve o processo seletivo do Instituto Federal, e procurei saber o que era o curso de Edificações. Já imaginava que tinha relação com a construção civil e, confirmado o que eu esperava, me interessei em fazer o processo seletivo, porque não tinha dúvidas do que eu queria desde minha infância. Sempre tive uma afinidade com a construção civil, porque desde criança já começava a fazer meus esboços de casa, de construções, já percebia que gostava dessa área.

Fiz o processo e não passei na primeira tentativa. Então, tive que continuar meu ensino médio na Escola Professor Lordão. Quando a gente faz o IF, normalmente, a gente tem que participar nos três... na verdade, nos quatro anos dentro da instituição, como no curso integrado. Terminado o 1º ano, fiquei certamente um pouco com dúvida se iria fazer de novo o processo ou não, visto que iria perder um ano caso entrasse no Instituto.

A gente, quando está nessa fase de pré-adolescência e adolescência, a gente acha que perder um ano seria o fim do mundo. Mas, pelo conhecimento que eu já

tinha do Instituto, da qualidade do Instituto, do que ele oferece aos alunos, tanto no ensino médio em si como também no técnico, fiz o processo seletivo mais uma vez. Lembro que um grupo de pessoas foi lá no Professor Lordão para nos incentivar a fazer a prova; então, voltei a tentar passar no processo seletivo e consegui passar nessa segunda tentativa. Ficou a dúvida se ia voltar ou não para o 1º ano. Mas, como já disse, tinha certeza do que eu queria em relação ao curso; não fiz questão, voltei para o 1º ano. Também o apoio dos meus pais foi muito importante, mas eu sabia que eles iriam apoiar.

A minha impressão do IF era das melhores possíveis. Mesmo eu não tendo passado antes, depois de ter tentado uma vez, mesmo já tendo feito o 1º ano do ensino médio, decidi voltar a tentar, baseado naquelas impressões que eu tinha do IF, na credibilidade que o IF passava e na oportunidade de ter um curso técnico, de já sair do ensino médio com o curso técnico. A escolha do curso era baseada no desejo que eu tinha desde a infância, e aí unir o útil ao agradável: ensino de qualidade – ensino médio de qualidade – e a oportunidade de sair com um curso técnico na área que eu já desejava.

Nos primeiros contatos com o IF, a gente chega um pouco tímido, justamente porque o IF é uma coisa nova para a gente. A nossa turma era apenas a segunda. Então, a gente entrou um pouco tímido. Eu achava que o IF iria sufocar em relação a conteúdos; por causa do status de universidade, praticamente se tinha essa impressão. Mas, assim..., foi bem tranquilo meu primeiro contato. Realmente, as impressões quanto à qualidade do ensino eram a realidade. Nós não tínhamos, até en-

tão, uma realidade de ter professores com mestrado, pelo menos. Quando chegamos ao IF, nós tínhamos professores com mestrado, doutorado.

Algo que a instituição também nos trouxe foi a questão social, o desenvolvimento pessoal. O IF, de início, já foi nos apresentando essas questões de desenvolvimento pessoal, baseado no relacionamento social que os alunos têm entre si. No tempo em que eu estava estudando, passei quatro anos com a mesma turma. Então, a gente acaba criando um vínculo muito forte, e também a própria instituição nos estimula a crescer como pessoas. Então, o IF me deu uma oportunidade de crescimento pessoal, no sentido também de responsabilidade pessoal. A gente acaba desenvolvendo dentro do IF essa necessidade de ter responsabilidades.

Então, o IF me desenvolveu, me deu a oportunidade de poder me desenvolver como pessoa. Sempre tinha traçado em minha mente aonde eu queria chegar, que eu queria me formar. Só que, antes do IF, eu não tinha essa oportunidade, não tinha essa impressão de que seria algo tangível, de poder chegar lá. Eu achava que era uma realidade muito distante; tinha os objetivos, tinha sonhos, mas eu não vislumbrava como chegar lá, o caminho pelo qual chegar lá. Então, o IF me mostrou esse caminho, fez com que fosse algo tangível para mim.

Comecei a minha trajetória no IFPB no ano de 2011. A gente fez parte do início da instituição. Até o mês de junho – se não me engano era junho –, a gente estudou no campus provisório. Tivemos que dar o nosso jeito para poder estudar, para poder ter uma infraestrutura boa, quando chegamos ao IF; também, o IF ainda esta-

va no início da sua construção. A gente viu a Biblioteca Central ser construída do zero, praticamente; o bloco de Mineração também ainda não tinha sido concluído. A gente fazia de tudo para aproveitar ao máximo possível tudo o que o IF disponibilizava naquele momento – a biblioteca, por exemplo. Não existia biblioteca em outro local, a gente aproveitava, eu passava praticamente o dia todo no IF. Tanto que a gente só tinha algumas disciplinas à tarde e, mesmo quando não tinha disciplina, a gente estava lá, aproveitando o espaço da biblioteca – ia para os computadores, estudava o que tinha.

A gente viu a sala de Educação Física ser instalada, já no final. Os laboratórios não existiam; quando a gente saiu, tinha apenas dois laboratórios, se não me engano, laboratórios de Solos. Então, alguns ensaios, por exemplo, que a gente precisava fazer, alguns corpos de prova, a gente precisou viajar para João Pessoa, para poder fazer os rompimentos dos blocos, dos corpos de prova lá. Assim, também foi muito bom, foi muito prazeroso ter toda essa envergadura para poder aproveitar o máximo do IF. A gente sempre procurava aproveitar o máximo possível tudo que a gente podia. Em uma viagem, a gente aproveitava também para fortalecer os laços pessoais. Também o professor fazia de tudo para contribuir na aula durante a viagem. Eu gostava de usar a sala de desenho, gostava de usar a biblioteca, os computadores também.

Em uma fase da minha vida, eu não tinha computador em casa; então, usava o computador da biblioteca. Mas, depois, eu tive; minha família teve condições de ter um computador em casa. Mas, assim..., é porque eu gos-

tava de estar lá no IF, era muito bom, a gente aproveitava. Tinha vezes que a gente ia lá só para poder conviver com os alunos. Então, o IF dá isso também. Eu acredito que é algo particular do IF. Eu gostava basicamente de tudo; eu gostava de todas as disciplinas. Eu entrei no IF com essa visão de aproveitar a qualidade da instituição. Matemática, amava; amava as disciplinas técnicas; também gostava das disciplinas do ensino médio. Uma coisa ruim, assim, que não foi culpa da instituição: na disciplina de Física, por exemplo, a gente teve um certo déficit, porque na época que a gente estava estudando, a gente ficou sem professor. O professor não pôde continuar, ele saiu no 2º ano. Então, a gente passou um tempo sem professores. Como em toda instituição, houve um processo seletivo; um professor passou, mas só deu aula uma semana, porque acabou tendo problema de saúde, teve que ser transferido. Foi mais um período sem professor. Então, assim, a gente teve que se virar nos 30 para poder estudar a disciplina de Física. Teve que ter tipo um cursinho preparatório, aulão, para a gente ver todos os conteúdos do Instituto. Mas a gente viu também o esforço que o IF fazia para poder disponibilizar o ensino com qualidade; o jeito que eles tiveram, eles deram; a gente via também o esforço da Coordenação para isso.

A única coisa em que realmente o IF puxa é a quantidade de conteúdos que a gente tem que estudar. Então, realmente, a gente tem que estudar muito. Mas também a gente acabava usando isso como forma de se incentivar; a gente dizia: estou estudando, agora tenho que estudar. Participei de dois projetos de extensão: um foi para ensinar, para preparar alunos do ensino médio

da Escola Professor Lordão, da qual eu tinha feito parte. O intuito era prepararmos alunos para a Olimpíada Brasileira de Matemática. Então, esse foi o primeiro projeto de que eu participei; logo após, teve um projeto – não sei se ainda tem, acredito que sim –, era o projeto de empresa júnior na instituição, o Projetart.

Não sei como é a realidade de hoje, mas uma turma de construção civil, um curso de construção civil, tende a ter muito mais homens do que mulheres; também pela cultura na sociedade. Às vezes, [tem] até preconceito em relação à mulher na construção civil, sendo que hoje, graças a Deus, está diminuindo bastante. Mas na nossa turma tinha 30 meninas e 10 meninos. Então, era uma turma diferente! Nós tivemos – bem, minha visão pessoal, não sei para as outras pessoas – os dois primeiros anos da turma com poucos grupos exclusivos. É claro que sempre vão se formando os grupos, mas era uma turma que tinha uma união bastante grande em relação a todos, que incluía todos. Não é que deixou de incluir, mas, com o tempo, você vai pegando mais afinidades.

O meu grupo – posso encaixar aí dez pessoas que faziam parte do meu grupo – até hoje é muito especial para mim. Até hoje a gente tem relações, a gente tem um grupo no WhatsApp, como o grupo do IF, porque realmente a gente manteve esse laço muito forte; um grupo em que nós tínhamos sete pessoas de Picuí, duas pessoas de Carnaúba dos Dantas e uma de Sossego e, até hoje, a gente ainda mantém essa relação, porque, realmente, a gente acabou criando um laço muito forte. Hoje, mesmo com os caminhos diferentes que cada um tomou – do meu grupo mesmo, apenas eu fui para

Engenharia Civil, outro para Direito, outros acabaram trabalhando apenas com o curso técnico, trabalhando em suas cidades – a gente tenta fazer o máximo possível para se reencontrar. Mas a turma, no início, era bastante unida no sentido geral; depois, ela foi criando os seus grupos; mas, para mim, pessoalmente, eu tenho meu grupo que até hoje é especial!

Formalmente, a gente não tinha representação de turma; tinha uma pessoa que acabava, naturalmente, tomando essa posição em momentos específicos. Mas, na maioria das vezes, umas seis pessoas mais ativas na turma acabavam tomando essa posição, quando se sentiam prejudicadas. Eu não fazia parte desse grupo, mas tinha um grupo ali de pessoas que fazia isso; não era uma pessoa específica, mas pessoas que acabavam fazendo isso, até mesmo dentro do seu grupo. No meu grupo, tinha uma pessoa que era mais ativa em relação ao contato com os professores e com a Coordenação; e dentro de outros grupos tinha outras pessoas também.

Eu tenho a camisa dos jogos do campeonato interclasse que a gente fez, realmente ainda tenho aqui, inclusive ainda uso. Essa camisa acabou sendo muito importante; tenho uma memória muito boa, porque nossa turma, como eu disse, tinha apenas dez meninos. Desses dez meninos, eu acho que quatro sequer pegavam em bola, não sabiam o que era bola. Então, a gente tinha o desafio de formar um time para poder disputar o interclasse, com seis pessoas. Ninguém garante que um grupo de seis pessoas vai ter uma quantidade de pessoas suficiente para formar um time competitivo. A gente formou com o que a gente tinha. A gente não

tinha aquela qualidade de futebol; tinha um ou outro que jogava bola, mas não tinha muita qualidade. Então, a gente entrou como azarão nesse campeonato, mas a gente chegou à final; só perdeu nos pênaltis. Então, a gente olha para a camisa e lembra desse feito.

O último ano do nosso curso foi até um pouco atribulado, por causa de alguns problemas que a gente teve em relação à falta de professores. Infelizmente... assim, não foi culpa da instituição, mas chegou um certo momento em que teve essa questão do professor de Física; teve outra professora que teve gravidez de risco. Então, assim, foi atribulada essa saída do curso. E aí juntava com a expectativa de deixar uma instituição na qual passamos quatro anos praticamente o tempo todo e ir para um curso superior que iria mudar nossa realidade. Mas a gente acabou celebrando a conclusão do curso. Em 2015, eu terminei os estudos no IFPB, mas não apresentei meu TCC, porque eu já tinha conseguido o certificado pelo Enem. Antigamente, o Enem disponibilizava certificado, e, como o Instituto, devido às greves, terminou as aulas praticamente já no início das aulas na universidade que eu iria fazer, eu já ingressei diretamente na universidade.

Nossa família não era uma família pobre, digamos assim, mas a gente também não tinha muitos recursos financeiros. Meu pai era desempregado; na verdade, quem tinha emprego e sustentava a casa acabava sendo minha mãe, financeiramente. Eu tive uma educação familiar muito boa; meus pais sempre me deram uma boa educação, fizeram de tudo para que eu tivesse também uma boa educação acadêmica, esco-

lar. Mas, assim, realmente, se fosse depender de meus pais investirem em cursos privados para que eu pudesse ter oportunidade de fazer um curso superior, fazer um vestibular de qualidade, realmente, seria bastante difícil. Então, a instituição pública foi bastante importante para isso, com certeza; para oferecer essa educação e suprir essa necessidade. Foi muito importante participar de uma instituição pública que ofereceu um ensino de qualidade; de maneira que, para que eu pudesse fazer um Enem bom, eu não precisei pagar cursinhos. A educação que o IF passou foi o suficiente para que eu pudesse ingressar em Engenharia sem precisar fazer nenhum cursinho. Então, na questão socioeconômica, nossa realidade era essa.

Quando a gente está nessa fase de adolescência – e, às vezes, até mesmo depois da adolescência, que era o meu caso –, a gente tem muitas inseguranças. Então, eu fiquei um pouco inseguro se iria seguir ou não o curso de Engenharia Civil, se continuaria na mesma área. Veja bem, desde criança já tinha o desejo de participar, de seguir minha carreira nessa área, mas nesse momento me bateu uma certa insegurança. A gente começa a ouvir opiniões de A e B, e muitos diziam: “Não, o mercado de engenharia civil está muito saturado, vá para essa área aqui que ela oferece melhores oportunidades de emprego.” Então, pensando nessa questão de oportunidade de emprego, de disponibilidade no mercado de trabalho e tal, eu não fiz o curso de Engenharia Civil de início. Eu fui fazer o curso de Engenharia Elétrica.

Quando cheguei no curso de Engenharia Elétrica, eu não me senti familiarizado com a grade do curso;

me sentia também muito inseguro em relação ao curso. Nós tínhamos lá uma disciplina que era oferecida pela coordenação do curso de Engenharia Civil. Nessa disciplina, nós íamos lá para um bloco, que era da unidade, e dentro desse bloco tinha lá um fluxograma de todo o curso de Engenharia Civil. Como eu disse, quando eu me deparava com a grade do curso que eu estava cursando na época, eu não me sentia à vontade, não me sentia confortável com a grade que eu via.

Essa questão de escolher um curso... para muitos alunos, a maioria, essa fase de escolher um curso para seguir é bastante difícil, porque [essa escolha] vai mudar toda sua realidade; se vai continuar na sua área ou não. Muitos acabaram se sentindo bastante inseguros, assim como eu – fui um dos tais, em relação a escolha de curso, por causa de questões de emprego, disponibilidade de emprego. Não por questão de amor pelo curso, não, mas por questões que sempre entram em discussão, principalmente quando vêm de fora; não vêm da instituição, porque a instituição sempre procura incentivar você a escolher o que você gosta, aquilo que você ama. Mas a gente sempre acaba escutando alguma coisa. Para mim, pessoalmente, essa parte – sair do curso – foi um pouco complicada. Acabei escolhendo um curso com o qual não tinha afinidade, podemos dizer assim. Eu achava que teria afinidade porque era na área de Engenharia, a gente tinha a parte de engenharia elétrica dentro da construção civil. Então, pensei: vou unir aqui o útil ao agradável; tem um pouquinho de construção civil e o pessoal sempre está falando que tem mais oportunidade de emprego.

Eu entrei em Engenharia Elétrica e não me sentia familiarizado com a grade do curso, não me sentia confortável com isso. Fiz o meu primeiro ano, meu primeiro período. Praticamente, antes de terminar o primeiro período, ia ter uma disciplina da coordenação de Engenharia Civil, e lá tinha o fluxograma do curso de Engenharia Civil. Então, eu via as disciplinas e me lembrava do IF. Por que eu estou entrando nisso agora? Porque o IF foi importante nessa escolha de deixar o curso de Engenharia Elétrica para escolher o curso de Engenharia Civil.

Antes mesmo de terminar o primeiro período, tivemos uma greve na Universidade Federal de Campina Grande. Dentro dessa greve, teve um novo processo de seleção de alunos. Como eu já estava um pouco inseguro em relação ao meu curso, e ao me lembrar do curso técnico em Edificações, vendo a grade de Engenharia Civil, sabendo mais ou menos o que era o curso... assim, o IF foi importante nessa escolha de mudar de curso. Então, eu não cheguei a terminar o primeiro período de Engenharia Elétrica; escolhi Engenharia Civil. E minha família, meus pais, mesmo com as dificuldades de manter a gente em Campina Grande – com aluguel, transporte, custo de moradia, custo de ida –, também me apoiaram. Foi outra coisa bastante importante. Então, acabei mudando de curso antes mesmo de terminar o primeiro período.

Aprender a importância de ter autoconfiança, de se sentir seguro de que pode conquistar os seus objetivos, é algo que, nas entrelinhas, a gente acaba pegando. Mas tem os nossos desafios na área acadêmica; a gente investe na área acadêmica sabendo que os nossos desa-

fos pessoais, as limitações que a gente tem, a gente consegue superar. Porque, como eu falei lá no início, eu era muito tímido, tinha muita insegurança de falar em público, mas o IF acaba nos dando essa confiança, acabou me passando essa lição. Então, hoje, eu acabo mesmo com minhas dificuldades; a gente dá palestra, ensina. Na igreja da qual eu faço parte, eu sou uma liderança, então acabei ganhando bastante confiança e o IF me ensinou isso também, que você pode e você tem condições de vencer dificuldades e todas as suas limitações. Na verdade, não existem limitações, existem barreiras, existem desafios, mas todos podem ser superados, basta você acreditar. Essa foi a grande lição que tirei do IF.

Não cheguei a exercer o curso técnico em Edificações, pois quando a gente entra na universidade, dependendo do curso, dificilmente consegue se dedicar a uma outra atividade que não seja o curso em si. E o curso de Engenharia Civil, realmente, exige muito da gente. Eu não cheguei a exercer. Porém, os conhecimentos que eu tive no IF foram cruciais para meu bom desempenho dentro da universidade. Muitas disciplinas eu já tinha uma boa base vinda do IF. Teve disciplinas que, praticamente, eu aprendi 10% a mais do que eu tinha aprendido.

Fui monitor em duas disciplinas: Topografia e Materiais de Construção Experimental. Diante das dificuldades que nós tínhamos no IF – e nós fazíamos de tudo para aproveitar essas dificuldades –, de fazer os testes, os ensaios dos materiais de construção, mesmo assim a gente conseguia ver. Eu vi a oportunidade de, dentro da disciplina, da monitoria, aperfeiçoar esse meu conhecimento, que já vinha lá de trás, e poder ter contato, até

melhor, mais próximo, com os ensaios. Em algumas disciplinas – como Desenho Técnico e Arquitetônico, por exemplo –, o IFPB praticamente dá um curso de Arquitetura nesse sentido – claro, para as necessidades da Engenharia Civil; o curso de Arquitetura é bem mais profundo. O curso de Engenharia Civil, praticamente, na área da Arquitetura, acrescentou muito pouco em relação ao que eu já tinha visto no IF. O que eu fiz na universidade foi apenas aperfeiçoar meu conhecimento. Em algumas outras disciplinas, nós já tínhamos um conhecimento básico e aí a gente só iria aprofundar. Muitas dificuldades que os alunos normalmente têm de compreender as disciplinas, de entrar, de contextualizar, o IF já me adiantou. Então, o curso técnico, por mais que eu não tenha exercido, foi crucial para que eu tivesse um bom desempenho acadêmico no curso de Engenharia Civil.

O maior saudosismo é porque a gente sempre está voltando para relações pessoais. A maior saudade que a gente sente é do contato mais próximo com os professores e com os alunos. No curso superior, você faz – e eu praticamente acabei fazendo – uma grade bem específica, porque o curso de Engenharia Civil dá essa liberdade. Então, assim, a gente não tinha essa proximidade tão grande com os professores, nem sempre também com os alunos – apesar de existir, porque a gente acaba sempre precisando contar com a ajuda de um. Mas o contato com professor, a oportunidade que o IF dá de os alunos serem ouvidos, a gente acaba sentindo falta do contato pessoal também com professor. É disso que a gente sente mais saudade do IF; o IF é uma casa para a gente, e a universidade não dá muito isso.

Eu coleei grau faz um pouco mais de um mês, sou recém-formado. Ainda não cheguei a exercer a profissão, apenas passar alguns projetos que chegam para a gente, porque meu foco atual é passar em um concurso público. Estou procurando passar em concurso público para que, depois, eu possa, quando tiver mais condições, quem sabe, abrir um escritório de projetos. Pois, assim, dentro do curso de Engenharia Civil, acredito que o IF... – mais uma vez voltando para o IF, tem que exaltar o que o IF nos traz de bom. Dentro do curso de Engenharia Civil, prefiro a parte de projeto do que estar na obra executando, e isso vem também, acredito, do IF, porque no IF a gente acabou desenvolvendo isso – pelo menos a parte de arquitetura é muito focada em projeto e tal. Então, eu planejo no futuro fazer projetos estruturais – projetos arquitetônicos nem tanto, mas projetos estruturais, projetos hidrossanitários. Atualmente, estou estudando para concurso. Sei que é uma caminhada longa, mas a gente tem que focar os objetivos – o IF também me ensinou isso, a focar os objetivos que você pode alcançar.

Entrei na instituição de curso superior pensando em mestrado, porque eu tinha o desejo de voltar para o IF para dar aula. Para mim, seria uma honra poder participar, contribuir de alguma forma nessa instituição que foi importantíssima. Atualmente, sou engenheiro civil, recém-formado pela Universidade Federal de Campina Grande, e, também, técnico em Edificações, logicamente, formado pelo nosso Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, Campus Picuí.

10 Lidiane M. dos Santos Guimarães Barros²⁰

Curso Superior de Tecnologia em
Agroecologia, 2011-2014



Sou filha de agricultores, meus pais moram numa pequena comunidade rural do município de Picuí. Eu sempre tive muita afinidade com a questão do meio ambiente, sempre fui muito apaixonada pela fauna e pela flora, desde criança. Quando abriu o curso de Biologia na faculdade em Cuité, eu fiquei animada para fazer, pois sonhava em fazer Biologia – e ainda pretendo fazer. Nesses processos de implantação de faculdades, de escolas públicas, enfim, graças a Deus, chegou o IFPB a Picuí, e um dos cursos superiores que o IF oferecia era Agroecologia – isso me chamou bastante atenção.

Então, assim, o que é Agroecologia? Fui fazer uma pesquisa sobre tal disciplina. Naquela épo-

ca, do início de tudo, era uma nova ciência que estava sendo mais explorada, porque, na verdade, a agroecologia, acredito eu, já existe há vários milhares de anos; faltava focar bem mais a Agroecologia em si. Quando eu fiz a pesquisa, me identifiquei bastante com o curso. E hoje, eu posso dizer a vocês, eu tenho uma visão de conhecimento, não só na Agroecologia, mas na vida social, na vida financeira, na vida cultural, que é uma grande bênção, um grande livro aberto com muitas informações precisas, informações superinteressantes para o convívio com as pessoas.

Quando comecei o curso, eu já fui de cara me apaixonando completamente, porque, justamente, ele focava todas as ações com as quais eu me identificava. Hoje, para mim, está sendo ainda incrível, pois, como eu falei, como eu curto muito meio ambiente, consegui aprender muitas coisas positivas, mais ainda do que eu já tinha essa convicção na minha vida. É tanto que até o papel de bombom que a gente joga no chão, eu já chego em casa, às vezes de uma viagem, minha bolsa está cheia de lixinho, que eu já vou colocar no lixinho lá... Enfim, tudo isso eu aprendi mais ainda, que o mínimo que a gente fizer na questão de preservação, de continuar com uma vida bem mais qualitativa, vamos dizer assim, que tenha qualidade de vida em todos os setores, dizendo de modo geral. Creio eu que a Agroecologia veio para abrir mais ainda essas portas para mim, e agradeço totalmente ao IFPB, por ter nos proporcionado essa oportunidade magnífica.

A princípio, como eu falei para vocês, a Agroecologia – é uma concepção minha – é um conhecimento

que já existe há milhares de anos, só que faltava a gente explorar como ciência. A gente vê muito a questão dos conhecimentos empíricos e faltava chegar à parte científica também. O meu pai sempre teve essa visão de preservar, sempre, e eu, como filha e criança, sempre convivi com essas atitudes dele. E hoje, com a Agroecologia, a gente pode explorar mais a nossa propriedade, a pequena propriedade que ele tem. Hoje, eu moro no centro da cidade, mas eu vivi minha infância e minha adolescência lá, por isso eu podia ver. Então, assim, com o curso de Agroecologia proporcionado pelo IF, a gente pode explorar um pouco mais essa pequena propriedade. Hoje, se vocês fizerem uma visita, vocês vão poder constatar o bem-estar animal, que lá eles criam animais. Antes criavam ovino, caprino, bovino e aves, só que, infelizmente, essa questão da seca na nossa região, que a gente sabe que é um dos grandes desafios que o agricultor enfrenta... enfim, atualmente, eles só estão na produção de aves – inclusive, as ações são manipuladas de uma maneira agroecologicamente correta; eles não vacinam animais, é tudo muito natural, alguma doença que apareça é tratada com medicações naturais; minha mãe tem sempre aquela sabedoria empírica dela. Lá tudo se resolve.

Com a Agroecologia foi que a gente pôde explorar ainda mais a área. Eles sempre faziam o reuso da água; isso é apenas uma das ações que eles executam lá na unidade, é uma das coisas que eles preservam bastante. Tem também a questão do reflorestamento. Como eu já fazia o curso de Agroecologia e o IF fez campanhas de doações de várias espécies de plantas, eu resgatei o má-

ximo que pude de mudas de plantas perenes – dei preferência às plantas perenes – para ele reflorestar, e com o maior carinho, atenção e muito cuidado com essas plantas. Inclusive, hoje, estão bem desenvolvidas – já faz tempo que eu terminei. Hoje, elas estão bem desenvolvidas e ele tem o maior carinho e atenção com essa questão da água e do reflorestamento.

A nossa propriedade é pequena, ela não chega a 2 hectares – tem 1.600 m², por aí –, mas a gente percebe a preservação e o cuidado dele. Como nós temos sítios vizinhos, e os nossos vizinhos possuem animais, a cada plantação que ele fazia os animais pulavam a cerca. Aí, eu cheguei para ele e disse “Painho, venha cá, vamos sentar, vamos fazer uma cerca viva.” Inclusive nós fizemos uma cerca viva de xique-xique, que já ajuda na questão da preservação e também na proteção da propriedade quanto aos animais invadirem as plantações. Então, hoje, eu vejo lá a cerca viva bem preservada, isso é uma grande bênção para a gente, porque eu, na qualidade de agroecóloga, vejo que ali a gente está melhorando a questão do meio ambiente, com a cerca viva. Ele é superelogiado por causa desses cuidados que ele tem na propriedade dele.

Para mim, a Agroecologia foi essencial, foi fundamental, porque ampliou o leque de informações que eu precisaria para conseguir chegar a alguns pontos positivos, porque algumas falhas a gente tem – a gente sabe que, ao enfrentar alguns desafios, é difícil chegar aos 100%, pois tem as questões financeiras em jogo, tem muita coisa. A gente sabe também a questão da salinidade do solo, que a propriedade é um pouco salina,

algumas plantações também não surtiram efeito pelo fato de a salinidade do solo ser alta. Os nossos solos são um pouco salinos e, para certos tipos de plantações, algumas espécies não são adaptáveis, mas as que são adaptáveis ele resgatava e fazia o plantio, e dessa forma a gente permanece com todo esse desafio, da questão da água, da escassez de nossa água, e também da salinidade, que é outro problemão. Mas, assim, ele consegue fazer suas plantações de acordo com a espécie que se adaptar àquela situação. Isso é muito positivo, eu acho, agroecologicamente falando, porque ele está reflorescendo, está melhorando a situação do solo.

Antes, eu já tinha essa paixão pela fauna e pela flora, e com toda essa convivência – eu nasci, cresci e cheguei a fazer meu curso superior voltado para esse tema –, hoje eu tenho uma visão de meio ambiente com um conhecimento bem melhor. É claro que a gente, após um curso que você faz, se aprimora e tem mais conhecimentos específicos sobre tal assunto. O que eu tenho a dizer é que a Agroecologia para mim foi mais uma porta aberta para melhorar o meu conhecimento, pois o pouco conhecimento que eu tinha, a Agroecologia veio ampliá-lo ainda mais, porque a gente vê a questão específica e a científica também. Junta o empírico – que eu já levava um pouco: o que eu via, assistia, presenciava – com o científico. Foi uma combinação perfeita, vamos dizer assim, porque a Agroecologia é uma vivência diária da gente, e o que mais me interessou é que – não só na parte cultural, como também na parte financeira – ela abrange bastante todos os setores: o econômico, o cultural, o social.

Para mim, resumindo, tudo isso foi uma caminhada, passo a passo, porque eu comecei criança, convivendo, cheguei a adolescente, e na minha fase adulta, na fase do meu curso superior, me ajudou bastante a ter mais clareza e conhecimento específico com aquelas ações que estavam sendo realizadas lá – quanto às questões dos animais, do bem-estar animal, ao aprimoramento da disciplina animal; a gente foi ampliando cada vez mais, cada vez melhorando. Foram pontos positivos na minha vida. Eu cheguei a de fato perceber que a minha necessidade era de um conhecimento mais específico e não só o empírico, mas os dois em conjunto. Foi brilhante, eu me encantei pela Agroecologia e sou encantada também.

Meu pai – era ele quem conduzia, quem conduz na verdade, a maioria das ações na questão da preservação do solo, da fauna e da flora –, ele tinha aquela visão de que os agrotóxicos eram de fundamental importância para a preservação daquela espécie, para evitar as pragas, as doenças; ele tinha essa visão de que tinha que ter o químico para resolver o problema. Quando eu comecei a atuar na Agroecologia de verdade, eu já fui começando a trabalhar essa questão dos agrotóxicos, que na verdade não é uma prática correta para o solo, e a gente já foi dando uma trabalhada na questão dos alternativos – trocar aquilo por outra espécie natural, que resolva e combata aquele problema. Então, a Agroecologia para mim foi essencial também nessa causa, porque foi quando a gente começou a estudar, a ver as questões de trabalhar com os herbicidas naturais, de forma que eles sejam usados. Porque, assim, como a gente via que

o conhecimento dele já era bem evoluído, pelo fato de ele trabalhar muitos anos na agricultura, ele sempre aderiu ao melhor. Para mim não foi dificuldade, porque eu chegava e dizia “Oh, no lugar de o senhor usar isso, a partir de hoje vamos trabalhar com isso aqui, para a gente ver se dá resultado”, e ele sempre aderiu.

Para mim, foi interessante o curso, porque em todas as fases, tanto a fase da questão animal como a da fauna e a da flora, meus pais sempre aderiam ao que a gente chegava junto e discutia. Eu juntava os conhecimentos, vamos dizer assim, juntava o conhecimento empírico deles e o que eu já convivi também lá, juntava com o conhecimento científico, e a gente batia as ideias, não existia essa questão de superioridade ou inferioridade. Como estudante, iniciante do curso, eu sempre o deixava bem à vontade, porque como ele já trabalhava nessa área havia muitos anos, ele tinha o conhecimento dele. Ele é o conhecedor, então assim, foi brilhante o curso, porque juntamos o útil ao agradável.

Quando a gente soube que o IF ia ser implantado aqui em Picuí, para a gente foi uma grande vitória, para nós do interior que precisávamos nos conduzir a cidades como Campina Grande – até hoje ainda permanece o mesmo – para fazer um curso superior. Não fiz só pelo fato de ser um curso superior, eu me identifiquei com o curso de Agroecologia, e quando o IF abriu as portas para oferecer o curso para a gente, foi uma sensação que eu não sei nem descrever, foi grandiosa. No meu primeiro dia de aula, chegar ao campus, tudo novinho, porque é uma unidade nova de qualquer forma, e para a gente foi um sonho, uma instalação tão grandiosa como aquela.

Para mim, além de ser algo surpreendente – um presente, vamos dizer assim –, foi também um amplo leque de conhecimentos que eu adquiri durante todo esse período do curso de Agroecologia. Foi uma maravilha o IF ter sido montado aqui em Picuí. Houve muitas expectativas também, do tipo: Como serão as aulas? Como vão ser as aulas de campo? As aulas de campo, magníficas! Chegamos a conhecer as comunidades rurais; fomos pessoalmente a casas de alguns agricultores, com uma gama de informações precisas, maravilhosas, que engrandeceram a minha vida profissional, com as vivências daquelas pessoas, naquelas comunidades. As aulas de campo sensacionais, que a gente via, assistia. Foi um presente de Deus o IF aqui em Picuí, porque abriu esse leque de informações para a gente, que só tinha o empírico, na verdade. E quando você ama uma disciplina, um curso, quanto mais você estuda, mais tem conhecimento, você procura mais, saber mais, entender mais. Então, assim, uma sensação maravilhosa, foi algo que eu achava que era um sonho, pelo fato de nós termos umas instalações perfeitas, as salas climatizadas, aulas bem assistidas.

Eu só tenho que agradecer, primeiramente a Deus, e às pessoas que gerenciaram e conseguiram trazer essa grande instalação para nossa cidade – nossa região, na verdade, porque sabemos que abrange a região inteira. Então, esse foi um presente de Deus, o IF estar aqui na nossa cidade e com a gama de cursos que está oferecendo: especialização e pós-graduação. E aparecendo, eu vou fazendo, para eu aprimorar mais ainda os poucos conhecimentos que tenho. Mas, quan-

to mais a gente conseguir, é bom para vida profissional, vivência social, cultural.

Todos os dias a gente assistia aula. Como eu sou funcionária pública municipal, eu tinha a parte da tarde para estudar, inclusive a gente entrava até a parte da noite também. Trabalhava de manhã e às 13 horas ia para o IF. As aulas eram maravilhosas, nós tínhamos uma turma de colegas que são os irmãos que a gente encontrou durante todo esse período – geralmente isso acontece muito em faculdade, a gente consegue adquirir essas novas famílias na vida da gente. Nossas aulas eram bastante dinâmicas. Para mim, ir para o IF era uma felicidade imensa, porque sempre a gente tinha essa harmonia entre a turma, entre os professores, sempre tinha essa ligação bem afetiva com todos os professores. Era muito legal tudo isso que a gente passava. As aulas de campo, quando a gente ia, era algo que a gente já sabia que ia ser bem legal, pelo fato de a turma ser bem unida e bem dinâmica.

Diante do leque da grade curricular, a gente sempre se identifica com uma disciplina, aquela que chama mais a sua atenção, vamos dizer assim. E uma das disciplinas que me chamou bastante atenção e pela qual eu sou apaixonada – inclusive tenho um projeto que eu não coloquei em prática, infelizmente, porque eu não tive como colocar ainda – é a horticultura. Era uma das disciplinas pelas quais eu era apaixonada; todas são essenciais para a vida do ser humano, mas assim, minha paixão mesmo era horticultura. O curso me fez focar bastante essa questão do cuidar da terra, da produção, do desenvolvimento herbáceo, da questão dos ataques de animais, dos insetos, enfim, a horticultura me deixou

encantada e, sinceramente, hoje, o meu projeto é em cima da horticultura, o projeto que eu pretendo fazer.

Diante de todo esse trajeto no IF, eu só tenho recordações maravilhosas; quando eu posso dar uma olhada nas fotos antigas que a gente tinha, nossas aulas de campo e viagens para estados vizinhos, a gente recorda cada detalhe interessante e é algo positivo. Então, assim, é encantador!

Vida de estudante é muito sofrida, mas também nós temos as partes de alegrias também. Inclusive na nossa turma adquirimos novas famílias, novos amigos, e até hoje a gente tem ligação uns com os outros e, às vezes, nos encontramos. Há poucos dias, a gente convidou uma colega da gente, fizemos um banquete e recordamos nosso tempo bom, de quando a gente lanchava, que era engraçado, muitas risadas, enfim, muitos papos e alegria.

Mas na época existiam os nossos estresses, porque escola, aula, projeto, pré-projeto, provas, tudo gera um estresse, mas a gente sabia lidar com esses desafios, e na vida tem que ter os desafios; sem desafios não há vitórias. Até pensei em desistir de tão pressionada que estava. Houve grandes desafios, grandes dificuldades na questão de estudos, também a questão do nível das aulas. Como já fazia tempo que eu não estudava e tal, para mim houve um pouco de dificuldade. Eu já tinha outros trabalhos, não só da faculdade, mas também de outras coisas. Então, era muito difícil me adaptar a essa gama de informações, e tudo tinha que ser muito preciso, cientificamente falando. Mas aí eu disse: não vou desistir, vou tentando superar esses desafios, vou conseguir; e, enfim, diante de muito esforço e muita luta, eu

cheguei aos finais. E hoje, para mim, foi um ensinamento, porque é dos desafios que a gente consegue ver que a gente realmente pode, que a gente tem força. Você vê que Deus lhe dá força para você conseguir aquilo; na verdade, quando é propósito de Deus. Então, eu só tenho boas recordações.

Quando a gente fazia as viagens, as aulas de campo, sempre que eu encontrava algo inovador, eu tentava passar a informação para o meu pai e a gente discutia – tipo, se deu certo com X, então pode ser que dê certo conosco. Em algumas dessas aulas de campo que a gente fazia, quando via algo novo e positivo que dava certo para o agricultor lá, eu já trazia essa nova intenção e tentávamos implantar para melhorar. É muito rica essa questão da aula de campo. Eu acho que é essencial, porque eu costumava dizer assim: em Agroecologia o nosso laboratório é o campo, porque a Agroecologia não se faz só na sala de aula, a gente faz Agroecologia no campo. Porque lá, você está tendo a vivência do agricultor, você está tendo a vivência de como funciona, quais são os pontos negativos e positivos. Enfim, o campo é nosso laboratório, eu vejo muito isso.

No último dia de aula do IF, eu vou ser sincera, foi uma sensação de saudade já. Porque quando você vem de uma rotina de um ano, dois anos, três anos vivendo naquela rotina, todos os dias, fazendo aquilo que você gosta e com quem você gosta... a turma era unida, a gente sempre discutia os assuntos e era muito bom. No término do curso, nós estávamos felizes porque íamos entrar numa parte da nossa vida na qual iríamos praticar o que a gente aprendeu, o que a gente viu, du-

rante todo esse período; mas ia deixar saudades, porque a gente adquiriu novos colegas, novas famílias – cada um contava seus problemas pessoais, a gente terminou sendo uma família de verdade. Para mim restou aquele sentimento de muita saudade, tristeza de deixar todo mundo – e a Aula da Saudade dos professores sempre focava muito isso, que cada um vai seguir sua vida; isso realmente aconteceu. Enfim, foi triste, todo mundo se despedindo e aquela coisa, mas ao mesmo tempo tinha que acontecer. É tanto que hoje, quando nos encontramos, a alegria permanece a mesma, foi algo verdadeiro durante todo esse período. A gente sabe que o sentimento é verdadeiro.

Algo que eu guardo do IF, que sempre que vejo me recordo, são as mudas. Quando eu vejo o desenvolvimento daquelas plantas que eu peguei na unidade do campus, como se fosse algo que vai ser perene – porque eu vejo como a gente conseguiu fazer todas as implantações e hoje eu vejo as plantas lá... eu recordo muito bem que, graças ao IF, a gente conseguiu reflorestar aquela partezinha da propriedade. Além das plantas, eu tenho meus acervos de fotos. Eu sinto muita saudade quando vejo minhas fotos, saudade de tudo aquilo. A gente vê o quanto era bom, muito bom.

Nós tínhamos uns colegas que não tinham os pais presentes. Eles eram jovens, e como a gente já tinha um pouco mais de experiência nessa questão de dona do lar, mãe, entre outras, nós fizemos alguns papéis de pai e mãe desses adolescentes que estudavam conosco. Como eram jovens e não tinham muitas condições financeiras para vir estudar fora, inclusive alguns

eram de outros estados, outras cidades – para o campus, na época da minha turma, vinham pessoas de todos os lugares, do sertão, do litoral –, então, essas pessoas vinham estudar – e a gente sabe que vida de estudante não é uma vida fácil –, e essas pessoas adoeciam, não tinham o que fazer, não tinham dinheiro nesse dia para comprar a medicação. E como a gente é daqui, tínhamos essa questão de sermos ligados uns com os outros, então, a gente fazia o papel de pais e de mães também, a gente supria essa necessidade, a falta dos pais que esses adolescentes sentiam. A gente ia levar para o hospital, dava atenção, dava uma comidinha, ajudava numa coisa e noutra, e eles agradecem por isso, até hoje, porque a gente está aqui para isso mesmo. Esses pontos que a gente sabe que existem, essas dificuldades que são os desafios que aparecem... graças a Deus, tudo foi superado e hoje todo mundo está bem. A gente se comunica pelas redes sociais, porque uns estão morando em São Paulo, outros nos estados vizinhos, e a gente sempre vê a vida deles pelas redes sociais. A gente vê que superaram e foi positivo e foi bom isso; para a gente que prestou essa assistência de pai e mãe na ausência, para a gente também foi interessante demais e eu faria novamente se isso acontecesse, com certeza.

Nós vivemos Agroecologia diariamente. Eu hoje já tenho outra visão. Como exemplo, eu falei a questão de jogar um papel de bala no chão. Hoje, eu não consigo fazer mais isso naturalmente. A Agroecologia ensina muita coisa. Hoje, se eu chegar na feira e encontrar uma banana produzida naturalmente com um preço mais alto do que uma com agrotóxicos – eu hoje seleciono, sim –,

eu vou escolher a mais cara, mas de qualidade. Eu já sei discernir isso. Às vezes, chego a alguma localidade, tem um animal que não está bem cuidado, isso já me chama atenção. Eu já vejo essa questão do bem-estar animal. A gente que passou esses anos estudando, vendo todas essas partes, na produção de alimentos e na nossa própria vivência, já tem essa visão de tudo isso. Acredito que fica marcado na vida da gente, e a Agroecologia tem que ser praticada diariamente, porque, como é algo qualitativo para todos os setores, deve ser dessa forma.

Às vezes, na questão econômica, quando eu vejo nas mídias as produções enormes, vários hectares, milhões de hectares de terra com plantio de uma só cultura, a gente já percebe que não é algo positivo para o solo, para o meio ambiente. Todas essas questões que a gente viveu, viu no curso, em todas as disciplinas, quando você começa a conviver e a presenciar tudo isso, você já começa a ter uma visão crítica disso. Só que, com toda sabedoria, se for preciso, você vai ter que dizer: dessa forma é assim, eu vejo assim.

Hoje eu tenho uma ação mais crítica dessa questão das produções, das criações de animais, da questão da fauna e da flora. Eu fico extremamente raivosa quando eu vejo as queimadas; aqui mesmo no nosso município já aconteceram várias queimadas. É outra coisa que a gente fica vendo, e vê a situação, que não é positiva. Eu tenho o costume de fazer trilhas, gosto muito de fazer trilha, e nas trilhas eu vejo as reboleiras de xique-xique sendo queimadas no tronco. Aquilo ali já me afeta, porque eu sei que aquela espécie não tem mais como rebrotar. Então, tudo isso foram ações que a gente viu no

curso e que, na sua vida cotidiana, você passa a enxergar como errôneas, não positivas. Agroecologia para mim foi uma lição para minha vida. A partir do momento que eu vejo aquelas ações, eu recordo naturalmente o que eu vi no curso e que o curso, realmente, mostra para essas gerações futuras, que estão vindo, que um futuro melhor tem que ser dessa forma. Infelizmente, ainda existem muitos desafios: as pessoas querem o bem para si e esquecem do seu redor. A questão financeira, o econômico, é o grande entrave ao desenvolvimento de uma agricultura sustentável; eu acredito nisso.

Quando você sai da faculdade, quando termina um curso pelo qual você é apaixonado, que é o meu caso, você tem inúmeras atividades na sua mente para pôr em prática, e sabemos que a expectativa é enorme, mas os desafios são bem maiores. Como já citei antes, minha grande paixão, de tudo que eu assisti no IF, é a horticultura; para mim é paixão mesmo. Eu já gostava e aumentou mais ainda essa vontade. Eu tinha um projeto, quando saísse da faculdade, do IF, de implantá-la na casa dos meus pais, que é um berço de estudos para mim. Eu tinha esse projeto em mente, de produtos agroecologicamente corretos. A gente sabe que o orgânico precisa de N certificações para ser classificado como orgânico. Como eu ainda era inexperiente na área, era muito cedo ainda, mas a minha visão era de trabalhar plantio agroecológico e horticultura organicamente correta.

Até me sentei com meu pai para a gente discutir esse projeto, mas o problema são os desafios da falta de água. No meu projeto já tinha uma solução para essa questão da estiagem, eu trabalhei em torno da questão

da irrigação, até dos raios solares; tudo isso eu já tinha feito no projeto, isso não era problema. O problema de imediato era pôr em prática. Ele, como convivia mais do que eu com o solo, com a vida dele na agricultura, ele dizia para mim que o grande desafio era a salinidade do solo e a questão hídrica. Mas a vontade de fazer é grande, você quer investir naquilo que você viu, você quer tentar fazer, pelo menos tentar, e, como eu já falei, desafios a gente sempre tem de ter, para a gente crescer, para a gente melhorar. Então eu acho que valeria a pena; eu ainda não desisti do projeto, ainda estou pensando em fazer.

A Agroecologia me trouxe essa grande vontade; é uma expectativa de realizar, mas vendo, com muita atenção, a questão dos desafios. Às vezes, a gente pensa em desistir ao primeiro obstáculo – pelo fato de a produção ter sido abaixo do esperado, e assim assado; tudo isso eu já pensei. Mas a gente tem que seguir em frente, ver os horizontes de uma forma que a gente sabe que vai ter os desafios, mas que a gente vai conseguir superar. Quando eu saí do IF, minha expectativa maior era essa. Então, eu ainda tenho esse projeto em mente, e tenho fé em Jesus que tudo vai dar certo e a gente vai poder pôr em prática, e tenho certeza de que vai ser um sucesso.

Na verdade, como vão surgindo novos horizontes, a gente vai se apegando a eles. Hoje eu sou uma empreendedora, trabalho em outros ramos, mas tenho esse projeto em mente, ainda não saiu da minha cabeça de jeito nenhum. Como sou funcionária pública e tenho minha carga horária de 40 horas semanais, para mim já é muito corrido. Eu também faço trabalhos com personalizados, e eles tomam bastante meu tempo. Nes-

sa questão do curso em si, do qual eu estou um pouco afastada, o que me faz voltar para a Agroecologia é esse projeto, e eu pretendo, de fato, realizar. Estou envolvida nessa parte dos personalizados, que tem um público extremamente diferente, é uma área completamente diferente. Mas a gente supera. Querendo, consegue!

Quando houve a abertura da pós-graduação, foi outra vitória na vida da gente. É muito bom falar do IF, porque só temos a relatar coisas positivas. Foi uma passagem positiva na minha vida, algo que só teve a engrandecer a minha vida, tanto no aspecto profissional como de conhecimentos. Enfim, gera-se a vontade de realizar uma gama de atividades, contar tudo isso que você viu e viveu durante o tempo no IF. Eu só tenho a agradecer por tudo, e 90% do que eu estudei eu pretendo colocar em prática, com certeza, porque desses 10% vêm os desafios que a gente sabe que, às vezes, fazem você ter que abrir mão de aplicá-los. Mas não são esses desafios que vão fazer você superar as dificuldades, de forma nenhuma; são os desafios positivos que fazem com que a gente consiga resolver e seguir em frente.

11 Marcus Paulo Soares Dantas²¹

Curso Técnico em Manutenção e Suporte em Informática, 2011-2015



Sou de Carnaúba dos Dantas, Rio Grande do Norte. Meu pai é Flávio e minha mãe é Maria de Fátima. Meu pai toca sax e minha mãe tinha e tem um trailerzinho, que até hoje vende na cidade. Eu também tenho uma irmã; inclusive, ela é aluna do campus; assim que eu saí do campus, ela entrou. A gente era um pouco humilde, e meio que demorei um pouco para ter acesso a videogame ou computador e tal. Mas eu sempre fui um cara muito curioso – assim, bastante curioso – para entender como é que as coisas funcionavam. Ganhava um minigame daqueles que tinham mil e tantos jogos, só que um monte era repetido. Eu passava um tempo jogando e ficava curioso: “Caramba, como é que isso funciona?” Às ve-

zes, tinha um carrinho de controle remoto: “Como é que funciona?”, e acabava que, às vezes, quebrava o brinquedo. Tinha entre 6 e 7 anos, acabava pegando uma faca na cozinha – não é ideal deixar crianças com objetos pontiagudos, mas, enfim, meu pai estava trabalhando e minha mãe também, eu ficava com minha avó em casa e acabava abrindo esses brinquedos e me deparava com aqueles circuitos, e falava: “Caramba, como é que funciona?” Tem um fio aqui, outro aqui... E comecei a perceber que, se eu colocasse, por exemplo, no motorzinho os dois fios, ele girava para um lado e depois girava para o outro, e eu ficava na dúvida: “Caramba, como é que isso funciona?” Mas, enfim, muito com base no empirismo, de criança curiosa, fui aprendendo e entendendo como é que as coisas funcionavam.

O tempo foi passando; eu estudava em escola pública e, nesse contexto, eu sempre fui um pouco tímido. Até pela questão dos meus amigos: às vezes, alguém ficava fazendo algumas brincadeiras de que eu não gostava; naquele contexto de ginásio, do 5º ao 9º ano, escola pública, sempre tem um ou outro que gosta de tirar um pouco mais de brincadeira do que devia. Mas, enfim, isso foi seguindo. Nesse contexto, fui ficando mais velho, um pouco mais velho, e minha avó viu que eu gostava bastante de jogar videogame. Quando chegava o final de semana, sempre sábado e domingo, ela me dava 1 real ou 50 centavos – ainda era barato naquele tempo – e eu ia para a locadora jogar videogame. Lá, fui melhorando um pouco o inglês, aprendendo como é que jogava mais e, nesse sentido, fui despertando mais curiosidade ainda. Quando eu estava no 8º ou 9º ano, meu pai comprou

um computador lá para casa, e aí teve uma virada. Eu sempre fui muito curioso e descobri como era o Google, uma coisa que você pergunta algo e ele dá uma resposta. Então, para uma pessoa curiosa isso é o máximo, porque você não sabe como é que as coisas funcionam, mas você pergunta e ele dá a resposta. Então, lá, eu aprendi várias coisas: a usar o [Microsoft] Word, instalar jogos, enfim, bastantes coisas nesse sentido. Inclusive, teve até um episódio: no interior, quando eu morava em Carnaúba, a gente – eu e meus amigos –, a gente gostava bastante de jogar um jogo chamado Counter-Strike, que é um jogo de FPS²² – de tiro, basicamente – e tinha um provedor de internet que disponibilizava um servidor. Basicamente, todo mundo da cidade conseguia entrar e jogar. Só que, em um determinado dia, esse servidor caiu; aí todo mundo ficou sem jogar. Mas eu sabia como montar um servidor. Eu fiz o meu e mandei no MSN²³ para os meus amigos, e todo mundo começou a entrar nesse servidor e jogar. Esse foi um contexto inicial, quando eu comecei a programar um pouquinho e tudo mais, mas eu não sabia muito bem como as coisas funcionavam ao certo, entendia um pouquinho, mas assim, era um pouco novo nesse sentido.

Eu era uma criança muito curiosa. Havia um canal de TV, não sei se ainda tem hoje: a TV Escola, que passava vários vídeos de Carl Sagan; tinha também um monte de séries sobre engenheiros que eram deixados em uma ilha, que tinham de projetar alguma coisa; teve um episódio bem marcante no qual eles fizeram uma

22 *First-person shooter* ou tiro em primeira pessoa.

23 MSN Messenger, programa de mensagens instantâneas muito usado nos anos 2000.

máquina fotográfica com exposição de luz. Eu era muito novo, tinha entre 6 anos e 10, 11 anos, por aí. Então, era um turbilhão de informações que eu absorvia. Eu gosto muito de uma frase de Steve Jobs, em que ele fala: “Você não consegue ligar os pontos olhando o momento atual; você só consegue ligar os pontos para as coisas fazerem sentido quando você olha para o seu passado e as pecinhas vão se encaixando.” Isso também me ajudou bastante, me influenciou bastante – conhecer Carl Sagan, aquele monte de programas, questões planetárias e tudo mais. Por mais que eu não entendesse por ser muito jovem, quando fiquei mais velho e conseguia absorver aquela informação, aquele programa vinha à minha mente e as peças todas se encaixavam, e tudo fazia muito mais sentido. Basicamente, o contexto da minha infância foi esse. Eu era um garoto um pouco tímido, que era bastante curioso, tinha fome de conhecimento. Estava ali absorvendo o máximo de conhecimento possível que tinha ao meu redor: mesmo não tendo consciência, eu fazia isso.

Na minha infância, não tinha todo o aparato e todo o suporte que o IF dá no âmbito tecnológico. Eu estudei em uma escola estadual, a Escola Estadual João Henrique Dantas, lá em Carnaúba, e acaba que era uma escola maravilhosa dentro do contexto do que os professores conseguiam proporcionar; era fantástico. Mas a tecnologia que eu vi no IF não era muito a realidade para Carnaúba dos Dantas entre 2006 e 2011. Computador ainda era uma coisa mais difícil, só foi ficar mais fácil por volta de 2009 ou 2010, mas, querendo ou não, mais pro final do curso ajudou bastante, porque, por

exemplo, trabalhos eu já conseguia fazer melhor, já entendia como funcionava o pacote Office e tudo mais. E, indiretamente, eu posso falar que a questão tecnológica ajudou na fome por aprender. Provas eram muito fáceis para mim. Fui sentir dificuldade na virada da escola estadual para o IF, porque é uma carga de conhecimento maior que você tem que adquirir. E, querendo ou não, às vezes, a base não é bem formulada; os professores fazem o melhor que eles podem, mas a turma, às vezes, não ajuda muito nessas escolas. Inclusive, é um pouco triste, mas alguns colegas desse tempo de escola estadual acabam seguindo por caminhos que não devem, hoje em dia; enfim, acho que todo mundo tem algum amigo desse período que acabou seguindo por um caminho que não deveria.

Mas, nesse contexto, essa fome por conhecimento ajudou muito, indiretamente, porque como eu lia muito, via muitas questões na TV Escola, estudar para a prova – o que, às vezes, naquele contexto, era apenas decorar uma coisa – era muito fácil. Eu estudava um pouquinho em casa, chegava, fazia a prova em 10, 15 minutos, o professor dava nota, era 9,5, 10, 9,5, 10. Um episódio interessante, eu não me lembro o ano, foi com um professor de Geografia, que era amigo do meu pai. A gente fez um desafio pessoal: ele duvidava que eu ia fechar os quatro bimestres com 10; eu falava que ia tirar. Primeira unidade, 10; segunda unidade, 10; terceira unidade, 10; e quarta unidade, 10. Quando chegou o final do ano, ainda fiquei tirando onda dele: “Não falei que ia fechar?” Mas, assim, essa fome de conhecimento ajudou nesse sentido, acabou que era bem tranquila essa fase

de escola. Eu tinha tempo para brincar, fazer tudo mais, porque achava as coisas bastante fáceis.

Saturnino foi meu professor de Matemática; ele sempre incentivava, fazia perguntas e tudo mais, dava aulas de reforço, enfim, era um professor incrível; eu sempre gostava das aulas dele. Teve uma professora de História – eu não estou lembrado ao certo o nome dela – que também foi bastante marcante; eu posso estar errado, mas acho que é Helena; as aulas dela eram muito boas, ela explicava todo aquele contexto da história, guerras, enfim; eu viajava naquelas aulas, achava bem legal essa questão histórica. E uma professora de Português, Minalva, incentivava bastante a gente, era uma pessoa incrível.

Na minha época, quando eu fui prestar o processo seletivo do IF, existia uma grande “propaganda” dos institutos federais, por algumas pessoas da cidade que já estudavam no Campus Currais Novos do Instituto Federal [do Rio Grande do Norte]. Por ser uma cidade pequena – Carnaúba tem 7 mil habitantes –, as pessoas comentavam: “Caramba, ele estuda no Instituto Federal, lá é uma coisa assim..., é um ensino de outro mundo”, e tudo mais. E sempre quando a gente olhava na internet, ou qualquer outra coisa do tipo, a gente via que era um ensino diferenciado. Grande parte dos professores que dão aula no Instituto Federal são docentes que têm mestrado, doutorado, dedicam a vida a isso. Então, se a gente for comparar, um ensino médio/técnico é quase equivalente ou é equiparável mesmo a um ensino de universidade. Você já sai meio que preparado para a universidade. Então, o contexto do IF girava em torno disso: uma escola

fantástica, os professores são ótimos, e quem entra no IF está bem direcionado para a vida; já é um grande passo que você dá para ser uma pessoa de sucesso.

Nesse sentido, eu acabei me inscrevendo para o processo seletivo do IF de Currais Novos, para Informática, e também para o processo seletivo do Instituto Federal de Picuí. Eu passei nos dois: Currais Novos, para o período da tarde, e Picuí, para o matutino. Só que eu fiquei um pouco pensativo sobre o que eu iria fazer. Meus pais também ajudaram nesse sentido e a decisão que a gente tomou foi que, por mais que o Instituto de Picuí ainda estivesse se moldando, na questão de distância era melhor, e a gente acreditava que o Instituto de Picuí iria se desenvolver e se tornar referência, o que acabou acontecendo. A estrutura que o Instituto de Picuí tem hoje é absurda. Então, girou nesse sentido essa ideia de entrar no Instituto Federal, por ser um instituto que, se você se dedicar, você está a um passo de ser uma pessoa de sucesso na vida.

Como falei, eu tinha aquela curiosidade de pegar os equipamentos, brincar com eles e tudo mais. Então, queria algum curso no qual eu pudesse fazer uma coisa semelhante, entender como as coisas funcionam. No IFRN/Currais Novos tinha Informática e Alimentos, se eu não me engano. Olhando a grade curricular de Informática, me identificava mais: “Vou aprender isso, vou aprender a mexer...”; assim, dentro do conhecimento que eu tinha com 12, 13 anos e olhando a grade, eu entendia que era uma coisa que fazia sentido e era interessante. E com Alimentos eu não me identificava. No IF de Picuí tinha Edificações e Informática; novamente,

entrou no mesmo contexto: eu me identificava muito mais com Informática do que com Edificações, parecia bem mais interessante. Assim, obviamente, se você for perguntar para uma criança de 12, 13 anos, ela não tem muito discernimento, às vezes, da questão profissional. Eu tinha ideia de que eu queria seguir alguma coisa, mas eu não imaginava que [isso] ia ter tanto impacto assim na carreira que eu fosse seguir e tudo mais. A escolha girou nesse sentido – curiosidade que eu tinha das ferramentas –, e acabou que, olhando a afinidade em si, foi Informática; assim, não teve muitas outras opções: era essa e era maravilhosa.

Quando eu cheguei ao IF para fazer a matrícula – ainda era no JK –, já me deparei com outra realidade. Por exemplo, na escola estadual a gente tinha uma sala de videocassete; lá no IF do JK já tinha projetor, já tinha laboratório de informática e tudo mais, já tinha uma quadra para o próprio IF. Então, já foi uma mudança; você já sente que as coisas são um pouco diferentes. O próprio processo de matrícula: eu fui com meu pai lá no João Henrique, ele era quem cuidava de tudo, eu já fiquei mais próximo. Quando o Instituto migrou para o campus atual, era uma coisa de outro mundo: várias salas, laboratórios, um instituto gigante; era outra realidade. Então, nesse primeiro momento, foi mais uma sensação de surpresa: “Caramba! É outra coisa, é outra realidade”. Por mais que os dois ambientes sejam públicos, um estadual e outro federal, o instituto federal tem uma discrepância enorme de qualidade em relação às escolas públicas. A gente, que vem da escola pública, já sente essa diferença nos processos, na forma como as coisas

se dão. Você já sente que... assim, posso ser exagerado, mas são anos-luz à frente das escolas estaduais que ficam no interior.

No início... inclusive a rotina que o IF trouxe, passar quatro anos tendo que acordar de 4h50 da manhã, 5h; eu disse que quando eu tivesse a oportunidade de acordar tarde, nunca mais acordaria antes das 7h da manhã, que é o que faço hoje em dia. Eu estava com 13 anos, para fazer 14 – acho que foi antes de março, eu faço aniversário dia 17 de março –, então, acho que eu comecei o ensino médio com 13 anos e fechei com 17, mas eu fiz 14, ali no meio do início do curso. Tinha um ônibus que pegava a gente todo dia de 6h da manhã. Então, a gente ia para a rua principal de Carnaúba – que é a BR que passa lá – e pegava esse ônibus que levava boa parte dos estudantes, bastantes estudantes. Só que tinha uma logística, a estrada não é a maravilha que está hoje. Eu digo que minha irmã que estuda lá pegou só as coisas boas. Eu ainda tive de pegar um pouquinho de dificuldade; a estrada era horrível, horrível. A cada 50 metros era um buraco. Às vezes, ficava com um trecho de barro. Uma viagem que você faz hoje em meia hora – às vezes, se você tiver um carro bom, em 25 minutos –, no meu tempo era uma hora no ônibus. Então, eu tinha que sair de casa de 6h da manhã para chegar a Picuí de 6h50, 7h.

Só que tinha toda uma logística antes de ir: eu acordava um pouco mais cedo para tomar banho, meu pai me ajudava no café da manhã, minha mãe também; organizar, preparar o uniforme, me vestir, organizar a mochila e ir para a parada; sempre gostava de chegar uns 10, 15 minutinhos antes. E chegava lá, e a gente ti-

nha aula; e quando a gente recebeu a grade de horários, a gente acabou vendo que, em alguns dias da semana – se não me engano eram terça e quinta –, a gente teria que ficar à tarde para algumas disciplinas técnicas – se não me engano, nesse período, era Informática Básica. Não sei se tinha outra disciplina, mas Informática Básica é o que está fresco aqui na mente. Não sei se mudou hoje, mas, no meu tempo, era em quatro anos que a gente fazia o curso.

Então, eu acordava de 5h, 4h50, por aí, e pegava o ônibus e chegava lá ao IF de 7h. Eu tinha aula de 7h até as 12h e pouquinho, se não me engano. E nos dias que eu não tinha aula à tarde, eu voltava para Carnaúba, chegava ali 1h30, 2h. Nos dias que eu tinha aula à tarde, eu ia nesse horário de 7h, ficava lá. Às vezes, ia para a casa de alguns colegas do curso, almoçava na casa deles e voltava para o Instituto para assistir aula. Chegava a Carnaúba umas 19h, por aí. Às vezes, o ônibus quebrava. Então, você ficava no meio da estrada. Às vezes, você ia pegar carona. A gente já pegou carona em cima daqueles caminhões de telha e tudo mais. E era meio perigoso, mas era o que a gente tinha, na época; pegava carona com pessoas desconhecidas. Hoje, quando você olha para trás, pensa: “Caramba! Eu fazia muita loucura quando era mais jovem. Uma pessoa de 14 anos fazendo isso...” Eu chegava em casa e faltava pouco para minha mãe infartar do coração, quando eu falava que tinha voltado de carona. Mas assim, era bem melhor, porque eu não esperava o horário do ônibus e ganhava “um tempinho” para não estudar; às vezes, fazer alguma coisa com

meus amigos. Então, “meio que valia a pena” esse tempo de carona.

E assim, a rotina foi bem similar no decorrer dos anos. Mudou que, no 2º ano, comecei a praticar mais esporte, entrei na academia, então tinha esse tempo além dos estudos. E ficou mais pesado ainda nos 3º e 4º anos, quando tinha projeto de pesquisa, TCC e Enem. Então, era meio que um malabarismo de horário, dormia bem pouco nesses 3º e 4º anos. Nesse sentido, o 1º e o 2º anos foram mais leves; no 3º e no 4º já foi um gostinho da vida de universitário, basicamente.

A gente falava mais, tinha uma certa amizade com as pessoas mais antigas ou mais adiantadas no curso de Informática. A gente acabava perguntando: “Como é que é a grade nova?”, ou os novatos perguntavam como era isso. Tinha essa amizade. A gente também conversava com o pessoal de Edificações e tudo mais. A relação entre os cursos sempre foi boa, a gente sempre se deu bem. Na época, o corredor ficava lotado, todo mundo conversando na hora dos intervalos. Então, nesse sentido de relação entre os cursos, sempre foi tranquilo.

Hoje em dia, eu tenho alguns contatos, mais com meu grupo principal, que eu tinha na turma. Mas, assim, no início a gente não tinha tantos laços com o pessoal de Picuí, até porque a gente conhecia mais quem morava em Carnaúba. Então, nesse sentido, nas primeiras semanas, foi mais essa amizade; a gente se conhecia, falava também com o pessoal de Picuí. Mas, com o passar do tempo, eu fiz um vínculo afetivo muito forte com Paulo Vitor, que também estudava comigo; hoje, ele faz Ciência da Computação. João Vitor faz Engenharia Elé-

trica; Júnior mora aqui em Natal, é dono de uma pizzeria; Elton é médico, inclusive está dando plantão em Carnaúba, na cidade que eu morei; Filipe está fazendo Engenharia Elétrica, aqui também na UFRN. Esses amigos foram os vínculos mais fortes, que eu carreguei até hoje; considero bastante eles. Enfim, a gente se ajudava bastante durante o curso: estudava junto, brincava junto, fazia várias coisas juntos, trabalhos juntos, então esse vínculo foi bem forte.

O professor Francinaldo falava uma coisa que, quando eu estava lá no curso, eu não entendia, mas ele falava: "Olha, você vai ter esse vínculo de ver todo dia, estar junto, enquanto você estuda aqui. Quando você sair, é óbvio que o vínculo com seus amigos vai ficar, mas você os encontrar diariamente vai ser bem mais complicado; porque, enfim, a vida muda, a rotina muda, você vai para outros estados, segue caminhos diferentes. Mas você sempre carrega com você aquele sentimento bom, das amizades mais fortes que você fez no Instituto." Nesse sentido, a gente foi junto até o final do curso, se formou, e esse vínculo de amizade com essas pessoas foi o mais forte. Obviamente, a gente se dava bem com todo mundo da turma, falava, enfim, a gente pode falar sobre as outras pessoas, mas o vínculo mais forte de colegas, de amigos lá, foi com esses, que faziam parte da turma.

Em relação às visitas técnicas, eu acho que a gente teve poucas; teve algumas, a mais marcante para mim foi a visita ao Centro de Lançamento de Foguetes, aqui em Natal, na Barreira do Inferno. A gente teve acesso a ver como é que funcionava o processo de lançamento de foguetes, os processadores que rodavam lá dentro

da Barreira e tudo mais. Inclusive, foi bem legal! Eu lembro uma passagem, vagamente: o cara explicando que o processador da França, que rodava para calcular algumas coisas, estava lá desde a década de 1990, rodando, e ainda funcionava. Então, nesse sentido de viagem técnica, foi uma das que marcou bastante; entender o contexto computacional que envolve os lançamentos de foguetes foi bem interessante. Inclusive, se eu não me engano, foram o professor Artur e o professor Antônio que levaram a gente para essa viagem.

A minha turma, se não me engano, teve até uma evasão razoável, sabe; se eu não me engano, entraram 40 e acabaram ficando 26, 28, alguma coisa nesse sentido. Eu conheço até hoje alguns que acabaram saindo e, normalmente, eles saíam ou por dificuldade, porque estava complicado, ou [porque] não estavam se identificando mais com o curso. E eu até entendo, sabe, porque, às vezes, quando você entra para o curso técnico você é muito novo – pessoas têm dificuldade até de escolher o curso da faculdade, quando você já está um pouco mais avançado, imagina você colocar em uma mesa... – muitas das vezes você é um jovem, uma criança praticamente – você escolher um curso técnico atrelado ao ensino médio? Muitas vezes, você não se identifica com aquilo, você está passando pela puberdade, você muda totalmente sua cabeça. Enfim, um período de descobertas, que aquilo não encaixa, não dá mais certo.

Então, nesse sentido, eu acho que pelo menos as pessoas mais próximas que acabaram desistindo foi ou porque tiveram algum contexto pessoal bem forte que as impediu de seguirem, ou mais no sentido de que não

estavam se identificando mais com aquilo. Porque, no início, se você não gosta mesmo de Informática, você até consegue levar, você até consegue mexer no computador em questão de informática básica. Mas, quando vira a chave e você vê que Informática basicamente não é mexer em computador; quando você vê Matemática, você vê Eletricidade, você vê um monte de coisa que não é só você pegar o mouse e mexer ali, você vê o que está dentro... a galera toma um choque de realidade e acaba vendo que aquilo não é para ela, e tudo mais.

No meu caso, recordando aqui, eu acho que nunca tive essa pretensão de desistir. Como eu falei, tem um choque quando você vê que Informática não é só mexer no computador. Tem toda a parte elétrica e tudo mais. Então, quando eu vi aquilo – vi que Eletricidade não é só encaixar dois fios, tem um monte de fórmula matemática por trás, tem um monte de cálculo e tudo mais –, fiquei um pouco surpreso. Mas, como eu já gostava daquilo, como achava muito interessante, então foi uma surpresa, mas beleza, eu gosto disso. Então, não passei por essas questões de duvidar e desistir. Só a surpresa daquele ponto, quando o curso dá a virada de chave para entrar mais na profundidade dele.

O fim é sempre meio melancólico, não é? “Caramba, tá chegando ao fim, esses quatro anos que a gente passou junto e tudo mais”; assim, de recordação no quesito aula, o último dia eu lembro que foi mais nesse sentido, sabe? A gente estava ali quase fechando, eu já estava mais tranquilo porque eu não tinha prova final, já sabia que ia me formar, só estava faltando o TCC. Algumas pessoas desesperadas porque estavam em re-

cuperação, mas assim, foi muito mais nesse sentido de alívio: “Caramba, tá chegando ao fim, quatro anos, agora só resta o TCC, e um pouco de tristeza – tipo, acabou – e também incerteza: o que é que vem pela frente?” E já tinha feito o Enem também nesse tempo, então a gente estava esperando o resultado. Então é um misto de emoções: tristeza, incerteza, tranquilidade. Giram muito em torno disso os últimos momentos no IF dos quais eu posso falar.

Eu tinha ciência de que, provavelmente, eu ia fazer ou Ciência da Computação em Campina Grande ou Engenharia Elétrica, talvez. Estava pensando ainda em Engenharia da Computação, também era uma opção. Girava mais em cursos de exatas, entre engenharias e Ciência da Computação. Teve até um fato interessante quando saiu o resultado do Enem: o Elton – acho que você o entrevistou – passou os quatro anos do curso dizendo que ia fazer Engenharia Elétrica. Primeiro ano, ele falava que ia fazer Engenharia Elétrica; segundo ano, ele falava que ia fazer Engenharia Elétrica; terceiro, ele falava que ia fazer Engenharia Elétrica. Mas quando saiu a nota do Enem – ele tirou uma nota muito boa –, ele foi fazer Medicina; aí, a gente brinca com ele até hoje. Mas, assim, eu sempre gostei dessa área de exatas e acabou que eu segui para o bacharelado em Natal. Eu passei para Ciência da Computação em Campina e em Natal, só que – novamente, questão de logística mesmo – em Natal era um pouco melhor. Tinha o meu tio para me dar um suporte e eu acabei entrando no bacharelado em Ciência e Tecnologia, que é um pré-requisito para você fazer graduação modelo sanduíche aqui na UFRN. Você

faz essa graduação de Ciência e Tecnologia – eu já sou graduado nesse bacharelado –, e depois você tem a opção de seguir ou não para Engenharia da Computação e também obter esse título. Eu também já estou quase me formando nesse outro curso.

No ramo em que eu trabalho, quando a gente vai fazer entrevista profissional com alguém, a gente classifica as pessoas de acordo com algumas qualidades: a gente chama *hard skills* aquelas que você tem que ralar, você tem que buscar o conhecimento para conseguir; e tem as *soft skills*, que são habilidades interpessoais, comunicação. Eu acho que o IF melhorou – além dessas *hard skills*, de obter o conhecimento – bastante a parte *soft*. Por que eu falo isso? Eu lembro que falei que sou um pouco tímido, inclusive foi na aula da professora Hertha que aconteceu. Era uma dinâmica que você tinha que pegar a pessoa do lado e bater um papo com ela. Eu nunca tinha visto a pessoa na vida, nunca tinha falado nada com ela, não conhecia nada. E, assim, é muito bom quando você está na sua bolha e fala com os seus amigos. Muitas vezes, não é tímido nesse sentido. Mas com uma pessoa que você não conhece... “Caramba”, comecei a pensar internamente. Tremi um pouco, mas consegui, falei com a pessoa, me apresentei. Justamente nesse sentido, quando estava voltando para casa, acendeu uma luzinha na cabeça: “Caramba, tenho que melhorar isso!” E, nesse sentido, teve bastante evolução em questão de apresentação de seminário, você saber como lidar, como suportar, saber como apresentar, saber dialogar, debates no IF, como gerir conflitos. Acho que é muitas vezes também o que falta hoje em

dia: como você dialogar com uma pessoa que tem uma posição diferente da sua, ou melhor, como você fazer isso de forma correta. Então, eu diria que o IF também proporciona isso, sabe?

Se a gente for analisar a educação que muitas vezes o pessoal tem na escola comum, ela, às vezes, não estimula, e, querendo ou não, você pode ser muito bom tecnicamente, mas o que muitas vezes vai fazer você conseguir um emprego melhor, conseguir algumas coisas na sua vida, se você não estiver disposto a uma prova... muitas vezes, você tem que ter um contexto humano envolvido ali. São as suas habilidades *soft*. Você saber dialogar com pessoas, você saber passar informações é o que faz a diferença. Acho que, nesse sentido, o IF ajudou muito, porque mudou o paradigma. A pessoa tímida acendeu a luz: "Tenho que saber me apresentar melhor, saber falar as coisas melhor." E isso ajudou bastante, sabe, e começou lá atrás, no primeiro dia de aula, justamente nessa dinâmica de turma da professora Hertha.

Eu acho que impactou bastante, até hoje, ter conhecido o professor Artur. Ele acabava dando aula de sistemas operacionais e afins. Só que o contexto do curso em que eu estava era muito mais para manutenção de computadores, tinha quase nada de programação. A gente via uma coisa ou outra bem básica, diferente do curso que tem hoje. Então, quando conheci o professor Artur, querendo ou não, ele falava um pouco disso nas aulas, e eu achei bastante interessante essa parte de programação. E sempre, depois da aula dele, eu começava a perguntar algumas coisas; ele sugeria alguns livros para ver, e eu acabei estudando programação por

fora do curso de manutenção. Então, eu levava o curso de manutenção, mas estudava bastante programação por fora. Sempre tirava algumas dúvidas com ele – como funcionava uma coisa ou outra e tudo mais –, e fui fazendo esse curso em paralelo e fazendo, obviamente, o curso de manutenção.

Nesse sentido, a gente fez o TCC junto: foi um robozinho que limpava a casa, que misturava os conceitos do que aprendi no curso de eletricidade e tudo mais – que eu tive que usar para montar os circuitos – e programação, que eu aprendi com o professor Artur. Era um robzinho bem simples, feito de peças recicláveis, que tinha um Arduino, que é tipo um computadorzinho; a gente programou um softwarezinho e colocou nesse chip. Era um robzinho que andava, tinha uma escovinha que girava pegando lixo, tinha um sensor de distância e, quando encontrava um obstáculo, ele fazia um calculozito básico de rota e girava para um lado e para o outro. Era um robzinho bem primitivo em relação a esses robôs mais complexos que estão hoje no mercado. Mas foi bem legal! Foi um ponto bem importante ter conhecido o professor Artur. Foi ele quem influenciou bastante na virada, inclusive na carreira que eu sigo hoje com programação e tudo mais. Foi outro ponto bem importante da influência do IF.

Tenho o diploma do IF, guardo ele e tudo mais. Dá uma nostalgia quando você olha para ele. Tem um histórico também. Falo: “Caramba, tinha umas notas boas lá.” Quando eu vou no interior visitar meus pais, eles têm quadrinho que é dado na formatura. Então, tem lá uma fotozinha minha. “Caramba, estava bem novo aí!” E bate

essa nostalgia. E também tem um quadrinho que eles colocam na parede; então, tem esses objetos que são bem marcantes. Sempre que vou para o interior, sempre lembro, porque logo na sala tem esse quadrinho, e recordo o IF.

Minha turma do IFPB ainda tem um grupo no WhatsApp, com todo mundo que participou da turma. Mas o pessoal fala bem pouco, só alguma coisa pontual ou outra. Eu tenho mais afinidade com um grupinho de amigos que eu fiz lá. A gente também tem um grupo hoje. Diversas situações da vida tornam mais difícil você encontrar o pessoal, mas a amizade continua; e tinha esse grupo de amigos, que era composto por Filipe, Paulo Vitor, Joselito e Elton; enfim, várias pessoas, o João Vitor também. A gente fez esse laço e a gente conversa um pouco mais – às vezes, um ponto ou outro –, mas essa amizade da gente ainda prevalece e a gente, sempre que pode, tenta se encontrar.

Sobre os professores, já tinha comentado da professora Hertha. A gente teve aquele contato; depois, a professora Adriana acabou substituindo-a, mas foi aquela dinâmica bastante marcante, sabe? Foi bem pontual e teve aquela virada de chave. Eu também posso falar do professor Artur, que foi meu orientador do TCC e contribuiu bastante para minha carreira, inclusive nos assuntos que a gente estudava em paralelo. O professor Antônio: ele foi professor de eletricidade; aprendi com ele muita coisa que acabou servindo bastante na faculdade. E também – por mais que pareça estranho – o professor de Biologia, o professor Francinaldo – eu gostava muito de Biologia; apesar de sempre gostar de

exatas e tudo mais, aula de Biologia eu também gostava bastante. A gente é amigo até hoje. Francinaldo, uma vez ou outra, vem a Natal; inclusive, assisti a defesa de doutorado dele. Como a gente como tem essa questão de distância menor – ele mora aqui em Natal, ele é quase o meu vizinho de bairro –, fica mais fácil de a gente manter essa comunicação e tudo mais. Foi uma pessoa que me viu criança e me vê adulto, agora; viu o meu TCC e eu acabei vendo a defesa de doutorado dele, já faz um tempinho. E facilitou, também, porque ele fez a defesa de doutorado na UFRN, eu sou aluno da UFRN, então, isso ajudou bastante. Então, [esses são] os professores que eu posso citar que tiveram esse impacto; alguns são professores de disciplinas não técnicas, mas os das técnicas acabam pesando um pouco mais na contribuição, até por causa da carreira que você acaba seguindo, e como você vê aquela matéria, você acaba recordando mais fácil do professor, por usar [o conhecimento] mais frequentemente.

Como falei, fiz o Enem e acabei passando para Ciência da Computação, em Campina, e Ciência e Tecnologia, em Natal. E eu acabei optando por Ciência e Tecnologia na UFRN. Vim para cá – passei um tempo morando com meu tio – e é outra visão. Tipo outro mundo, a universidade; outro contexto. Eu gosto de falar que os professores do IF são pais e são mães; na universidade, você acha um ou outro; o pessoal é um pouco menos carinhoso com você, podemos dizer assim. Então, o IF ajudou bastante, mas a universidade é outra coisa, cálculos muito mais difíceis: Cálculo 1, 2 e 3, Física 1, 2 e 3, um monte de programação e tudo mais. Eu não vou

falar que foi fácil; assim, foi um pouco fácil por causa do IF; eu conheço gente que sofreu bem mais, mas em um curso de exatas, que envolve engenharia, é sempre assim, mexe um pouco a cabeça da pessoa porque, enfim, tem uma parte mais complicada.

Aqui na UFRN, a gente usa o SIGAA, o sistema, e lá tem ofertas de bolsa. Então, até pelo contexto econômico, por estar longe da minha família, eu já entrei centrado: “No primeiro semestre tenho que conseguir alguma bolsa, porque vai ajudar mais no dinheiro e tudo mais.” E assim foi. Eu entrei no sistema, vi que tinha uma bolsa para a Escola de Música, peguei alguns artigos que eu tinha publicado no IF, alguns trabalhos que eu tinha feito no IF, por participar de projetos de pesquisa, fiz um curriculozito, mandei para o coordenador da Escola de Música e ele gostou do meu perfil. Acabei fazendo essa entrevista, em 2015, em maio ou março, pouquinho tempo depois de ter entrado na universidade, e deu certo. Passei, consegui entrar, e fiquei sendo bolsista de apoio técnico de suporte em informática na Escola de Música da UFRN.

Um fato legal, que ajudou: eu não conhecia o coordenador, mas boa parte do pessoal [da Escola de Música] eu já conhecia. Eram alunos. Na realidade, como eu sempre toquei sax e sempre que vinha, tocava no carnaval, em Natal, com meu pai – ele também toca sax –, acabei conhecendo o pessoal. Sempre que eu estava lá, o pessoal falava: “O bolsista é filho de Flávio.” As pessoas já conheciam. Eu ficava ajeitando os computadores. Sendo que eu acho que a vida de suporte não é tão legal, sabe. Não é tão emocionante você passar o dia com o

pessoal chamando, e você ajeitando computador. Aí eu falei com meu pai e com minha mãe: “Não! Acho que eu vou sair dessa bolsa, não dá para mim; acho que a vida é muito mais do que isso. Eu quero ir para um laboratório de pesquisa, que é o que gosto de fazer, gosto de aprender.” Acho que foi perto do final do ano. Eu saí dessa bolsa e consegui falar com um professor da universidade; mandei e-mail e ele me respondeu. Entrei no Laboratório de Automação e Robótica da UFRN. Comecei a trabalhar lá. Também participava de vários projetos de pesquisa. Nesse tempo, eu estava como voluntário. Mas, enfim, os recursos da UFRN são um pouco grandes, você consegue bolsas mais facilmente. O professor me deu uma bolsa, a gente começou a trabalhar mais junto e a gente publicou alguns artigos. Nesse tempo, eu viajava um pouco: fui para Curitiba; cheguei a ir para São Paulo, pela universidade, apresentar alguns trabalhos, e isso ajudou bastante. Aí eu disse: “Eu quero outro desafio!” Fui conhecer outro professor; o primeiro professor até brinca com esse outro professor: “Você pegou meu bolsista para o seu laboratório.” Fui para o Laboratório de Prototipagem da UFRN, que trabalhava com impressoras 3D, com máquinas que fazem placas de circuito impresso. Acabei descobrindo como é que aquelas placas que vão lá dentro daqueles joguinhos eram feitas. Na real, eu estava fazendo essas placas; eu tinha condição de fazer essas placas já, então, nisso eu fiz impressoras 3D, CNC, um monte de equipamento. Só que comecei a direcionar mais para a área de programação de sistemas e tudo mais. Aí, eu fui para uma *campus party* aqui em Natal; a gente fez um sistema lá, em uma compe-

tição. Foi um sistema que foi implementado no estado aqui, para educação e tudo mais; aí, a gente ganhou essa competição. Aí, ingressei no mercado de trabalho, porque a gente ganhou essa competição e um cara dono de empresa de software, aqui do Rio Grande do Norte, chamou a gente para ser estagiário, e eu comecei a estagiar nessa empresa. Eu ainda estava fazendo o bacharelado em Ciência e Tecnologia. Enfim, estava seguindo na empresa como estagiário, só que eu falei: “Acho que agora tá na hora de ver outras coisas e tudo.”

Em 2019, quando me formei no bacharelado de Ciência e Tecnologia, eu disse: “Agora eu vou começar a trabalhar! Acho que eu vou começar a trabalhar para valer.” Nisso, já tinha ido para São Paulo fazer um monte de coisa por causa dessa competição; a gente ganhou uma viagem para lá, também para ver algumas partes de tecnologia e tudo mais; e nessa empresa, fiz bastantes amigos, que hoje trabalham com PicPay, IFood, Uber, Google; enfim, a gente fez uma rede de contato bem legal.

Eu segui, entrei na empresa que eu estou hoje, que é a Aplanet. A gente processa pagamentos on-line. Segui, fui para frente e tudo mais, e fui sendo promovido, e hoje eu sou coordenador, engenheiro de software de metade do time de tecnologia da empresa, basicamente. E boa parte da base que tenho foi daquela questão de programação do IF e, hoje, também da universidade. Então, a ascensão foi bem rápida. Faz dois anos que eu estou na empresa. Saí de uma posição júnior já para coordenar metade do time de tecnologia; teve essa subida e tudo mais. Nisso, eu acabo morando em Natal, hoje, mas eu sempre vou para o Rio – a sede da empresa é no Rio de Ja-

neiro. Trabalho em *home office*, mas, antes da pandemia, quase todo mês, eu estava indo para o Rio, viajava para São Paulo. Enfim, ficava nessa rota Rio-São Paulo-Natal e estava seguindo assim. Mas agora, com a pandemia, a gente está centralizado mais em casa. E basicamente esse é o contexto pós-IF e pós-universidade. Um pouco longo, mas falando um pouco sobre o que aconteceu.

Estou bem satisfeito; a gente começou bem pequeno, uma *startupzinha*, e acabou crescendo bastante. Hoje, a gente tem 70 e poucos funcionários; quando entrei, a gente tinha 11. A empresa cresceu bastante; estou bem feliz aqui. Profissionalmente falando, fazer com que a gente cresça mais, fazer a empresa crescer mais: acho que é bem importante a gente conseguir isso. E eu também tenho algumas ambições no contexto pessoal: tipo, eu também tenho condição de abrir minha empresa, trabalhar com software, hoje. O mercado é muito aquecido. O custo para você abrir empresa de software não é tão caro assim, porque, às vezes, eu conheço um amigo, a gente se junta, ele no computador dele e eu no meu computador, a gente programa algum sistema, algum aplicativo que resolve alguma coisa, e isso escala de forma rápida e tudo mais. É um pouco mais simples você abrir uma empresa nesse sentido. Então, são ambições nesse sentido, de fazer a empresa na qual eu estou crescer um pouco mais, subir mais e, também, ter ambições do meu lado, de abrir minha própria empresa. Enfim, fazer uma *startup* reconhecida no Brasil também é uma ambição, até pelo contexto de viajar bastante para o Rio, para São Paulo, conhecer bastante gente. Conheço gente que está na Google, na Uber, bastantes empresas,

e essa rede de contato ajuda bastante para, de repente, se você quer seguir alguma coisa sua, você tem alguma ideia, conversa com outra pessoa e assim por diante.

Talvez, no momento que você chega ao IF, você entra e está um pouco deslocado, tipo: “Caramba, vou aprender coisas x, y e z.” Eu gosto muito de uma passagem do Steve Jobs em que ele fala: “Você nunca consegue ligar os pontos olhando para o presente. Você só consegue ligar os pontos estando no futuro e olhando para trás.” Então, algumas coisas que você vê hoje, faz hoje, talvez não façam sentido neste momento, mas quando você anda dois, três anos para frente, você consegue ligar os pontos e as coisas começam a fazer sentido.

Então, olhando para isso, eu gosto de falar: absorva o máximo de conhecimento que você pode. Conheça o máximo de gente que você pode, participe da maior variedade de projetos que você pode. Eu gosto da ideia de sempre tentar coisas novas em torno do conhecimento. Então, se você chegou ao IF, procure projeto de pesquisa, procure bastante coisa também fora do escopo das matérias. Procure algum projeto que beneficie a comunidade, procure fazer o diferente, procure alguma coisa que o motive, que acenda sua paixão – enfim, que você goste –, e faça o máximo de coisas possível. Quando você é jovem, você tem muito tempo ocioso. Use muito bem esse tempo, faça o máximo de coisas que vão agregar ao seu futuro; é justamente o que diz aquela passagem do Jobs: às vezes, quando você chegar ao futuro, uma coisa A, uma coisa B, que você fez lá atrás, três ou quatro anos antes, esse conhecimento que você adquiriu – que quando você estava estudando, você pensava:

“Ah, não vou usar isso para nada” – influenciou em um jantar, em uma conversa com uma pessoa, que vai gerar algum impacto na sua vida; essa coisa influenciou em um e-mail que possibilitou você dialogar com alguém; influencia em uma prova que você vai fazer; influencia nas relações que você vai ter no futuro. Então, se eu puder dar um conselho, nesse sentido, é: gaste todo o seu tempo com coisas úteis – projetos e tudo que você puder nesse momento –, pois, se você conseguir fazer isso, quando o tempo passar, você vai ver que todo esse esforço que você fez – assim, no início – vai fazer muito sentido quando você chegar lá na frente. Eu gosto de falar que é um investimento que você está fazendo agora e, como todo bom investimento, você vai colher os frutos lá na frente. E é simples assim!

12 Paulo Sales da Costa Barros²⁴

Curso Técnico em Mineração, 2011-2013

Curso Técnico em Geologia, 2014-2017



Sou natural de Picuí, sou filho de Picuí, dessa terra maravilhosa. Mais precisamente, eu fui criado na zona rural, no sítio Volta, município de Picuí. Sou filho de Antônio Sales de Barros, popularmente conhecido como Salinho Sanfoneiro, e minha mãe é Maria José Medeiros da Costa. Então, eu fui criado na zona rural; sempre estudei em escola pública, fiz meu ensino fundamental todinho na escola pública. Nunca fui um dos melhores alunos; para ser sincero, acho que nem gostava tanto de estudar.

A minha primeira escola foi na zona rural do município de Picuí, mais precisamente no sítio Gravatá. Eu tive a oportunidade de estudar, apesar de naquela época as coisas serem muito difíceis; to-

das as crianças da região próxima estudavam lá e não tínhamos transporte escolar. Então, a gente precisava se deslocar das nossas casas a pé ou então de bicicleta. Mas, a partir daí, fui observando que eu tinha que fazer algo para mudar minha vida, sendo que só um pouco mais na frente, no IFPB, eu consegui enxergar de fato esse caminho concreto, por meio dos estudos.

Eu lembro muito da minha infância, quando eu estudava nessa escola a que me referi, no sítio Gravatá, e a minha brincadeira preferida, juntamente com os demais colegas, era futebol. Sempre gostei de jogar futebol e lá não era diferente. Tinha até momentos que a gente tirava, durante o dia, para jogar; até as meninas participavam da brincadeira juntamente conosco. Sempre nos momentos de folga, nossa brincadeira preferida era jogar futebol. Podia ser qualquer hora, qualquer horário do dia: meio-dia, 1 hora da tarde, enfim, sempre quando tinha aquela vaguinha, a gente estava lá jogando futebol.

Foi através do professor Benedito das Chagas, que até hoje é meu amigo, que eu aprendi a ler. Ele foi o professor com quem eu consegui aprender a ler, exatamente com ele. Então, de certa forma, ele marcou essa minha trajetória do início da minha vida acadêmica; então, eu o considero como uma pessoa muito importante, porque eu aprendi a ler com ele.

Eu era adolescente, sempre tive um sonho de ser jogador de futebol. Esse era o meu grande sonho. Mas o tempo foi passando e essa realidade foi se tornando distante. Foi um sonho que eu não consegui realizar, porque é realmente muito difícil e não dependia só de mim, dependia de outras coisas também. Enfim, esse era o

meu grande sonho, só que, com o passar do tempo, vi que isso não seria possível. Aí, eu fui tentando ver outras possibilidades. Assim, até eu concluir o ensino fundamental, eu não tinha essa mentalidade de seguir a vida acadêmica, não tinha esse sonho, esse desejo.

E como falei, foi exatamente no IF que eu encontrei essa possibilidade, eu descobri essa possibilidade. Quando o IFPB foi implantado aqui na cidade de Picuí, gerou muita divulgação, porque estava chegando naquele momento uma escola técnica, que antes era chamada de CEFET. E aí surgiram muitas especulações de que traria benefícios para a cidade: cursos, oportunidades para jovens estudarem e se formarem. Só que eu não me via como uma pessoa disposta a estudar, seguir a vida acadêmica e através dela ter uma profissão. Nessa época, eu não tinha isso em minha mente; minha mente era completamente diferente. Eu pensava, inclusive, às vezes, em sair para trabalhar – como muitos faziam –, para trabalhar em restaurantes fora do estado, inclusive em Recife, por exemplo, em Natal, no Rio Grande do Norte, enfim. Essa era minha mentalidade.

Eu entrei no IF por acaso. O meu irmão, Marcos Sales, conseguiu ingressar no IFPB no ano de 2009, para fazer exatamente o curso de Mineração. Nessa época, meu irmão era mais esforçado, academicamente falando, do que eu. Então, foi através dele que eu vi uma possibilidade de ingressar no IF. Eu fiz o processo seletivo, na época, apenas por fazer – foi no ano de 2010 –, porque meu irmão já estava estudando no IF. Como eu estava sem fazer nada, fiz apenas por fazer, mas não sabia sequer o que era a área de mineração. Então, escolhi o cur-

so de Mineração porque meu irmão já fazia. Ele comentava, às vezes, em casa, mas eu não tinha interesse em fazer aquilo. Então, foi a partir daí que eu fiz o processo seletivo do curso de Mineração e consegui a aprovação.

Quando eu soube que tinha sido aprovado para estudar Mineração no IFPB, minha reação foi de que não seria fácil, seria algo muito difícil. Mas, a partir do momento em que eu estive visitando o campus, estudando a primeira semana, eu vi aquela estrutura bacana, maravilhosa. Vi também a capacidade dos professores. São professores muito qualificados. Foi quando eu passei a ter uma visão positiva.

O que mais me motivou dentro do IF foi o lado humano dos professores, a simplicidade que eles tinham ao tratar os alunos. Foi isso que me motivou bastante. Ver ali pessoas com mestrado, doutorado, tratando os alunos como se fossem seus filhos. Isso causou em mim uma boa impressão. Em especial, vou citar o nome de um, que eu acho que vocês também conhecem: professor Francisco Souza, geólogo. Ele foi uma das pessoas que me deu a mão de fato, ele viu que eu estava me identificando com o curso de Mineração e sempre me chamava para fazer suas pesquisas de campo, então isso foi me motivando.

Confesso que esse lado humano dos professores foi um ponto muito importante para me motivar a seguir na vida acadêmica. Ingressei no curso no ano de 2011, mas confesso que, antes disso, jamais tinha a mentalidade de seguir na vida acadêmica. E aí eu destaco a importância do IFPB, porque, de fato, mudou a minha percepção de vida. A partir de então, a minha mentalidade

começou a mudar, em especial para me sentir motivado na área, a exemplo desses relatos que eu citei sobre o professor Francisco Souza. Então, ao longo do curso de Mineração, eu fui me identificando; percebi que eu tinha uma certa vocação para a área da Geologia – a Geologia está dentro da Mineração, ela faz parte dessa área.

A Geologia, por ser uma ciência muito curiosa – e eu também tenho meu lado curioso –, me levou a estudar e me aprofundar um pouco mais; daí o professor Francisco Souza pôde ver o meu interesse e foi se aproximando de mim, eu fui me aproximando dele, fui despertando para novos conhecimentos. Ele me chamava para ir a campo, a gente ia, fazia as pesquisas. Foi quando tudo começou, quando a gente pôde desenvolver trabalhos acadêmicos para enviar aos eventos científicos. Foi algo marcante na minha trajetória no IF.

Naquela época, as coisas não eram fáceis para minha família, financeiramente. Não era, de jeito algum, não era fácil. Só para vocês terem uma ideia, eu trabalhava na zona rural (onde eu fui criado); tinha que trabalhar para conseguir a grana para colocar combustível na moto que eu tinha. Lembro como se fosse hoje: a moto era até do meu pai e, para eu estudar no IF, eu tive que batalhar bastante, porque eu vivia nessa rotina; não tinha um tempo livre, totalmente livre, para estudar, porque eu tinha que conseguir de alguma forma a grana da gasolina para colocar na moto, para estudar no IFPB.

Então, foi com muita determinação que eu consegui concluir esse curso. De tudo que vocês imaginarem, eu já fiz. Todo tipo de trabalho na roça eu fiz, eu já trabalhei. As coisas não eram fáceis naquela época; eu

tinha de fato que trabalhar se quisesse estudar. Não era algo assim tão fácil, como algumas pessoas imaginam. O que me motivava, de fato, foi o que eu citei anteriormente – essa situação de eu ter me identificado muito com a área da Geologia, que é uma área que anda junto com a Mineração. Assim, eu acabei, dentro do curso de Mineração, me identificando muito com a área da Geologia.

E aí veio o apoio do professor Francisco. Daí eu comecei a enxergar possibilidades de atuar, um dia, como profissional nessa área e, a partir de então, eu comecei a me dedicar, ver que as coisas dependiam de uma força de vontade de minha parte. Então, eu fazia aquilo por amor, eu passei a estudar por amor e não por obrigação. Estudava por prazer. Essa foi a minha principal motivação. Isso é muito bom, quando acontece, porque aí você pode mostrar sua força de vontade.

Naquela época, eu era uma pessoa muito tímida. Então, eram poucas palavras com as pessoas da sala, sendo que, obviamente, eu tinha uma proximidade maior com algumas pessoas, alguns meninos que gostavam de futebol, a galera que gostava de futebol. Geralmente, a gente se reunia para debater sobre isso, sobre aquilo. Esse era o grupo com o qual eu tinha uma maior proximidade, porque, apesar de ter conhecimento dos demais, devido a ser muito tímido, naquela época, eu não tinha aquela iniciativa de chegar junto para conversar e tudo mais.

Sobre as outras turmas do IF, eu lembro que tinha a turma de Ramilson, que também é técnico em Mineração. Ele se formou antes de mim, mas eu tinha também uma boa relação com pessoas daquela turma. Quais

eram essas pessoas? Eram as pessoas que gostavam do curso; a gente se reunia e, por vontade própria, sem obrigação nenhuma, ia para o campo, a gente ia visitar os garimpos, a gente ia fazer pesquisas por conta própria. Às vezes, os professores não iam, claro, mas a gente ia, porque não era aula de campo do IFPB, mas a gente se reunia e ia fazer essas pesquisas nossas. Foi a partir daí que conseguimos nos motivar mais e ter uma relação bem mais próxima com essa galera que gostava do curso.

Eu tenho, digamos assim, poucas lembranças do último dia, enquanto aluno de Mineração do IFPB. Mas eu lembro de algumas coisas, sim. Lembro que a turma, no geral, se emocionou bastante, porque nós tínhamos uma certa união, e foi um momento de despedida, de muita emoção. Quando já estava na metade do curso de Mineração ofertado pelo IF, eu já sabia o que queria da vida, eu sabia que queria seguir na área. Então, quando concluí o curso de Mineração no IF, eu não tinha dúvida alguma de que era nessa área que eu gostaria de atuar. E as coisas acabaram dando muito certo.

O IF não só contribuiu, mas também mudou totalmente a minha vida. Hoje, estou onde estou graças ao IFPB. O IFPB mudou a minha vida completamente e sou muito grato ao IF, porque se não fosse essa instituição, não sei o que estaria fazendo da vida hoje. Na semana passada, estive na casa de um colega, de um grande amigo que eu tive o prazer de conhecer no curso de Mineração. Graças a esse curso, eu ganhei mais um amigo em minha vida, Rummenigge, que mora em Nova Floresta. É uma pessoa que, desde quando éramos estudantes do IFPB, acabamos tendo uma boa relação de amizade.

Registradas na memória, eu tenho três situações, uma delas positiva e duas negativas. Vou iniciar aqui por uma situação negativa. Um fato muito chocante para nós, na época, foi o falecimento do professor Bruno Fernandes, que era nosso professor do curso de Mineração. Nós tínhamos uma boa relação com esse professor; nós éramos amigos de fato, não era só aquela relação professor e aluno; ele era também um grande amigo que ganhámos dentro do curso. Ele era dos nossos amigos-professores. O falecimento de Bruno Fernandes trouxe, naquele momento, um período de desmotivação. Eu lembro que muitos alunos ficaram desmotivados; durante as aulas, a turma se emocionava, porque foi um momento muito chocante. Então, isso fica como um registro que eu particularmente tenho na minha memória, e encaro como uma situação muito triste, que ficou marcada.

Quando aluno de Mineração, vivi um outro momento difícil. Eu relatei sobre o fato de ter que trabalhar para me sustentar, sustentar as despesas que eu tinha para me deslocar até o IFPB Campus Picuí, porque minha família não tinha condições de arcar com esse custo que eu tinha. Tinha que trabalhar na roça, fazendo tudo que vocês possam imaginar: agricultura, cuidar de animais e tudo mais. Eu passei um momento difícil, quando eu não fui contemplado com a bolsa, que na época era um auxílio transporte. Eu não recebi... eu fiquei muito triste, e veio aquela sensação de injustiça, sabe? Daí eu pensei em desistir quando recebi a notícia; vi lá nas paredes os alunos que haviam sido contemplados. Mas, logo em seguida, no outro dia já amanheci bem, com a cabeça no lugar; disse: "Eu vou conseguir, eu sei que isso

aqui é um obstáculo.” Eu fui até conversar com a assistente social, para ver qual foi o problema. Parece que foi algo com um documento, não sei o quê, mas acabei aceitando a decisão, porque era uma seleção. Enfim, essa foi uma questão muito difícil para mim. Nessa época, as coisas estavam muito difíceis e eu não havia sido contemplado com esse auxílio, daí pensei até em desistir, mas consegui superar isso, aí tudo deu certo.

Já em relação à situação positiva, eu posso citar a minha primeira publicação de um trabalho em um evento científico. Foram várias publicações durante o curso de Mineração; a gente desenvolvia as pesquisas juntamente com o professor Francisco Souza e ele nos motivava bastante. Uma das publicações que ficou marcada foi a publicação de um trabalho em um evento que ocorreu no México. Conseguimos submeter e aprovar esse trabalho, que foi apresentado pelo professor Francisco, no México. Então, foi um fato muito importante que ocorreu durante o curso de Mineração.

Além desse trabalho no México, também conseguimos aprovar um outro trabalho em Portugal, além dos trabalhos que aprovamos em eventos como o Simpósio de Geologia do Nordeste; o Congresso de Gestão Ambiental, que houve em Campina Grande, no qual eu inclusive fui apresentar; [um evento] em Currais Novos... enfim, vários outros eventos nos quais estive presente, apresentando trabalhos. Então, esse foi um ponto muito importante e marcante nessa minha trajetória, enquanto aluno de Mineração.

Tenho objetos que me trazem uma memória dessa minha trajetória no curso de Mineração. Quais

são esses objetos? Não poderia ser diferente: amostras de minerais e rochas. Eu tenho várias amostras de minerais e rochas que coletei no campo durante as nossas pesquisas e que, até hoje, estão aqui guardadas na minha casa. Esses objetos representam muito, tanto para a área como para essa minha trajetória.

Eu vou destacar aqui um ponto que vai além do conhecimento que envolve as disciplinas ou que poderia envolver as disciplinas. Um ponto muito importante foi o fato de observar o lado humano dos professores. Isso mexeu bastante comigo, porque você vê hoje em dia, na sociedade, muitas pessoas que não estão preocupadas com o próximo e tudo mais. Eu consegui observar esse lado humano dos professores no IF. Ver isso me deixou bastante sensível e, até hoje, eu reflito, porque isso me traz bastante aprendizado. Estou hoje na função de professor, desde 2018, e procuro ser dessa maneira com os alunos, porque muitos alunos criam aquela imagem de que o professor jamais vai estar preocupado com eles, quando, na verdade, a gente pode encontrar também professores “humanos”. Isso é o que eu tiro como principal aprendizado. Esse lado é muito importante e eu pude identificar nos professores do IFPB.

Hoje eu tenho uma profissão. Hoje, eu sou técnico em Mineração e também sou técnico em Geologia, graças ao IFPB. O IFPB representa muito para mim. Se não fosse o IFPB, pelo fato de eu ser criado ali na roça, muito provavelmente estaria também trabalhando na roça. Mas o IFPB me proporcionou essa oportunidade; então eu pude estudar e ter a minha formação profissional. E, até hoje, eu sou muito grato ao IF. Em questão de

oportunidades, sempre surgem, graças a Deus. O IFPB representa muito para mim nesse sentido, no sentido profissional. Em se tratando da questão profissional, do que eu sou hoje, o IFPB representou bastante.

Eu concluí o curso de Mineração no ano de 2013 e, como já relatei anteriormente, concluí o curso sabendo que era nessa área que gostaria de atuar. Eu sempre tive em minha mente que, se eu não fosse atrás das possibilidades, das oportunidades, elas não chegariam até mim, não cairiam do céu. Então, eu tive isso em mente. Na primeira semana após concluir o curso de Mineração, eu fui até a cidade de Cruzeta, no Rio Grande do Norte, e bati na porta de uma empresa de mineração, uma mineradora. Nessa época, a empresa estava em alta; alguns alunos que haviam concluído o curso de Mineração do IFPB estavam empregados lá. Enfim, eu fui até a empresa buscar uma oportunidade de estágio, de realizar o estágio. Todo aluno que estuda no IF, que faz o curso técnico, sempre tem aquele desejo de realizar o estágio, caso ele se identifique com a área. Comigo não foi diferente; eu queria muito realizar o estágio. Cheguei e bati na porta da empresa. Conversei com o geólogo e ele falou que gostou muito da minha atitude de ter ido até lá e que iria me ceder essa oportunidade de estágio, para eu estagiar nessa empresa.

Nessa época, algumas semanas depois, abriu-se o processo seletivo do curso técnico em Geologia do IFPB, e eu me inscrevi. Fiz o processo seletivo e acabei sendo aprovado. Aí eu tive que tomar uma decisão: estagiar – e se eu fosse, não teria como fazer o curso de Geologia – ou fazer o curso, e não teria como realizar o

estágio lá. Tomei a decisão de fazer o curso de Geologia; eu já tinha sido aprovado. Essa foi a minha decisão. Então, ingressei no curso de Geologia, no ano de 2014, quando tinha essa oportunidade de estágio para mim – estava prestes a iniciar. Terminei o curso de Mineração no final de 2013. Mas optei pelo curso de Geologia: iniciei em 2014 e concluí no ano de 2017.

Então, essa foi minha trajetória no IF. E depois que concluí o curso de Geologia, em 2017, eu comecei a atuar profissionalmente. Antes, eu já pegava alguns trabalhos para fazer em consultoria, como técnico em Mineração; às vezes, fazer um trabalho de reconhecimento em uma área; às vezes, levar ao campo turmas que vinham de universidades; alguns trabalhos de georreferenciamento em garimpos. O que o pessoal pedia, eu fazia.

Quando eu concluí o curso de Geologia, no ano de 2017, eu comecei a atuar profissionalmente. Iniciei fazendo o Cadastro Ambiental Rural – consegui, nessa época, ganhar uma boa grana, inclusive porque eu vi a possibilidade de atuar profissionalmente, então eu me envolvi nessa área. No ano de 2018, eu recebi um convite para dar aula numa escola técnica do estado, situada no município de Santa Luzia, na Paraíba. Estou nessa escola desde o ano de 2018. Lá tem o curso de Mineração, no qual eu ministro aulas. De lá para cá, sempre vêm surgindo oportunidades em empresas de mineração. Sempre fiz, também, quando tenho um tempo, uns trabalhos extras que envolvem mapeamento geológico, trabalhos na área de hidrogeologia – que está relacionada ao estudo de águas subterrâneas e perfurações. Então, além de atuar como professor, também venho

fazendo, sempre que tenho tempo, esses outros tipos de trabalhos, que eu chamo de extras; trabalhos de consultoria, muitas das vezes.

Oportunidade sempre surge. Desde que eu consegui concluir, eu venho recebendo oportunidades, mas ainda não pensei em sair do colégio, até o momento. Estou dando aula até hoje. Recebi uma proposta que estou analisando com bastante carinho – na verdade, está tudo certo: eu irei atuar em um grupo de pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, no departamento de Geologia. É o LAE (Laboratório de Análises Estratigráficas), grupo de pesquisa do departamento de Geologia da UFRN. Quando essa pandemia acalmar, quando tudo voltar à normalidade, eu irei atuar nesse grupo de pesquisa; eu fui contratado lá por um projeto. Eu vou ter que deixar a escola e passar a atuar no LAE. Eu penso em, futuramente, fazer a graduação em Geologia. Lá tem o curso de Geologia, o curso de nível superior, e eu estando lá, trabalhando, fica mais fácil conciliar com o estudo. Então, essa é a minha pretensão para o futuro: fazer o curso de nível superior em Geologia.

A mensagem que eu posso deixar aos estudantes é que aproveitem essa oportunidade de ter, em uma cidade como Picuí, uma instituição que realmente qualifica o profissional, porque essa instituição é capaz de mudar a sua vida, assim como mudou a minha. Eu sempre relato para as pessoas, faço questão de relatar, que o IFPB mudou a minha vida. Eu não sei o que estaria fazendo hoje se não fosse o IFPB Campus Picuí. Eu falo isso porque, na época, quando eu não tinha a pretensão de seguir na vida acadêmica, muito provavelmente eu não

teria a vontade ou a disposição de me deslocar de Picuí para estudar em uma universidade distante, como em Campina Grande, estudar lá na UFCG, ou em alguma outra instituição de ensino que tivesse algum curso que me interessasse, porque, na época, nada me interessava em relação à vida acadêmica. Mas, pelo fato de ter o IFPB próximo, então como eu estava ali, naquele momento, sem fazer nada, apenas trabalhando, eu fui me aventurar e, na verdade, foi através dessa aventura que as coisas passaram a caminhar a favor. Então, essa é a grande mensagem que eu deixo para todos: de que o IFPB é uma instituição capaz de mudar a vida das pessoas.

Me sinto realizado, com certeza, mas almejo sempre algo a mais, me qualificar sempre mais. Daí vem, com o exemplo que eu citei anteriormente, o desejo de fazer o curso de nível superior em Geologia. Mas, de certa forma, no geral, eu me sinto totalmente realizado. É tanto que, por exemplo, hoje eu tenho minha profissão; se, por acaso, não fizer o curso de Geologia, eu tenho minha profissão. Tenho certeza de que nunca deixarei de atuar na área, porque, confesso para vocês, eu sempre converso com meus amigos que parece que as coisas caminham a favor da área. Parece que eu dei muita sorte, porque as coisas caminham, todas, a meu favor, porque em questão de oportunidades de trabalhos, inúmeras já surgiram. Então, se eu não estivesse hoje empregado na escola, se não estivesse dando aula hoje, com certeza eu estaria trabalhando na área, de alguma outra forma.

Então, me sinto muito realizado, é tanto que não faço outros tipos de trabalho, porque não tenho tempo; tenho de me dedicar ao máximo à escola. Mas sempre

que tenho um tempinho que dá para fazer alguma coisa diferente para ganhar alguma renda extra, eu faço. Sempre quando tenho tempo, porque oportunidades aparecem. Trabalho aqui pela região mesmo, pego os serviços por aqui; as empresas me ligam, oferecendo uma oportunidade para ir trabalhar em tal local e tudo mais. Então, eu sou muito grato ao IFPB; portanto, eu me sinto realizado.

Da memória pós-IFPB, [o que se destaca] são as oportunidades que surgem. Eu registro isso como um fato importante da memória, e todas as oportunidades que surgem eu paro, analiso, e sempre as coloco associadas ao nome do IFPB Campus Picuí. Porque, como falei para vocês, se sempre tem surgido oportunidade de trabalho, é porque eu tive essa oportunidade ofertada pelo IFPB Campus Picuí e a aproveitei. Então, essa é uma situação que, após o IFPB, fica registrada na minha memória: cada oportunidade que surge.

Sempre estarei disponível para o IFPB. Sempre tive um carinho especial, um olhar especial para os professores, porque os professores do IFPB, de fato, além de qualificados nas suas áreas, são também pessoas maravilhosas. Toda a equipe do IFPB é composta por pessoas humanas demais. Eu saí do IFPB no sentido acadêmico, concluí os dois cursos e tudo mais. Mas, quando eu estou no IFPB, eu me sinto em casa, porque ali tem pessoas que são minhas amigas. Acabou aquela relação professor e aluno e hoje nós temos aquela relação de amigos, de amizade. Tenho vários amigos: professor Anderson, professor Vinicius, professor Alan, professor Mateus, professora Virna, professor Tiago, o

professor Francisco e muitos outros também; eu consegui esse laço de amizade no IFPB Campus Picuí. Além de ótimos professores, são também ótimos amigos, são seres humanos de fato. Inclusive esse ponto foi o que me incentivou bastante, porque, às vezes, eu estava passando por alguns momentos difíceis, mas aí sempre vinha um professor que me tratava como filho, então isso me motivava bastante.

13 Maria José de Queiroz²⁵

Curso Superior de Tecnologia em
Agroecologia, 2011-2014



Eu nasci em Picuí, e uma boa parte de minha infância foi entre a cidade e o sítio Várzea Grande. Como meu pai tinha um sítio aqui na serra, a gente veio morar aqui na Vila²⁶. Estudei tanto nas escolas do município, na sede, quanto na zona rural. E acho que [foi por causa] das idas e vindas, do sítio para a cidade, que às vezes eu estudava em Picuí, em um ano; no outro ano, eu estudava lá na Várzea Grande – na Escola Francisco Alves de Souza, eu acho. Só lembro que eu adorava caminhar lá no sítio, descalça, quando chovia. Não tem nenhum fato que aconteceu que me marcasse tanto, mas eu gostava de estar no sítio.

25 Entrevista realizada pelo Google Meet em 16 de março de 2021.

26 Vila de Santa Luzia, distrito de Picuí, PB.

Eu tive uma professora, hoje já falecida, que é dona Maria de seu Urbano. Ela é mãe de Eliane, que trabalha na Secretaria de Educação. Ela foi uma professora que, diante da simplicidade dela e da dificuldade que ela teve para fazer o Logos, naquela época... ela às vezes comentava com a gente, em sala, que era com o livro na mão e uma lata d'água na cabeça, mas ela não desistiu de estudar. Eu tinha muita facilidade, na época, até o ensino médio, para Matemática. Eu gostava muito – hoje eu não tenho tanta facilidade quanto antes. Adorava Matemática e, por esse motivo, quando eu estava na 3ª série do primário, que era como a gente chamava, dona Maria foi até Picuí, na Secretaria de Educação, e queria que eu passasse de ano; que, em vez da 3ª série, eu fosse cursar a 4ª. Porque naquela época, eu fazia as atividades que ela passava para os alunos da 4ª série e tinha, de certa forma, mais êxito que os demais. Eu nunca esqueci, eu sempre resgato a força daquela mulher, dona Maria.

É como eu falo, sempre tive ótimos professores, tanto no fundamental I e II, no ensino médio, no IF, na graduação, como na especialização, como também no mestrado; eu tive ótimos professores. Mas não tem como eu esquecer dona Maria. Infelizmente, ela morreu muito jovem. Ela era de uma força... aquela coisa, naquela dificuldade toda que ela tinha de estudar e passava para a gente. E ela não se estressava com nada, ela dava aula para duas turmas ao mesmo tempo. Ela não respondia mal a nenhum aluno, ela era supertranquila. Eu nunca vou esquecê-la, nunca.

Sempre tive uma facilidade de interagir com meus colegas, e a gente se dava superbem, brincava de-

mais. Até na hora do intervalo; era aquela farra na hora da merenda – que não era tão interessante assim, quer dizer, era muito básica –; na hora de fazer a fila da merenda, a gente fazia a maior festa. Eu tinha muitas amigas; era muito bom, principalmente na Várzea Grande. Eu saía de casa, acho que uma hora antes de chegar lá; a gente ia caminhando, a gente ia brincando, a gente ia arengando no caminho de lá; no dia de chuva, a gente fazia corrente para atravessar os riachos... essas coisas. Era muito... era muito bom, era um tempo muito bom; eu acho que as crianças hoje, infelizmente, não têm essa liberdade de ficar assim, solto na natureza.

Concluí o ensino fundamental, o antigo ginásio, na Escola Ana Maria – agora não lembro bem como era o nome –, escola que era da Cnec²⁷; nessa época eu tinha uns 14 anos. E quando eu tinha 16 anos, a gente foi para o Rio Grande do Norte e, na verdade, foi onde eu tive que parar de estudar, porque, quando eu estudava na Cnec, a gente rezava para não ter aula um dia, porque todo dia a gente tinha todas as aulas. Quando eu fui morar no Rio Grande do Norte, lá em Currais Novos, fui estudar no IVP (Instituto Vivaldo Pereira) e a gente passava mais tempo sem aula do que com aula, e acabou que isso me desestimulou muito; eu acabei parando de estudar.

Depois de 16, antes de 17 anos, eu fui embora para o Rio Grande do Sul, onde passei um ano com minha irmã. Acabou que os estudos ficaram de lado; foi só trabalhar. Quando eu voltei do Rio Grande do Sul, meu pai já estava morando em um sítio em Currais Novos, e

acabou que isso dificultou muito voltar a estudar; daí eu voltei para trabalhar em Natal; nesse meio tempo, eu tive meu primeiro filho, já deixei de lado os estudos, tive que me dedicar mais a ele. Um tempo depois, eu casei, passei quase dez anos casada, e fui só ser dona de casa. Regressei à Paraíba em 2004. Foi quando me veio a vontade de retornar e fazer o ensino médio. Em 2005, me matriculei, mas pela questão de ser dona de casa e ter que estudar à noite, em Nova Floresta – eu vim morar aqui na Vila de novo –, eu acabei optando por ficar em casa e não estudar. Em 2006, eu novamente fiz minha matrícula em Nova Floresta e decidi que eu jamais pararia. Independente de meu marido me apoiar ou não, eu iria estudar e concluir meu ensino médio. Comecei em 2006 e, em 2008, concluí. E no final de 2008 fiz o vestibular na UFCG, em Cuité, para Química – gostava muito, no ensino médio, da área de Química. Apesar de me sair bem em muitas coisas, na parte de redação eu não me saí bem, e acabei não conseguindo. Em 2009, até me inscrevi para fazer o Enem, mas não deu certo, porque eu tinha que trabalhar em Natal, eu precisava trabalhar. Quando foi 2010, eu me inscrevi no Enem novamente e consegui ser chamada para o curso de Agroecologia. Em 2011, comecei a estudar e, graças a Deus, foi um divisor de águas, o meu antes e o meu depois do IFPB Picuí – teve até um artigo publicado por Carla Autuori, se me lembro, lá no Rio Grande do Sul, de uma pesquisa a respeito da interiorização dos IFs, e eu dei o meu relato e ela publicou lá.

Eu coloquei como primeira opção, quando do Enem... na verdade, de início, não foi tanto o IF em si,

porque quando eu ouvia falar em Agroecologia, como eu não tinha acesso à internet, essas coisas, nem tinha muito contato com pessoas, eu vivia em casa... pensei – primeiro plano – em fazer Matemática em Campina; e, como segunda opção, eu coloquei Agroecologia. Porque, na verdade, quando eu ouvia falar em Agroecologia, eu não pensava em uma agricultura de base ecológica, eu pensava como ecologia, falar só da Amazônia e, de certa forma, eu não tinha muito interesse em conhecer a Amazônia em si; não desmerecendo o clima, vegetação, tudo, não desmerecendo eles, mas assim, eu queria que fosse um curso que falasse mais de onde a gente vive, aprender a lidar com o que a gente tem aqui, e eu não tinha essa ideia do que era o curso.

Em 2010, Tatiana já começou a estudar Agroecologia. Como Tatiana é da minha família, a gente já tinha uma interação. Eu acabei, de certa forma, me interessando também pelo curso. E seria mais acessível para mim, uma vez que, se eu fosse estudar, mesmo que eu passasse para estudar em Campina, não teria nem como eu ir. Como é que eu iria, se na época só tinha meu Bolsa Família e nada mais? E não tinha perspectiva de trabalho, de viver do meu trabalho também. Era muito complicado. Assim começou esse meu despertar por Agroecologia e consegui. Não foi de primeira chamada, foi na terceira chamada. Cheguei lá e, graças a Deus, concluí.

Inicialmente, a gente ainda estava lá no complexo, na parte de cima do JK. Quando iniciei, já foi ali²⁸. Só que, de certa forma, me sentia perdida, achando que eu

estava em um lugar onde eu não deveria estar. De certa forma, isso persistiu durante muitos anos na minha mente – que eu não poderia, que eu não deveria – e, na época, meu marido dizia que mulher depois que casa tem que ficar em casa, e não estudar. Eu acho que a gente ainda passou uns seis meses lá, ou quatro meses, e quando a gente via as fotos da estrutura do IF, do campus novo, todo mundo ficava louco para ir para lá, louco que mudasse logo. Hoje – eu fiz um curso recente lá – está muito melhor do que na época que a gente foi para lá, mas já era de um suporte muito bom. A gente tem um campus que é maravilhoso; eu acho que tem muitas instituições mais antigas que não têm uma estrutura física tão boa quanto a do IF: os laboratórios não deixam a desejar, a gente vê uma estrutura muito boa. Eu digo isso porque eu vi outros laboratórios por aí e os do IF são muito bons.

Quando você não tem como se locomover, não tem dinheiro, é complicado. E quando não tem apoio também. O que eu fazia? Isso acho que foi quando começou a mudar, quando eu vi que eu poderia ser capaz de muita coisa. Eu pegava meu Bolsa Família todo, pagava de passagem. Aí, eu falei para Lidiane, para Cristiane, Totinha²⁹ que não iria continuar. E fui trabalhar em dona Lenise, para poder continuar estudando – isso no primeiro período; fui trabalhar de doméstica, porque o sonho de ir além era maior que tudo. Só que, daí para o segundo período, já ficou muito mais carregado, muito mais disciplinas; e também teve um problema: eu não tinha acesso à internet. Eu não tinha computador; eu

estudava para as provas, para as coisas, com os slides que Lidiane imprimia. Mas, mesmo assim, eu consegui; só fui para a final em Base Científica, com Wilson, porque Wilson era top mesmo em avaliação.

No segundo período, professor Jandeilson me convidou para participar de um projeto de extensão. Aí eu disse: “Professor, eu não tenho nenhum projeto feito de extensão, eu tenho um projeto de pesquisa” – a gente fez metodologia científica com a professora Denísia. Ele pediu para ver o projeto e acabou que, desse projeto de pesquisa – ele deu uma melhorada maravilhosa –, a gente fez um projeto de extensão. Eu consegui a bolsa e, com essa primeira bolsa, já consegui ficar mais à vontade para estudar, me dedicar mais aos estudos. E foi quando o despertar da pesquisa me deixou com mais vontade de continuar no curso.

Eu acho que a gente, quando passa por essas coisas assim, as dificuldades... não é que as dificuldades sejam boas, a gente não vai desejar obstáculos, mas isso faz com que a gente se conheça, veja a capacidade de ir além do que a gente tem. E com essa pesquisa eu consegui comprar meu computador – meu velhinho, ainda está lá, está ainda firme e forte – e isso foi facilitando o meu acesso, eu pude ter como estudar mais nas disciplinas, e poder também melhorar meu desempenho.

Eu acho que quase 100% da turma interagia muito bem. Sempre, quando era alguma decisão... até na hora de formar, camisa, tudo, todo mundo foi numa boa. Até hoje, eu tenho contato com quase... 100% da turma não, mas 50% assim eu ainda tenho contato; e de lá, eu tenho amizades fortes até hoje, pessoas que fazem par-

te do meu dia a dia, mesmo. De a gente conversar, de a gente se ver – quando a gente se vê, é uma festa –, de marcar ainda reuniõezinhas juntos e tudo. Não no momento agora, de pandemia, que a gente se afastou um pouco mais, mas a gente tem contato, tudo isso graças ao vínculo que a gente fez naquela época, na sala de aula.

As visitas técnicas eram maravilhosas. Quando a turma ia sair, era uma festa. Quando a gente saía para uma visita, além do aprendizado, era muito bom, a gente interagiu muito bem. Nós tivemos viagens inesquecíveis para muitos lugares. Viagem para o Ceará; passamos uma semana lá e tivemos oportunidade de conhecer empresas grandes, como a Nutrilite Amway e a Reijers. A gente também conheceu uma associação de produção orgânica. Aqui, na época, até a gente mesmo, do curso, não acreditava tanto que fosse possível produzir alimentos com qualidade tão boa quanto os que são produzidos de forma convencional, produzir tudo orgânico. E lá é uma associação registrada, com conselho; um grupo muito unido, que tem sede, tem caminhão... eles têm tudo. Fazem a produção na Serra do Ibiapaba e vão para Fortaleza, escoam essa produção para outros lugares.

Aqui no meu sítio sempre teve muitas visitas técnicas; foram trabalhos, foram pesquisas de TCC desenvolvidas. Apesar de ser só um hectare, eu sempre deixei minha área disponível para os professores do IF que quisessem desenvolver pesquisa aqui, dentro das limitações que eu tinha, mas que a gente pudesse desenvolver. Professor Lucínio deu algumas aulas aqui, veio acho que uma ou duas vezes. Professor Djair, sempre; alguma coisa que tinha lá, sempre vinha aqui. Professor

Jandeilson também; sempre muitos professores. Se eu for citar aqui alguns... quase que todos – mais na parte de produção; nas outras disciplinas, não. Professor Joab também, com a parte de irrigação, que, de certa forma, para a gente é muito importante, para tudo que vai se desenvolver em projeto na produção de hortaliça, ou de fruticultura, ou de qualquer outra cultura.

Cada período tinha disciplinas que se destacavam bastante. Eu gostava muito da parte de micro-organismo; adorava as aulas de Ana Cláudia. Nossa, a gente esperava por aquilo. Eram muito complexas, mas eu amava aquelas aulas. Mas, assim, realmente o meu despertar foi com Horticultura. Acho que o principal; assim, foi um despertar para a vida realmente, para o que eu queria pós-IF: trabalhar com Horticultura. Fruticultura também, junto, mas a Horticultura como principal plano. Mas em um congresso que eu fui, no PEC Nordeste, o que me despertou foi o que eu vi lá com a produção de palma forrageira, que até terminou sendo o meu projeto de TCC. E era uma coisa que, apesar de a gente sempre ter aula – eu tive muitas disciplinas, acho que com o professor Fred foi que eu tive mais disciplinas –, eu não tinha esse despertar para trabalhar com cactáceas. E esse congresso me despertou e até hoje eu tenho prazer de trabalhar com elas – no momento só tenho duas variedades de palma resistente.

O primeiro momento após o término do curso foi de vazio. Porque, apesar de ter respondido a uma pergunta da professora de estatística, na época – acho que Niedja –, que se possível eu faria até um doutorado, de certa forma, naquele momento, ali, eu não tinha tanto

essa perspectiva de ir além. E quando a gente chegou ao TCC, que deu aquele pânico de mercado de trabalho, foi exatamente isso: o vazio de não saber o que viria depois da graduação. O dia de nossa placa... imagina, essa placa foi muito gratificante, por termos chegado até ali; a sensação de dever cumprido. Talvez, muitos ali não tiveram tanto a sensação quanto eu tive, de ter conseguido; naqueles três anos e meio, terminar o curso. O dia da colação de grau, eu acho que aquele momento ali foi a consagração; realmente eu tinha conseguido. Independentemente do TCC, do aprendizado, de tudo que eu estava levando para mim, aquele momento ali foi a consagração, eu e meus colegas, ali. Eu até me emocionei, porque foi Marlon³⁰ quem me levou, entrou comigo. E eu acho que aquele momento foi a consagração mesmo.

A gente teve uma Aula da Saudade maravilhosa; nela, a gente pôde ver que a turma realmente permaneceu unida, tanto que quase 100% da turma terminou junta. Na verdade, 100% não; na verdade, aqueles que realmente estavam querendo Agroecologia; 100% dos que realmente queriam Agroecologia na turma, de certa forma. Porque muitos foram [fazer o curso] por não ter opção, porque não tinham conseguido outros cursos, e depois foram conseguindo e foram saindo.

Em termos de professores, a gente sempre teve um corpo docente maravilhoso; não tem como destacar um ou outro, todos dentro de sua especialidade sempre foram maravilhosos; eu não tenho que me queixar de nenhum professor. Eu estou mais afastada, mas ainda

tenho filho lá; o meu mais novo ainda estuda lá; Maíla³¹ também, quando fez Edificações, tinha professores maravilhosos. Professor maravilhoso é aquele professor que instiga o aluno, que exige do aluno, e eu sentia que os professores dela eram assim, é tanto que hoje, graças a Deus, ela conseguiu ingressar em uma universidade, porque ela teve uma base muito boa no IF, assim como eu consegui êxito, depois do IF, porque minha base em Agroecologia foi muito boa.

Apesar das dificuldades, de sempre participar de projeto... – o NEA³² foi bem importante, fui bolsista durante um bom tempo, fui em algumas viagens, congressos, essas coisas. Quando voltei a estudar eu já estava com 33 anos de idade. Teve professor, não vou citar nome, mas houve um ou dois professores que talvez não acreditassem em mim por isso. E isso também é um diferencial. Muitas vezes, eu acredito, as pessoas que param de estudar e retornam talvez não se sintam tão acolhidas – não pelos colegas, mas às vezes acontece, até uma certa rejeição por algum professor –, e isso acaba desmotivando; elas se evadem.

E isso eu citei na minha entrevista do mestrado. Quando cheguei lá, todos [estavam] na faixa etária [padrão] – acho que o máximo que tinha era 27 anos; só tinha eu mais velha. Quando eu fui para a minha entrevista, eu falei para o coordenador do curso que eu fiquei mais nervosa por ser a única que era mais velha que os demais; [por medo] de não conseguir chegar lá por não ter como falar da maneira como eles queriam que fosse,

31 Maíla é filha da entrevistada.

32 Núcleo de Estudos em Agroecologia, grupo de pesquisa do Campus Picuí.

na entrevista; [por medo de] que aquelas outras pessoas lá tivessem como se expressar melhor por estarem, de certa forma, mais conectadas com tudo.

Teve um projeto que foi o Projeto PAIS³³, pelo Sebrae. E eu consegui a base da irrigação, caixa d'água, um monte de coisa, e, a partir daí, eu consegui a produção. Só que tem um detalhe: a gente tem o conhecimento, a gente tem força de vontade, a gente tem como trabalhar. Aí você está em um lugar – digamos assim: eu moro aqui no distrito; a produção de hortaliças, as hortaliças que eu produzia, uma diversidade bem boa, a quem vender? Até tinha, só que as pessoas deixam de comprar aqui próximo porque já têm aquele hábito de comprar na feira em Nova Floresta, de não valorização do produto mesmo. E isso, de certa forma, foi a desmotivação do que eu queria para mim, de produzir para viver disso, porque era meu sonho, realmente, quando eu saí [do curso]: produzir hortaliça orgânica, de base agroecológica. Orgânica não posso produzir, nem tão cedo, porque, apesar de ter tudo aqui dentro dos critérios, eu não tenho como me certificar. Então, eu ainda produzo hortaliça de base agroecológica.

Quando você é produtor ou agricultor, se não for do sexo masculino, você tem ainda mais dificuldade de comercializar seu produto – essa é uma coisa que a gente ainda está tentando quebrar. Quando vem projeto, quando a Secretaria da Agricultura tem algum projeto, muitas vezes as pessoas passam aqui na porta, mas não

33

Produção Agroecológica Integrada e Sustentável – é uma metodologia de produção de hortaliças, frutíferas e criação de pequenos animais com bases agroecológicas, sem uso de agrotóxicos. Mais informações em www.sebrae.com.br.

param aqui para avisar que está tendo isso, aquilo. E isso ainda dificulta bastante. Mesmo eu tendo todo esse sonho de ser produtora orgânica, trabalhar com hortaliça, até hoje ainda é um problema. Tenho até um Instagram, onde coloco os produtos do sítio. Quando eu estou produzindo alguma coisa, já coloco lá no Instagram, St cardeiro, que daí eu já estou nas minhas vendas. No momento [o Instagram] está parado, mas eu vou reativar. Estou buscando, ainda; ainda continuo no mesmo sonho de produzir hortaliças.

Professor Lucínio falava assim: “Quem era Maria? Quem foi Maria?” Porque eu acho que mudei muito, até na minha forma de ver a vida. Eu, hoje, não tenho medo de nada. Assim, chega alguém aqui: ah, tem um trabalho, tem uma coisa, tem outra coisa. Eu vou lá e, independente dos obstáculos ou das dificuldades, da falta de conhecimento do que eu vou enfrentar, eu não tenho mais o medo que eu tinha antes. Porque eu não me achava capaz, eu me limitava dentro da minha casa e achava que a única coisa que eu ia fazer para a vida era aquilo ali. Não que eu ache que ser mãe ou dona de casa diminua ninguém. Mas eu me limitava àquilo ali, entende? E eu hoje me sinto capaz. É a história do empoderamento, realmente, da mulher. Eu antes me privava de muita coisa por ser mulher, e não buscava. De certa forma, eu achava que isso era para outras pessoas e que não era para mim. E hoje, qualquer coisa pode ser para mim. É tanto que, quando eu saí [do IFPB], a primeira oportunidade que tive de fazer a especialização, eu fui lá e fiz minha inscrição e consegui. Também tive muito incentivo de alguns professores para não parar,

para que eu não desistisse, já que eu já tinha chegado lá, concluído a graduação. Foi isso que fez com que eu tentasse, dentro da especialização ainda, fazer uma prova de mestrado. Quando eu passei na prova, eu até falei que, mesmo passando, eu não teria como estudar em Campina. Se eu não tivesse bolsa, como eu estudaria? Até porque Maíla, na época, estudava em Picuí e Marlon estudava aqui na Vila. Mas eu sempre tive muito apoio. O professor Djair me ofereceu a casa dele para morar – “Vai estudar” –, para eu ficar lá até concluir o curso, caso eu não tivesse bolsa. Mas, graças a Deus, minha turma foi agraciada, todos foram contemplados com bolsa. E acabou que eu consegui mais esse degrau. E foi tudo graças ao IF. Tudo ao que foi dito em sala de aula, todas as motivações para não ser só aquele peixinho dentro do aquário, sabe: “Fuja do aquário.” Eu não esqueço palavras assim: “Não se limite às paredes do aquário, pule fora, vá para o mar.” Foi isso que eu fiz. Até pensei em fazer prova para doutorado. De vez em quando ainda penso, mas no momento ainda não tem como.

Tudo isso que eu vivi foi graças à interiorização do IF, realmente. Para a nossa valorização, das pessoas que não tinham oportunidade. Realmente, pessoas que não tinham condições financeiras. No meu caso, que tinha parado de estudar há muito tempo, que não tinha perspectiva nos estudos, que vivia só para os filhos, o IF foi o divisor de águas na minha vida. Hoje, realmente, eu não sou mais aquela Maria. Tem a minha essência, o caráter que foi construído. Mas em termos de buscar, ir além dos horizontes, não tem mais parede que me limite de chegar aonde eu quero.

Tenho muitas recordações. Minha camiseta do IF está ali guardada, com o nome “Agroecologia”. Ela vai ficar amarela. Só espero que as traças não cheguem lá, mas vai ficar guardadinha como recordação de Agroecologia, do curso de Agroecologia – que pode ser que muita gente ainda não valorize, mas que para mim é uma meta de vida. Hoje, eu vivo; hoje, eu sou agroecóloga de coração, não só no diploma. Eu produzo minhas hortaliças, eu valorizo, eu dou o maior apoio. Infelizmente, a gente não tem ainda um mercado muito abrangente, a gente ainda se limita muito. Mas, em termos de produção mesmo, aqui, todos os agricultores que passam, param aqui, quando estou fazendo alguma pesquisa, quando estou produzindo alguma coisa, eu sempre procuro incentivá-los a produzir de forma agroecológica. Como realmente eu visto [minha camiseta do IFPB] aqui no sítio, todo mundo vê que eu tenho agroecologia tanto no peito como atrás, na camisa.

Eu continuo buscando ser produtora de hortaliça. Hoje eu produzo para minha alimentação, porque falta capital para investir. Eu até tenho água, tenho um solo bom, mas falta o capital. Então, fico limitada a só isso aí, mas eu continuo. Recomecei produção de galinha. Como eu não tenho como viver da produção, eu tenho que migrar para outros trabalhos, e tem muitos que me absorvem muito. Mas não tem como mais. Eu me tornei agricultora depois de ser agroecóloga. Antes do curso de Agroecologia, eu era filha de agricultor. Eu não queria ser agricultora, eu não gostava de trabalhar na agricultura. E, de certa forma, culturas anuais para mim também não são tão interessantes assim; esperar

que o inverno venha para plantar feijão e milho [não é tão interessante]. Mas aquela produção contínua, de melhoramento, de procurar produzir dentro do que a gente tem, com irrigação; ter o ano todo, e não ficar só esperando pelas culturas sazonais... Eu não serei mais filha de agricultor, eu sou hoje agricultora agroecóloga.

Eu agradeço por poder contribuir de certa forma para o conhecimento de outras pessoas. Eu sempre fiz questão de que tudo que eu fosse desenvolver, alguma pesquisa, fosse aqui no sítio, para que os agricultores vissem, para que vissem que podia dar certo. Tanto que eu produzi tomate orgânico no meu mestrado. Muita gente aqui me desmotivou demais. Teve gente que quis fazer apostas comigo, que eu não conseguiria produzir tomate de forma orgânica. Quando a minha professora pediu para que eu escolhesse uma hortaliça para fazer a minha dissertação, a pesquisa, eu escolhi tomate. Ela disse: "Tem certeza de que você quer tomate?" Eu disse: "Tenho certeza!" Ela disse: "Mas por quê?" Eu disse: "Por causa da grande quantidade de produto químico que é utilizada para produzir, e o tomate está na mesa de todo mundo todo dia, seja numa salada, seja no condimento para temperar uma comida." Como é que você vai no barzinho que tem um vinagretezinho delícia? Já pensou aquele tomate lá sem veneno? Era mais para isso, para conscientizar a minha região aqui de que é possível, sim. Hoje, tem pessoas produzindo tomate aqui perto do meu sítio, que estão produzindo do jeito convencional. Eu não estou produzindo hoje, porque eu ainda não estou com condições de investir, mas eu ainda vou conseguir.

Eu estou trabalhando para isso. Está demorando, mas eu vou conseguir. Eu terminei o mestrado um dia desses, em 2018. Daqui a uns anos, daqui a um ano, dois anos, quem sabe se eu não vou ser uma produtora de tomate orgânico? O menino lá do Mapa34, George – hoje está com Deus – falava que ia me ver produtora de tomate orgânico. Ele acreditava no que eu acreditava. “Maria, eu vou lhe certificar, eu vou ter o prazer de ir à sua propriedade.” Infelizmente, ele não vai ter. Mas quem sabe se um dia o Mapa não vai me certificar como produtora orgânica? Eu não vou desistir, eu estou jovem ainda, só tenho 46 anos. Tenho muito caminho pela frente, pelo menos força de vontade eu tenho para produzir, e coragem.

Eu vejo que antes do IF aqui, muitas pessoas que tinham potencial, que queriam realmente estudar, não tinham essa oportunidade. E o IF proporcionou isso. Quantas famílias aqui viam seus filhos ficar em casa, depois de terminar o ensino médio, e não ter oportunidade de cursar um curso superior. E mais, fazer um curso integrado. A gente só tinha escola do estado para oferecer o ensino médio – não desmerecendo o estado, mas a gente vê a superioridade que a gente tem dentro do IFPB, do Instituto Federal de Educação como um todo. É como você ver uma célula desenhada no livro, e você poder conhecer essa célula no microscópio. Olha que coisa linda! A gente não podia. Quando eu fiz aula de Química, a gente foi conhecer o microscópio; a gente olhou um microscópio, mas não conseguia ver nada ali, era só para

conhecer, saber que lá tinha isso, tinha aquilo; a gente não podia utilizar para nada. E o IF proporciona isso aos alunos. No curso de Monitoramento de Águas, que eu fiz no ano passado, os meninos lá superengajados nos projetos com seus professores. Como é que o Estado pode ter uma estrutura, como é que o Estado pode proporcionar isso aos nossos filhos? Como é que o Estado pode oferecer também uma oportunidade para uma pessoa que passou tanto tempo sem estudar fazer uma graduação? O IF abriu essas portas. Muitas universidades por aí, muitas faculdades que existem, se você não tem um emprego, você não tem como ingressar.

E no IF a gente tem oportunidade de estudar, adquirir conhecimento; tem projeto de pesquisa em que você pode se engajar, ser bolsista, se sentir útil, sentir que você está contribuindo de certa forma para a ciência. Que coisa linda! E nisso, para a nossa região, o IF, de certa forma, é o divisor de águas para muita gente. É uma oportunidade que muita gente que não pensava em estudar conseguiu; conseguiu concluir um curso superior. E eu sou grata demais; grata demais por isso, por mim e por meus filhos. Mãila com certeza vai chegar bem além, e Marlon, se Deus quiser, também. Eu espero que ele continue firme aí no curso de Geologia. Gratidão a todos vocês e ao IFPB.

Referências

- ALBERTI, V. *Manual de história oral*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.
- BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- BOURDIEU, P. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. São Paulo: Papirus, 1996.
- BOURDIEU, P. *O senso prático*. Petrópolis: Vozes, 2018.
- CANDAU, J. *Memória e Identidade*. São Paulo: Contexto, 2011.
- COUTINHO, E. *O Fim e o Princípio*. Documentário, 2005.
- HOROCHOVSKI, M. T. H. Representações Sociais: delineamentos de uma categoria analítica. *Em Tese*, v. 1, n. 2, p. 92-106, 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/viewFile/13629/12494>. Acesso em: 5 abr. 2020.
- MOSCOVICI, S. *Representações Sociais: Investigações em Psicologia Social*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- RAMOS, M. *Vida Maria*. Curta-metragem, 2006.
- SEBRAE – SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS. Portal Sebrae. 2021. Disponível em: <https://www.sebrae.com.br>. Acesso em: 20 fev. 2023.
- TRILHAS NA CAATINGA PICUÍ. *Sobre nós*. 2011. Disponível em: <https://trilhascaatinga.webnode.com.br/sobre-nos/>. Acesso em: 20 fev. 2023.
- THOMPSON, P. *A Voz do Passado: História Oral*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

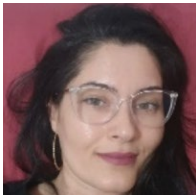
Equipe do Núcleo de Estudos em Humanidades e Linguagens (NEHUL) – 2020-2021



Alexandre José Gonçalves Costa. Doutor em História pela Unicamp. Professor efetivo de História do IFPB – Campus Santa Rita. Membro do NEHUL. <https://orcid.org/0000-0002-2166-5250>.



Ana Cláudia Dias de Fontes Faria. Mestra em Ciências da Nutrição pela UFPB. Professora efetiva de Educação Física do IFPB – Campus Picuí. Membro do NEHUL. <https://orcid.org/0000-0003-4542-1944>.



Carmem Maia dos Santos Câmara. Especialista em Mídias na Educação pela UERN. Pedagoga do IFPB – Campus Picuí. Membro do NEHUL. <https://orcid.org/0000-0002-0363-2615>.



Cátia Monteiro Barbosa Maciel. Graduada em Letras – Libras pela UFPB. Tradutora e intérprete de Libras efetiva do IFPB – Campus Picuí. Membro do NEHUL. <https://orcid.org/0000-0002-9078-4261>.



Edjailson Soares da Silva Laurentino. Graduado em Letras – Língua Portuguesa pelo IFPB. Membro do NEHUL. <https://orcid.org/0000-0003-1042-0757>.



Hertha Cristina Carneiro Sá. Mestra em Formação de Professores pela UEPB. Professora efetiva do IFPB – Campus João Pessoa. Membro do NEHUL. <https://orcid.org/0000-0001-9140-2205>.



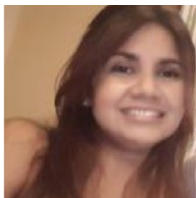
Ilton Luiz Fonseca de Oliveira. Graduado em Educação Artística pela UFRN. Professor efetivo de Artes do IFPB – Campus Picuí. Membro do NEHUL.



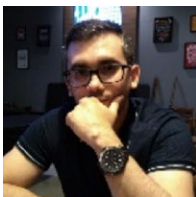
José Hermano Almeida Pina. Doutor em Geografia pela UFU. Professor efetivo de Geografia e Turismo do IFPB – Campus Avançado Cabedelo Centro. Membro do NEHUL. <https://orcid.org/0000-0003-2019-8969>.



José Leonilton Dantas. Especialista em EJA e em Gestão e Administração Pública, ambos pela UFCG. Assistente em Administração do IFPB – Campus Picuí. Membro do NEHUL. <https://orcid.org/0000-0001-6576-1845>.



Kamila Mirley Lopes Maciel. Especialista em Ensino da Língua Portuguesa e Matemática pelo IFRN. Técnica em Assuntos Educacionais do IFPB – Campus Picuí. Membro do NEHUL. <https://orcid.org/0000-0003-0271-6048>.



Leonardo Querino Barboza Freire dos Santos. Doutor em História pela USP. Professor efetivo de História do IFPB – Campus Picuí. Coordenador do NEHUL. <https://orcid.org/0000-0003-1450-1319>.



Liélia Barbosa Oliveira. Mestra em História pela UFCG. Membro do NEHUL.



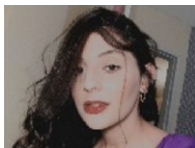
Madele Maria Barros de Oliveira Freire. Mestra em Educação pela UFRN. Pedagoga do IFPB – Campus Picuí. Membro do NEHUL. <https://orcid.org/0000-0001-6546>.



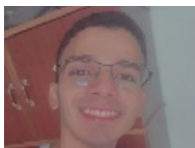
Marcelo Silva de Andrade. Doutor em Ciências Sociais pela UFRN. Professor efetivo de História do IFPB – Campus Picuí. Membro do NEHUL.



Virna Lúcia Cunha de Farias. Doutora em Letras pela UFPB. Professora efetiva de Letras do IFPB – Campus Picuí. Membro do NEHUL.

BOLSISTAS

Ana Clara dos Santos Silva. Discente do Curso Técnico Integrado em Geologia no IFPB – Campus Picuí. Bolsista do NEHUL.



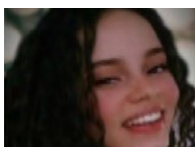
João de Deus Santos Macedo. Discente do Curso Técnico Integrado em Edificações no IFPB – Campus Picuí. Bolsista do NEHUL.



Luís Carlos de Medeiros Dantas. Discente do Curso Técnico Integrado em Geologia no IFPB – Campus Picuí. Bolsista do NEHUL.



Maisa Suzana de Azevedo Beserra. Discente do Curso Técnico Integrado em Geologia no IFPB – Campus Picuí. Bolsista do NEHUL.



Rebeca Vasconcelos Marques. Discente do Curso Técnico Integrado em Geologia no IFPB – Campus Picuí. Bolsista do NEHUL.

Os depoimentos registrados neste livro são o resultado de um projeto de pesquisa desenvolvido pelo Núcleo de Estudos em Linguagens e Humanidades (NEHUL), do IFPB Campus Picuí, entre maio de 2020 e setembro de 2021, no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – Ensino Médio (PIBIC-EM), do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). O projeto teve como título “A História da Memória – constituição de um acervo de fontes históricas com ex-alunos do Instituto Federal da Paraíba – Campus Picuí, ingressos em 2011” e seu intuito foi o de qualificar a percepção que os ex-alunos do Campus Picuí – dez anos após terem iniciado sua formação acadêmica em nível técnico integrado ao ensino médio ou em nível superior – tinham sobre sua trajetória de vida e de que forma essa trajetória foi impactada a partir da passagem pelo IFPB Campus Picuí. Para isso, a pesquisa buscou elucidar os seguintes pontos: como, a partir de suas origens sociais, as ex-alunas e os ex-alunos do Campus percebiam e avaliavam, em 2021, sua relação com a instituição; como qualificavam a importância da presença de um Campus do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba na região do Seridó-Curimataú; como experimentaram a passagem de uma vivência acadêmica em escolas municipais e estaduais de Ensino Fundamental e Médio para uma vivência em uma instituição federal de Ensino Profissional e Tecnológico; por fim, como as suas vivências discentes no IFPB Campus Picuí afetaram e atravessaram suas trajetórias pessoais e profissionais.